

**Paulo VI**

# **ALOCUÇÕES SOBRE A IGREJA**

**1967 - 1972**

*This is a MBS Library best viewed by Micro Book Studio.  
You may download it at*

<http://www.microbookstudio.com>

- [ALOCUÇÕES](#)  
[SOBRE A](#)  
[IGREJA](#)

**Paulo VI**  
**ALOCUÇÕES SOBRE A IGREJA**  
**1967 - 1972**

**Índice Geral**

**23 DE DEZEMBRO DE 1967. ALOCUÇÃO AOS  
MEMBROS DO SACRO COLÉGIO E DA PRELATURA  
ROMANA.**

**27 DE DEZEMBRO DE 1967. AUDIÊNCIA GERAL.**

**2 DE FEVEREIRO DE 1968. CERIMÔNIA DE ENTREGA  
DE CÍRIOS AO SUMO PONTÍFICE.**

**26 DE FEVEREIRO DE 1968. AUDIÊNCIA AOS  
VIGÁRIOS E PREGADORES DA QUARESMA EM ROMA.**

**25 DE ABRIL DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

**28 DE MAIO DE 1968. AUDIÊNCIA ESPECIAL AOS  
PARTICIPANTES DO II CONGRESSO INTERNACIONAL  
DE CANONISTAS.**

**12 DE JUNHO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

**24 DE JUNHO DE 1968. AUDIÊNCIA AO SACRO  
COLÉGIO, POR OCASIÃO DA APRESENTAÇÃO AO  
SANTO PADRE DOS VOTOS DE FELICITAÇÕES.**

**30 DE JUNHO DE 1968. MENSAGEM AOS PADRES DO  
MUNDO TODO, NO FIM DA MISSA CELEBRADA NA  
PRAÇA DE SÃO PEDRO COMO CONCLUSÃO DO ANO**

DA FÉ.

30 DE JUNHO DE 1968. DISCURSO E PROFISSÃO DE FÉ NA PRAÇA DE SÃO PEDRO.

10 DE JULHO DE 1968. AUDIÊNCIA.

24 DE JULHO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.

4 DE AGOSTO DE 1968. AO ÂNGELUS EM CASTEL GANDOLFO.

23 DE AGOSTO DE 1968. DISCURSO PRONUNCIADO EM BOGOTÁ.

24 DE AGOSTO DE 1968. DISCURSO DE ABERTURA DA II CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA EM BOGOTÁ.

28 DE AGOSTO DE 1968. AUDIÊNCIA ESPECIAL AOS LAUREADOS DA AÇÃO CATÓLICA EM CASTEL GANDOLFO.

18 DE SETEMBRO DE 1968. AUDIÊNCIA.

8 DE OUTUBRO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.

9 DE OUTUBRO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.

16 DE OUTUBRO DE 1968. AUDIÊNCIA CONCEDIDA AOS CARDEAIS, AOS MEMBROS E PERITOS DO CONSELHO PARA O ESTABELECIMENTO DA CONSTITUIÇÃO DA SANTA LITURGIA.

16 DE OUTUBRO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.

30 DE OUTUBRO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.

23 DE DEZEMBRO DE 1968. RESPOSTA ÀS  
FELICITAÇÕES DO SACRO COLÉGIO.

25 DE DEZEMBRO DE 1968. ALOCUÇÃO AOS  
OPERÁRIOS DO CENTRO SIDERÚRGICO DE TARENTO.

15 DE JANEIRO DE 1969. AUDIÊNCIA.

22 DE JANEIRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

23 DE JANEIRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

12 DE FEVEREIRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

17 DE FEVEREIRO DE 1969. AUDIÊNCIA AOS  
PREGADORES DA QUARESMA E AOS VIGÁRIOS DE  
ROMA.

12 DE MARÇO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

15 DE MARÇO DE 1969. AUDIÊNCIA CONCEDIDA AO  
CONSELHO DOS LEIGOS.

26 DE MARÇO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

30 DE MARÇO DE 1969. HOMILIA NA MISSA DO  
DOMINGO DE RAMOS.

2 DE ABRIL DE 1969. AUDIÊNCIA DA QUARTA-FEIRA  
SANTA.

3 DE ABRIL DE 1969. HOMILIA PRONUNCIADA EM SÃO  
JOÃO DO LATRÃO DURANTE A MISSA DA QUINTA-  
FEIRA SANTA.

16 DE ABRIL DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

19 DE ABRIL DE 1969. AUDIÊNCIA AOS

**PARTICIPANTES DA ASSEMBLÉIA GERAL DA  
CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA.**

**23 DE ABRIL DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**1 DE MAIO DE 1969. HOMILIA PRONUNCIADA NA  
FESTA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO.**

**7 DE MAIO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**14 DE MAIO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**28 DE MAIO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**28 DE MAIO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**31 DE MAIO DE 1969. DISCURSO DIRIGIDO ÀS ALUNAS  
E ÀS RELIGIOSAS DO INSTITUTO "REGINA MUNDI".**

**10 DE JUNHO DE 1969. ALOCUÇÃO NO CONSELHO  
ECUMÊNICO DAS IGREJAS EM GENEBRA.**

**23 DE JUNHO DE 1969. ALOCUÇÃO DE PAULO VI AOS  
MEMBROS DO SACRO COLÉGIO QUE LHE  
APRESENTARAM FELICITAÇÕES PELO ONOMÁSTICO.**

**2 DE JULHO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**3 DE JULHO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

**13 DE AGOSTO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**20 DE AGOSTO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**30 DE AGOSTO DE 1969. ALOCUÇÃO PRONUNCIADA  
NA SALA DAS BÊNÇÃOS.**

**3 DE SETEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

10 DE SETEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

17 DE SETEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

1 DE OUTUBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

11 DE OUTUBRO DE 1969. HOMILIA PRONUNCIADA NA  
CAPELA SIXTINA NA ABERTURA DO SÍNODO  
EPISCOPAL EXTRAORDINÁRIO.

5 DE NOVEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

12 DE NOVEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

19 DE NOVEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

22 DE NOVEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA À UNIÃO  
INTERNACIONAL DE SUPERIORAS GERAIS.

3 DE DEZEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.

15 DE DEZEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA AO SACRO  
COLÉGIO.

7 DE JANEIRO DE 1970. AUDIÊNCIA GERAL.

2 DE FEVEREIRO DE 1970. CARTA DE PAULO VI AO  
CARDEAL VILLOT SECRETÁRIO DE ESTADO.

9 DE FEVEREIRO DE 1970. AUDIÊNCIA AOS VIGÁRIOS  
E PREGADORES DA QUARESMA DE ROMA.

20 DE MARÇO DE 1970. AOS MEMBROS DO  
CONSELHO DOS LEIGOS REUNIDOS EM ROMA EM  
SESSÃO PLENÁRIA.

1 DE JUNHO DE 1970. ALOCUÇÃO AOS BISPOS E  
SACERDOTES DO CLERO ESPANHOL EM ROMA POR

**OCASIÃO DA CANONIZAÇÃO DE SÃO JOÃO DE ÁVILA.**

**11 DE AGOSTO DE 1971. AUDIÊNCIA GERAL.**

**29 DE OUTUBRO DE 1971. DISCURSO DURANTE A  
LITURGIA REALIZADA POR OCASIÃO DO  
ENCERRAMENTO DA I ASSEMBLÉIA DO PRESBITÉRIO  
ROMANO.**

**28 DE JANEIRO DE 1972. AUDIÊNCIA AOS MEMBROS  
DO TRIBUNAL DA ROTA ROMANA, NA ABERTURA DO  
ANO JUDICIÁRIO.**

**17 DE FEVEREIRO DE 1972. ALOCUÇÃO AOS  
PÁROCOS, SACERDOTES E PREGADORES DA  
QUARESMA DE ROMA.**

**24 DE MAIO DE 1972. AUDIÊNCIA GERAL.**

**13 DE OUTUBRO DE 1972. AUDIÊNCIA GERAL.**

---

▪ *Índice Anterior*



**Paulo VI**

## **ALOCUÇÕES SOBRE A IGREJA**

**1967 - 1972**

### **23 DE DEZEMBRO DE 1967. ALOCUÇÃO AOS MEMBROS DO SACRO COLÉGIO E DA PRELATURA ROMANA.**

Para descrever a face atual da Igreja duas grandes linhas se impõem, provenientes do Concílio, que são manifestamente reconfortantes. A primeira é a de sua renovação moral e espiritual, a da procura de sua autenticidade na fé e na caridade, no seguimento e mesmo na presença do próprio Cristo, seu fundador, mestre e redentor. Esta primeira linha é, por conseguinte, sua vitalidade, santidade, no penoso cumprimento de sua missão, e na expectativa amorosa de sua consumação escatológica no feliz encontro com o muito amado Senhor Jesus.

A segunda linha característica é a de um novo contato com o mundo atual, contato mais estreito, mais exemplar, mais benéfico, mais apostólico, ao mesmo tempo mais discreto e espiritual. Vemos o esforço de uma aproximação apostólica, que se estende desde os irmãos, que tentamos conduzir à reconciliação e à comunhão, até todos os homens de nosso tempo, seja quais forem, vizinhos ou afastados, pequenos ou grandes. Uns, entusiasmados pelo seu domínio crescente sobre o mundo exterior, outros, desiludidos ou desesperados por não serem senhores de si mesmos, e por não poderem possuir a vida em toda sua verdade e plenitude. Os primeiros, absorvidos pelos trabalhos e ingentes problemas sociais, que derivam desta busca constante. Os outros, esmagados pelos sofrimentos e tentações da existência humana. Todos hoje, graças a um novo desejo de amar e de servir, estão no coração aberto e vivo da Igreja, bem consciente de seus limites, mas não menos certa de sua vocação para a salvação de toda a humanidade.

Não podemos defender-nos, diante de tal visão, de uma impressão inebriante e entusiasta de beleza: a Igreja católica, esta Igreja à qual temos a honra e a sorte de pertencer e o dever de servir, esta Igreja



que, precisamente pelo motivo de estar consagrada a uma perfeição inatingível pelas forças humanas, é hoje e de toda a parte objeto de toda a espécie de críticas, desconfianças e aversão, esta Igreja estruturada historicamente e canonicamente como é, nos revela hoje mais do que nunca algo de sua beleza espiritual. Os sinais, os frêmitos, os dons do Espírito Santo, são ainda visíveis na sua face humana, para aqueles que observam esta face sempre sulcada de rugas, banhada de suor, de lágrimas de sangue, mas radiante de graça e de verdade, e nos deixam entrever como será um dia sua beleza total, na claridade e na santidade. Convidam-nos a celebrar nossa muito querida Igreja, como a humanidade nova, que o Cristo fundou em seu nascimento.

---

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **27 DE DEZEMBRO DE 1967. AUDIÊNCIA GERAL.**

**É bom que lembremos o grande princípio, reafirmado pelo Concílio e já enunciado - não nos esqueçamos - por nosso grande predecessor Pio XI, de venerável memória: "Por natureza, a vocação cristã é igualmente vocação ao apostolado". No corpo do Cristo, que é a Igreja - diz o Concílio - "todo o corpo trabalha pelo seu crescimento, conforme a tarefa de cada membro" (Ef 4,16). Importante princípio, cuja aplicação deve provocar a renovação e expansão da Igreja. Verdade belíssima, mas arriscada, em particular para vós, os leigos, que vos vedes honrados, ao sentir assim reafirmado este critério constitucional da Igreja.**

**Ninguém é inútil, ninguém poderá ficar absolutamente passivo, ninguém poderá permanecer inativo e insensível à vida da Igreja. Todos e cada um devem fazer algo por ela, em função da dupla finalidade pela qual foi instituída: a salvação das almas (sendo a glória de Deus sua primeira meta) e o bem, mesmo temporal da sociedade, sempre em harmonia com os princípios cristãos.**

**Trata-se ao mesmo tempo de um dever e de um direito: todo leigo católico, todo filho fiel da Igreja pode e deve ser ativo no seio dela. Refleti bem nisso. Este princípio do apostolado dos leigos, de todos os leigos fiéis à Igreja, pode ter importantes conseqüências em cada alma, nas comunidades paroquiais, na sociedade, no mundo. Entre muitas pessoas, até entre os que "vão à Igreja", está enraizada a idéia de que não têm nenhuma responsabilidade para com a Igreja. "Isto não é meu trabalho", dizem muitos. "Não quero cuidados nem obrigações. Procuro manter minhas idéias e ficar livre em meus atos". Não é verdade.**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **2 DE FEVEREIRO DE 1968. CERIMÔNIA DE ENTREGA DE CÍRIOS AO SUMO PONTÍFICE.**

A oferta de um dom, de um círio, que cada um de vós veio fazer ao papa, reveste-se de significado muito profundo, nos parece. Este significado é evidente: esta oferta quer ser um gesto de consolo filial para com o bispo de Roma, ato de respeito, gesto de obediência. Será bem isso? Se cada um de vós pudesse responder e explicar o sentido interior deste gesto exterior de piedosa e amável oferenda, diria certamente que a oferta deste círio é o sinal de sua própria submissão àquele que é posto como chefe da Igreja. Di-lo-ia não com o sentimento de se conformar a um costume de outros tempos ou a uma instituição estática, mas com a convicção de se colocar em harmonia com o plano divino, que não se muda com as vicissitudes da história, onde se quer permanecer fiel a semelhante plano na vida e na história da Igreja. Queremos dizer que acreditamos que, no cumprimento deste gesto, tendes consciência de interpretar os fundamentos teológicos e espirituais, que fazem da obediência eclesiástica a lei fundamental desta comunidade, fundada pelo Cristo que é a Igreja, e que é caracterizada e constituída por uma estrutura hierárquica.

Sabeis de sobejo que o Cristo se apresentou na perspectiva de uma obediência total, e obedecendo é que levou a cabo sua missão de salvação - factus oboediens - dando-se como exemplo para nós (1 Pdr 2,21).

Vossa oferta adquire, portanto, valor de resposta a uma opinião errônea, segundo a qual a maturidade do homem moderno, a reivindicação do papel proeminente da consciência pessoal, a exaltação da personalidade e da liberdade, a voz mesma do Concílio sobre estas questões de grande importância e atualidade, exporia em grande perigo a virtude da obediência, chegando mesmo a por em causa seus fundamentos racionais e teológicos. Mas uma crise desta espécie não pode abolir a obediência na Igreja de Deus.

Tal crise deveria, ao contrário, revalorizá-la, graças ao aprofundamento que o cristão avisado faria desta virtude, em função das transformações que a história trouxe às estruturas hierárquicas da Igreja, que já não coincidem com as estruturas hierárquicas temporais e com os ensinamentos, que o Concílio nos pede

**meditemos e observemos.**

**A obediência esclarecida, dizíamos, está em busca do plano divino, que vê no Povo de Deus, considerado não só como causa instrumental, mas também como causa criadora e eficiente, a presença e ação de representantes do Cristo, providos de sua autoridade pastoral, e dotados de carismas para o magistério, para a direção, e santificação no serviço e na salvação da comunidade dos fiéis. A Igreja é hierárquica. Não é inorgânica e muito menos democrática, no sentido em que a comunidade tivesse prioridade em matéria de fé e de autoridade, sobre aqueles que o Espírito Santo colocou à frente da Igreja de Deus (At 20,28). O Senhor quis, com efeito, que alguns irmãos tivessem o mandato irrecusável (2 Cor 4,4) de prestar serviço de autoridade e de governo aos outros, como princípio de unidade, de ordem, de solidariedade, de eficiência e sempre em vista de formar uma economia de verdade e de caridade, que se chama "sua Igreja".**

**É por isso que estamos felizes ao reconhecer nesta cerimônia uma espécie de apologia à obediência eclesiástica, que ainda hoje se verifica como direita e fiel. Esta cerimônia é também para nós uma oportuna ocasião para colocar em evidência o que deve ser vossa obediência: responsável, porque emana de superiores e de representantes de vossos institutos respectivos; voluntária, isto é, livre e espontânea, porque foi sem constrangimento que viestes hoje apresentar-nos vossa homenagem e vosso dom; filial e afetuosa, porque longe de criar uma distância entre vós e nossa função apostólica, aproxima-nos de vós, como filhos de um pai que não exige de vós senão a adesão de vossos corações ao Cristo e à Igreja. "Non quaero vestra, sed vos. Não procuro vossos bens, mas a vós mesmos" (2 Cor 22,14).**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **26 DE FEVEREIRO DE 1968. AUDIÊNCIA AOS VIGÁRIOS E PREGADORES DA QUARESMA EM ROMA.**

**Caros padres, e vós os jovens especialmente, é possível que sejais assaltados pela impetuosidade da vaga que agita o mundo aqui e ali, ou pelo menos que vos deixeis arrastar por seu refluxo faccioso, sob a forma de questões, dúvidas, negações, novidades improvisadas, que hoje se desencadeiam sobre o ministério sacerdotal em outros países, pondo em questão sua verdadeira concepção, sua função primária, sua posição exata, sua realidade original e autêntica.**

**O padre assim atacado, se interroga a si mesmo, contesta sua vocação, discute a forma canônica do sacerdócio católico, receia ser enganado, escolhendo este gênero de vida, ressentido o celibato, não mais como uma imolação livre e total, aceita por amor, mas como um fardo contra a natureza. Enfim, volta os olhos sobre o mundo, do qual se desapegou e contra o qual se protegeu, para melhor conhecê-lo, evangelizar e servir. Não o considera mais com um sentimento de amor apostólico, mas com uma profunda saudade. Imagina que mergulhando na realidade temporal e social deste mundo poderia melhor resgatá-lo, ou pelo menos nele encontrar seu próprio equilíbrio interior, apaziguando suas inquietudes.**

**Irmãos e filhos, se alguma vez tais pensamentos sobressaltarem vosso espírito, que nossa exortação vos sirva de poderoso reconforto para vossa fidelidade sacerdotal. Não podemos tratar de maneira exaustiva uma questão semelhante, em vista dos múltiplos problemas que suscita, e que circunstâncias dignas de séria análise exacerbaram. Repetimos apenas uma palavra do divino Mestre: "Nolite timere. Não tenhais medo" (Mc 6,50). Não vos deixeis impressionar por teorias e experiências que não têm em conta o julgamento razoável e legítimo da Igreja. Não duvideis de vossa fé, vossa escolha, vossa irreversível decisão. Não vos subtraiais ao amor que o Cristo vos testemunhou. Sede felizes por constituirdes seus humildes ministros. Amai com paixão sempre renovada aquilo que é modesto, penoso, mas sublime no ministério sacerdotal, ao qual vos chamou o Espírito Santo e a isso vos qualificou.**

**Quiséramos que a próxima Quaresma fosse a ocasião de confirmar em cada um de vós uma tríplice certeza. A primeira e antes de tudo,**

**a certeza da relação original, irrevogável e inefável, que nos liga ao Cristo e que chamamos de sacerdócio. O sacerdócio, não apenas um simples múnus eclesiástico. um simples serviço prestado à comunidade. É um sacramento, uma santificação interior. Um sacramento que confere ao padre poderes particulares e maravilhosos, que o autorizam a agir em nome do Cristo, in persona Christi. Deste fato lhe resulta "um caráter" muito especial, indelével, que, em relação ao Cristo, torna o padre seu instrumento vivo, e estabelece entre um e outro uma corrente de amor particular e inexaurível. "Vos amici mei estis. Vos sois meus amigos" (Jo 15,14).**

**Nossa vida espiritual deveria ser alimentada, continuamente, pela consciência de nossa ordenação e da escolha que fez de nós o Cristo por amor: "Ego elegi vos. Eu vos escolhi" (Jo 15,16). Se ti vontade imanente do cristo, tio mesmo tempo amante e vigoroso, de se servir de nossa humilde pessoa para agir, colocada para sempre à sua disposição, fosse percebida por nós como um apelo à uma intimidade confiante, nossa vida espiritual não conheceria as alternativas de fé e de dúvida, de fervor e de frieza.**

**A segunda certeza que deveria sustentar nassa consciência sacerdotal é a da relação que nos liga de maneira total e irrevogável ao serviço dos irmãos. O sacerdote não mais se pertence a si mesmo. A finalidade do sacerdócio é a diaconia, isto é, o serviço sem reserva e sem condição, do Corpo místico de Cristo, da Igreja, do Povo de Deus e dos homens. Esta tomada de consciência do fato, de que não se pertence mais a si, que se entregou ao amor para sempre, que se tornou servidor dos outros, pode proporcionar ao padre uma reconfortante segurança, o qual conhece seus próprios limites, suas necessidades, estando constantemente tentado a "refazer suas atitudes", a procurar seu próprio prestígio e interesse, desviando, por conseguinte, a destinação que caracteriza a vida sacerdotal.**

**Daí decorre uma terceira certeza, dura quem sabe, em razão de suas exigências inexoráveis, mas sobremaneira reconfortante, a da santidade que deve dar o estilo à vida de um homem que, de um lado, foi escolhido pelo Cristo para ser seu ministro, doutro, tem por missão transmitir aos demais "os mistérios de Deus" (1 Cor 4,1).**

**Ora, este ministério não é impessoal, burocrático, puramente canônico, mas deve ser vivo, personificar de algum modo a palavra pregada, em outros termos, o ministro da palavra deve fazer um**

**esforço vital, para espelhar o exemplo do que prega, e se portar realmente como "alter Christus, outro Cristo". Esta atitude de ser obrigado à santidade, confere ao padre um entusiasmo particular. Livre de ambições egoístas, não terá nada a recear nem dentro de si mesmo, nem dos outros. Repleto de humildade e de coragem, caminha para a consumação de seu sacrifício, à exemplo do sacrifício do Cristo, para a perfeição e plenitude da caridade.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **25 DE ABRIL DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

O período histórico e espiritual que a Igreja atravessa hoje, especialmente em certos países, não é nada calmo e constitui, para os pastores da Igreja e para nós, motivo de viva apreensão e por vezes profunda amargura. Em parte isto ocorre porque o mundo moderno todo, está embriagado pelo êxito de suas conquistas no domínio científico e técnico e perde com isso o sentido de Deus, lentamente. De outra parte, é porque estas conquistas exigem a morte de Deus, conforme a expressão infeliz de alguns, a saber, uma mentalidade atéia e afastada de toda a religião. Mas a verdade é que o progresso, que caracteriza o mundo atual, exigiria antes um sentido de Deus mais elevado e penetrante, uma religião mais viva e pura, que possa coroar o saber humano. Afinal, dizíamos, nossa apreensão e amargura não provêm só do fato desta apostasia prática tão espalhada, mas ainda e especialmente da inquietude que perturba certos setores do mundo católico e afeta a sensibilidade de quem arca na Igreja com o peso da responsabilidade.

Ninguém ignora que depois do Concílio a Igreja experimentou um grandioso impulso, e somos o primeiro a reconhecer isto e a favorecê-lo. Entretanto a Igreja sofreu e sofre ainda de um turbilhão de idéias e de atos que definitivamente não derivam de um bom espírito nem testemunham a renovação de vida que o Concílio prometeu e promoveu. Uma idéia ambígua abriu caminho em conhecidos meios católicos: a idéia de mudança, que para alguns substituiu a idéia de atualização, aggiornamento. Desejado pelo papa João de venerável memória ;i ele foi atribuído, contra toda a evidência e justiça, que foi fiel pastor da Igreja, princípios não de inovação, mas por vezes de destruição do ensinamento e da disciplina da Igreja.

É bem claro que muitas coisas podem ser corrigidas e modificadas, naquilo que concerne à vida católica. Muitas doutrinas podem ser aprofundadas, completadas e expostas em termos mais compreensivos. Numerosas leis podem ser simplificadas e melhor adaptadas às necessidades de nosso tempo. Mas duas coisas em particular não suportam ser postas em questão: as verdades da fé, definidas com autoridade pela tradição e pelo magistério eclesiástico e as leis constitucionais da Igreja que impõem naturalmente obediência ao ministério do governo pastoral. Tais leis



foram estabelecidas pelo Cristo e a sabedoria da Igreja as desenvolveu e estendeu aos diversos membros do corpo místico e visível da Igreja, para guiar e reconfortar a comunidade multiforme do Povo de Deus.

Dizemos renovação, sim; mudanças arbitrárias, não; história da Igreja sempre viva e renovada, sim; historicismo destruidor dos fundamentos dogmáticos tradicionais, não; desenvolvimento teológico segundo as diretivas do Concílio, sim; teologia adaptada às teorias subjetivas e livres, muitas vezes, oriundas de fontes adversas, não; uma Igreja aberta à caridade ecumênica, a um diálogo responsável e ao reconhecimento dos valores cristãos existentes em nossos irmãos separados, sim; um irenismo que renunciaria às verdades da fé ou que teria tendência a se adaptar a certos princípios negativos, que contribuiriam para afastar do centro da comunhão católica tantos irmãos cristãos, não; liberdade religiosa para todos no quadro da sociedade civil, sim; liberdade de adesão pessoal a uma religião em função de uma escolha refletida, ditada pela consciência, sim; liberdade de consciência encarada como critério de verdade religiosa, que não seja fundada sobre um ensinamento sério e autorizado, não. E assim por diante.

Por conseqüência, caros filhos, a Igreja tem necessidade hoje de vosso discernimento e de vossa fidelidade. É esta esperança, para nossa grande consolação, que vossa visita nos proporciona. A Igreja tem necessidade da lucidez de espírito de seus filhos e de sua inquebrantável fidelidade.

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **28 DE MAIO DE 1968. AUDIÊNCIA ESPECIAL AOS PARTICIPANTES DO II CONGRESSO INTERNACIONAL DE CANONISTAS.**

A renovação da legislação canônica não poderá trazer frutos preciosos, efetivamente, senão no momento e na medida em que as leis da Igreja farão parte do contexto no qual vive o Povo de Deus. Se não for assim e se a legislação canônica, mesmo a mais acessível e a mais viva, devesse permanecer ignorada ou ser contestada e refutada, tornar-se-ia infelizmente estéril, inerte, destituída de toda eficiência. Em consequência, o impulso de renovação, não sendo sustentado pela aplicação da lei, achar-se-ia enfraquecido, quiçá efêmero e certamente menos autêntico e seguro. Neste ponto os motivos de perplexidade e de apreensão não faltam. É notório, com efeito, que hoje se vê antes difundir-se certa atitude de ceticismo, indiferença, resistência e até de desprezo ante à legislação canônica ou a quem a represente, ou a quem de uma ou de outra maneira está encarregado de aplicá-la. As manifestações de tal atitude são numerosas. Lembremos entre estas a ênfase dominante por vezes que se dá, no contexto social e muitas vezes de maneira exclusiva, ao caráter carismático da Igreja, ou àqueles que se crêem poder atribuir-se tal. Lembremos igualmente o culto exagerado da autonomia pessoal, tendente a negar toda espécie de limite que venha do exterior, ou todo vínculo legítimo imposto por uma autoridade, seja qual for.

Ora, é precisamente para corrigir tais deformações, para dissipar os prejuízos e eliminar todo equívoco e incompreensão, que é indispensável seja apresentada e colocada em plena luz a fisionomia autêntica do direito canônico e da legislação eclesiástica. Daí a urgente necessidade de fazer avançar os estudos do direito canônico. É tarefa precisa e inalienável de toda a Igreja, que deve ser empreendida em todos os níveis da instrução e da formação cristã e em todas as direções da vida comunitária da Igreja.

Mas isto concerne de maneira toda particular aos setores-chaves do aparelho de que dispõe a Igreja para desempenhar sua tarefa específica. Queremos falar das universidades católicas e das faculdades e institutos de direito canônico. Deve-se favorecer o ingresso nestas faculdades sempre em maior número de todos os países, de novas levas de jovens, sobretudo, de sacerdotes, mas

também de leigos. Todos os meios técnicos e didáticos que permitam aos professores desempenhar bem e eficazmente sua missão, devem ser postos à sua disposição. Muitos dentre vós são atualmente encarregados do ensino do direito canônico ao nível universitário. Vosso trabalho - já muito útil na esfera da pesquisa científica, como já dissemos, na medida em que contribui para a reforma do código - tornar-se-á ainda mais precioso pela missão que lhe é conexas, de ensinar e difundir a ciência do direito. O serviço que prestais assim à Igreja será realmente muito importante e aproveitável.

Em vossos cursos como em vossas obras e graça aos métodos didáticos adequados e eficazes os jovens descobrirão o sentido autêntico do direito da Igreja. Sob vossa direção e conduta serão formados sacerdotes e leigos que, enriquecendo-se da ciência do direito e enraizando suas convicções no estudo aprofundado, estarão em seguida em condições de difundir cada vez em maior escala, no seio do Povo de Deus, o conhecimento das leis da Igreja, fazendo compreender sua autêntica função, contribuindo para que sejam respeitadas e até aceitas com confiança e alegria. Ao mesmo tempo deveis reservar uma solicitude toda particular àqueles que por sua vez serão chamados a se unir a vós, para continuar e ampliar a missão de professores de direito, e àqueles aos quais poderiam ser confiadas responsabilidades e funções no governo da Igreja.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **12 DE JUNHO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

**As palavras que nos vêm aos lábios são as mesmas que Jesus dirigiu a seus discípulos, que não eram mais que onze, logo após a saída do traidor: "Que vosso coração não se perturbe. Tende fé em Deus e crede também em mim" (Jo 14,1). Sim, é o que desejamos para vós, e ao que exortamos: Tende fé em Deus e no Cristo. É o tema do ano que finda neste mês, precisamente denominado Ano da Fé em recordação e em homenagem ao centenário do martírio dos santos apóstolos Pedro e Paulo.**

**Pronunciando estas palavras solenes e abençoadas, não vos escondemos o contraste que elas opõem às idéias explosivas que circulam hoje no mundo sobre o santo nome de Deus. Idéias tais, quais vagas perigosas, sufocam a fé simples de muitos do nosso tempo. Destas certamente já ouvistes falar, talvez até haveis de experimentar o sentimento que elas procuram penetrar à força em vossas almas e se introduzirem furtivamente em vossos corações, exercendo sobre vós uma sedução lógica e convincente. São numerosas, graves e complexas. Tomam nomes novos e estranhos, como secularização, desmitização, dessacralização, contestação global, finalmente, ateísmo ou antiteísmo, isto é, ausência ou negação de Deus, um e outro apresentando-se com cem facetas diferentes, segundo as escolas filosóficas que inspiram esta negação, ou movimentos sociais e políticos que se arvoram em apóstolos e defensores de tais idéias, quando não se trata de uma completa ausência de qualquer sentimento ou prática religiosa.**

**Que turbilhão tenebroso envolve a fé em Deus em nossos dias! Chegou a tal ponto que podemos resumir tudo numa única questão: pode-se ainda crer em Deus hoje? Sim, ainda é possível hoje crer em Deus e em Jesus Cristo. Podemos mesmo ir além desta afirmação. Hoje melhor que ontem é possível a fé em Deus, se é verdade que a inteligência humana é mais desenvolvida, mais preparada para refletir e mais apta a procurar as razões últimas e profundas das coisas.**

**Com efeito, tudo está nisso: saber pensar bem. Quando falamos assim, não se pode esquecer que nesta ocorrência tomamos a palavra fé em seu sentido primitivo de conhecimento natural de Deus, a saber, deste conhecimento que podemos ter da divindade**

**pelas próprias forças de nossa inteligência, visto que se a empregamos para designar o conhecimento sobrenatural de Deus, resultante da Revelação, as forças naturais de nossa inteligência, apesar de necessárias e úteis já não bastam. Devem ser mantidas por uma ajuda particular de Deus mesmo, que chamamos de graça. A fé é então um dom que Deus nos concede. É esta virtude teologal que, não obstante o mistério que envolve a Deus, nos dá a certeza e a satisfação resultantes de tantas verdades que a ele se referem. No momento, atemo-nos ao primeiro sentido, que chamamos de conhecimento racional de certas verdades religiosas, e antes de tudo a existência de Deus, hoje tão discutida e contestada.**

**Afirmamos que esta verdade é fundamental e as múltiplas objeções lançadas contra ela não a podem abalar. Mas atenção: afirmar que Deus existe é uma coisa, outra coisa é dizer o que ele é. Podemos conhecer a existência de Deus, com certeza, mas sempre será com bastante imperfeição que conheceremos sua natureza, vale dizer, o que ele é em si. Para chegar à certeza desta inefável e soberana existência, basta, dizíamos, saber pensar. O ensinamento categórico do I Concílio do Vaticano nos dá garantia disso. Resumindo a doutrina secular da Igreja, e, podemos acrescentar, a filosofia humana, afirma com efeito, "que se pode conhecer a Deus com toda a segurança, o princípio e o fim de todas as coisas, pela luz natural da razão ou por meio das coisas criadas". Por que então tantos homens, até os mais cultos, dizem o contrário? Porque não usam sua inteligência conforme as leis autênticas do pensamento na pesquisa da verdade.**

**Sabemos que é grave afirmar isso, no entanto é assim. Podia-se abrir um debate sem fim sobre a necessidade e a arte de bem pensar, segundo as exigências e os critérios autênticos da sabedoria humana e conforme à lógica requerida tanto pela consciência como pela linguagem honesta e correta do senso comum. Ora, é precisamente esta perspectiva do pensamento religioso que parece natural e inscrita, seja na inteligência sadia do homem, seja no relacionamento da verdade que estabelece com as coisas conhecidas, que é contestada hoje, como uma pretensão ingênua e de outra época, ao passo que ela é e será sempre o caminho magistral, que conduz o espírito humano necessariamente do mundo sensível e científico, ao limiar do mundo divino.**

**Deixemos todavia de lado, apesar de sua importância, os sistemas filosóficos que tratam deste grave problema. A simplicidade deste**

**contato convosco nos autoriza a fazê-lo. Limitar-nos-emos a indicar um dos obstáculos maiores que freia hoje em dia a marcha do pensamento em direção à sua meta, que é Deus, o qual dá sentido e valor a todo o saber humano. Queremos falar da mentalidade técnica, enraizada na mentalidade científica, que está de parabéns pelo seu brilhante sucesso no domínio maravilhoso dos instrumentos numerosos e de grandes efeitos, colocados em mãos dos homens, os quais, orgulhosos de suas invenções e ao mesmo tempo libertados de suas tarefas cansativas, se encontram projetados no reino da ciência-ficção, em que tudo parece explicável e possível, sem o recurso ao pensamento ou à prece a um Deus transcendente e misterioso. O domínio das coisas e das forças sobrenaturais, o primado da ação prática e útil, a organização inteiramente nova da vida, beneficiando múltiplas aplicações da técnica, suprimem no homem a lembrança de Deus e extinguem nele a necessidade da fé e da religião.**

**Mas se este fato, como reconheceu o Concílio, "pode tornar mais difícil o acesso a Deus", contudo, não o impede. Ao contrário, deveria facilitá-lo, estimulando a descoberta das profundezas existenciais da natureza e favorecendo a experiência do gênio humano, que não inventou estas insondáveis profundidades, mas as descobre e utiliza. Trata-se de abrir bem os olhos, isto é, de usar da inteligência, porque ela é capaz, para que consiga divisar além da tela sensível e buscar tanto as coisas essenciais como as causas essenciais das coisas.**

**Aí então a transparência do reino de Deus se revela e longe de desprestigiar o reino da natureza, a ciência que o explora e a técnica que o subjuga, essa transparência lança uma luz nova sobre os admiráveis valores de uma beleza toda nova e libertadora, capaz de emancipar o mundo tecnológico deste sentimento de organização opressiva, desta angústia inevitável que resulta dos limites do cerco materialista, traduzido nestes últimos dias em manifestações violentas e irracionais, com que denunciando a insuficiência fundamental de nossa civilização, inapta para satisfazer as exigências inalienáveis do espírito humano. Deus é tão necessário quanto o sol.**

**Se, para os homens de hoje, é difícil conscientizar-se disso, é porque devemos precisamente purificar a idéia banal e falsa que fazemos da divindade e fazer um esforço contínuo para recobrar ao nome de Deus a riqueza infinita de sua insondável transcendência,**

de sua ternura inefável, penetrada de respeito e amor, de sua imanente onipresença. Sim, devemos crer em Deus.

Mas este esforço não supera nossas forças, já que a mentalidade moderna nos debilitou de tal maneira a ponto de nos acostumar ao brado blasfematório: Deus morreu? Certo, é difícil. Contudo, o Mestre vem e acrescenta: "Crede também em mim". O Cristo nos dá, portanto, habilidade para a fé, tanto natural como sobrenatural. Santo Agostinho nos lembra: "A fim de que o homem pudesse caminhar com plena segurança para a verdade, a própria verdade, Deus, Filho de Deus, tornando-se humano, sem deixar de ser Deus estabeleceu e fundou a fé, para que a rota do homem em direção a Deus fosse livre ao homem pelo Homem-Deus. Assim entre Deus e os homens, o intermediário é o homem Jesus Cristo".

Ouvi sua voz, caros filhos, "crede em Deus e crede também em mim". É a voz da verdade e da salvação.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **24 DE JUNHO DE 1968. AUDIÊNCIA AO SACRO COLÉGIO, POR OCASIÃO DA APRESENTAÇÃO AO SANTO PADRE DOS VOTOS DE FELICITAÇÕES.**

**Este encontro se efetua nas vésperas de um acontecimento cujo sentido e importância temos o prazer de acentuar. Queremos nos referir ao encerramento do "Ano da Fé", que proclamamos para comemorar digna e utilmente o décimo nono centenário da morte gloriosa dos apóstolos Pedro e Paulo.**

**A cerimônia de encerramento que temos a intenção de celebrar solenemente à tarde do dia 30 de junho, será, por assim dizer, o remate de longo período de reflexão, de prece, de resoluções, durante o qual a Igreja católica envidou esforços para reafirmar clara e resolutamente, tanto no interior de si como fora, sua adesão e abandono à palavra esclarecedora e vivificante de seu Fundador e Mestre, repetindo-lhe com o mesmo entusiasmo e confiança as palavras do Príncipe dos Apóstolos: Domine ad quem ibimus? Verba vitae aeternae habes: "Senhor, a quem iremos? Só tu tens palavras de vida eterna" (Jo 6,68). É à luz desta fé, de tanta vida e de tanto consolo, que queremos como sempre, ver, procurar compreender e interpretar os acontecimentos deste tempo que passa: os da Igreja antes de tudo, mas também os do mundo, no qual ela vive e trabalha, sobretudo na perspectiva que tanto nos preocupa, a de salvaguarda da paz e do progresso autêntico dos povos.**

**Envoltos e por assim dizer penetrados desta luz, alguns destes acontecimentos que podem parecer inexplicáveis, se esclarecem com lógica tal que muitas vezes ultrapassa a dos homens que neles são protagonistas. Então muitas esperanças que a imperiosa realidade havia debilitado e quase desvanecido, reencontram vigor consolador.**

**Temos necessidade desta visão clara e justa, deste otimismo sobrenatural em nossas esperanças, quando, por exemplo, vemos multiplicar-se e impor-se em situações aparentemente sólidas e estabelecidas, violentas explosões de cólera que se transformam em lutas intestinas e revoltas, provocando por sua parte réplica e repressão violentas. Assim nascem as incompreensões, os ressentimentos, os ódios, cujas conseqüências lastimáveis e perigosas são difíceis de prever e de sobretudo de desviar.**



**Depois dos exemplos exaltantes, magnânimos e sublimes, dados pelos homens que criaram um novo ideal social e movimentos de grande importância e eficácia, que professam nobre e corajosa "não-violência", eis que surge de novo em certos meios a violência, como se fosse moda.**

**Chegou-se mesmo a formular teorias para explicar, justificar e engrandecer esta violência, mesmo nas manifestações armadas e homicidas. Esta seria, diz-se, às vezes, a única salutar resposta à opressão, à violência institucionalizada, à ordem que é acusada de ser de fato desordem estabelecida, à legalidade formalista que encobriria reais ilegalidades.**

**Para justificar tais teorias, alguns apelam para considerações hauridas do pensamento cristão e de suas exigências. É assim que se ouve falar de uma "teologia da violência", derivada de uma "teologia da revolução".**

**Profundamente comovido pela situação penosa em que se encontram indivíduos, classes sociais e até nações ou grupos de povos; sensível à voz do sofrimento, ao brado que se levanta de tantas partes do mundo para suplicarem socorros e mudanças necessárias; levado pela nossa missão própria de fazer-nos aberta e francamente protetor de uma justiça cada vez melhor entre os homens, não hesitamos em repetir o quanto compartilhamos de todo o sofrimento humano, o quanto deploramos todo o ato ou negligência culpável que causam tudo isso, e o quanto exortamos a todos aqueles que têm possibilidade, a empreender por toda a parte onde seja necessário, uma ação decisiva e corajosa para remediar eficazmente e com solicitude as situações que a consciência humana e em particular a consciência cristã não podem tolerar.**

**Mas ao mesmo tempo sentimos como um dever advertir nossos filhos e todos os homens que se acautelem contra a fácil e ilusória tentação de crer que a mudança de uma ordem imperfeita, obtida na desordem e na precipitação, traga em si a garantia de uma ordem boa ou ao menos melhor, lá onde o ambiente não foi preparado; de crer sobretudo que a violência, mesmo ditada por uma revolta refletida contra a injustiça, assegure automaticamente, por assim dizer, a instauração da justiça, enquanto a experiência nos ensina que, na maioria dos casos, o contrário é que é verdadeiro.**

Reservando-nos a intenção de voltar a este problema importante se a ocasião se apresentar oportunamente, desejamos presentemente lembrar a nossos filhos, especialmente aos mais jovens e aos mais conscientes das exigências evangélicas, a necessidade de reavivar este espírito de caridade em si mesmos, um dos frutos mais belos e eficazes de uma fé vivida e sincera. Estendendo-se a todos em nome do Cristo, esta fé permite do modo mais eficiente encontrar o caminho para "vencer o mal pelo bem" e instaurar na terra este "reino de justiça, de amor e de paz", que é o reflexo das harmonias superiores do reinado de Cristo.

- 
- *Anterior*
  - *Índice*
  - *Posterior*



**30 DE JUNHO DE 1968. MENSAGEM AOS PADRES DO MUNDO TODO, NO FIM DA MISSA CELEBRADA NA PRAÇA DE SÃO PEDRO COMO CONCLUSÃO DO ANO DA FÉ.**

**A vós, padres da santa Igreja católica, a vós caros filhos entre todos os demais, cuja ordenação fez que sejamos irmãos e colaboradores no ministério da salvação, como o sois de vossos respectivos pastores, a vós queremos dirigir diretamente uma palavra hoje, no momento em que encerramos o Ano da Fé, comemorando o décimo nono aniversário do martírio dos dois apóstolos Pedro e Paulo. Uma palavra breve e simples, mas especialmente para vós.**

**Há tempo que a tínhamos no coração, para vo-la dizer. Como vosso irmão, desde sempre, isto é, desde o dia em que tivemos como partilha o precioso destino de sermos ordenados sacerdotes, e de sentir a nova e profunda solidariedade que nos ligava a todos os nossos colegas: sendo todos escolhidos para personificar o Cristo no dom de nós mesmos à vontade do Pai, à santificação, à direção e serviço dos fiéis, ao empreendimento da salvação do mundo. Nunca nos faltou, com respeito a vós, padres, a união de reverência, de simpatia e de fraternidade. Depois, quando a Igreja nos chamou ao exercício das funções pastorais, primeiro como bispo, depois como papa, o pensamento do clero se tornou em nós uma preocupação interior profunda, cheia de estima, de solicitude e de caridade. Lamentamos muito não vos ter falado suficientemente, não vos ter testemunhado mais freqüentemente e por gestos mais significativos, o sentimento que o Espírito do Senhor inculca e incute sempre em nosso coração, em consideração a vós. Sentimento que sobe do coração e arrasta consigo todos os demais pensamentos e sentimentos, que nosso ministério faz brotar de nossa consciência: sois vós, padres, que, sobre todas as coisas e com as coisas na ordem da caridade, ocupais com vossos bispos, nossos irmãos, o primeiro lugar.**

**Esta é a razão por que vos falamos hoje. Não é uma encíclica que vos dirigimos, não é uma instrução, não é um ato portador de disposições canônicas, é uma simples efusão do coração: "Nós vos falamos com toda a liberdade... Nosso coração está inteiramente aberto" (2 Cor 6,11). Esta comemoração centenária dos apóstolos que, pela mensagem evangélica e pelo seu sangue, colocaram as bases da Igreja romana, nos obriga a vos abrir nossa alma por um**

**instante.**

**Com grande admiração, com imensa afeição. Conhecemos vossa fidelidade ao Cristo e à Igreja. Conhecemos vosso empenho, vosso zelo. Conhecemos vossa dedicação ao ministério, vossa solicitude no apostolado. Estamos ciente também do respeito e da gratidão que suscitam entre tantos fiéis o vosso desinteresse evangélico, a vossa caridade apostólica. Os tesouros de vossa vida espiritual, de vossos contatos com Deus, e de vosso sacrifício junto com o Cristo, vosso entusiasmo pela meditação e contemplação, no seio mesmo da ação, tudo isso nos é bem conhecido. Somos tentados a repetir a propósito de cada um de vós as palavras do Senhor no Apocalipse: Conheço tuas ações, teu trabalho e tua paciência (Apoc 2,2). Quanta emoção, quanta alegria nos oferece este espetáculo! Que gratidão! Nós vos agradecemos e vos abençoamos em nome do Cristo pelo que sois, e pelo que fazeis na Igreja do Cristo. Sois nela os melhores obreiros com vosso bispo, e dela sois as colunas, os mestres, os amigos, os dispensadores diretos dos mistérios de Deus (1 Cor 4,1; 2 Cor 6,4).**

**Queríamos manifestar-vos esta efusão de nosso coração, a fim de que cada um de vós se saiba e sinta estimado e amado, e para que cada um de vós goze da comunhão conosco, no grande desígnio e no assíduo esforço do apostolado.**

**Não se trata de uma visão míope e irônica. Ao lado de tantos padres, que encontram no ministério a serenidade e a alegria, e cuja voz não se faz ouvir tão estrepitosamente como outras, sabemos que existe mais de uma situação dolorosa. Há entre alguns membros do clero uma inquietude, incerteza sobre sua condição eclesiástica. Eles se consideram marginalizados da evolução atual.**

**É verdade, os padres não estão ao abrigo das repercussões da crise de transformação, que sacode o mundo hoje. Como todos os seus irmãos na fé, eles não ignoram também as horas de obscuridade, na sua marcha para Deus. Ademais, sofrem, de maneira às vezes parcial ou injusta, pelo modo como certos fatos são interpretados a respeito da vida sacerdotal, e injustamente generalizados. Pedimos, portanto, aos padres que se recordem de que a situação de cada cristão, em particular a do sacerdote, será sempre uma situação paradoxal e incompreensível aos olhos de quem não tem a fé.**

**Será então no aprofundamento de sua própria fé que a situação atual deverá convidar o padre a uma tomada de consciência, cada vez mais clara, daquilo que ele representa, dos poderes de que está revestido, da missão de que está encarregado. Caros irmãos e filhos, pedimos ao Senhor que nos faça capaz e digno, para vos oferecer alguma luz, um pouco de reconforto.**

**A todos os padres dizemos: não duvideis nunca da natureza de vosso ministério sacerdotal. Não é um ofício ou serviço qualquer, a se exercer pela comunidade eclesial. É um serviço que participa de modo particular, por meio do sacramento da ordem e com caráter indelével, do poder do sacerdócio do Cristo.**

**Podemos, portanto, colocar em evidência algumas dimensões próprias ao sacerdócio católico. Primeiramente a dimensão do sagrado. O padre é um homem de Deus, é o ministro do Senhor: pode executar atos que ultrapassam a eficácia natural, porque age in persona Christi, na pessoa do Cristo. Passa através dele uma força misteriosa e superior, da qual ele se torna instrumento eficaz, humilde e glorioso, em certos momentos. É o veículo do Espírito Santo. Uma relação única, uma delegação, uma confiança divina passam entre ele e o mundo divino.**

**Este dom, porém, o padre não o recebe para si, mas para os outros. A dimensão sagrada é inteiramente ordenada para a dimensão apostólica, a saber, para a missão e ministério sacerdotal.**

**Sabemo-lo bem, o padre é um homem que não vive para si, mas para os outros. É o homem da comunidade. Em nossos dias este aspecto da vida sacerdotal é o mais bem compreendido. Há quem encontre nisso uma resposta às questões agressivas sobre a sobrevivência do padre no mundo moderno, que chegam até a questionar se o sacerdócio ainda tem razão de existir. O serviço que presta à sociedade, à sociedade eclesial em particular, justifica amplamente a existência do sacerdote. O mundo tem necessidade disso. Também a Igreja.**

**Dizendo isso, toda a série de necessidades humanas desfilam diante de nosso espírito. Qual a categoria de pessoas que não tem necessidade da pregação cristã, da fé e da graça? Que homem não tem necessidade de encontrar alguém que se dedique a ele com desinteresse e amor? Até onde não se estendem os limites da**

**caridade pastoral? Não é lá onde o desejo desta caridade se manifesta menos, que sua necessidade é maior? Sim: as missões, a juventude, a escola, os doentes, e em nossos dias com urgência mais solícita, o mundo operário constituem um chamado contínuo no coração do padre. Duvidaremos ainda em encontrar um lugar, uma tarefa, uma missão na vida moderna? Antes seria mister dizer: como fazer para responder a todos os que têm necessidade de nós? Como corresponder por nosso sacrifício pessoal, ao aumento dos deveres pastorais e apostólicos?**

**Talvez nunca como no presente a Igreja tomou consciência de ser um 'meio indispensável de salvação, nunca no passado o dinamismo de sua "dispensatio" foi tão importante como na hora atual. Iríamos nós sonhar um mundo sem igreja, e uma igreja sem ministros, preparados, especializados e consagrados! O padre é em si o sinal do amor do Cristo pela humanidade, o testemunho do empenhamento total, por onde a Igreja procura realizar este amor, que vai até à cruz.**

**Da consciência viva de sua vocação, de sua consagração como instrumento do Cristo, a serviço dos homens, nasce nos sacerdote a consciência de outra dimensão, a dimensão mística e ascética que qualifica sua pessoa. Se todo o cristão é templo do Espírito Santo, qual será a conversação interior da alma sacerdotal, com a Presença que habita nele, que o transfigura, atormenta e embriaga? Estas palavras do Apóstolo dirigem-se a nós, padres: ... este tesouro nós o levamos em vasos de barro, para que se veja bem que este extraordinário poder pertence a Deus e não vem de nós (2 Cor 4,7).**

**Filhos e irmãos padres, como se afirma e como se alimenta em nós esta consciência? De que maneira arde em nós a lâmpada da contemplação? Como nos deixamos atrair por este ponto central de nossa personalidade e desviar, por uma pausa de instantes, para uma conversação interior, as obrigações que nos solicitam do exterior? Será que conservamos o gosto pela oração pessoal, a meditação, o breviário? Como esperar que nossas atividades dêem seu rendimento máximo, se não sabemos haurir na fonte interior do colóquio com Deus as melhores energias que só ele pode outorgar? Onde encontrar a razão primeira, a força suficiente para o celibato eclesiástico, senão na exigência e plenitude da caridade infundida em nossos corações consagrados ao único amor e ao serviço total de Deus e de seu desígnio de salvação?**

**Mas as estruturas, dizem alguns, não são mais aptas, em nossos dias, para permitirem a realização efetiva desta dedicação fecunda e enaltecida. Aí encontramos a quarta dimensão do sacerdócio: a dimensão eclesial. O padre não é um solitário. É membro de um corpo organizado, a Igreja universal, a diocese, e no caso típico - diríamos, supereminente - membro de sua paróquia. É toda a Igreja que deve adaptar-se às novas necessidades do mundo. Depois de terminado o Concílio, a Igreja está inteiramente empenhada nesta renovação espiritual e orgânica. Ajudemo-la pela nossa colaboração, por nossa adesão, por nossa paciência.**

**Irmãos e filhos caríssimos, tende confiança na Igreja. Alimentai um grande amor por ela. Pois ela é o objeto imediato do amor do Cristo: Dilexit ecclesiam (Ef 5,25). Amai-a em seus limites e defeitos. Não em razão de seus limites e defeitos, é claro - e talvez suas faltas, quem sabe -mas porque é somente amando-a que poderemos curá-la e fazer brilhar sua beleza de esposa do Cristo. A Igreja é que salvará o mundo, a Igreja que é a mesma hoje, ontem e amanhã, e que encontra sempre, guiada pelo Espírito e secundada por seus filhos, a força de se renovar, de se rejuvenecer, dando uma resposta nova às necessidades sempre atuais.**

**Pensamos nos inúmeros padres, lançados num esforço metódico de enriquecimento no estudo da palavra de Deus, na aplicação justa e fiel da reforma litúrgica, no crescimento do serviço pastoral junto aos humildes, e necessitados de justiça social, na educação do povo para a paz e liberdade, na aproximação ecumênica dos irmãos cristãos separados de nós, no humilde cumprimento cotidiano dos deveres, que lhes são determinados, e especialmente no amor difusivo ao Senhor Jesus, a Nossa Senhora, à Igreja e a todos os homens. Isso é para nós motivo de consolo e edificação.**

**Enquanto estes sentimentos se aninham em nosso coração, caros padres, estejais perto ou distantes, nesta celebração dos santos apóstolos e mártires Pedro e Paulo, nós vos saudamos e traçamos sobre vós todos a nossa bênção.**

**Da Basílica Vaticana, aos 30 de junho de 1968.**

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)





## **30 DE JUNHO DE 1968. DISCURSO E PROFISSÃO DE FÉ NA PRAÇA DE SÃO PEDRO.**

**Por esta liturgia solene, terminamos a celebração do 19 centenário do martírio dos santos apóstolos Pedro e Paulo. Damos assim conclusão ao "Ano da Fé". Nós o tínhamos dedicado à comemoração dos santos apóstolos, para testemunhar de nossa inabalável vontade de ser fiel ao depósito da fé (1Tim 6,20), que eles nos transmitiram e para fortificar nosso desejo de viver desta fé, na conjuntura histórica em que se encontra a Igreja peregrinante no meio do mundo.**

**Sentimos o dever de agradecer publicamente a todos aqueles que responderam a nosso convite, contribuindo para que o "Ano da Fé" chegasse à magnífica plenitude, pelo aprofundamento da adesão pessoal à palavra de Deus, e pela renovação em diversas comunidades da profissão de fé e pelo testemunho de vida cristã. A nossos irmãos no episcopado, mui especialmente, e a todos os fiéis da santa Igreja católica, exprimimos nossa gratidão e estendemos a eles nossa bênção.**

**Parece-nos igualmente ser um dever que desempenhemos o mandato confiado por Cristo a Pedro, do qual somos sucessor, o último por mérito, o mandato de confirmar na fé os irmãos (Lc 22,32). Consciente, é certo, de nossa fraqueza humana, mas com toda a firmeza que tal mandato imprime em nosso espírito, iremos fazer uma profissão de fé, pronunciar um Credo que, sem constituir uma definição dogmática, propriamente dita, repete em substância, com algumas achegas reclamadas pelas condições espirituais de nosso tempo, o Credo de Nicéia, o Credo da imortal tradição da santa Igreja de Deus.**

**Fazendo-o, estamos consciente da inquietude que agita certos meios modernos em relação à fé. Não escapam à influência de um mundo em profunda mutação, no qual tantas certezas são postas em contestação e discussão. Vemos até católicos se deixarem prender pela paixão da mudança e da novidade. É, certo que a Igreja tem sempre o dever de seguir seu esforço no aprofundamento das verdades e apresentar de maneira sempre mais bem adaptada às gerações que se revezam, os mistérios insondáveis de Deus, ricos para todos em frutos de salvação. Mas é preciso o máximo cuidado**

**sem se descurar do dever de pesquisa, para que não se atinja os ensinamentos da doutrina cristã. Porque seria então criar a revolta, como se verifica em nossos dias, e a perplexidade em muitas almas fiéis.**

**Cumpra neste sentido lembrar que além do sensível cientificamente verificado, a inteligência que Deus nos deu atinge aquilo que é, e não só a expressão subjetiva das estruturas e da evolução da consciência. De outro ponto de vista, a tarefa da interpretação - da hermenêutica é de procurar compreender e libertar, com respeito à palavra proferida, o sentido de que um texto é preche, e não de recriar de certo modo o sentido à revelia de hipóteses arbitrárias.**

**Entretanto acima de tudo colocamos nossa confiança inquebrantável no Espírito Santo, alma da Igreja, e na fé teológica sobre que repousa a vida do corpo místico. Sabemos que as almas esperam a palavra do Vigário de Cristo. Respondemos a esta expectativa pelas instruções que proporcionamos regularmente. Hoje, porém, apresenta-se-nos a ocasião de pronunciar uma palavra mais solene.**

**Neste dia destacado para o encerramento do Ano da Fé, nesta festa dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo, quisemos oferecer a Deus que vive a homenagem de uma profissão de fé. Como outrora em Cesaréia de Filipe, o apóstolo Pedro tomou a palavra em nome dos doze para confessar, acima das opiniões humanas, o Cristo Filho do Deus que vive, assim hoje seu modesto sucessor, pastor da Igreja universal, eleva também sua voz para prestar, em nome de todo o Povo de Deus, um firme testemunho à verdade divina, confiada à Igreja que a proclame a todas as nações.**

**Quisemos, outrossim, que nossa profissão de fé fosse completa e bastante explícita para responder de maneira apropriada à necessidade de esclarecimento sentido por inúmeras almas fiéis e por todos aqueles que no mundo estão em busca da verdade, seja qual for a família religiosa a que pertençam.**

**Para a glória do Deus Santíssimo e de nosso Senhor Jesus Cristo, confiante na ajuda da Santíssima Virgem Maria e dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo, para utilidade e edificação da Igreja, em nome de todos os pastores e de todos os fiéis, nós pronunciamos agora esta profissão de fé, em plena comunhão**

**espiritual com todos vós, caros irmãos e filhos.**

**Creemos em um só Deus, Pai, Filho, Espírito Santo, criador das coisas visíveis como este mundo onde se esvai nossa vida efêmera, das coisas invisíveis como os simples espíritos que são chamados também anjos, e criador em cada homem de sua alma espiritual e imortal.**

**Creemos que este Deus único é absolutamente um em sua essência infinitamente santa, como em todas as suas perfeições, em seu poder imenso, em sua ciência infinita, na sua providência, na sua vontade e no seu amor. Ele é Aquele-que-é, como se revelou a Moisés (Ex 2,14). É o Autor como o apóstolo João nos ensina (1 Jo 4,8): de sorte que estes dois nomes Ser e Amor, exprimem indizivelmente a mesma realidade divina daquele que desejou fazer-se conhecer a nós e, "habitando na luz inacessível", é em si mesmo estando acima de todo nome, de todas as coisas e de toda a inteligência criada. Deus só pode dar-nos o conhecimento justo e perfeito de si mesmo, revelando-se como Pai, Filho e Espírito Santo, de cuja vida somos chamados a participar pela graça, aqui na terra, na obscuridade da fé, e além da morte na luz eterna. Os laços mútuos que constituem as três pessoas, que são cada uma o mesmo e único ser divino, são a bem-aventurada vida íntima do Deus três vezes santo, infinitamente acima de tudo o que podemos conceber na condição humana. Rendemos graça, contudo, à bondade divina pelo fato de que um número sem conta de crentes, possa atestar conosco diante dos homens, a unidade de Deus, ainda que não conheçam o mistério da Santíssima Trindade.**

**Creemos, portanto, no Pai que gera eternamente o Filho, no Filho, verbo de Deus, que é eternamente gerado, no Espírito Santo, pessoa incriada que procede do Pai e do Filho, como seu eterno Amor. Assim nas três pessoas divinas, coaeternae sibi et coaequales, afluem em grande riqueza e se consomem, na sobreexcelência e glória próprias do ser incriado, a vida e a beatitude de Deus perfeitamente uno, e sempre "deve ser venerada a Unidade na Trindade e a Trindade na Unidade".**

**Creemos em nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus. É o Verbo eterno, nascido do Pai antes dos séculos e consubstancial ao Pai homoousios to Patri, e por ele tudo foi feito. Encarnou-se por intervenção do Espírito no seio da Virgem Maria e se fez humano: igual ao Pai na divindade, mas inferior a ele na humanidade, e uno**

**em si mesmo, não por uma impossível confusão de naturezas, mas pela unidade da pessoa.**

**Habitou entre nós, cheio de graça e de verdade. Anunciou e instaurou o reino de Deus e fez-nos conhecer o Pai por seu intermédio. Deu-nos um mandamento novo que é de nos amar uns aos outros como ele nos amou. Ensinou-nos o caminho das bem-aventuranças do Evangelho: pobreza de espírito, bondade, sofrimento suportado com paciência, sede de justiça, misericórdia, pureza de coração, vontade de paz, perseguição suportada por amor à justiça. Sofreu no governo de Pôncio Pilatos, Cordeiro de Deus carregando os pecados do mundo, morreu por nós na cruz salvando-nos por seu sangue redentor.**

**Foi sepultado, e com suas próprias forças ressuscitou depois de três dias, conferindo-nos pela sua ressurreição a participação na vida divina, que é a vida da graça. Subiu ao céu, e voltará cheio de glória desta vez, para julgar os vivos e os mortos: cada um conforme seus méritos: os que corresponderam ao amor e à misericórdia de Deus irão para a vida eterna, os que recusaram até o fim entrarão para o fogo que não se apaga nunca.**

**Seu reinado não terá fim cremos no Espírito Santo, que é Senhor e dá a vida. É adorado e glorificado com o Pai e o Filho. Falou-nos pelos profetas. Foi-nos mandado pelo Cristo depois de sua ressurreição e ascensão ao Pai. Ele esclarece, dá vida, protege e conduz a Igreja. Purifica seus membros se estes não se furtam à graça. Sua ação, penetrando no mais íntimo da alma, torna o homem capaz de responder ao chamamento de Jesus: "Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5,48).**

**Cremos que Maria é a mãe, que permaneceu sempre virgem, do Verbo encarnado, nosso Deus e Salvador Jesus Cristo. Em virtude desta escolha singular, e em consideração aos méritos de seu Filho, ela foi remida de maneira mais eminente, preservada de toda a mácula do pecado original, e acumulada com o dom da graça acima de todas as demais criaturas.**

**Associada por uma relação estreita e indissolúvel aos mistérios da Encarnação e da Redenção, a Virgem Maria, a Imaculada, foi no fim de sua vida terrestre assumida à glória celeste em corpo e alma, configurada a seu Filho ressuscitado em antecipação à sorte futura**

**dos justos. Cremos que a Virgem Mãe de Deus, nova Eva e Mãe da Igreja, continua no céu sua tarefa de mãe em relação aos membros do Cristo, cooperando no nascimento e desenvolvimento da vida divina nas almas dos resgatados.**

**Creemos que em Adão todos pecaram, o que quer dizer que a falta original cometida por ele atingiu a natureza humana comum a todos os homens, neste estado em que suporta as conseqüências da falta, o qual não é o mesmo em que se encontrava antes, em nossos primeiros pais, estabelecidos na santidade e na justiça, em que o homem não conhecia nem o mal nem a morte. Esta natureza humana, assim decaída, espoliada da graça que a revestia, prejudicada em suas próprias faculdades naturais e submissa ao império da morte, é transmitida a todos os homens e neste sentido cada homem nasce no pecado.**

**Sustentamos, portanto, com o Concílio de Trento, que o pecado original é transmitido com a natureza humana, "não por imitação, mas por propagação", e que é assim "próprio a cada um".**

**Creemos que nosso Senhor Jesus Cristo pelo sacrifício da cruz nos resgatou do pecado original, e de todos os pecados pessoais cometidos por cada um de nós, de forma que, de acordo com a palavra do Apóstolo, "lá onde afluiu o pecado, constatou-se um maior afluxo da graça".**

**Creemos num só batismo instituído por nosso Senhor Jesus Cristo, para a remissão dos pecados. O batismo deve ser administrado até mesmo às crianças que ainda não se tornaram culpáveis de algum pecado pessoal, a fim de que, nascidas sem a graça sobrenatural, renasçam "pela água e pelo Espírito Santo" para a vida divina no Cristo Jesus.**

**Creemos na Igreja única, santa, católica e apostólica, edificada por Cristo sobre esta pedra que é Pedro. Ela é o Corpo místico do Cristo, ao mesmo tempo sociedade visível instituída com os órgãos hierárquicos, e comunidade espiritual, a Igreja terrestre. É o Povo de Deus que passa peregrinando aqui, e Igreja cumulada de bens celestes. É a semente e as primícias do reino de Deus, pela qual continuam ao longo da história a tarefa e os sofrimentos da Redenção, aspirando à sua realização perfeita para além do tempo na glória.**

**No transcorrer do tempo, o Senhor Jesus forma sua Igreja pelos sacramentos que se derivam de sua plenitude. Por meio destes ela habilita seus membros para participarem do mistério da morte e da ressurreição do Cristo, na graça do Espírito Santo que lhe dá vida e ação.**

**É, portanto, santa, embora compreendendo em seu seio pecadores, porque não tem em si outra vida senão a da graça: é vivendo desta sua vida que os membros se santificam, e furtando-se a ela que eles caem no pecado e nos desregramentos que impedem a irradiação da santidade. Por isso ela sofre e faz penitência por suas faltas, das quais pode libertar e curar seus filhos pelo sangue do Cristo e pelo dom do Espírito Santo.**

**Herdeira das promessas divinas e filha de Abraão segundo o Espírito, por este Israel cujas Escrituras guarda com amor, e cujos patriarcas e profetas venera, fundada sobre os apóstolos e transmitindo de século em século sua palavra que sempre é viva e seus poderes de pastores aos sucessores de Pedro e aos bispos em comunhão com ele, perpetuamente assistida pelo Espírito Santo - ela tem como tarefa guardar, explicar, ensinar e propagar a verdade que Deus revelou de maneira ainda velada pelos profetas, e de modo perfeito pelo Senhor Jesus. Nós cremos todos naquilo que contém a palavra de Deus escrita ou transmitida, que a Igreja propõe a crer como divinamente revelada, seja por um juízo solene, seja pelo magistério ordinário e universal. Cremos na infalibilidade de que goza o sucessor de Pedro quando ensina ex cathedra como pastor e doutor de todos os fiéis, e de que é garantido o corpo dos bispos quando exerce com o papa o magistério supremo.**

**Creemos que a Igreja fundada por Jesus Cristo, e pela qual pediu, é indefectivelmente única na fé, no culto e no vínculo de comunhão hierárquica. No seio desta Igreja, a rica variedade dos ritos litúrgicos e a legítima diversidade dos patrimônios teológicos e espirituais, e das disciplinas particulares, longe de prejudicarem sua unidade, ainda mais a manifestam.**

**Reconhecendo a existência também fora da Igreja de inumeráveis elementos de verdade e de santificação, que lhe pertencem como próprios e tendem à unidade católica, e crendo na ação do Espírito Santo que suscita no coração dos discípulos o anseio a esta unidade, nós temos a esperança de que os cristãos que ainda não**

**estão em plena comunhão com a Igreja única, se reunirão um dia num só rebanho com um só pastor.**

**Creemos que a Igreja é necessária à salvação, porque o Cristo, o único mediador para alcançar a salvação, se torna presente para nós em seu Corpo que é a Igreja. Mas o desígnio divino da salvação abrange a todos os homens. Todos aqueles que sem falta própria ignoram o Evangelho do Cristo e sua Igreja, mas procuram a Deus sinceramente e sob o influxo da graça se esforçam por cumprir sua vontade, reconhecida pelas prescrições de sua consciência, aqueles, em número que só Deus conhece, podem obter a salvação.**

**Creemos que a missa celebrada pelo sacerdote, representante da pessoa do Cristo em virtude do poder recebido pelo sacramento da ordem, é oferecida por ele em nome do Cristo e dos membros de seu Corpo místico, é o sacrifício do Calvário, tornado presente em nossos altares. Creemos que o pão e o vinho consagrados pelo Senhor na santa Ceia foram transformados em seu corpo e em seu sangue, que seriam oferecidos por nós na cruz, assim como o pão e o vinho consagrados pelo sacerdote são mudados no corpo e no sangue do Cristo glorioso reinante no céu. Creemos que a misteriosa presença do Senhor, sob o que continua a ter a nossos olhos a mesma aparência que antes, é uma presença verdadeira, real e substancial.**

**O Cristo não pode estar presente neste sacramento, senão pela transformação em seu corpo da própria realidade do pão e pela transformação em seu sangue da própria realidade do vinho, permanecendo apenas inalteráveis as propriedades do pão e do vinho que nossos sentidos percebem. Esta mudança misteriosa, a Igreja denomina de maneira muito apropriada de transubstanciação. Toda explicação teológica, que procure alguma inteligência deste mistério, deve, para concordar com a fé católica, sustentar que na sua própria realidade independente de nosso espírito, o pão e o vinho cessaram de existir depois da consagração, de forma que é o corpo e o sangue adoráveis do Senhor Jesus que desde então se apresentam diante de nós sob as aparências sacramentais do pão e do vinho, como quis o Senhor, para se dar a nós em alimento e para nos associar à unidade de seu Corpo místico.**

**A única e indivisível existência do Senhor no céu não é multiplicada, mas é tornada presente pelo sacramento nos múltiplos lugares da terra onde a missa é celebrada. Esta existência permanece presente**

**depois do sacrifício no Santíssimo Sacramento, que é no tabernáculo o coração vivo de cada uma de nossas igrejas. É para nós um dever suave honrar e adorar na santa hóstia que nossos olhos vêem, o Verbo encarnado que não vêem, o qual sem deixar o céu se torna presente diante de nós.**

**Confessamos que o reino de Deus, começado aqui na Igreja do Cristo não é deste mundo, cuja figura passa, e que seu crescimento próprio não pode confundir-se com o progresso da civilização, da ciência ou da técnica humanas, mas consiste em conhecer cada vez mais profundamente as insondáveis riquezas do Cristo, em esperar sempre mais intensamente os bens eternos, em responder cada vez mais ansiosamente ao amor de Deus, em distribuir sempre mais generosamente a graça e a santidade entre os homens. Mas é este mesmo amor que leva a Igreja a se preocupar constantemente com o verdadeiro bem temporal dos homens. Sem deixar de lembrar a seus filhos que não possuem aqui morada permanente, ela os incentiva também a contribuir cada um conforme sua vocação e seus meios para o bem-estar da cidade terrestre, a promover a justiça, a paz e a fraternidade entre os homens, a proporcionar ajuda a seus irmãos, especialmente aos mais pobres e infelizes. A intensa solicitude da Igreja, esposa do Cristo, pelas necessidades dos homens, suas alegrias e esperanças, suas penas e esforços, não é outra senão seu grande anseio de estar presente entre eles para iluminá-los com a luz do Cristo e reuni-los todos em torno dele, único Salvador. Jamais poderá dar a entender que se conforma com as coisas deste mundo, nem que diminua a ardorosa expectativa do Senhor e do seu reino eterno.**

**Creemos na vida eterna. Creemos que as almas de todos aqueles que morreram na graça do Cristo, seja seja que tenha de ser purificadas no purgatório, seja que no mesmo instante da morte Jesus as leve ao paraíso como fez com o Bom Ladrão, são o Povo de Deus na região para além da morte, que será definitivamente vencida no dia da ressurreição quando estas almas serão reunidas a seus corpos.**

**Creemos que a multidão daqueles que estão reunidos em torno de Jesus e de Maria no paraíso forma a Igreja do céu, onde na eterna beatitude vêem a Deus tal qual é (1 Jo 8,2) e onde são também, em diversos graus, associados com os santos anjos no governo divino exercido pelo Cristo glorioso, intercedendo por nós e nos ajudando em nossa fraqueza por sua solicitude fraternal.**



**Cremos na comunhão de todos os fiéis no Cristo, daqueles que são peregrinos na terra, dos mortos que completam sua purificação, dos bem-aventurados do céu, todos juntos formando uma só Igreja. Cremos que nesta comunhão o amor misericordioso de Deus e de seus santos está à escuta de nossas preces, como nos disse Jesus: "Pedi e recebereis" (Lc 10,9-10; Jo 16,24). Assim é com fé e na esperança que aguardamos a ressurreição dos mortos e a vida do mundo futuro.**

**Bendito seja o Deus três vezes santo. Amém.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **10 DE JULHO DE 1968. AUDIÊNCIA.**

**Digamos uma palavra, uma só e de passagem sobre um fenômeno que se observa nos meios que se dizem religiosos e cristãos: o da religião antropocêntrica, isto é, de uma religião orientada para o homem como principal centro de interesse, ao passo que a religião deve ser, pela sua natureza mesma, teocêntrica, orientada para Deus primeiro, como seu princípio e seu fim último. Secundariamente, voltada para o homem, procurado e amado em função de sua origem divina e por consequência em função de relações e deveres que disso resultam. Falou-se então de religião vertical e de religião horizontal. É a segunda de caráter filantrópico e social, que se impõe entre os que não têm uma visão soberana da ordem ontológica, isto é, do real e do objetivo, da religião. Será que desejamos negar a importância que a fé católica liga ao interesse devido ao homem? Certamente que não. Nem queremos atenuar este interesse, que nos obriga, a nós cristãos, sobremaneira e sem cessar. Não esqueçamos que seremos julgados sobre o amor efetivo que tivermos comunicado a nosso próximo e em particular àquele que se acha em necessidade, àquele que sofre e ao decaído. Sobre este ponto não fazemos nenhuma reserva injustificada, mas devemos nos lembrar sempre de que o princípio do amor do próximo é o amor de Deus. Aquele que esquecesse a razão pela qual nós nos proclamamos irmãos uns dos outros isto é, que Deus é nosso pai, de todos nós aquele poderia também esquecer num dado momento os grandes deveres de tal fraternidade e não ver mais no seu semelhante um verdadeiro irmão, mas um estranho, um rival ou inimigo. Se na religião se dá prioridade à corrente humanitária, corre-se o risco de transformar a teologia em sociologia e de esquecer a hierarquia fundamental dos seres e dos valores. "Sou o Senhor, teu Deus, não terás outro deus além de mim", é o que lemos no Antigo Testamento (Êx 20,1) e em o Novo, quando o Cristo ordena: "Amar a Deus ... é o maior mandamento. O segundo lhe é semelhante: Amarás teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22,37-39).**

**Faz-se mister não esquecer que a preponderância dada ao aspecto sociológico sobre o aspecto teológico propriamente dito, pode criar outro perigo: o de submeter a doutrina da Igreja a critérios humanos, relegando-se a segundo plano os critérios intangíveis da Revelação e do magistério oficial da Igreja. Que se tomem em consideração no exercício do ministério pastoral, as necessidades humanas, muitas**

**vezes graves e urgentes, pode-se admitir evidentemente e mesmo promover, sob condição, porém, que tal consideração não implique a depreciação da prioridade e autenticidade da ortodoxia teológica.**

**A fé aceita e posta em prática não implica a negação dos deveres de caridade e das graves e prementes necessidades de ordem social. Ao contrário, proporciona inspiração e força para isso.**

**É ao mesmo tempo também proteção, apoio, primeiro contra a tentação de que o homem caia no "temporalismo", a saber, a tendência de dar o primeiro lugar aos interesses temporais -tentação de que a religião deve se defender, hoje mais do que nunca- em seguida contra a tentação mais grave ainda, a de querer instaurar nova ordem social, não somente sem a caridade, mas, o que é pior, com a violência, substituindo um poder todo-poderoso e egoísta a outros, tido como superado, frustrado e injusto.**

**Moral sem Deus, religião sem Cristo e sem Igreja, humanismo sem noção autêntica do homem, não podem conduzir a bom porto. Que nossa fé nos preserve destes erros fatais e que em nossa busca de perfeição pessoal e social esta fé continue a nos ser sempre luz e guia.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **24 DE JULHO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

**O homem está em busca de si mesmo. Quer tomar consciência de si. Quer dar à existência uma expressão sua, que sempre denomina de nova, e por vezes de livre, integral, poderosa, original, pessoal, autêntica... Falou-se de super-homem e de vida heróica. Outros o definiram de preferência sob o aspecto biológico e zoológico.**

**A antropologia está em discussão em todos os níveis. É agora o tema principal da discussão científica, filosófica, social, política e até religiosa. Que é o homem? Que tipo de homem podemos considerar ideal? Volta a antiga pergunta de Sócrates: "Eu te pergunto: que é um santo?"**

**Em simples conversa como esta apresentemos apenas a questão, não decerto para tratar dela e resolvê-la, mas só para chamar nossa atenção para esse tema central da problemática contemporânea. E para por em evidência hoje uma dificuldade proveniente de nossa qualidade de cristãos. Não nos referimos agora àquela dificuldade já mencionada, do teocentrismo, isto é, da posição central que Deus ocupa no conceito da vida cristã, em confronto à auto-idolatria moderna, com o antropocentrismo. Não nos referimos agora ao conceito humanístico e profano que coloca o homem no centro de tudo.**

**Falamos antes na atividade penitencial que se acha no limiar da participação ao "reino dos céus" (Mt 3,2) e que se chama metánoia, conversão, a saber, mudança profunda e atuante dos pensamentos, dos sentimentos, da conduta, a qual obriga a certa abnegação de si mesmo, e que acompanha tanto o aprendizado como a observância das normas cristãs. Esta atitude requer renúncias por vezes muito pesadas, como os votos religiosos. Infunde no fiel com seu grande, mas salutar sacrifício, o senso do pecado. Exige vigilância quanto aos perigos e tentações que espreitam o curso da vida a cada passo. Traça como caminho do homem a via estreita, como sendo a única que conduz à salvação (Mt 7,13-14). Requer uma imitação do Cristo nada fácil, e impele até à exaltação de sua cruz, e a certa participação no seu sacrifício. A vida cristã tem em grande conta a abnegação, a mortificação, a penitência.**

**O cristianismo não confia no humanismo naturalista. Sabe que o**

**homem é um ser ferido desde sua origem, que traz na complexa riqueza de suas faculdades, desequilíbrios extremamente perigosos, necessitando de austera e permanente disciplina. Para viver bem o cristianismo, são necessárias constantes reparações, reformas periódicas repetidas renovações. A vida cristã não é mole nem fácil, não é cômoda e formalista, não é cegamente otimista, moralmente acomodante e abúlica, é alegre, mas não gozadora.**

**É este o aspecto que se opõe mais à mentalidade moderna, que aspira a uma vida plena, cômoda, espontânea, gozadora. Considera o cristão como um ser inibido e escrupuloso, fora das experiências mais fortes, que costumam ser as das paixões livres, estranho às correntes impetuosas da moda, despida de preconceitos tanto no pensamento como na conduta. Segundo esse difundido modo de pensar, o cristianismo pode ser apreciável sob o aspecto humanístico, pela interioridade de suas raízes operativas, ou pela simpatia para com o sofrimento inerme e angustiado do homem, ou pelo espírito de iniciativa, a que dá origem em favor da igualdade e da fraternidade humana, mas não, por seus dogmas religiosos e muito menos por seu caráter penitencial. O homem moderno é orientado para a vida sem renúncia e sem dor, para a vida sadia, higiênica, gozadora e feliz.**

**Filhos caríssimos, aceitemos esse contraste, especialmente na irreduzível oposição de seus princípios. Não podemos esquecer a palavra do Mestre, quando comentava uma desgraça acontecida, a queda da torre de Siloé, com a morte de dezoito pessoas: "Se não fizerdes penitência, perecereis todos do mesmo modo" (Lc 13,4-5).**

**Em todo o Evangelho ressoa este estribilho da abnegação de si mesmo, da contribuição, da correção de certas tendências pessoais, desordenadas, da penitência e da expiação. Abre ao cristianismo suas primeiras conquistas (At 2,38; 11,18; 17,30). Ressoa fortemente e por vezes de modo bem lúgubre, em certas expressões do cristianismo medieval. Chega até nossos tempos especialmente com certas observâncias do jejum quaresmal. O Concílio Ihe faz eco. Perde seus tons mais rigorosos e formais na recente Constituição Poenitemini, mas para reafirmar-se em indulgentes expressões consoante às condições da vida moderna, não menos exigentes em seu espírito e em algumas formas hoje mais práticas, mas sempre sensíveis e sinceras.**

**A necessidade de orientar resolutamente a própria vida para Deus e**

para sua vontade, a necessidade do domínio de si e da purificação da própria vida, a razão de ser de uma escolha fundamental que dê norma e valor moral à própria conduta, a íntima e premente exigência de reparar as próprias faltas, a secreta atração por aproximar-se da cruz de Cristo, e completar na própria carne seus sofrimentos (Col 1,24), dão ainda hoje, onde quer que o Evangelho seja compreendido e vivido, um lugar insubstituível à penitência na imagem ideal do homem novo, do homem verdadeiro, do homem em busca de perfeição.

Não deve ser impossível nem mesmo difícil ao homem moderno compreender esta necessidade. O homem esportivo, por exemplo, oferece a São Paulo um argumento que do campo físico passa ao espiritual, e que, por conseguinte, pode refluir do campo espiritual ao campo prático da vida corrente: "Todos os atletas se impõem rigorosa abstinência" (1 Cor 9,24-27). As coisas fortes, as coisas grandes, as coisas belas, as coisas perfeitas são difíceis e exigem renúncia, esforço, engajamento, paciência, sacrifício. A penitência cristã é para o homem novo e perfeito. Ela exerce um papel importante. É funcional. Não é fim para si mesma. Não diminui o homem. É uma arte para que restaure sua primeira fisionomia original, aquela que reflete a imagem de Deus, como Deus havia concebido o homem ao criá-lo (Gen 1,26-27). Seu fim é imprimir na face humana, depois da aflição da penitência, o esplendor pascal de Cristo ressuscitado. Este é o nosso humanismo.

Parece paradoxal. Mas nosso humanismo vence a grotesca deformação da beleza humana procurada na "dolce vita". Cicatriza as feridas e enxuga as lágrimas com que a dor regou a face do homem. Dá novamente à nossa vida a segurança, que ela mais reclama e que mais lhe falta a da perfeição da imortalidade.

"Quem tiver ouvido para ouvir, que ouça", diz o Senhor (Mc 4,23; Mt 19,12).

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



#### **4 DE AGOSTO DE 1968. AO ÂNGELUS EM CASTEL GANDOLFO.**

O ensinamento de nossa encíclica *Humanae Vitae* teve numerosos ecos, e a nosso conhecimento, nunca tantos como nesta ocasião chegaram ao papa, provenientes de todas as partes do mundo, e de todos os meios, tantas mensagens de agradecimento e de aprovação pela publicação de semelhante documento. Se afirmamos, isto é para agradecer cordialmente a todos aqueles que acolheram nossa encíclica e nos testemunharam sua adesão. Que o Senhor os abençoe!

Sabemos também que numerosos são aqueles que não apreciaram nosso ensinamento, muitos mesmo lhe são hostis. Em certo sentido podemos compreender esta incompreensão e hostilidade. Nosso ensinamento não é fácil e vai de encontro a um costume que se difunde, hoje, como cômodo e aparentemente favorável ao amor e equilíbrio na família.

Queremos ainda lembrar que a lei que reafirmamos não é nossa, mas é aquela das estruturas da vida, do amor e da dignidade humana. Isto significa que ela deriva da lei de Deus. Não é uma lei que ignora as condições sociológicas e demográficas de nosso tempo. Não é em si, como alguns parecem supor, contrária a uma limitação razoável da natalidade. Nem às pesquisas científicas e aos tratamentos terapêuticos e ainda menos à paternidade realmente responsável, muito menos à paz e harmonias familiares. É apenas uma lei moral exigente e severa, sempre válida hoje, que proíbe o uso de meios cujo fim é impedir a procriação, degradando assim a pureza do amor e missão da vida conjugal.

Falamos em virtude de nosso cargo e por caridade pastoral. Dirigimos uma saudação paternal a todos os esposos e a todas as famílias que procuram e encontram na ordem querida por Deus sua força moral e sua verdadeira felicidade. De todo o coração lhes damos nossa bênção e a vós todos, ao mesmo tempo, como uma sociedade fundada sobre costumes cristãos.

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)





## **23 DE AGOSTO DE 1968. DISCURSO PRONUNCIADO EM BOGOTÁ.**

**É às categorias mais numerosas e mais representativas que compõem esta assembléia, que dirigimos algumas palavras para responder à objeção possível de ser suscitada no espírito de todos: Será que basta só a caridade? Será o amor capaz e suficiente para soerguer o mundo, para triunfar das dificuldades inúmeras e multiformes que se opõem ao desenvolvimento de transformação e regeneração da sociedade, tal qual se nos é apresentada hoje pela história, pela etnografia, a economia, a política e a organização do poder público? Em face ao mito atual da eficiência do temporal, estamos realmente seguros de que a caridade não é uma ilusão ou uma alienação?**

**Devemos responder sim e não. Sim, a caridade é necessária e suficiente como princípio de propulsão do grande fenômeno de renovação do mundo defeituoso em que vivemos. Não, a caridade não basta, se não passa de pura teoria, verbal e sentimental, se não leva após si outros valores, em primeiro lugar a justiça que é o mínimo de caridade e outros coeficientes, que tornem prática, eficaz e concreta a ação inspirada e mantida pela caridade, no domínio tão diversamente específico das realidades humanas e temporais.**

**Sabemos bem que no momento em que o papa visita pela primeira vez este continente, essas realidades passam por uma crise profunda aqui na América Latina, verdadeiramente histórica, revestindo muitos e até excessivos aspectos inquietantes e aflitivos.**

**Pode o papa ignorar tal inquietude? Não seria falha uma das metas de sua viagem, se voltasse a Roma sem ter tocado seriamente no ponto central do problema que suscita esta angústia?**

**Muitos, especialmente entre os jovens, insistem sobre a necessidade de mudar sem tardança as estruturas sociais, que segundo eles se opõem à instauração de condições realmente justas para os indivíduos e para as comunidades. Alguns concluem até que o problema capital da América Latina não pode ser resolvido senão pela violência.**

**Com a mesma lealdade que nos obriga a reconhecer que tais teorias**

**e tais práticas encontram muitas vezes sua motivação última em nobres impulsos de justiça e de solidariedade, devemos dizer e reafirmar, entretanto, que a violência não é evangélica nem cristã e que as mudanças bruscas e violentas de estruturas seriam ilusórias, ineficazes mesmo, e não conforme à dignidade do povo. Esta dignidade exige, com efeito, que transformações necessárias se realizem a partir de dentro, graça a uma tomada de consciência, a uma preparação adequada, e à participação efetiva de todos, participação esta que as condições atuais de vida, muitas vezes desumana, e a ignorância, impedem de efetivar. Por conseguinte, a nosso critério, o fecho de abóboda neste problema fundamental da América Latina se acha num esforço duplo, simultâneo, conjugado e reciprocamente benéfico: de uma parte, certo, proceder à reforma das estruturas sociais, mas a uma reforma gradativa, possível de ser assimilada por todos, de outra parte, que aliás irá de par, impõe a necessidade de empreender uma ação vasta e paciente, tendente a favorecer a "maneira de ser homens" para a grande maioria dos que vivem na América Latina. Ajudar a cada um a tomar consciência plena de sua própria dignidade, a desenvolver sua personalidade na comunidade de que é membro, a ser pessoa consciente de seus direitos e deveres, a tornar-se livremente elemento válido para o progresso econômico, cívico e moral da sociedade, eis a grande tarefa prioritária que se impõe e sem a qual toda mudança brutal das estruturas sociais seria um subterfúgio inútil, efêmero e perigoso.**

**Essa tarefa, bem o sabeis, se traduz concretamente em toda atividade, suscetível de favorecer a promoção integral do homem, e sua integração efetiva na comunidade: alfabetização, educação de base, educação permanente, formação profissional, formação da consciência cívica e política, organização metódica dos serviços materiais, indispensáveis ao desenvolvimento normal da vida individual e coletiva na época moderna.**

**Podemos esperar que estes graves problemas sejam meditados e apreciados em seu justo valor, à luz do mistério de caridade que estamos celebrando? Caros filhos da América Latina, podemos esperar que sereis capazes de haurir deste mistério a força necessária e eficaz, para que cada um de vós apresente sua justa e urgente contribuição para solucionar estes problemas? O papa espera isso. O papa confia em vós.**

**De nossa parte, queremos repetir diante de vós que representais todas as classes sociais da América Latina, a nossa resolução que é**

**de perseguir, com novo impulso e com todos os meios possíveis, o esforço para atingir os objetivos que acabamos de enumerar e que tínhamos já proclamado ao mundo na encíclica Populorum Progressio.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **24 DE AGOSTO DE 1968. DISCURSO DE ABERTURA DA II CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA EM BOGOTÁ.**

O futuro reclama um esforço, muita audácia e sacrifício, que lançam a Igreja numa profunda ansiedade. Estamos num momento de reflexão total. Sentimos entrar em nós como uma vaga que nos submerge, a inquietude característica de nosso tempo, especialmente destes países, voltados para seu completo desenvolvimento e agitados pela consciência de seus desequilíbrios econômicos, sociais, políticos e morais.

Os pastores da Igreja - não é verdade? - também incorporam esta ansiedade das populações, nesta fase da história da civilização. Também eles, profetas da fé e da graça, guias e mestres, tomam consciência da instabilidade que nos ameaça a todos.

Irmãos também nós partilhamos de vosso sofrimento e de vossa perplexidade. Do alto da barca mística da Igreja sentimos nós também a tempestade que nos circunda e assalta, e isto de maneira não menos aguda. Mas escutai de nossos lábios, irmãos, vós que sois pessoalmente mais fortes e mais capazes do que nós, a palavra que Jesus bradou a seus apóstolos, que navegavam, quando apareceu sobre as ondas. encapeladas, naquela noite cheia de perigos: "Sou eu, não tenham medo!" (Mt 14,27). Sim, nós queremos repetir o brado que emitiu o Mestre: "Não tenham medo!" (Lc 12,32). Para a Igreja este é um momento de coragem e de confiança no Senhor.

Permiti-nos condensar brevemente em algumas palavras os numerosos desejos que temos no coração em relação a vós, sobre o momento atual e o futuro próximo. Limitar-nos-emos a indicar uma tríplice orientação para vossa atividade de bispos, sucessores dos apóstolos, guardas e mestres da fé, e pastores do povo de Deus.

Primeiramente uma orientação espiritual. Queremos acentuar uma orientação espiritual pessoal.

Ninguém certamente irá contestar o fato de nós bispos, chamados ao exercício pia perfeição e santificação dos outros, termos o dever imanente e permanente de procurar para nós próprios a perfeição e

**a santificação. Não podemos olvidar as exortações solenes que nos foram dirigidas, no dia de nossa consagração episcopal. Não podemos dispensar-nos da prática de uma intensa vida interior. Não podemos anunciar a palavra de Deus, sem que antes a tenhamos meditado no silêncio da alma. Não podemos ser fiéis dispensadores dos mistérios divinos, sem que estejamos primeiro repletos de sua riqueza. Não podemos entregar-nos ao apostolado, se não soubermos apoiá-lo no exemplo de virtudes cristãs e sacerdotais. Somos muito observados: Spectaculum facti sumus mundi (1 Cor 4,9). O mundo nos observa hoje, de maneira particular no que concerne à pobreza, à simplicidade de vida, e ao grau de confiança que colocamos para nosso uso nos bens temporais. Os anjos também nos observam na transparente pureza de nosso amor único pelo Cristo, que se manifesta de maneira tão luminosa, portanto, também na firme e alegre observância de nosso celibato sacerdotal. A Igreja nos olha também quanto à fidelidade e comunhão, que nos une e quanto às leis que devemos sempre evocar de sua estrutura visível e orgânica.**

**Bendito seja este tempo atormentado e paradoxal que nós vivemos. Obriga-nos, por assim, dizer à santidade correspondente à nossa missão, tão representativa e tão cheia de responsabilidade, que nos obriga a recuperar na contemplação e na ascese, própria aos ministros do Espírito Santo, o íntimo tesouro de personalidade de que nos privaria a dedicação extremamente exaustiva aos deveres de nosso múnus.**

**Acresce ainda que, fazendo a ponte entre nós e nosso rebanho, as virtudes teológicas assumem soberana importância, para cada um de nós e para nosso próximo.**

**Convidamos a Igreja a celebrar um "Ano de Fé", em recordação e homenagem pela volta da comemoração centenária do martírio dos santos apóstolos Pedro e Paulo, e como aos demais, também a vós chegou o eco de nossa profissão solene de fé. A fé é o fundamento, a raiz, a fonte a razão primeira de ser da Igreja, sabemos-lo muito bem. Sabemos também o quanto ela é ameaçada hoje pelas correntes mais subversivas do pensamento moderno. A desconfiança que se espalhou, até nos meios católicos, sobre a validade dos princípios fundamentais da razão, a saber, de nossa philosophia perennis, nos desarmou diante dos ataques, muitas vezes radicais e capciosos, de certos pensadores em moda. O "vazio" deixado nas escolas filosóficas, pelo abandono da confiança**

**nos grandes mestres do pensamento cristão, é, muitas vezes, preenchido pela aceitação superficial e quase servil de filosofias em moda, por vezes tão simplistas como esquisitas. Estas abalaram nossa maneira normal, humana, sábia de pensar a verdade. Somos tentados pelo historicismo, pelo relativismo, pelo subjetivismo, pelo neopositivismo. Introduzem no domínio da fé um espírito de crítica subversiva e falsa persuasão, isto é, que para aproximar e evangelizar os homens de nosso tempo, devemos renunciar ao patrimônio doutrinal acumulado desde séculos pela Igreja, e podemos assim - menos no uso de mais clareza na expressão do que alterando o conteúdo dogmático modelar um cristianismo novo, sobre a medida do homem e não sobre a medida da palavra autêntica de Deus.**

**Infelizmente, alguns teólogos mesmo entre nós, não estão no bom caminho. Temos grande estima e muita necessidade da função de bons e valorosos teólogos. Podem ser pesquisadores providenciais, fazer excelentes exposições da fé, se se mantiverem no quadro de inteligentes discípulos do magistério eclesiástico, constituído pelo Cristo, guarda e intérprete de sua mensagem de verdade, pela virtude do Espírito Santo.**

**Mas hoje alguns deles recorrem a expressões ambíguas de doutrina. Outros se arrogam a permissão de emitir opiniões, que lhes são próprias, às quais conferem a autoridade que eles mesmos contestam, mais ou menos abertamente, àquele (o papa) que de direito divino, possui este carisma cuidadosamente guardado e respeitado. Chegam até a admitir que cada um na Igreja pode pensar e crer como quer, retomando assim o livre exame, que quebrou a unidade desta mesma Igreja, e confundindo a legítima liberdade da consciência moral com a liberdade de pensamento, mal entendida e por vezes aberrante, falta de conhecimento suficiente das verdades religiosas autênticas.**

**Espero que não vos aborreça, veneráveis irmãos, constituídos vós mesmos mestres e pastores do Povo de Deus, exortando-vos desta maneira, em virtude do mandato imposto a Pedro pelo Cristo, de "confirmar seus irmãos" (Lc 22,32) e repetindo-vos pela voz mesma de Pedro: "Permanecei firmes na fé" (1 Pdr 5,9).**

**Compreendeis que deste princípio derivam outros critérios de vitalidade espiritual, duplamente benéficos: para nós e para o rebanho que nos foi confiado. Indicaremos os principais. Os Atos**

**dos Apóstolos no-los evocam: a oração e o ministério da palavra (At 6,4). Vós sois sobejamente instruídos a este respeito.**

**Mas permiti-nos que vos recomendemos, no que toca à oração, a aplicação da reforma litúrgica, em suas belas inovações e nas regras que a regem, mas especialmente em sua finalidade principal, e em seu espírito: purificar e tornar autêntico o verdadeiro culto católico, fundado no dogma e consciente do mistério pascal, que encerra, renova e comunica. Associar o Povo de Deus à celebração hierárquica e comunitária dos veneráveis ritos da Igreja, ao da missa, que acompanhará com profunda e familiar compreensão, numa atmosfera de simplicidade e de beleza (especialmente vos recomendamos o canto sacro, litúrgico e coletivo), exercendo assim de maneira não somente formal, mas sincera e cordial, a caridade fraterna.**

**Quanto ao ministério da palavra, tudo o que for desempenhado em vista da instrução religiosa dos fiéis, instrução popular e cultural, orgânica e perseverante, será bem recebido. Não devemos mais ver o "analfabetismo" religioso entre nossas populações católicas.**

**Será bem recebido igualmente todo exercício da pregação ou da instrução, de que vós os bispos, seja individualmente, seja em grupos canonicamente constituídos, quereis beneficiar o Povo de Deus. Falai, falai, pregai, escrevei, tomai posição, em harmonia de planos e metas, para a defesa e ilustração das verdades da fé, sobre a atualidade do Evangelho, sobre as questões que interessam à vida dos fiéis e à defesa dos costumes cristãos, sobre os métodos que conduzem ao diálogo com os irmãos separados, sobre os dramas, por vezes grandiosos e belos, por vezes sinistros e perigosos, da civilização contemporânea. A constituição pastoral do Concílio Gaudium et Spes oferece ensinamentos e incentivos de grande riqueza e de alto valor.**

**Enfim eis-nos chegados à orientação pastoral, que nos propusemos apresentar à vossa atenção. Estamos no domínio da caridade. O que já dissemos pode servir para traçar as primeiras linhas desta orientação, que por sua natureza deve se exercer em diversas direções concretas, segundo as exigências da caridade.**

**Parece-nos, porém, oportuno lembrar a este respeito dois pontos de doutrina. O primeiro é a dependência da caridade para com o**

**próximo, em relação à caridade para com Deus. Vós não ignorais o ataque que esta doutrina sofre em nossos dias, tão clara e incontestavelmente derivada do Evangelho. Querem "secularizar" o cristianismo, deixando de lado sua referência essencial à verdade religiosa, à comunhão sobrenatural com a inefável e generosa caridade de Deus para com os homens, e ao dever do homem de responder a ela, e ousar amar a Deus chamando-o de Pai, para poder assim chamar de irmãos os outros homens. Querem chegar assim a libertar o cristianismo desta "forma de neurose que é a religião" (Harvey Cox), a banir toda a preocupação teológica, a dar ao cristianismo uma nova eficácia, inteiramente pragmática, a única a poder medir sua verdade e torná-la aceitável e operante na civilização moderna, profana e tecnológica.**

**O outro ponto doutrinal concerne à Igreja que dizem institucional, para lhe oporem outra que chamam de carismática. A primeira comunitária e hierárquica, visível e responsável, organizada e disciplinada, apostólica e sacramental, seria uma expressão já superada do cristianismo. A outra, ao contrário, espontânea e espiritual, seria capaz de interpretar o cristianismo para o homem adulto da civilização contemporânea e de responder aos problemas reais e urgentes de nosso tempo.**

**Não é para vós que o "Espírito Santo estabeleceu como bispos para apascentar a Igreja de Deus" (At 25,28) que temos necessidade de fazer a apologia da Igreja, tal qual a fundou o Cristo, e tal qual a Tradição fiel e coerente no-la transmite, ainda em nossos dias, em suas linhas constitucionais, que descrevem o verdadeiro Corpo místico de Cristo, vivificado pelo Espírito de Jesus. Basta-nos reafirmar nossa certeza da autenticidade e da verdade de nossa Igreja uma só, santa católica e apostólica, propondo-nos conformar sempre mais à missão de salvação, que lhe foi confiada pelo Cristo, sua fé, sua espiritualidade, sua aptidão em unir e salvar a humanidade (tão diversa em suas múltiplas condições, e agora tão flutuante), sua caridade, enfim, que compreende tudo e tudo suporta (1 Cor 13). Faremos em seguida um esforço de inteligência e amor para compreender tudo o que há de bom e de admissível, nas formas inquietas e muitas vezes aberrantes, de interpretação da mensagem cristã, para purificar sempre mais nossa profissão cristã e reconduzir estas experiências espirituais - que se chamem "seculares" ou "carismáticas" - na linha da verdadeira regra eclesial.**

**Estas considerações nos levam a recomendar à vossa caridade**



**pastoral, certas categorias de pessoas, sobre as quais se volta nosso pensamento com ternura. Apenas as indicaremos, como nos obriga o interesse apostólico comum, que nos anima em relação a elas, certamente não para falar de tal interesse, tanto quanto merecem. Sabemos que estão já presentes à consideração desta assembléia, e nós não desejamos senão incentivar vossos trabalhos.**

**A primeira categoria destas pessoas são os padres. Que nos seja permitido dirigir-lhes afetuoso pensamento, deste lugar, neste instante presente. Os padres estão presentes em nosso espírito e em nossa lembrança todo o tempo. Também são objeto de nossa estima e de nossa confiança. Eles o são também na visão concreta da atividade da Igreja: são vossos primeiros e indispensáveis colaboradores, os mais diretos e os mais engajados "dispensadores dos mistérios de Deus" (1 Cor 4,1), isto é, da palavra, da graça e da caridade pastoral. São os modelos vivos da imitação do Cristo, são conosco os primeiros a participar do sacrifício do Senhor, são nossos irmãos e nossos amigos (Jo 15,15): devemos encorajá-los e os estimar muito. Se um bispo concentrasse seus cuidados mais assíduos, mais inteligentes, mais tolerantes e cordiais em formar, assistir, escutar e guiar, instruir, encorajar e advertir seu clero, ele teria feito um bom emprego de seu tempo, de seu coração, de sua atividade.**

**Que se tenha o cuidado de assegurar aos conselhos presbiterais e pastorais, a estabilidade e a missão que o Concílio quis. Que se previna prudentemente e com paternal compreensão e caridade, todo pronunciamento irregular e indisciplinado do clero. Que se cuide de o interessar às questões do ministério diocesano: que se ocupe de sua assistência em suas necessidades. Toda solicitude seja canalizada ao esforço de recrutamento e formação de alunos para seminários. Religiosos e religiosas sejam associados à atividade pastoral, conforme suas aptidões e possibilidades. Concentrando no clero nossas preocupações, estaremos certos de que o método produzirá o fruto que se espera: uma Igreja viva, santa, ordenada e florescente, em toda a América Latina.**

**Em seguida, veneráveis irmãos, indicamos à vossa sabedoria e caridade os jovens e estudantes. Nosso discurso não acabaria, se quiséssemos dizer algo sobre este tema. Que vos seja suficiente saber que o assunto nos parece de sumo interesse, e que o consideramos de grande atualidade. Enfim vós estais bem**

**conscientes disso.**

**Afinal eis-nos levados a falar-vos de uma segunda categoria de homens, a vo-la recomendar, cone não menos calor, sejam eles de vossos fiéis ou não: os trabalhadores, tanto rurais como industriais ou assimilados.**

**Chegamos assim à terceira orientação que oferecemos à vossa consideração: a orientação social.**

**Lembremo-nos de que a Igreja, nestes últimos anos de sua secular tarefa de animadora da civilização, elaborou uma doutrina social, exposta em memoráveis documentos que faremos bem estudar e divulgar. As encíclicas sociais do pontificado romano e os ensinamentos do episcopado mundial, não devem ser esquecidos nem privados de aplicação prática. Não nos julgueis parcial, se lembramos agora a mais recente das encíclicas sociais, a que trata do desenvolvimento dos povos, *Populorum Progressio*. Muitos de vossos próprios documentos mereceriam também menção particular, tal como a "Declaração da igreja boliviana", de fevereiro último, assim como a de novembro de 1967, do episcopado do mundo brasileiro, intitulada "Missão da hierarquia no mundo de hoje", citamos também a conclusão do "seminário sacerdotal", realizada no Chile em outubro e novembro de 1967. Também a carta pastoral do episcopado mexicano, sobre o desenvolvimento e integração do país, publicada no primeiro aniversário da encíclica *Populorum Progressio*. Evocamos igualmente a ampla carta dos provinciais jesuítas, reunidos no Rio de Janeiro no mês de maio deste ano, e o documento dos padres salesianos de toda a América Latina, reunidos recentemente em Caracas.**

**Os testemunhos dados pela Igreja, sobre a verdade no terreno social, não faltam: façamos com que às palavras correspondam os fatos. Não somos técnicos, mas somos pastores que devemos promover o bem dos fiéis e estimular o esforço de renovação em ato, nos países em que se exerce nossa missão respectiva.**

**Nosso primeiro dever neste domínio é afirmar os princípios, observar, assinalar as necessidades, declarar os valores prioritários, apoiar os programas sociais e técnicos realmente úteis, e que trazem o cunho da justiça, no seu esforço para a instauração de uma ordem nova, e em vista do bem comum, formar padres e leigos no**

**conhecimento dos problemas sociais, orientar leigos bem preparados para o grande trabalho de sua solução: tudo isto considerado à luz do cristianismo, que coloca o homem em primeiro lugar e todos os demais bens e valores subordinados à sua promoção total no tempo e à sua salvação na eternidade.**

**Ternos também deveres a cumprir. Estamos informados dos gestos generosos executados em algumas dioceses, que colocaram à disposição das populações necessitadas as propriedades de terra, que possuíam ainda, conforme planos bem estudados de reforma agrária, em vias de aplicação. É um exemplo digno de louvor e mesmo de imitação, lá onde será prudente e possível.**

**De toda a forma a Igreja se encontra hoje diante da vocação de pobreza, que era a do Cristo. Há na Igreja aqueles que já experimentam o desconforto que ela comporta, por falta, por vezes, de alimento e de recursos. Sejam eles reconfortados e ajudados por seus irmãos e pelos generosos fiéis, e sejam assim abençoados. A indigência da Igreja, na digna simplicidade de suas formas, é um testemunho de fidelidade ao Evangelho. Esta pobreza é a condição por vezes indispensável, de crédito em sua própria missão. É um exercício sobre-humano- da liberdade de espírito, ante os vínculos da riqueza, liberdade esta que proporciona ao apóstolo um suplemento de fortaleza.**

**Fortaleza? Sim porque nossa força está no amor. O egoísmo, o cálculo administrativo, destacado das finalidades religiosas e caritativas, a avareza, a ganância de possuir, considerada como um fim em si, o bem-estar supérfluo: tudo isto é obstáculo ao amor, é finalmente uma fraqueza, uma incapacidade ao dom de si mesmo, ao sacrifício. Superemos estes obstáculos, deixemos que o amor governe nossa missão de reconforto e de renovação.**

**Se devemos favorecer todo esforço honesto, dispendido na promoção, transformação e elevação dos pobres e de todos os que vivem em condições de inferioridade humana e social, e se não podemos solidarizar-nos com sistemas e estruturas que cobrem e favorecem as graves e deprimentes desigualdades de classes entre os cidadãos de um mesmo país, sem pôr em dia um plano efetivo, para remediar as condições insuportáveis de inferioridade de que sofre a população menos favorecida, repetimos ainda: não será o ódio, nem a violência, que constituem a força de nossa caridade.**

**Entre os diversos caminhos para uma regeneração social justa, não podemos escolher nem a via marxista atéia, nem a da revolta sistemática, muito menos a do sangue e da anarquia. Distingamos nossas responsabilidades, daquelas que fazem da violência um nobre ideal, um glorioso heroísmo, uma complacente teologia. Para reparar os erros do passado e curar os do presente, não cometamos novos erros: seriam contra o Evangelho, contra o espírito da Igreja, e contra os próprios interesses do povo, contra o gênio feliz do momento presente, que é o da justiça em marcha para a fraternidade e a paz.**

**A transformação profunda e de grande envergadura de que, em múltiplas situações e ainda hoje, a sociedade tem urgência, havemos de a promover, amando mais insistentemente e ensinando a amar, com energia, sabedoria, perseverança, em atividades práticas, com confiança nos homens, seguros da ajuda paternal de Deus, e da força íntima do bem. O clero já nos compreende. Os jovens nos seguirão. Os pobres acolherão de boa vontade a boa-nova. Mister se faz esperar que os agentes econômicos e políticos, que já entrevêm o caminho justo, não façam o jogo de freios, mas de estimulantes na vanguarda.**

**Pudemos dizer em nossa recente encíclica, uma grave, excelente palavra pela defesa da honestidade, do amor e da dignidade do matrimônio. A grande maioria da Igreja a acolheu com fervor e confiante obediência, não sem compreender que a regra acentuada por nós, comporta um sentido moral rigoroso, e intrépido espírito de sacrifício. Deus abençoará esta digna atitude cristã. Não se trata de uma corrida cega à superpopulação. Não diminui nem a responsabilidade nem a liberdade dos esposos, aos quais não impede uma razoável e honesta limitação de nascimentos. Não condena o uso de meios terapêuticos legítimos nem o progresso na pesquisa científica. Trata-se de uma educação ética e espiritual, coerente e profunda. Só exclui o uso de meios que profanam as relações conjugais, e que tendem a resolver os grandes problemas da população por meio de fáceis expedientes. No fundo é uma apologia da vida, que é dom de Deus, glória da família, força do povo.**

**Nós vos exortamos, Irmãos, a compreender bem a importância da delicada e difícil posição que, em homenagem à lei de Deus, estimamos como dever nosso reafirmar. Pedimo-vos ponhais em ação toda a vossa solicitude pastoral e social possível, para que**

**esta posição seja mantida como convém, por aqueles aos quais anima um verdadeiro sentido humano.**

**E Deus queira que a própria discussão suscitada pela encíclica conduza a uma melhor consciência da vontade de Deus, a um modo de agir sem reservas e que, nestas grandes dificuldades pastorais e humanas, possamos desempenhar nosso serviço para o bem das almas, com o coração do Bom Pastor.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **28 DE AGOSTO DE 1968. AUDIÊNCIA ESPECIAL AOS LAUREADOS DA AÇÃO CATÓLICA EM CASTEL GANDOLFO.**

Queremos propor a vossa erudita meditação e a uma profunda reflexão vossa, o problema apresentado algumas vezes de maneira muito desmedida, pelas situações de angústia, das quais acontece sermos espectadores e atores. Será que o homem moderno pode, de fato, manter honestamente a convicção de que Deus representa para nós uma "alienação?" Será que somente rejeitando a Deus, é que se pode chegar a conhecer a plenitude de liberdade e de responsabilidade que nos permitiria empreender com êxito a "construção" do mundo e da história? Ou, pelo contrário, não deveríamos confessar que é precisamente a ausência e a negação de Deus - profundamente do ser, da verdade, da moralidade e de todos os valores - que "alteram" o homem, destruindo-lhe o equilíbrio essencial para precipitá-lo no egoísmo desumanizado, tecnocrata e opressor, e finalmente para o confinar numa contestação total e absurda? Lembremo-nos hoje, na festa de santo Agostinho, das famosas palavras que dirigia a Deus: "Senhor, tu nos fizeste para ti e nosso coração está inquieto enquanto não achar repouso em ti. Fecisti nos ad te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te".

Não negamos que, por vezes, não é Deus, mas a idéia que os homens fazem dele, que pode conduzir a uma evasão fácil, enquanto o Ser supremo é a fonte do mais sublime ideal. Seguramente tal idéia pode e deve tornar-se mais clara, para que seja menos inadequada à indizível realidade que exprime. Certo, para chegar à representação e à presença de Deus no pensamento e na vida do homem de hoje, é preciso levar em consideração os condicionamentos tecnológicos, as mutações culturais, as mudanças que se produzem nas estruturas psicológicas individuais e coletivas. Mas acentuamos que isto não deve induzir-nos ao subjetivismo, ao relativismo, ao historicismo ou ao ceticismo, nem tampouco a um humanismo fechado ou a um secularismo estéril. Estas posições espirituais, sejam errôneas, sejam pelo menos, insuficientes, não podem garantir de maneira que não seja nem equívoca nem efêmera, a aquisição dos bens pessoais e comunitários aos quais aspira constantemente a humanidade. Não podem encontrar segurança real senão com referência a Deus.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **18 DE SETEMBRO DE 1968. AUDIÊNCIA.**

**Alguns pensam que o Concílio já está superado. Não retendo dele senão o impulso reformador, sem se ocuparem do que decidiram estas solenes assembléias da Igreja, estas pessoas querem ir além. O que têm em vista não são mais as reformas, mas transtornos e agitações. Elas julgam poder permitir-se estas desordens, que consideram tanto mais geniais quanto menos fiéis e menos em harmonia com a tradição, atingindo, portanto, a vida da Igreja, e que consideram tanto mais inspiradas, quanto mais em desacordo com a autoridade e com a disciplina da Igreja, e tanto mais admissíveis, quanto mais se adaptarem à mentalidade e à maneira de viver do mundo atual.**

**Este espírito de crítica corrosiva tornou-se moda em certos domínios da vida católica. Assim, certos jornais e revistas parecem não ter outra finalidade senão a de darem informações capciosas sobre os acontecimentos referentes à Igreja ou sobre pessoas que dela fazem parte. Frequentemente apresentam estas informações de maneira unilateral, chegando por vezes a deformá-las e torná-las dramáticas a fim de atraírem atenção e aguçar a curiosidade. Acostumam assim os leitores a perderem o senso de um juízo sereno e objetivo, para acomodá-los a uma atitude de suspeita, de desconfiança sistemática, a um desdém preconcebido para com pessoas, instituições e atividades da Igreja. Fazendo isso, incitam seus leitores e adeptos a deporem o respeito e a solidariedade, que todo bom católico e até todo leitor honesto devia ter para com a comunidade cristã e para com a autoridade eclesiástica. Não é a preocupação de dar informação exata e completa, nem o desejo de exercer a correção fraterna, onde esta é justificada, mas o gosto pelo sensacional, o atrativo da denúncia e da contestação, é que guiam certos jornalistas. Semeiam a inquietude e a rebeldia nas almas de tantos bons católicos e até de certos padres, sem falar de tantos jovens ardorosos.**

**Assim aparece uma estranha mentalidade, que um eminente professor protestante, numa conversação particular, qualificava de mentalidade de medo. Medo estranho para certos católicos que receiam estar atrasados no movimento das idéias. Medo que os leva a se alinharem sem mais com o espírito do mundo e a adotar com simpatia as idéias atuais, muitas vezes as mais opostas à tradição**



**da Igreja. E muitas coisas que, na minha opinião, dizia o professor, não estão conformes ao espírito de Evangelho.**

**Que dizer diante de acontecimentos recentes, como a ocupação de catedrais, a aprovação de filmes inadmissíveis, os protestos coletivos e deliberados contra nossa recente encíclica, a propaganda em favor da violência política para fins sociais, o conformismo e as manifestações anárquicas de constestações globais e os atos de intercomunhão contrários a uma justa linha ecumênica? Onde a lógica e a dignidade próprias aos verdadeiros cristãos? Onde o sentido da responsabilidade para com a profissão de fé católica, nossa e dos demais? Onde o amor à Igreja?**

**O amor à Igreja! Queremos supor que ainda não esteja morto para muitas pessoas que se dizem católicas e se apóiam no Cristo. Se verdadeiramente o amam e querem de fato viver seu Evangelho, a convergência na caridade devia estar sempre em ação e colocar-se em evidência, afirmando-se com uma alegria que muitas vezes nos falta. A convergência da caridade se dá na Igreja que, animada pelo Espírito Santo, resulta da intercomunhão de todos os que vivem a caridade. Desejamos tanto maior amor à Igreja, quanto maior é nosso sentimento ao verificar que muitos destes católicos inquietos são provenientes de alta vocação ao apostolado, isto é, a serviço da Igreja e da sua expansão, e de ver como gastos por este elemento corrosivo, este espírito de crítica negativa e constante, de que falamos, eles se esvaziaram e se empobreceram a tal ponto de se tornarem em certos casos incômodos e prejudiciais à Igreja de Deus. Então é que nos acodem aos lábios as palavras de Jesus: "Inimici hominis, domestici eius. Os inimigos do homem serão as pessoas de sua própria casa" (Mt. 10,36).**

**Mas, no momento, é a vós que nos dirigimos, filhos fiéis, e alegramo-nos ao ver em vós, os que, de coração humilde e leal, querem bem à Igreja, e fazem eco em pensamentos e em atos a nosso convite para amar a Igreja. Sim, chegou o momento de amar a Igreja com coração firme e novo.**

**A dificuldade a superar é a nossa miopia espiritual, que limita nosso olhar ao aspecto humano, histórico e visível da Igreja, sem ver o mistério da presença do Cristo, que ela invoca e esconde aos olhos profanos que não receberam a luz da fé nem compreenderam sua realidade mística profunda. Este olhar confinado ao exterior, não vê senão uma Igreja composta de homens imperfeitos e de instituições**

temporais e estreitas, ao passo que desejava vê-la imediatamente toda espiritual, perfeita e mesmo idealizada, conforme uma idéia arbitrariamente preconcebida. A face concreta e terrestre da Igreja opõe obstáculo ao amor fácil e superficial. Siga realidade material, tal qual lios aparece tio quadro de experiência de cada um, parece desmentir a beleza e a santidade que lhe foram conferidas por um carisma divino. Mas é aí justamente que se prova o amor. Se nosso dever é amar o próximo, seja qual for a aparência com que se nos apresenta, e se este amor deve ser tanto maior quanto mais repugnante se nos mostra esta aparência, então devemos recordar que a Igreja é nosso próximo, e nosso próximo por excelência, pois ela é composta de nossos "irmãos na fé" (Gal 6,10), e como tal lhe devemos por prioridade amor efetivo.

Assim os defeitos e as enfermidades dos homens da Igreja deveriam fortificar e encarecer o amor de quem queira ser membro vivo, são e paciente da Igreja. Assim fazem os bons filhos e os santos.

Podemos até dizer mais: hoje a dificuldade em amar a Igreja em sua realidade humana diminuiu. Atualmente a Igreja nos oferece uma face mais digna de admiração do que de repreensão e de piedade. Hoje em toda a Igreja há um esforço enorme com vistas à maior autenticidade, de renovação, de vitalidade cristã e de santidade.

Esta santidade, diria, é talvez menos habitual e inerente ao meio, contudo é mais pessoal e consciente, mais participada na comunidade e ativa. Hoje a Igreja pós-conciliar é inteiramente voltada para sua reforma interior Oração e dogma se esclarecem mutuamente e conferem à vida espiritual um caráter de verdade e de plenitude em sua conversação com Deus, uma profundidade interior, penetração nas almas, expressão harmoniosa e unânime na celebração litúrgica dos mistérios sacramentais Hoje todo bispo, toda diocese, toda conferência episcopal, toda família religiosa, está se reformando e contribuindo para que a vida católica se torne cada vez mais autêntica. Hoje todo fiel é chamado à perfeição, cada leigo à atividade apostólica, todo grupo à responsabilidade pela atividade eclesial, toda consciência e toda comunidade à expansão missionária e toda a Igreja à consciência de sua própria unidade e catolicidade, enquanto a tomada de contatos ecumênicos, árdua, mas leal e ardorosa, conduz os católicos à própria reforma e lhes oferece uma capacidade nova para se empenharem num diálogo cordial com os irmãos separados. Hoje a Igreja está toda voltada para as fontes, para se sentir verdadeira e cheia de vida, plenamente

aberta ao mundo, procurando encontrar, numa simbiose com ele, sua função própria ministerial de "luz" e de "sal" para a salvação de todos. Hoje a tomada de consciência de sua peregrinação escatológica torna-a pobre, livre e intrépida, e a reconduz à sua missão primitiva de testemunha da ressurreição do Cristo, e de fonte de esperança transcendente, que dá segurança e vigor a toda honesta esperança terrestre.

Hoje enquanto se purifica de toda contaminação terrestre, a Igreja anuncia e dá ao mundo uma energia moral incomparável, autêntica solidariedade, a capacidade de conquistar toda a verdade e a riqueza da criação, ao mesmo tempo que a alegria de viver na ordem e na liberdade, na unidade e na paz.

Amar a Igreja, eis, amados filhos, o dever da hora presente. Amá-la significa estimá-la e ser feliz em pertencer a ela. Significa ser-lhe resolutamente fiel. Significa obedecer-lhe, servi-la, ajudá-la com alegria até o sacrifício, na sua missão difícil. Saber, harmonizar a dependência, que nos liga à sociedade visível e mística, com o amor honesto e generoso de toda outra realidade criada que nos cerca e nos possui: a vida, a família, a sociedade, a verdade, a justiça, a liberdade, a bondade.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **8 DE OUTUBRO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Ainda uma vez nos volta ao espírito uma pergunta que fazemos a nós mesmos: de que é que a Igreja tem necessidade hoje?**

**É um fato, que a Igreja hoje, neste momento, passa por necessidades urgentes. Isto por dois motivos: aliás, opostos. Por um lado, pelos males internos e externos que a afligem. Por outro, pela missão que deve cumprir e pelas possibilidades que se lhe apresentam, de oferecer ao mundo contemporâneo um testemunho cristão renovado.**

**Esta experiência de suas próprias necessidades, e esta consciência dos deveres a cumprir, levam a Igreja a procurar socorro fora da esfera humana e temporal. Impelem-na à oração, à invocação da ajuda divina e à busca daquela misteriosa e prodigiosa assistência, que Jesus Cristo prometeu a seus apóstolos, no fim de sua permanência visível na terra: eu estarei, melhor, "eu estou convosco todos os dias até o fim dos tempos"(Mt 28,20).**

**Neste recurso de súplica à ação do Senhor, que age no interior da alma da Igreja e na psicologia do Povo Cristão, verifica-se um fato muito conhecido, muito comum e para nós quase espontâneo, mas que é sempre singular, tanto assim que nossos irmãos separados ainda criticam de certo modo sua legitimidade e eficácia. Trata-se do fato de se recorrer a uma intercessão ou mediação, ou em termos banais, a uma recomendação.**

**A quem recorremos e para chegar a quem? Recorremos a Maria, para chegar a Jesus. Para todos nós, que somos discípulos da escola espiritual e doutrinal da Igreja, este recurso não tem nada de estranho, nada de ilógico, nada de inútil. Sabemos muito bem que "há um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo homem, que se deu em resgate por todos" (1Tim 2,5) e que a causa de nossa salvação é somente o Cristo (Hebr 5,9). Mas sabemos também que a economia da salvação comporta uma colaboração humana "dispositiva e ministerial", como diz santo Tomás de Aquino, que admite uma preparação, uma introdução à fonte da graça, uma intervenção que não causa, mas facilita de modo maravilhoso a circulação da caridade, a comunhão, a solidariedade, que se verifica no plano divino de nossa redenção. Esta intervenção nós**

**denominamos intercessão. Trata-se de uma intervenção que tem muita importância no culto dos santos, e obviamente e em grau eminente no culto especialíssimo devido e tributado à Mãe de Cristo, àquela que mais do que nenhuma outra criatura tomou parte - e que parte! - única, ativa e santíssima na encarnação (Gal 4,4) e na paixão redentora de Jesus (Lc 2,35; Jo 19, 25).**

**Por isso, vamos repetir, com nosso grande predecessor Leão XIII, nosso múnus apostólico, e a "difícilíssima situação dos tempos atuais levam-nos cada dia mais, e quase nos impelem a zelar com tanto maior solícitude, pela tutela e incolumidade da Igreja, quanto mais graves são suas provações", e quanto mais delicado é o momento atual, e quanto mais urgente é a necessidade da paz, ferida e ameaçada no mundo, por exemplo, no Vietnã, na África, no Oriente Médio, na Irlanda e em outros pontos da terra onde se sofre.**

**Foram estas muitas razões que nos induziram a dirigir à Igreja a exortação, em que pedíamos que se recorresse ao patrocínio materno de Nossa Senhora, de modo especial durante este mês de outubro, em que se celebra a festa do santo rosário.**

**A esta altura deveríamos falar do rosário, e dizer por que razão uma piedosa prática de devoção se tornou motivo, mais do que objeto, de uma festa especial. Mas o que desejamos insistentemente recordar agora a vossa atenção e a vossa piedade é a conveniência de tomarmos o terço e de recitá-lo com simplicidade e fervor dos humildes, dos pequeninos, dos devotos, dos aflitos e dos confiantes. Sim. de rezá-lo pela paz na Igreja e no mundo. O quarto centenário da autorizada determinação da forma dessa devoção mariana, feita por são Pio V, anima-nos a essa renovação, que tacitamente o próprio Concílio recomendou. Certas formas de música popular moderna, que se baseiam num ritmo intenso, sublinhando uma palavra ou pensamento, poderiam fazer-nos superar as reservas, que às vezes são aduzidas contra o rosário, por ser ele uma repetição monótona de orações.**

**Temos necessidade do auxílio da santa Virgem. Um atormentado e famoso escritor espiritualista e realista, Charles Péguy, comparava o Pai-nosso e a Ave-Maria do terço a navios que viajam vitoriosamente para o Pai. Também nós devemos tentar esta experiência mística.**

**E não se diga que procedendo assim "instrumentalizamos" a oração**

**e o culto à Virgem Maria em favor de nossas necessidades temporais, e que com a religião assim praticada, cedemos à tentação do utilitarismo que penetra em todas as formas da vida moderna.**

**Antes de tudo, não há modo de mal em fazer da oração uma confissão de nossos limites, de nossas necessidades, de nossa confiança, em obter do alto o que com nossas forças não podemos conseguir. Não foi por acaso o próprio Cristo que nos ensinou isto: "Pedi e recebereis, procurai e achareis, batei e a porta vos será aberta"? (Mt 7,7).**

**A respeito do rosário podemos acrescentar ainda duas outras observações. A primeira é esta: a oração de petição, que está na intenção comum de quem recita o rosário, transforma-se em oração contemplativa, por meio da apresentação diante dos olhos espirituais do orante, dos assim chamados "mistérios do rosário", que fazem dessa piedosa prática mariana uma meditação cristológica, habituando-nos a estudar a figura do Cristo, do melhor ponto de observação que é a Virgem Maria. O rosário fixa-nos em Cristo, nos episódios de sua vida, e de sua teologia não só com Maria, mas também na medida de nossas possibilidades, do mesmo modo que ela. que é certamente quem mais do que ninguém pensou nele (Lc 2,19; 2,51; 8,21; 11,28) , compreendeu-o e o amou.**

**A segunda é esta: o rosário. para quem tem confiança, estabelece um diálogo com Maria. Eleva quem o recita até ela. Obriga-o a receber as influências de seu fascínio, de seu estilo evangélico e de seu exemplo educativo e transformador. É uma escola que nos faz cristãos. Trata-se de uma vantagem quase imprevista, mas muito preciosa e muito de acordo com nossas necessidades fundamentais.**

**Ouvi, caros filhos, nosso convite à oração. Na cadeia de suas invocações repetidas e meditadas, ela fortifica nossa esperança, assimila-nos a Cristo e obtém-nos a paciência, a paz e a alegria que ele nos quer dar.**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **9 DE OUTUBRO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

O serviço é um dos deveres inerentes à autoridade, e tal dever é tanto maior quanto mais importante é a autoridade. Esta noção resulta da natureza e das funções da sociedade humana. Decorre da idéia do bem comum e da utilidade pública, da idéia de igualdade entre os homens, e de inviolabilidade da pessoa humana. É, portanto, uma noção que deriva do direito natural.

A história, contudo, nos demonstra como ela foi alterada e contestada pelas paixões humanas. O Cristo a reivindica no seu Evangelho (Lc 22, 25). Ela permanece na Igreja e a sociedade civil a adotou como lei, ainda que não é posta em prática no que concerne aos costumes.

Esta noção permanece também no Concílio e revive com ele. É um dos critérios que testemunham da renovação da vida da Igreja. Não é novidade, mas tradição.

Seja-nos permitido citar as palavras célebres de Manzoni, a respeito de seu personagem ideal, Frederico Borromeu, que estava "persuadido profundamente... de que não há justa superioridade de um homem sobre outro, senão a de o servir".

Devemos alegrar-nos, nós que facilmente somos movidos a falar mal de nosso tempo, pelo fato de que este princípio que estabelece a autoridade como serviço dos outros, não seja contestado hoje por ninguém. Na Igreja de Deus ele encontra um assentimento unânime, até quando certas aparências externas e certos hábitos, que pouco a pouco estão cedendo lugar a um novo estilo de vida, fazem pensar em idéias de poder arbitrário de interesse pessoal, de prestígio pomposo, de superioridade hereditária, que a história de séculos passados creditaram como legítimos e transmitiram em seguida como sendo algo inerente à natureza e ao exercício da autoridade.

A história contemporânea exige uma realidade bem diferente: a Igreja é serviço. Ainda que hoje e sempre a autoridade na Igreja seja necessária, porque querida pelo Cristo e dele derivada (Mt 16,18-19), e, por isso, conserva seu valor constitucional e místico, como veículo dos mistérios divinos (1 Cor 4,1), como intérprete da verdade (Lc 10,16), e da vontade do Cristo na sua Igreja (Jo 10,15), contudo,

**ela se reveste de mais a mais e manifestamente de atributos que lhe são próprios: atributos pastorais, atributos evangélicos. Afirma-se como serviço, portanto, com amor, sacrifício corajosamente assumido pelo bem de outros, para o bem do rebanho de Cristo, pela Igreja toda (Jo 10,11).**

**Esta visão purificada da estrutura eclesiástica, hierárquica e comunitária, presta-se para uma longa meditação, que sua atual vitalidade conduz a amplas considerações históricas, a novas resoluções de sinceridade eclesial e a uma sábia elaboração das leis canônicas. Leva-nos também a nos convencer de que todos na Igreja temos nossa "diaconia", nosso serviço a prestar. Nem a exaltação da personalidade humana de cada um, nem a reivindicação da liberdade religiosa na sociedade, nem o primado ativo concedido à consciência, esclarecida pela doutrina autorizada da Igreja sobre a lei divina, nos dispensam de oferecer com generosidade, docilidade e ordem, nosso serviço para o bem de nossos irmãos e para o desenvolvimento da vida da Igreja. E o que é mais importante nossos direitos pessoais encontram em tal serviço, sua expressão livre, honrosa e meritória.**

**É assim igualmente que esta vocação de serviço, que no ministério sacerdotal se torna missão total, não muda em nada as prerrogativas de funções da hierarquia, de sua autoridade doujurisdicional e santificadora, como se resultassem democraticamente da comunidade eclesial, do Povo de Deus, como alguns hoje querem afirmar falsamente. Mas de fato elas decorrem de Deus, do Cristo, da ordem sagrada e do mandato de quem quer que na Igreja esteja constituído na hierarquia e são destinadas a assegurar o bem do Povo de Deus. Se hoje esta destinação toma importância primordial e comporta formas, no exercício da autoridade, que correspondem sempre mais à sua natureza espiritual e à sua finalidade pastoral, isto é, ao serviço que a justifica e exige que seja repleta de amor e de humildade, isto significa que quer refletir, de mais em mais em si mesma, a imagem do Cristo que vive naquele que na Igreja representa, favorece e perpetua sua missão de salvador.**

**Vede, caros filhos, que assim falando (e feita abstração de qualquer outro confrade nosso, constituído na hierarquia), fazemos menos nossa apologia que nossa humilde autocrítica. Por isso contamos com vossa indulgência e obediência e nos recomendamos às vossas orações.**



---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



**16 DE OUTUBRO DE 1968. AUDIÊNCIA CONCEDIDA AOS CARDEAIS, AOS MEMBROS E PERITOS DO CONSELHO PARA O ESTABELECIMENTO DA CONSTITUIÇÃO DA SANTA LITURGIA.**

**Não podemos deixar passar em silêncio alguns modos de agir que se observam em várias partes da Igreja e nos causam muita preocupação e pesar.**

**Pensamos principalmente num estado de espírito de muitos, que dificilmente aceitam tudo aquilo que procede da autoridade eclesiástica, ou foi legitimamente ordenado por ela. Assim sucede que até as próprias conferências episcopais, em matéria litúrgica, às vezes atuam por iniciativa própria além do que seria justo. Também se realizam muitas vezes experiências arbitrárias, e ritos claramente contrários às normas estabelecidas pela Igreja. A todos é evidente que esta forma de proceder não apenas escandaliza gravemente os fiéis, mas também dificulta a ordenada realização da renovação litúrgica, que a todos pede prudência, vigilância e sobretudo disciplina.**

**Muito mais nos preocupa o comportamento daqueles que pretendem despojar o culto litúrgico de seu caráter sacro, e por isso erroneamente afirmam que se não deve empregar objetos e ornamentos sagrados, mas sim que devem ser substituídos por outros usados na vida comum e vulgar. Alguns chegam mesmo a levar sua temeridade, a ponto de aplicarem este critério até mesmo ao lugar sacro das celebrações. Devemos declarar que tais opiniões não apenas contradizem o caráter autêntico da sagrada liturgia, como também o verdadeiro conceito da religião católica.**

**Da mesma forma se deverá evitar ao simplificar ritos, fórmulas e atos litúrgicos, ir além do conveniente, sem levar bastante em conta a enorme importância que se deve reconhecer aos "sinais" litúrgicos. Isso nos levaria diretamente a tirar força e eficácia à sagrada liturgia. Com efeito, uma coisa é suprimir nos ritos sagrados tudo o que hoje parece supérfluo ou se tornou anacrônico e inútil, e outra coisa é privar a liturgia daqueles sinais e dignidade que, se mantidos dentro dos justos limites, são absolutamente necessários ao povo cristão, para que possa entender as coisas misteriosas, e verdades que se ocultam por trás do véu dos ritos**

**externos.**

**Sendo assim, grande e importante é vossa tarefa, queridos filhos, para que consigais que a sagrada liturgia mostre diante dos homens o autêntico esplendor de sua face, e obtenha eficácia para promover a vida espiritual da sociedade. E não é só. Devereis também procurar que, com o correr do tempo, não diminua o fervor pela renovação litúrgica, que hoje de maneira salutar o Povo de Deus está manifestando.**

**É evidente que nesta matéria se deve avançar por etapas, pois a tarefa que empreendestes exige se leve em conta a devida preparação dos fiéis. Por isso, deverão os novos ritos ser introduzidos no tempo e modo que parecerem mais oportunos, para que mais facilmente sejam recebidos e compreendidos.**

**Que nos seja, enfim, permitido recordar-vos um ponto que muito recomendamos à vossa diligência: a procura que vossos trabalhos não se afastem dos costumes e normas da tradição romana em que esta liturgia nasceu, desenvolveu-se e chegou a seu fastígio. Ao fazer-vos esta recomendação, não nos move de maneira alguma a consideração da história ou do lugar, nem a preocupação de aumentar nossa autoridade. Move-nos, porém, um critério e uma consideração relacionada com a doutrina teológica e com a própria constituição da Igreja, que tem em Roma o centro de sua unidade e catolicidade.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **16 DE OUTUBRO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Nossas reflexões sobre o Concílio ao qual consagramos cada semana estes nossos colóquios familiares, nos movem a vos falar de um problema difícil, ou para melhor nos exprimir, impopular: o da obediência na Igreja.**

**É uma questão muito comprometida: em primeiro lugar, pelo vento de liberdade que sopra sobre toda mentalidade moderna, oposta às limitações e pressões impostas por uma autoridade superior à espontaneidade e autonomia da pessoa humana assim como a grupos; em segundo lugar, pela apologia da liberdade sob seus diferentes aspectos: liberdade pessoal, como exigência da dignidade humana; liberdade dos filhos de Deus proclamada no Evangelho; liberdade de conversão; liberdade da Igreja e liberdade na Igreja; liberdade religiosa no esquema das leis cívicas; liberdade de pesquisa científica; de associação; de informação etc.**

**Esta apologia, nós a encontramos espalhada nos documentos conciliares. Como desde então podemos ainda falar de obediência, depois de tantas afirmações tão conformes ao espírito humano, à maturidade da psicologia contemporânea, ao desenvolvimento da sociedade civil e à intolerância das novas gerações ante a disciplina?**

**A palavra "obediência" nem é mais tolerada em nossas conversações, em assuntos, portanto, que pela força das coisas, permanece sua realidade: na pedagogia, na legislação, nas relações hierárquicas, nas leis militares etc. As palavras: personalidade, consciência, autonomia, responsabilidade, conformidade ao bem comum ... superam as demais e, todos o sabem, não se trata de uma transformação apenas de terminologia, que se apresenta sobre este ponto, na sociedade, mas de mudança profunda de idéias e sabemos como isto se traduz em fatos e nos acontecimentos, grandes ou pequenos.**

**A obediência comporta dois elementos exteriores em cada indivíduo e em cada grupo: ouvir outra voz diferente da própria, e agir em conformidade com esta voz que possui tom de ordem, ou testemunha uma autoridade que pressiona o ouvinte a um modo de pensar e de vida, do qual ele não é autor e cujo "porquê" não**

**compreende. A importância excessiva concedida aos critérios subjetivos já não permite compreender a que título outro critério extrínseco - a autoridade pode intervir na expressão espontânea e natural de um ser ou de um grupo humano. Os filósofos de ontem servem ainda de mestres aos de hoje, que não recuam diante das conseqüências extremas da contestação, da rebelião ou mesmo da anarquia e do niilismo. Disto houve aplicações violentas nestes últimos tempos.**

**Como se as negações mais ou menos radicais desta antiga virtude cívica e cristã não bastassem para desacreditar a obediência junto aos jovens, multiplicam-se ainda as afirmações exageradas e intoleráveis: as da opressão totalitária, imposta pelos sistemas aperfeiçoados de força e de legalismo policial; as da pressão publicitária, exercida pelos formidáveis meios de comunicação de "massa", como se diz atualmente, e aceita por milhões de ouvintes dóceis, que dão crédito aos que lêem, aos que ouvem e aos que vêem. Assim é que o homem moderno deve obedecer? Será que este desencadeamento de vozes, idéias, exemplos, maneiras, concertações simultâneas não é uma servidão, uma obediência inconsciente e agradável, por assim dizer, que diminui e avilta a autonomia da personalidade?**

**E se do domínio profano passamos ao religioso e mais precisamente ao de nossa vida católica, será que esta também não é dominada por um dogmatismo que sufoca a liberdade de pensar e de consciência? Quantas coisas haveria para dizer sobre este assunto, em particular considerando as recentes repercussões suscitadas por determinados atos do magistério da Igreja! Qual sua competência? dizem. Qual sua autoridade? Qual sua estabilidade?**

**Não falaremos deste vasto problema, que para não se deformar deveria ser tratado de maneira ponderada e adequada, o que nos parece impossível no momento.**

**Queríamos somente, caríssimos filhos, que, assistindo a este encontro e ouvindo estas modestas palavras, rendeis homenagem à virtude cristã da obediência, deixar-vos uma noção reabilitada desta virtude. Teríamos muito a dizer sobre seu primado relativo: a obediência não está em estreito parentesco com a ordem particular e universal, com o equilíbrio e harmonia da sociedade seja qual for? E com o bem comum? Com a vitória sobre as falhas e faltas de senso individuais? Com a obtenção de bons resultados coletivos e**

**sociais? Onde acabaria a lei, a autoridade, a comunidade, se não houvesse o culto da obediência? No domínio da Igreja, em que se reduziria a unidade da fé e da caridade, se uma convergência de vontades, garantida pelo poder autorizado, obedecendo à vontade superior de Deus, não propusesse nem exigisse uma harmonização de pensamentos e de atos? Será que todo o plano de nossa salvação não depende da prática da obediência, em toda a liberdade e com inteira responsabilidade? Que é o pecado senão uma desobediência ao mandamento de Deus, e que é nossa salvação senão uma adesão humilde e alegre ao plano misericordioso, que o Cristo instaurou, para quem lhe obedece como discípulo; como fiel e como testemunha? Não poderíamos contemplar numa síntese de obediência nossa profissão de fé cristã, nossa inserção na Igreja, nossa integração santificante e beatificante na vontade de Deus?**

**O fiat que pronunciamos a cada instante em nossa prece: "Que seja feita tua vontade", não é o ato mais habitual e o mais completo de nossa obediência ao supremo e íntimo mandamento divino? Não seria fácil estabelecer a feliz relação que existe entre a verdadeira obediência e a liberdade, a consciência, a responsabilidade, a personalidade, a maturidade, a força moral e toda prerrogativa da dignidade humana, assim como nosso lugar e nossa função na comunidade eclesial, se tivéssemos apenas a paciência de recapitular os títulos legítimos, as exigências e os limites da obediência, tais quais no-la descreve a Sagrada Escritura e a doutrina autêntica da Igreja?**

**Como poderíamos ainda falar de paz sem nos referirmos ao princípio que produz, dentro e fora de nós, esta ordem, que precisamente gera a paz, a saber, a obediência. Oboedientia et pax, fórmula do venerável cardeal Barônio, depois de João XXIII autor da encíclica Pacem in terris (Prov 21,28).**

**Sim teríamos tantas coisas a dizer sobre o tema! Escreveu-se muito sobre este assunto nestes últimos anos.**

**Mas hoje só vos diremos uma coisa: o mistério da obediência no Cristo Senhor nosso; mistério irradiando do Evangelho todo, mistério que define o Cristo como nosso Salvador (Mt 11,25; 26,39; Jo 5,37; Rom 5,19; Flp 2,8); mistério de que participamos, de maneira tal que "deste aspecto fundamental da obediência não somente ao Cristo, mas do Cristo, que nos é comunicada, emana o sentido cristão da obediência".**

**Podíamos prosseguir e descobrir com satisfação a equivalência neste nível da obediência e do amor. Haveria tanto para dizer do novo estilo que a obediência, permanecendo essencialmente idêntica, reveste na Igreja após o Concílio. Falamos a respeito em nossa primeira encíclica Ecclesiam Suam. Vamos selar toda esta doutrina, esta nova pedagogia, esta nova prática da obediência, com uma evocação da exortação que o apóstolo Pedro, sobre cujo túmulo falamos, dirigia aos primeiros cristãos: "Comportai-vos como filhos obedientes por causa da revelação de Jesus Cristo" (I Pdr 1,13-14; Hebr 13,17).**

**Isto para vossa dignidade de cristãos, para vossa fidelidade e ventura.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **30 DE OUTUBRO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Os remédios que se procuram por toda a parte aplicar à crise atual da fé, são muitas vezes ilusórios. Há quem restringe a fé a poucas proposições fundamentais, para conceder seu consentimento ao conteúdo, que na própria opinião constitui o autêntico sentido das fontes do cristianismo e da Sagrada Escritura. Inútil afirmar que tal atitude é arbitrária e desastrosa, nada obstante as aparências científicas sob as quais se apresenta. Outros, ao contrário, empregando critérios de um empirismo desconcertante, se arrogam o direito de fazer uma escolha entre as numerosas verdades ensinadas pelo nosso Credo, rejeitando as que não agradam, conservando as que julgaram mais aceitáveis. Depois há também aqueles que procuram adaptar as doutrinas da fé à mentalidade moderna, fazendo desta mentalidade, seja ela materialista ou espiritualista, o método e o critério do pensamento religioso.**

**O sistema cujo esforço tendia a traduzir as verdades da fé em termos acessíveis à linguagem e à mentalidade de nosso tempo, era muito louvável e compreensível, mas cedeu por vezes ao atrativo de um sucesso mais fácil, quando passou em silêncio, alterando ou atenuando alguns "dogmas difíceis". Mesmo legítima esta iniciativa é perigosa. Não mereceria uma aceitação favorável, senão, em apresentando a doutrina de forma acessível, se lhe conservasse toda a sua integridade. "Que vossa palavra seja sim, sim; seja não, não" (Mt 5,37; Tg 5,12), disse o Senhor, excluindo toda ambigüidade.**

**Esta situação dramática da fé em nosso tempo, faz-nos pensar na sábia advertência do Concílio: "A Tradição, a Escritura e o Magistério da Igreja, por uma prudente disposição de Deus, são de tal modo coerentes entre si e solidários, que não podem subsistir os três, um sem outro". É verdade para a fé objetiva, para sabermos exatamente o que devemos crer. Mas para a fé subjetiva, que faremos, teremos ainda a fé, depois de termos ouvido, estudado, meditado honestamente e assiduamente?**

**Podemos responder que sim, tendo em conta sempre o aspecto fundamental e de certo modo perigoso da questão, a saber, que a fé constitui uma graça: "Nem todos, diz São Paulo, escutaram o Evangelho" (Rom 10,16). Nestas condições que será de nós? Estaremos entre os privilegiados que receberam o dom da fé?**



**Respondemos que sim, mas trata-se de um dom que é preciso conservar como precioso, é preciso defendê-lo, apreciá-lo, vivê-lo e, ao mesmo tempo como o homem do Evangelho, repetir sempre: "Sim, senhor, creio, mas ajuda-me que ainda sou incrédulo" (Mc 11,24).**

**Queremos, caros filhos, rezar, por exemplo, assim: Senhor, creio. Quero crer em ti. Senhor, faz que minha fé seja total, sem reserva, que penetre minha maneira de pensar e de julgar e as coisas divinas e as coisas humanas.**

**Senhor, faz que minha fé seja livre, isto é, atraia o consenso de minha adesão pessoal, que aceite as renúncias e deveres que implica e traduza de maneira decisiva aquilo que constitui o melhor de minha personalidade: creio em ti, Senhor.**

**Senhor, faz que minha fé seja fundada, fundada numa convergência exterior de provas e no testemunho interior do Espírito Santo, baseada na sua luz que ilumina e que dá confiança, em suas conclusões que tranqüilizam, na sua assimilação que repousa.**

**Senhor, faz que minha fé seja forte, não receie os antagonismos dos problemas, de cuja experiência nossa vida está cheia, nossa vida que é ávida de mais luz. Não se intimide diante da oposição dos que a contestam, a combatem, a recusam ou a negam. Mas que se robusteça na experiência íntima de tua verdade, que resista à usura da crítica, que se reforce na afirmação contínua, que lhe permita superar as dificuldades dialéticas e espirituais, em cujo meio se encena nossa existência temporal.**

**Senhor, faz que minha fé seja penetrada de alegria, invada minha alma de paz e contentamento, dispondo-a a orar a Deus e conversar com os homens, a ponto de, possuindo-a numa feliz beatitude interior, poder iluminar os entretenimentos com Deus e com o próximo.**

**Senhor, faz que minha fé seja ativa e dê à nossa caridade os motivos de sua expansão moral, para que seja na ação, no sofrimento e na expectativa da revelação final, uma busca contínua de ti, um testemunho incessante, e alimento ininterrupto de nossa esperança.**

**Senhor, faz que minha fé seja humilde. Que não tenha a ousadia de**

se basear na experiência de minha razão e de meus sentimentos, mas que se submeta ao testemunho do Espírito Santo, que não tenha outra e melhor garantia senão sua docilidade à Tradição e à autoridade do magistério da Santa Igreja. Amém.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **23 DE DEZEMBRO DE 1968. RESPOSTA ÀS FELICITAÇÕES DO SACRO COLÉGIO.**

**Se lançarmos um olhar retrospectivo para o ano que termina, ano rico de acontecimentos felizes e desafortunados para a humanidade e se perguntarmos em particular, o que este ano representou para a Igreja, verificamos que são lançadas respostas e julgamentos muito diversos, não somente na imprensa, que continuou a ocupar-se dos problemas da Igreja de maneira peculiar e com sumo interesse, mas também por pessoas que participam diretamente da vida da Igreja e têm aí mais responsabilidade que os demais.**

**Entre alguns, as respostas e os julgamentos exprimem otimismo quase sem reservas. Se, porém, este otimismo é suavizado em certos pontos, é porque eles se deixam impressionar por apreensões, receios, previsões inquietantes, em suma, pelo pessimismo externado por outros, que aliás eles julgam excessivo e sem fundamento. Os otimistas estimam que esta maneira de ver representa verdadeiro perigo para a Igreja de hoje. Porque isto poderia levar a um mau julgamento e finalmente sufocar os fermentos e impulsos que constituem outros tantos indícios de renovação e de vitalidade.**

**Tais indícios, ao contrário, devem ser acolhidos com serenidade e incentivados como com promisso de purificação e de solidez progressiva da Igreja. Pois só assim ela chegará a ser mais autêntica e a melhor responder tanto à vontade de seu divino Fundador, como às necessidades impostas pelos tempos atuais.**

**Colocado pelo Cristo como fundamento visível e Pastor universal da Igreja, enquanto somos sucessor de Pedro, não podemos deixar de observar com olhos particularmente atentos e vigilantes, a vida e a penosa evolução da Igreja. Não podemos senão procurar e descobrir nesta evolução os aspectos positivos e eventualmente os negativos. De um lado, para agradecer a Deus pelos primeiros e nos esforçar para os manter e promover, de outra parte, examinar os aspectos negativos. É o que vamos fazer e o que devemos, em união de espírito, coração e vontade, com nossos irmãos no episcopado, responsáveis em grau elevado dos destinos da Igreja.**

**Nesta perspectiva, será que nosso juízo sobre a situação atual da**

**Igreja e sua vivência ao longo deste ano, vai ser otimista ou pessimista?**

**Responderemos que, graças a Deus, nos parece que se pode descobrir uma larga faixa de bem e de esperança maior do que os elementos considerados negativos e, mesmo sobre este ponto, parece-nos legítimo crer firmemente numa recuperação.**

**O que nos leva a adotar essa atitude, é a garantia confirmada pela experiência de uma resoluta fidelidade, consciente e inquebrantável - quase sem exceção, diríamos - da totalidade dos nossos irmãos no episcopado, à Igreja e ao humilde sucessor de Pedro, vigário de Cristo, nosso Senhor. Esta fidelidade externada e reafirmada nas situações e nos momentos difíceis, dá à Igreja esta serena segurança que lhe vem da união do colégio episcopal com seu chefe.**

**Aliás, conhecemos também por experiência a fidelidade comovente e sincera da grande maioria de nossos filhos que estão unidos a nós, seja pela graça do sacerdócio, seja pela redenção do Cristo, que nos torna a todos participantes de sua graça e promessas eternas.**

**Somos também animados pelos testemunhos reconfortantes e reiterados que nos vêm de todas as partes do mundo. Em particular daquelas regiões que ficaram por muito tempo separadas de nós, em razão de condições que lhes são impostas, e onde a religião e a liberdade da Igreja sofrem ainda limitações e restrições injustas. Dir-se-ia que estas medidas lhes fazem sentir mais vivamente a necessidade de união de alma e de comunhão hierárquica ao centro da Igreja. Estreitam os laços de caridade para com o Pai e os irmãos, reafirmando a vontade de pertencer - na vida como na morte, em todas as privações, se preciso mesmo ao sacrifício da própria vida - a esta Igreja una, santa, católica, fundamentada sobre a base apostólica e construída sobre a rocha contra a qual, em virtude da graça redentora, as forças adversas não prevalecerão, segundo a promessa do Cristo.**

**Mas então que dizer das peripécias - numerosas e bem conhecidas - que deixam falar de "crise" na Igreja, crise de fé e de disciplina? Não podemos nem queremos dedicar-nos aqui a um exame aprofundado dos fatos que chamam sempre nossa atenção de pastor e de pai.**

**Estamos sempre pronto a nos mostrar compreensivo diante do mal-estar, das aspirações e das impaciências de pessoas que por vezes adotam uma linguagem e atitude que poderiam ser tomadas por revolta e desconfiança. Quereríamos dar-lhes uma resposta da melhor maneira possível, mas ao mesmo tempo é nosso dever, e se faz mister salvaguardar o depósito sagrado das verdades e das normas de vida que foram confiadas à Igreja pelo seu fundador. Estas devemos guardá-las intatas, absolutamente tais quais nos foram transmitidas, sem deixar contudo de apresentá-las e aplicá-las de forma correspondente às necessidades do mundo de hoje.**

**Contudo, não podemos calar a dor que nos aflige ao ver por vezes incompreendidos ou final interpretados os nossos intentos e até a nossa palavra. O receio de que certo número -felizmente ainda pequeno, mas para nós sempre demais elevado - de nossos filhos e por meio deles mais outros menos protegidos e mais vulneráveis venha a se afastar do caminho reto, atraídos pelo amor da novidade e das mudanças, de que lhes caibam estas palavras do Apóstolo: "A veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertuntur, eles rejeitarão ouvir a verdade, para se voltarem para as fábulas" (2 Tim 4,4), não é uma visão acanhada das coisas, mas sim é isto que nos leva a insistir em pontos que consideramos fundamentais para a ortodoxia doutrinal e para a boa organização da vida da Igreja. Alguns, infelizmente, mesmo sacerdotes ou pessoas consagradas à perfeição religiosa, parecem ter perdido a nitidez dos contornos e a garantia da verdade. Isto acontece em particular no que diz respeito aos ensinamentos da fé e aos princípios da assim chamada disciplina eclesiástica, que nada mais é do que a livre, voluntária e insistente aceitação das relações, fundadas na confiança e no respeito, entre a autoridade, proveniente de um mandato divino, e a obediência que se impõe a todos quantos querem participar do mistério da obediência do próprio Cristo. Foi o próprio Cristo que os estabeleceu como elementos essenciais, providenciais e característicos de sua Igreja, e constituem não tanto um exército rigorosamente organizado, mas antes uma grande família, em que reine o amor, um povo imenso orgânica e hierarquicamente reunido, na diversidade dos cargos e das funções, e não menos unido quanto à responsabilidade comum, perante Deus e os irmãos (1 Cor 12,4-31).**

**De fato, é óbvio que somente à medida em que saberá manter o amor à verdade, unida e por assim dizer soldada, como a quis o divino Fundador, a Igreja poderá exercer sua missão de luz e de**

**santificação, entre os homens. Poderá assim oferecer ao mundo sua preciosa colaboração na conquista da paz, na elevação da humanidade e no progresso, pois, a isso parece confirmá-la sua natureza que é sociedade de amor.**

**É por motivos tais que no término deste ano da Fé, celebrado em memória do décimo nono centenário do martírio dos apóstolos Pedro e Paulo, não quisemos faltar ao nosso dever de reafirmar, como um Amém solene, em presença de toda a Igreja em seu nome, o Credo que será ao mesmo tempo o nosso e o do Povo de Deus.**

**É por esta razão também e para não frustrar o chamado, a expectativa e a necessidade do Povo de Deus, que foi necessário déssemos nossa resposta de pastor da Igreja toda inteira, aos problemas suscitados pelo homem assim como pelo cristão de hoje, sobre a questão eterna da responsabilidade paternal e uma honesta regulação de nascimentos. Esta resposta, nós a meditamos longamente, porque fizemos questão que fossem examinados escrupulosamente todos os recentes argumentos e todas as objeções contrárias ao ensinamento constante e unânime da Igreja, que de novo nos aparece na sua severa, mas serena certeza. Não ignoramos as reações diversas provocadas por nossa tomada de posição. Anotamos todas estas reações com o respeito que temos para com todos, tendo a firme intenção de não faltar em tempo oportuno com as devidas respostas que nos aparecerão necessárias, em particular sobre o plano das preocupações pastorais. Presentemente estamos persuadidos de que nosso ensinamento será acolhido com profundo espírito de fé, e que será estudado e meditado com calma e em toda a sua extensão, e reconhecido de acordo com os costumes e sentimentos cristãos. Será aceito como salvaguarda providencial da honestidade e da dignidade do amor, e interpretado como iniciação a uma moralidade superior, e sincera espiritualidade da vida conjugal, será recebido e posto em prática como uma defesa da instituição familiar e da saúde social e enfim será abençoado e receberá recompensas que reverterão em benefícios da vida presente e prepararão à futura. A tarefa da santa Igreja de Deus, tarefa aceita com amor e confiança, não deixa de ser sempre pesada para nossas modestas forças. Conduz-nos a contar sempre mais com a ajuda preciosa e a colaboração, não só do Sacro Colégio e dos organismos de nossa Cúria, mas também, e especialmente hoje, de nossos irmãos no episcopado dispersos no mundo a serviço das diversas dioceses.**

**Estudamos diferentes meios para assegurar com mais eficácia a esta Sé Apostólica e à Igreja toda, o benefício de sua experiência, de seus conselhos e responsabilidade.**

**Neste sentido, decidimos convocar em 1969 uma assembléia extraordinária do Sínodo dos bispos que, se Deus quiser, se abrirá no dia 11 de outubro próximo e terá por finalidade examinar as formas suscetíveis de garantir melhor cooperação e contatos mais úteis entre as diferentes conferências episcopais e a Santa Sé e entre as próprias conferências episcopais.**

**A importância que damos a esta possibilidade de ajuda mútua, baseada no princípio da colaboração colegial e de comum responsabilidade, que o II Concílio Ecumênico do Vaticano aprovou e incentivou, nos impulsionou a tomar esta decisão e temos confiança de que com a ajuda de Deus será coroada de êxito e dará mui proveitosos resultados para a Igreja.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **25 DE DEZEMBRO DE 1968. ALOCUÇÃO AOS OPERÁRIOS DO CENTRO SIDERÚRGICO DE TARENTO.**

**Trabalhadores, que vos podemos dizer nestes instantes de um breve colóquio?**

**Falar-vos-emos com nosso coração. Dir-vos-emos coisas muito simples, mas cheias de significado, o que, em resumo, não é fácil. Temos consciência das dificuldades que existem em fazer-nos entender por vós. Ou será que não vos compreendemos suficientemente? Seja como for, permanece o fato de que, dirigir-vos a palavra nos é bastante difícil. Dá-nos a impressão de que entre nós e vós não existe uma linguagem comum. Vós estais mergulhados num mundo estranho ao que nós homens de Igreja vivemos. Vós pensais e trabalhais de maneira tão diversa do modo com que se pensa e trabalha na Igreja. Dizíamos, ao dirigir-vos nossa saudação, que somos irmãos e amigos: mas será isto verdade na vida real? Efetivamente todos, nos damos conta deste fato evidente: o trabalho e a religião, no mundo atual, são duas coisas separadas, desligadas e não raro opostas. Outrora não era assim.**

**Esta separação, porém, esta incompreensão mútua, não tem nenhuma razão de ser. Não é este o momento de vos explicarmos o porquê.**

**Basta-nos por hora o fato de que nós exatamente como papa da Igreja católica, como pobre, mas autêntico representante daquele Cristo de cujo nascimento celebramos esta noite a recordação, ou melhor, a renovação espiritual, viemos aqui no meio de vós, para dizer-vos que esta separação, entre o mundo do trabalho e o mundo religioso e cristão, não existe, ou melhor, não deve existir. Repetimos uma vez mais daqui deste centro siderúrgico, que neste momento consideramos a expressão típica do trabalho atual, levado às suas mais altas manifestações industriais, de engenho, de ciência, de técnica, de dimensões econômicas e finalidades sociais, que a mensagem cristã não lhe é estranha, não lhe é recusada. Pelo contrário, diremos até que, quanto mais a obra humana aqui se afirma, nas suas dimensões de progresso científico, de potência, de força, de organização, de utilidade, de maravilha, numa palavra, nas suas dimensões de moderno, tanto mais merece e reclama que Jesus o Operário-Profeta, o Mestre e amigo da humanidade, o**



**Salvador do mundo, o Verbo de Deus, que encarna nossa natureza humana, o homem das dores e do amor, o Messias misterioso e árbitro da história, anuncie aqui, e daqui para o mundo, sua mensagem de renovação e de esperança.**

**Trabalhadores que nos escutais: Jesus, o Cristo, é para vós.**

**Lembraí-vos e meditai: o Cristo no Evangelho, aquele mesmo que a Igreja católica vos apresenta e vos oferece, é para vós. Ele está convosco esta noite.**

**Não tenhais medo que esta presença, que esta aliança na fé e na prática, queira mudar o aspecto, a finalidade, o ordenamento de uma empresa como esta ou outras semelhantes; que pretenda clericalizar o trabalho moderno do homem, como vulgarmente se diz, ou entrar-lhe de algum modo a expansão, opor a finalidade religiosa da vida ao desenvolvimento da atividade humana, o Evangelho ao progresso científico, econômico e social.**

**Ouvistes, certamente, falar do recente Concílio, no qual a Igreja exprimiu e precisou seu pensamento, no que se refere às suas relações com o mundo contemporâneo. Olhai bem o que diz este Concílio: "Longe de pensar em contrapor as conquistas do engenho e da habilidade humana ao poder de Deus, como se a criatura racional fosse rival do Criador, os cristãos, pelo contrário, estão convencidos de que as vitórias do gênero humano são um sinal da grandeza de Deus e fruto de seus desígnos inefáveis. Quanto mais aumenta o poder dos homens, tanto mais cresce e se alarga a sua responsabilidade pessoal e comunitária".**

**Isto é válido para aqueles que põem em confronto o cristianismo e o humanismo do trabalho moderno e serve especialmente para aqueles que introduzem no trabalho os recursos da ciência, da técnica, da organização industrial, de molde a proporcionar obras ciclópicas e perfeitas, como esta em que nos encontramos; ou ainda que chegam a dominar de tal modo no mundo as leis e as forças da natureza, que tornam possíveis à ousadia do mesmo homem, empresas impensáveis e maravilhosas, como, por exemplo, aquele que precisamente durante esta noite levará três homens a girar em volta da lua. Honra aos pioneiros da expansão da inteligência e da atividade do homem e glória a Deus que irradia sua luz sobre a face do mesmo homem, e imprime nas faculdades humanas o poder real**

**de dominar as criaturas que o rodeiam (Gen 1, 20ss).**

**Este pensamento e este princípio são dos que nos devem tornar fonte de meditação para o Homem moderno, e suscitar nele, não o orgulho, a tragédia de Prometeu, mas sim aquele sentimento primordial e dinâmico de simpatia e de confiança para com a natureza da qual fazemos parte, na qual somos exploradores e que se chama maravilha. Sentimento de juventude e inteligência que, passando da observação deslumbrada das coisas à investigação suprema de suas origens, se torna descoberta, adoração e oração.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **15 DE JANEIRO DE 1969. AUDIÊNCIA.**

A novidade é o aspecto sob o qual nos apresenta a vida atual. Já nos acostumamos a este importante fenômeno de transformação. Alastra-se por todos os campos, atinge todo instrumento, toda pessoa ou instituição de modo tão rápido e universal que temos a impressão de estar sendo arrastados e tragados por uma corrente irresistível, que à maneira de rio caudaloso nos imerge e leva de roldão. Devemos notar também que a geração presente se acha inebriada por essa mudança. Chama-a de progresso e nela participa, ou melhor, nela colabora com energia e entusiasmo e muitas vezes sem nenhuma reserva. O passado passou para o esquecimento, a tradição está interrompida, os costumes foram abandonados. Notam-se até sinais de impaciência e intolerância nos lugares em que certa estabilidade e lentidão procuram evitar ou frear em alguns setores aquela transformação que alguns desejam se estenda a todos os setores, a que outros julgam necessária, benéfica e libertadora.

Deste modo fala-se de revolução sempre, e por toda a parte se manifesta a contestação, muitas vezes sem motivos ou fins que a justifiquem. Novidade, novidade, tudo é posto em questão, tudo deve estar em crise. Como, de fato, muita coisa tem necessidade de correção, reforma e renovação, visto que no dia de hoje o homem tomou consciência tanto das deficiências de que está repleta sua vida, como das possibilidades prodigiosas com que se podem produzir meios e formas novas de existência, tudo isso rouba-lhe a tranqüilidade, apodera-se dele um louco frênesi a vertigem o exalta e às vezes a insensatez o invade, impelindo-o contra tudo: eis o que é a contestação global - na cega esperança de que uma nova ordem (palavra antiga), um mundo novo, uma palingenésia que ainda não se pode prever bem, estejam fatalmente por surgir. Este tema de reflexão, da ordem teórica passou a ser sentimento comum, opinião pública, lei histórica. Assim é a vida de hoje. Não queremos contestar inteiramente esta contestação, esta necessidade de renovação que por muitas razões e em certas formas é legítima e mesmo necessária. Claro que há "modus in rebus": é mister certa medida. Mas as exigências são reais. Queremos até recordar, filhos caríssimos, que outro impulso, além do que é dado por nosso momento histórico, cultural e social, aumenta em nós e justifica com novas razões a aspiração por uma vida nova. É o impulso dado pela consciência do homem moderno, especialmente do homem religioso

**pelo recente Concílio. Que o Concílio tenha tido e tenha ainda agora como fim último a renovação de toda a Igreja e de toda a atividade humana, mesmo na esfera profana, é uma verdade que transparece em todos os seus documentos e no próprio fato da realização do Concílio. É, portanto, oportuno refletir e perguntar a nós mesmos se meditamos bem neste fim principal da grande assembléia ecumênica. Também esta se inscreve na grandiosa linha do movimento moderno de transformação, de dinamismo que caracteriza nosso período histórico, e tende a produzir uma renovação. Mas de que renovação se trata? A resposta a esta pergunta é complexa porque são muitos os setores aos quais se deveria aplicar tal renovação. Esta multiplicidade deu pretexto também para intenções arbitrárias, que alguns quiseram atribuir ao Concílio. Referimo-nos à assimilação da vida cristã aos costumes profanos e mundanos, à orientação chamada horizontal da religião, que não se dirige mais primariamente ao amor e culto de Deus sobre todas as coisas, mas ao amor e culto do homem, à sociologia considerada como critério principal e determinante do pensamento teológico e da ação pastoral, à promoção de uma presumida e inconcebível "república conciliar", e assim por diante.**

**A multiplicidade de que falamos deu ocasião a tentativas de aggiornamento, em vários pontos da vida católica, acerca dos quais a discussão ainda está aberta e a aplicação em fase de experiência. Falou-se especialmente e ainda se fala das "estruturas" da Igreja, com intenções que nem sempre têm presente as razões que as justificam e os perigos que derivariam da sua alteração ou da sua demolição. Deve-se notar que o interesse pela renovação da parte de muitos, mirou apenas à transformação exterior e impessoal do edifício eclesiástico e a aceitação das formas e do espírito da Reforma protestante, em vez de ter como finalidade principal aquela renovação primeira e essencial que o Concílio queria, a saber: a renovação moral, pessoal e interior, renovação esta que deve rejuvenescer a Igreja na consciência de seu mistério, da sua adesão ao Cristo, de sua vitalidade por meio do Espírito Santo, da sua organização fraterna e hierárquica, de sua missão no mundo, de sua finalidade ultra-terrena que a torna em sua passagem pelo tempo uma peregrinante pobre e bondosa. "Toda renovação da Igreja, diz sabiamente o decreto conciliar sobre o ecumenismo, (nº6), consiste essencialmente na fidelidade crescente à própria vocação".  
Passando da consideração comunitária à do indivíduo acrescenta: "Não existe verdadeiro ecumenismo sem conversão interior" (nº7).**

**Caros filhos, quiséramos convidar-vos todos a meditar esta intenção fundamental do Concílio: a de nossa reforma interior e moral.**

**Estamos persuadidos de que a voz do Concílio passou em nossas almas como o sopro do Espírito, como um chamado pessoal a tornar-nos verdadeiros cristãos, católicos autênticos, membros vivos e ativos do corpo místico do Senhor, que é a Igreja? Compreendemos que o Concílio é para cada um de nós um chamado à autenticidade cristã, à harmonização da fé e da vida, à manifestação real em pensamento e ato da caridade? Meditamos nesta sublime e tão natural, contudo, nesta palavra do Concílio que deseja que todo discípulo do Cristo seja santo e perfeito, não importa sua condição? São Paulo no-la repete: In novitate vitae ambulemos. É preciso que andemos em vida nova (Rom 6,4; 12,2).**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **22 DE JANEIRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**A idéia ecumênica parece ser em nossos dias tão lógica e feliz que podemos dizer encontra por toda a parte admiradores e fautores. Devemos procurar, filhos caríssimos, não comprometer o caminho e o êxito de uma causa de suma importância como esta do autêntico ecumenismo com modos de agir superficiais, apressados e contraproducentes. Notam-se, de fato, fenômenos perigosos e nocivos, neste inesperado entusiasmo de reconciliação entre católicos e cristãos separados. Queremos lembrar alguns aspectos dessa incauta precipitação ecumênica, para que tantos desejos bons e tantas afortunadas possibilidades não venham a perder-se no equívoco, na indiferença e no falso irenismo.**

**Aqueles, por exemplo, que acham tudo belo no campo dos irmãos separados e tudo enfadonho e censurável no campo católico, não estão mais em condições de promover eficaz e utilmente a causa da união. Como observava com irônica tristeza um dos melhores ecumenistas protestantes de nosso tempo, "o maior perigo para o ecumenismo seria entusiasmarem-se os católicos por tudo aquilo que nós consideramos nocivo e abandonarem tudo aquilo que nós agora consideramos importante". Esta atitude servil não é corajosa nem decorosa.**

**O mesmo poderíamos dizer de outra atitude hoje muito difundida, que pretende estabelecer a unidade a custo da verdade doutrinal. Aquele Credo que nos faz cristãos e católicos e nos define como tais, parece, neste caso, o obstáculo insuperável para a restauração da unidade. É claro que tem exigências muito severas e muito graves, mas as dificuldades que dele derivam não podem consistir à custa de incompreensão e traição da causa, no sacrifício da fé, com a esperança ilusória de que a caridade baste para restabelecer a unidade. E neste caso, por caridade se entende a prática empírica sem escrúpulos dogmáticos e fora das normas disciplinares. Os episódios que se verificaram nestes últimos meses da assim chamada "Intercomunhão" estão na linha citada. Nós a julgamos não boa e por isso devemos lealmente reprová-la. Recordemos que o Concílio exorta os fiéis a "se absterem de qualquer leviandade ou zelo imprudente que possam prejudicar o verdadeiro progresso da unidade"**

**Isto não quer dizer que católicos e cristãos separados não possam discutir sobre os dogmas da fé. Pelo contrário, é de um comum exame teológico, objetivo e sereno da verdade revelada e vivida fielmente pela tradição genuína do ensino eclesiástico, que se pode conhecer qual é o patrimônio essencial doutrinal cristão, tudo o que dele se pode autenticamente enunciar juntos em termos diferentes substancialmente iguais ou complementares, e é possível e finalmente vitoriosa para todos, a descoberta daquela identidade da fé, na liberdade e na variedade das suas expressões, pela qual a união pode felizmente ser celebrada com um só coração e uma só alma (At 4,32).**

**Mas este exame abrange a responsabilidade primeiramente dos teólogos e estudiosos qualificados e depois do magistério eclesiástico. Não pode ser resultado de debates de opiniões de qualquer nível que seja.**

**Gostareis de saber que este exame sobre diversas frentes do ecumenismo já está em andamento. E não nos devemos admirar se ele exige cautela, tempo e progresso gradual. É o ecumenismo em marcha, ecumenismo para o qual a grande figura piedosa e eleita do saudoso cardeal Agostinho Bea encaminhou os passos do nosso Secretariado para a união de todos os cristãos. Prestemos homenagem à sua memória, conservando-nos fiéis a seu método tanto corajoso quanto prudente.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **23 DE JANEIRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

O Concílio é a resposta à boa vontade de todos aqueles que desejam viver e fazer viver o Cristo em nosso tempo. Não é somente um ensinamento doutrinal muito importante. É também um grande impulso moral. Oferece ao pensamento esplêndido quadro de verdades da fé sem pretender dar uma síntese metódica e completa, porque em numerosos itens refere-se à Sagrada Escritura e às fontes autênticas da tradição. Em outros oferece explicação e os desenvolve. No conjunto, entretanto, e é isto que precisamos acentuar, o Concílio constitui poderoso estímulo para agir. É uma doutrina e tende à ação. É dogmático e moral, quer esclarecer as almas e na prática oferecer novos rumos à nossa atividade, tanto pessoal como em comunidade.

Tais são as intenções da Igreja conciliar. Mas isto ocorre de fato na realidade em todo lugar e com todos? Que é que notamos? Será que vossa boa vontade e a da grande comunidade eclesial está tranqüila? Aí está toda a questão.

Notamos duas respostas negativas. A primeira é de impaciência, que deseja, tudo o que o Concílio previu seja realizado imediatamente. A impaciência se exprime pela intolerância, quando estima que convém partir para aplicações imediatas, mais revolucionárias do que reformadoras, sem ter em conta a coerência histórica e lógica das inovações que se introduzem na vida católica. Tal atitude toca as raias da imprudência, contenta-se com o superficial e cede ao prurido da novidade pela novidade e ao mimetismo em moda, que vai da contestação à desobediência. É bom lembrar a economia cronológica do Evangelho sobre este assunto. Não é fulgurante, mas afinal até bem cômoda, não fulmina com o fogo do céu, que quebra toda resistência. É a da semente que produz o fruto "na paciência", que no seu desenvolvimento progressivo descobre o respeito à liberdade, o método da caridade, a confiança não fatalista, mas sábia e esclarecida na ação de Deus, combinada com a do homem.

A outra resposta negativa é complexa e exigiria uma análise psicológica aprofundada e plena de interesse. Por que a Igreja pós-conciliar não se encontra hoje, sob certos aspectos, em situação melhor que antes? Por que tanta desobediência? Por que todas estas faltas à disciplina eclesiástica? Por que todas estas tentações



**de secularização? Por que tanta audácia nas propostas de transformação das estruturas da Igreja? Por que este desejo de assimilar a vida católica à vida mundana e, por que dar tanto crédito às considerações sociológicas, mais que às teológicas e espirituais? Por quê?**

**Crise de crescimento, dizem uns. É possível. Mas não é também uma crise de fé, e não se trata de uma crise de confiança entre alguns, que crêem mais na Igreja? Há quem se interroga sobre este fenômeno alarmante, quem fala de um estado de espírito dominado pela dúvida sistemática e debilitante, que reina nas fileiras do clero assim como entre os fiéis. Outros falam da falta de preparação, de timidez ou de indolência. Chega-se mesmo ao ponto de acusar tanto as autoridades como as comunidades eclesiais de medrosas e tímidas. Diz-se que tanto aquelas como estas, não se importando e deixando tudo correr sem advertir, corrigir ou reagir, favorecem certas correntes manifestamente desordenadas. Como se sofressem de um complexo de inferioridade, recebem acusações por cederem à influência de teses muito discutidas e muitas vezes em contradição com o espírito do Concílio. Estas se impõem na opinião pública, graça aos poderosos meios de comunicação social, e isto se deve também ao fato de serem dominados pelo receio do pior, diz-se, e por temor de não parecerem bastante modernos e bem abertos ao aggiornamento tão desejado.**

**Mas sabemos que se trata de fenômenos limitados, ainda que reais e não menos desprezíveis. Sabemos que a Igreja em seu conjunto dá prova de grande vitalidade, e coloca nossa época ao nível dos mais fecundos de sua história. Não há dúvidas de que em nossa Igreja tão "contestada" de fora como agitada por dentro, haja imensa reserva de boa vontade e de amor, cujos exemplos nos alegra ver em vós, caros filhos. Vós sois decididos e fiéis. Não quereis ficar passivos e inertes numa ação que a Igreja pós-conciliar empreendeu em vista de sua renovação aderindo mais estreitamente à sua origem evangélica e à sua inspiração doutrinal. E para responder às exigências de sua missão no mundo de hoje, quereis até ao limite de vosso fervor e generosidade desenvolver a boa vontade que trazeis no coração e estais persuadidos de que aqueles que guiam a Igreja em todos os níveis, não causarão decepção à vossa silenciosa e estimada disponibilidade. Que esteja convosco o Senhor.**

**Enquanto nós nos alegamos pelo reconforto que nos traz este autêntico espírito eclesial, também não deixamos de incentivá-lo**

pela nossa promessa (que o Senhor a guarde) de reconhecê-lo, secundá-lo e de o servir, confiando-o à ação do Espírito Santo.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **12 DE FEVEREIRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Devemos fazer uma observação sobre a supremacia e exclusividade que hoje se procura atribuir à consciência na orientação do comportamento humano. Ouve-se dizer muitas vezes como aforisma indiscutível que toda a moralidade do homem deve consistir em seguir a própria consciência. Afirma-se este princípio tanto para emancipá-lo das exigências de uma norma extrínseca, como da obediência a uma autoridade que tenta impor certas leis à atividade livre e espontânea do homem. Este deveria ser a lei de si mesmo, sem o liame de outras intervenções em seus atos. Não dizemos nada de novo quando respondemos aos que limitam com esse critério o âmbito da própria vida moral, quer ter por guia a própria consciência não só é bom, mas até necessário. Quem age contra a própria consciência está fora do caminho reto (Rom 14,23). Mas é preciso antes de tudo que se considere que a consciência não é por si árbitro do valor moral das ações que ela sugere. A consciência é intérprete de uma norma interior e superior que não é criada por ela. É iluminada pela intuição de certos princípios normativos inatos na razão humana. Não é a fonte do bem e do mal. É a advertência a percepção de uma voz que por isso mesmo se chama voz da consciência. É a indicação da conformidade das ações com a exigência intrínseca que o homem tem de tender à verdade e à perfeição. É, em outras palavras, a intimação subjetiva e imediata de uma lei, que devemos chamar natural, embora hoje muita gente não queira mais ouvir falar de lei natural.**

**Porventura não é em relação com essa lei compreendida rio seu significado autêntico que nasce no homem o sentido da responsabilidade, e com isto a sensação de boa consciência e de merecimento ou também de remorso e de culpa? Consciência e responsabilidade são dois termos que se relacionam entre si.**

**Em segundo lugar, devemos observar que a consciência para ser norma válida do agir humano deve ser reta, isto é, deve ser verdadeira e segura de si. Não deve ser incerta nem culpavelmente errônea, o que, infelizmente, pode acontecer com muita facilidade, por causa da fraqueza da razão humana, quando abandonada a si mesma, quando não instruída.**

**A consciência, com efeito, deve ser educada. A pedagogia da**

**consciência é necessária para o homem todo, pois este é um ser em desenvolvimento interior, que vive num ambiente exterior muito complexo e exigente. A consciência não é a única voz que pode guiar a atividade humana. É apenas uma voz que a esclarece e fortifica, quando a voz da lei, portanto, da legítima autoridade, se une à sua. Em outras palavras, a voz da consciência não é sempre infalível nem objetivamente suprema. E isto é verdade especialmente no campo da ação sobrenatural, no qual a razão não é capaz por si mesma de conhecer o caminho do bem, e por isso deve recorrer à fé para ditar ao homem a norma da justiça que Deus exige de nós por meio da revelação. "O justo vive da fé", diz são Paulo (Gal 3,11).**

**Quando se anda durante a noite, isto é quando se caminha no mistério da vida cristã, não bastam os olhos para se caminhar bem, é preciso levar uma lanterna, é necessário luz. Essa "luz do Cristo" não deforma, não mortifica, não contradiz a luz de nossa consciência mas a torna mais clara e mais capaz de seguir a Cristo pelo caminho reto de nossa peregrinação em direção à visão eterna.**

**Procuremos agir sempre com uma consciência reta e forte, esclarecida pela sabedoria do Cristo.**

**A publicação nesta semana da encíclica Humanae Vitae sobre a regulação dos nascimentos, deu motivo a que vos falássemos sobre o assunto, como um dever.**

**Conheceis o texto deste documento pontifical, ou ao menos seu conteúdo essencial, que não é somente a promulgação de uma lei negativa, isto é, a exclusão de toda ação que tenha por fim tornar impossível a procriação (nº14), mas antes de tudo a exposição positiva de uma moral conjugal em função de sua missão de amor e de fecundidade "na missão integral do homem e de sua vocação não somente natural e terrestre, mas também sobrenatural e eterna" (nº7). É um esclarecimento sobre o capítulo fundamental da vida pessoal, conjugal, familiar e social do homem, mas não trata de maneira exaustiva de tudo o que concerne ao ser humano no domínio do casamento, da família, da honestidade dos costumes, domínio imenso sobre o qual o magistério da Igreja poderia tornar a falar numa perspectiva mais vasta, mais orgânica e sintética.**

**Esta encíclica responde a perguntas, dúvidas e tendências, sobre as quais, cada um sabe, se abriu uma discussão bastante vasta e viva**

nestes últimos tempos, e que comprometeram seriamente nossa função doutrinal e pastoral. Não vos falaremos no momento deste documento, em parte por causa da delicadeza e da gravidade do assunto, que nos parece ultrapassar a simplicidade familiar deste discurso hebdomadário, e doutra parte porque a respeito desta encíclica não faltam publicações e estão-se multiplicando para todos aqueles que se interessam pelo problema. Simplesmente vos diremos algumas palavras não tanto sobre a encíclica, mas sobre alguns sentimentos que nos invadiram a alma durante o longo período de sua preparação.

O primeiro sentimento foi o de nossa grave responsabilidade. Foi este que nos levou e nos sustentou no coração da questão durante os quatro anos que consagramos ao estudo e à elaboração da encíclica. Não vos ocultamos que este sentimento nos fez sofrer muito espiritualmente. Nunca tínhamos sentido como nessa ocasião o peso de nosso cargo. Estudamos, lemos, discutimos tanto quanto podíamos e rezamos bastante. Certas circunstâncias relativas ao assunto vos são bem conhecidas: tínhamos que responder à Igreja e à humanidade toda inteira. Em função da fé em nossa liberdade e em nosso cargo apostólico, devíamos levar em consideração uma tradição doutrinal, não secular, mas recente, isto é, a de nossos três predecessores imediatos. Estávamos obrigados a fazer nosso o ensinamento do Concílio, que tínhamos promulgado nós mesmos. Estávamos dispostos a aceitar, até onde o pudéssemos fazer, as conclusões, ainda que de caráter consultativo, da comissão criada pelo papa João, de venerável memória, e ampliada por nós, mas ao mesmo tempo tínhamos que ser prudentes. Não ignorávamos as vivas discussões, levantadas com tanta paixão quanto autoridade sobre tão grave problema. Ouvimos a voz poderosa da opinião pública, da imprensa e a voz, mais fraca, mas não menos penetrante para nosso coração de pai e pastor, de tantas pessoas e em particular de tantas mulheres respeitáveis, angustiadas por este problema difícil, que sua própria experiência tornava ainda mais difícil. Lemos os relatórios científicos sobre a desconcertante questão demográfica no mundo, baseados muitas vezes em depoimentos de especialistas e em programas de governo.

Recebemos de toda a parte publicações, algumas das quais inspiradas no exame de certos aspectos científicos da questão, outros baseadas na consideração realista das múltiplas e graves condições sociológicas ou das mutações, hoje tão imperiosas, que se produzem repentinamente em todos os setores da vida moderna.

**Repetidas vezes tivemos a impressão de estarmos submerso, por assim dizer, debaixo desta avalanche de documentos, e muitas vezes, humanamente falando, sentimos a insuficiência de nossa pobre pessoa ante o terrível dever apostólico de nos pronunciarmos sobre o assunto. Bastantes vezes trememos ante o dilema de uma fácil condescendência às opiniões correntes, ou de uma decisão insuportável à sociedade atual, ou que fosse arbitrariamente muito pesada para a vida conjugal.**

**Aproveitamos inúmeras consultas particulares de personalidades de alto valor moral, científico e pastoral. Invocando a luz do Espírito Santo, colocamos nossa consciência em livre e plena disponibilidade à voz da verdade, procurando interpretar a lei divina, que víamos derivar-se das exigências intrínsecas do amor humano autêntico, das estruturas essenciais da instituição do casamento, da dignidade pessoal dos esposos, de sua missão a serviço da vida assim como a serviço da santidade do matrimônio cristão. Refletimos sobre os dados estáveis da doutrina tradicional e atual da Igreja e em particular sobre os ensinamentos do recente Concílio. Pesamos as conseqüências de uma e outra decisão. Finalmente não tivemos nenhuma dúvida sobre o dever que se impunha de pronunciar nossa sentença nos termos expressos pela presente encíclica.**

**Outro sentimento que nos guiou sempre no trabalho foi o da caridade, da sensibilidade pastoral, ante os que são chamados a realizar integralmente sua personalidade na vida conjugal e na família. De bom grado acatamos a concepção personalista, que foi a do Concílio, sobre a sociedade conjugal, dando assim ao amor que a gera e alimenta, o lugar eminente que lhe convém na apreciação subjetiva do matrimônio. Acolhemos em seguida todas as sugestões formuladas no plano da liceidade para facilitar a observância da lei reafirmada. Tivemos por bem acrescentar à exposição doutrinal algumas indicações práticas de caráter pastoral. Rendemos homenagem aos homens de ciência pelas diligências de seus estudos sobre o processo biológico da natalidade e pela justa aplicação dos remédios terapêuticos e da lei moral que lhes são inerentes. Reconhecemos a liberdade dos esposos, isto é, sua responsabilidade, enquanto ministros dos desígnios de Deus sobre a vida humana, interpretados pelo magistério da Igreja, para seu bem pessoal e para o de seus filhos. Lembramos também a finalidade superior que inspira a doutrina e a prática da Igreja, a**

saber, a de servir os homens, compreendê-los e ajudá-los em suas dificuldades, formá-los num senso agudo de suas responsabilidades e numa corajosa concepção dos grandes e comuns deveres da vida, e dos sacrifícios inerentes à prática da virtude, e na edificação de um lar fecundo e feliz.

Foi enfim um sentimento de esperança que assistiu na redação difícil desta encíclica. Esperança de que em função de sua virtude própria e de sua verdade humana, por assim dizer, esta encíclica seria bem acolhida, apesar da diversidade das opiniões largamente espalhadas e das dificuldades, que o caminho traçado pode apresentar àquele que deseja nele engajar-se lealmente e também àquele que deve ensinar francamente o mesmo, com a ajuda de Deus, bem entendido. Esperança de que os sábios saberiam descobrir no documento o fio natural que o liga à concepção cristã da vida e que nos autoriza a incorporar as palavras de são Paulo: "Nos autem sensum Christi habemus, nós temos o pensamento do Cristo" (1 Cor 2,16). Esperança, enfim, de que os esposos cristãos saberiam compreender a que ponto nossas palavras, por severas e árduas que possam parecer, não querem senão interpretar a autenticidade de seu amor, chamado a transfigurar-se na imitação do amor de Cristo pela Igreja, sua esposa. Esperança de que estes esposos, como os primeiros, saberiam desenvolver toda a iniciativa prática, que tenda a ajudar as famílias em suas necessidades, a fazê-las desabrochar na integridade de seu amor e a inspirar na família moderna sua espiritualidade própria, fonte de perfeição para cada um de seus membros e testemunho moral na sociedade.

Como vedes, caros filhos, é uma questão particular, que se refere a um aspecto extremamente delicado e grave da existência humana. Do mesmo modo que nos aplicamos a estudá-lo e fazer sua exposição com a franqueza e a caridade que tal problema exigia de nosso magistério e de nosso ministério, assim também pedimos a todos aqueles, seja quem forem, que estejam diretamente interessados por esta questão, de examiná-la com o respeito que merece, no vasto e luminoso quadro da vida cristã.

---

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



## **17 DE FEVEREIRO DE 1969. AUDIÊNCIA AOS PREGADORES DA QUARESMA E AOS VIGÁRIOS DE ROMA.**

**Antes de mais nada devemos lembrar algumas idéias dinâmicas, hoje percorrendo toda a Igreja, e que especialmente entre os eclesiásticos suscitam muita perturbação.**

**A primeira delas refere-se à figura do padre, a qual é considerada, quase sempre, exteriormente na sua posição sociológica, no quadro da sociedade contemporânea, a qual, como todos sabem, se acha toda em movimento, toda em transformação.**

**O padre que permaneceu no seu lugar, viu-se abandonado por sua tradicional comunidade. A seu redor fez-se um vácuo, em muitos lugares. Noutros mudou a clientela pastoral. Difícil é aproximar-se dela, difícil entendê-la, difícil despertar-lhe o interesse pelas coisas religiosas, difícil reuni-la em comunidade harmoniosa, fiel e orante.**

**Então o padre se interrogou, sobre o que está fazendo num mundo tão diferente daquele que assistiu um dia. Quem o escuta ainda? Como pode fazer-se escutar? O padre sentiu-se como um fenômeno social estranho, anacrônico, impotente, inútil, até ridículo.**

**Eis então a idéia nova e dinâmica: é preciso fazer algo, é preciso tudo arriscar, para novamente aproximar-se do povo, para compreendê-lo, para evangeliza-lo. A idéia é ótima, e vemos que brotou da caridade do coração desolado do padre, que se sentiu excluído do mundo histórico, social e humano em que se devia encontrar como personagem central, mestre e pastor. Nele, porém, tornou-se forasteiro, solitário, supérfluo e objeto de zombaria. Fizeram-se intoleráveis a inconvivência e o sofrimento desta sorte. O sacerdote procurou inspiração e energia na profundidade e na essência de sua vocação. É preciso mexer-se, disse, e retomar a "missão". Talvez o tenha dito com prejuízo da celebração do culto divino e da administração normal dos sacramentos.**

**Idéia ótima, dizemos, e sinal de altíssima consciência sacerdotal. O sacerdote não é para si, mas para os outros. O sacerdote deve correr atrás dos homens, para torna-los fiéis e não apenas ficar esperando que os homens venham a ele. Se a sua igreja se esvaziou, ele deve sair "pelas praças e ruas da cidade" em busca**



**dos pobres e depois até "pelos caminhos e veredas" e forçar os convidados assim reunidos a entrarem (Lc 14,21-23). Esta urgência apostólica impele os corações de muitos sacerdotes cujas igrejas se tornaram desertas. E se isso assim ocorre, como não admira-los? Como não lhes dar nosso apoio?**

**Mas prestemos atenção justamente pelo caráter experimental e positivo do apostolado. Primeiro, nem sempre as coisas se passam desta forma. Ainda existem comunidades compostas de numerosíssimos fiéis e desejosas de observância regular: por que deixa-las? Por que mudar para elas o método do ministério, quando este é ainda autêntico, válido e magnificamente fecundo? Não causaríamos um mal-estar à fidelidade de tantos bons cristãos, para tentar aventuras de incerto sucesso? Segundo, quando basta abrir uma nova igreja, e acolher com amorosa solicitude as pessoas que para aí espontaneamente acorrem, ávidas da palavra divina e da graça sacramental, por que imaginar formas novas e estranhas de apostolado, de duvidosa eficácia e talvez de precária duração? Não convém antes aperfeiçoar as tradicionais e fazê-las reflorescer, como nos ensina o Concílio, com realismo pastoral, com nova beleza e nova eficácia, antes de experimentar outras, muitas vezes, arbitrárias e de não seguro resultado, ou restrito a grupos particulares, e separados da comunhão do povo fiel? Não esqueceremos a palavra de Jesus, recomendando-nos deixar as noventa e nove ovelhas no aprisco, a fim de ir em busca da única que se tresmalhou (Lc 15,4). Isto especialmente se a proporção, como hoje, acontece em determinadas situações, fosse inversa, ou seja, uma só ovelha no aprisco, e noventa e nove tresmalhadas. Mas sempre nos servirá de guia o critério da unidade e da totalidade de nosso rebanho, o critério do amor pastoral e da responsabilidade, para com as almas e seu inestimável valor.**

**É preciso prestar atenção: a necessidade, ou melhor, o dever da missão eficaz, inserida na realidade da vida social, pode produzir outros inconvenientes, como o de menosprezar o ministério sacramental e litúrgico, como se fosse um freio e empecilho ao da evangelização direta do mundo moderno. Ou então aquele, hoje muito difundido, de pretender fazer do padre, um homem como qualquer outro, na vestimenta, na profissão profana, na frequência aos espetáculos, na experiência mundana, no engajamento social e político, na formação de família própria, abdicando ao sagrado celibato. Fala-se de querer assim integrar o sacerdote na sociedade.**

**É assim que deve ser entendido o significado da magistral palavra de Jesus que deseja estejamos no mundo. mas não sejamos do mundo? Não chamou ele e escolheu discípulos, aqueles que deviam estender e continuar o anúncio do reino de Deus, distinguindo-os e até separando-os do modo comum de viver, e pedindo-lhes que deixassem tudo para segui-lo, a ele só? Todo o Evangelho fala desta qualificação, desta "especialização" dos discípulos, que depois deviam exercer o múnus de apóstolos. Jesus separou-os, não sem um radical sacrifício da parte deles, de suas ocupações corriqueiras, dos seus interesses legítimos e normais, de sua assimilação ao ambiente social, dos seus afetos sagrados. Quis que se dessem a ele, dedicados com doação integral, com um compromisso sem reticências, insistindo, é certo, na sua livre e espontânea resposta, mas desde logo anunciando-lhes uma total renúncia, imolação heróica. Ouçamos de novo o inventário de nossos desapegos, dos lábios mesmos de Jesus: Todo aquele que deixar sua casa, seus irmãos e irmãs, seu pai e sua mãe, sua mulher e filhos, seus campos, por amor de mim... (Mt 19,29). Os discípulos tinham consciência desta sua pessoal e paradoxal condição, pois dizia Pedro: Pois bem, deixamos tudo para te seguir... (Mt 19,27).**

**O discípulo, o apóstolo, o sacerdote, o autêntico ministro do Evangelho, pode socialmente ser um homem como os outros homens? Pobre como os demais, sim. Irmão dos outros, sim. Servo do próximo, sim. Vítima para os demais, sim. Mas ao mesmo tempo dotado de uma função altíssima e especialíssima: Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo. É claro, se tivermos a noção da composição orgânica do corpo eclesial. A tal respeito não poderia São Paulo ser mais explícito: O corpo humano não se compõe só de um membro, mas de muitos. Se todos constituíssem apenas um só membro, onde estaria o corpo? Há, portanto, uma multiplicidade de membros, mas um só corpo (1 Cor 12,14-21).**

**A diversidade de funções é princípio constitucional na Igreja de Deus. A ela se refere em primeiro lugar o sacerdócio ministerial. Cuidemos em não perder esta missão específica, por um mal entendido propósito de assimilação, de "democratização", como se diz hoje na sociedade ambiental: "Se o sal perder a sua força, com que lhe restituiremos seu sabor? Para nada mais serve senão para ser jogado fora e pisado pelos homens" (Mt 5,13). São palavras do Senhor, que devem levar à reflexão para o discernimento necessário, na aplicação da fórmula que lembramos estar no mundo, mas não ser do mundo. A falta desse discernimento, do qual tanto**

**nos falaram a educação eclesiástica, a tradição ascética e o direito canônico, pode justamente obter o efeito contrário àquele que seu incauto abandono nos tinha feito esperar: a eficácia, a renovação, a modernidade. De fato pode assim ser anulada a eficácia da presença e da ação sacerdotal no mundo. Justamente a eficácia que se pretendia alcançar, ao reagir imprudentemente à separação do sacerdote do resto da sociedade. Anulada na estima e confiança do povo, e pela exigência prática de dedicar a ocupações profanas e afeições humanas: tempo; coração, liberdade, superioridade de espírito (1 Cor 2,15) que apenas o ministério sacerdotal poderia reivindicar para si.**

**De novo afirmamos, irmãos veneráveis e caríssimos, é preciso prestar atenção. Este desejo de inserir o sacerdote no complexo social, em que se passa a sua vida e se exerce o seu ministério, é bom. Mas do propósito generoso de sair do invólucro de uma condição cristalizada e privilegiada, pode vir a traduzir-se numa sugestão errônea gravíssima, que poderá paralisar a vocação sacerdotal, naquilo que ela possui de mais íntimo, mais carismático e fecundo. Pode demolir num só golpe o edifício da funcionalidade pastoral. Como também pode expor sacerdotes bons, especialmente jovens, ao influxo das correntes mais discutíveis e perigosas, de mentalidades estranhas em moda. Pode desta forma torná-los vulneráveis exteriormente, e expô-los à aceitação exagerada e incontrolada das idéias alheias. O gregarismo ideológico e prático se tornou contagioso. Num relato sério sobre os fatos de maio passado, no ambiente universitário francês, líamos: "On a signalé aussi l'imprégnation de la mentalité maoïste chez certains aumôniers d'étudiants. Foi denunciada também a infiltração de mentalidade maoísta entre alguns capelães de estudantes".**

**É mister estar atento. Outra idéia dinâmica, também louvável, em si, mas muitas vezes descontrolada na sua formulação e explosiva na problemática aplicação, é a das assim chamadas "estruturas". Não se sabe bem qual o significado atribuído a este termo na linguagem eclesiástica, especialmente quando se quer conservar o devido respeito à obra do Cristo, à Igreja tal como, é, em seu plano constitucional, em seu patrimônio doutrinal, em sua elaboração tradicional, instrumento e sacramento da salvação. Mas há uma fórmula que predomina: é preciso mudar as estruturas? Isto é possível? É lícito? É útil?**

**Parece-nos às vezes que o sonho irreal de uma igreja invisível, ou a**

**louca esperança de poder eliminar as dificuldades e a materialidade da Igreja-instituição, para conservar um cristianismo puro, de vaga e livre concepção, ou a temerária utopia de fazer surgir uma igreja de invenção própria, não permitem refletir na superficialidade de semelhante ambição, especialmente se a mudança de estruturas tem como propósito começar por destruir e não por reformar as que existem e se lhe falta, a esta iniciativa, autoridade e experiência para tão grave operação.**

**Sob o véu transparente de um abstrato nominalismo, almejam-se novidades subversivas, sem levar em conta duas coisas que nos deveriam recomendar sabedoria e prudência: a primeira, que a modernização das estruturas, melhor dizendo, da legislação eclesiástica, já está em vias de realização. Para ser sadia, contudo, vital e promovida pela co-responsabilidade de quem sabe e pode, exige estudo e paciência, aos quais nós em primeiro lugar procuramos dar impulso, especialmente com a revisão do Código de Direito Canônico. A segunda, que as estruturas, objeto de contestação, de forma alguma são contrárias aos efeitos intencionados por sua mudança.**

**Quem conhece a Igreja por dentro, não a ignora. Embora lamentando certos defeitos inegáveis, vê como o amor e a obediência, a confiança e o zelo, podem muito bem reanimar o tronco, tal com o de velha oliveira, das antigas estruturas por uma nova vegetação de genuína vitalidade cristã.**

**Mas é assim: querem mudar as estruturas. E muitos quando o dizem, pensam no aborrecimento representado pela autoridade na Igreja. Querem suprimi-la, mas não o podem. Querem que ela derive da comunidade, e com isso se contraria uma característica constitucional da Igreja, que Cristo, intencionou apostólica. Querem-na serviço e está bem, contanto que tal serviço seja como se deve, c do poder pastoral. Querem ignorá-la, mas como continuará autêntico um cristianismo sem magistério, sem ministério, sem unidade e poder que derivem de Cristo? (Gal 1,8-9; 2 Cor 1,24; 2 Cor 10,5).**

**A autoridade na Igreja! Para quem experimenta seu grave peso e não lhe ambiciona a honra, é difícil fazer sua apologia! Baste-nos por hora termos feito esta modesta defesa.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **12 DE MARÇO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Na reflexão que devemos fazer sobre os ensinamentos morais do Concílio, aparece um tema que nos acode sem cessar à memória, como um daqueles sobre que insistem os textos conciliares com mais vigor, e um dos mais importantes para a reconquista perpétua da autenticidade que a Igreja deve conseguir, de sua própria coesão, e da fidelidade à intenção original e criadora do Cristo a seu respeito. Esse tema é o que trata sobre o serviço.**

**Ora, quando falamos de serviço parece-nos descobrir dupla reação em nossos ouvintes. A primeira reação é, antes, negativa, na medida em que certos critérios fundamentais da educação humana e cristã lhe diz respeito. Dizíamos que o homem moderno não deseja sujeitar-se a nenhuma autoridade nem a nenhuma lei. O instinto de liberdade leva-o à licenciosidade, ao capricho e até à anarquia. No próprio seio da Igreja, a idéia de serviço e por isso mesmo de obediência, é contestada muitas vezes até mesmo nos seminários. É bom recordar que esta idéia de serviço é fundamental para cada cristão e mais ainda para o cristão chamado ao exercício de alguma função: seja de caridade, de apostolado,**

**de colaboração e de responsabilidade. É especialmente no âmbito eclesial, onde a solidariedade, a subsidiariedade, a unidade e o amor têm exigências contínuas e estimulantes. Não esqueçamos a exortação do Apóstolo: "Carregai os fardos uns dos outros e assim cumprireis a lei do Cristo" (Gal 6,2).**

**A segunda reação, que talvez não se exprima, porém no subconsciente é de satisfação possivelmente, porque se pensa que uma exortação ao serviço, se refere mais diretamente à autoridade, e a fere nas suas ambições e arbitrariedades, colocando-a em nível interior àqueles em favor dos quais é exercida.**

**É verdade. Aceitamos esta referência da idéia de serviço em relação à autoridade, ou melhor, ao exercício, à função, ao fim mesmo da autoridade, diríamos, à finalidade da hierarquia. Não quer dizer que ela receba seu poder da comunidade, como se verifica nos regimes democráticos, e seja responsável perante esta comunidade de sua razão de ser. Mas é certo que o "exercício hierárquico existe para a comunidade e não vice-versa". É certo ainda que a autoridade na**

Igreja, segundo a famosa forma augustiniana, não é para dominar, mas para ajudar. Não é para próprio prestígio, mas para a utilidade dos outros: *ut nos vobis non tam praeesse quam prodesse delectet*. A função hierárquica é serviço. É este um pensamento que procuramos ter sempre presente em nossa mente. Sentimos seu peso. Provamos ao mesmo tempo sua grande energia. Porque aquele poder que nos torna devedores de todos (Rom 1,14), e servidores de todos, pesa como insuportável responsabilidade sobre nossos frágeis ombros. Num duplo sentido em relação a Cristo, do qual tudo recebemos e ao qual tudo devemos, e em relação ao Povo de Deus, de quem ele, o Senhor nos fez pastor com todas as tremendas e sublimes conseqüências que esse título comporta. Mas ao mesmo tempo esse título de pastor é uma profissão, é, sobretudo, uma fonte de caridade. A autoridade na Igreja é serviço de caridade, é exercício de amor (Gal 5,13). O amor é a força de Deus que nos capacita a cumprir tarefas superiores e por vezes sobre-humanas, se necessário.

Também temos um desejo a vos exprimir, caros filhos: rezai por nós para que sejamos de fato fiel ao serviço que nos é confiado. Fiel ao Cristo, diríamos, e fiel a vós, e à Igreja. Sabemos de sobejo que nosso serviço exige que nossa vida corresponda ao modelo de perfeição cristã e que o aspecto exterior de nossa função apostólica revista um estilo de evidente autenticidade. Nisto temos a ajuda dos santos, de nossos irmãos e dos fiéis fervorosos. Ajudai-nos também pela vossa afeição e preces.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **15 DE MARÇO DE 1969. AUDIÊNCIA CONCEDIDA AO CONSELHO DOS LEIGOS.**

**Parece-nos inteiramente de acordo com o espírito do Concílio, e útil à renovação atualmente em curso na Igreja, que se estabeleça entre nós e vós um frutuoso diálogo.**

**Este diálogo muito útil, parece-nos mais necessário do que nunca nas atuais circunstâncias, marcadas, como todos sabem, por amplos questionamentos, por contestações múltiplas que podem, em medida justa, auxiliar a Igreja a renovar-se, mas que por vezes ameaçam perturbar a fé do povo cristão ao invés de confirmá-la e vivificá-la.**

**Sois testemunhas diretas em vossos diversos países destes movimentos de ação e pensamento, de suas manifestações várias, dos sentimentos profundos que os inspiram. Podeis apreciar os elementos preciosos e positivos que comportam, e a esse respeito trazer-nos a nós mesmos importantes elementos para avaliá-los. É o que esperamos do vosso Conselho. Foi esse um dos motivos que presidiram à sua instituição.**

**Mas o intercâmbio deve efetuar-se nos dois sentidos. Esperamos também de vós, que o vosso senso da Igreja, vossa dedicação àquele que embora indigno - é hoje sua cabeça visível, vos inspirem ao mesmo tempo fazer-vos seus intérpretes junto aos vossos irmãos, levando-lhes o eco de suas preocupações pastorais, suas ordens, e também as diretrizes que lhe cabe dar para o apostolado.**

**Em suma, é preciso que se estabeleça uma corrente de vós para nós, e de nós para vós. É de máxima importância que Igreja, como em qualquer organismo vivo, a cabeça e os membros estejam intimamente ligados, num mesmo amor a Cristo Salvador, que as preocupações dos filhos sejam conhecidas pelo Pai e por ele compartilhadas. Mas também deve a palavra do Pai ser ouvida por todos os filhos, compreendida e posta em prática. Para isso igualmente contamos convosco. Pois bem o sabeis, esta palavra não deseja senão repetir a mensagem do Evangelho, mas é também a mensagem total que ela quer repetir, em sua plenitude. Disso podeis assegurar ao voltardes de Roma, todos aqueles que agora representais junto a nós.**



**A grande preocupação do papa é que todos os cristãos sejam fiéis a Cristo, levem generosamente a boa-nova da salvação pelo mundo, e onde quer que estejam, nas famílias, nas cidades e aldeias, nas usinas e escritórios; nos laboratórios e secretarias, nos negócios e fazendas, por todo o mundo, enfim, sejam testemunhas vivas, ardentes, generosas, alegres e comunicativas, do amor do Senhor.**

**Na atual crise que abala o mundo, na mudança que sacode as instituições, mesmo as mais bem estabelecidas, há como que uma vertigem apoderando-se das almas mais seguras, no seio mesmo da Igreja e até dos que se haviam generosamente dedicado ao seu serviço exclusivo.**

**Todos nesta hora de perturbação devem refletir, escutar e compreender as interrogações e contestações que dizem respeito a todos nós, e nos obrigam a um salutar exame de consciência: seremos nós bons servos da Igreja, autênticas testemunhas do Evangelho, oons mensageiros do Cristo? Poderemos nós, como são Paulo, que recebeu do Cristo a divina certeza: "Basta-te a minha graça, pois a torça alcança perfeição na fraqueza", poderemos digo, responder com o brado da fé e esperança, que brotou do peito do grande Apóstolo: "De bom grado prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que repouse sobre mim a força de Cristo"? (2 Cor 12,9).**

**Sim, queridos filhos, sede sempre mais disponíveis à graça de Cristo e dóceis às suas inspirações, a todas elas: às que vos são mais familiares, certo, mas também àquelas que animam outras famílias espirituais, outros movimentos de apostolado, diversos dos vossos.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **26 DE MARÇO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Os documentos conciliares falam da pessoa humana e da personalidade cristã, da consciência individual, da liberdade etc. Em suma falam da essência do homem, da sua dignidade e de seus direitos. Contudo, a quem não olhar para o conjunto da doutrina conciliar, pode parecer que o grande tema da vida interior, da religião pessoal, da adoração, da meditação, e da contemplação, tenha sido deixado ao estudo e à prática da iniciativa eclesial tradicional e privada. Por isso, há quem se queixe de que o Concílio não tenha dado suficiente apoio à piedade pessoal. Há quem se lastime de que exista, em alguns ambientes e em alguns períodos, certa decadência da religiosidade interior, no santuário de cada alma.**

**Para essa decadência contribui também a difusão de certas formas de atividade pastoral, por si legítimas e até louváveis, mas que podem induzir, se forem isoladas do contexto religioso da fé e da graça, a uma prevalência do estudo da vida religiosa e moral nos seus aspectos estatísticos, sociológicos, culturais e também artísticos e folclóricos, isto é, exteriores e parciais.**

**Outrossim, as referidas formas de apostolado, no caso em que se arrefece a vigilância sobre a ortodoxia doutrinal, conspiram também para a difusão perigosa - não queremos empregar outro termo de certas correntes de pensamento secularizado, que consideram e admitem apenas um cristianismo denominado horizontal, filantrópico e humanista, que prescinde de seu conteúdo essencial, vertical e teológico, dogmático e substancialmente religioso.**

**Devemos, por conseguinte, fazer duas coisas: em primeiro lugar, estudar melhor os ensinamentos do Concílio, depois integrá-los à luz daquele patrimônio doutrinal que o Concílio não repudiou absolutamente, mas, pelo contrário, confirmou, tornando-o mais vasto e mais orgânico, recomendando que fosse conservado e atualizado.**

**Estes ensinamentos conciliares contêm, com efeito, algumas indicações da importância de certos elementos religiosos, que não podem assumir seu valor autêntico e operante, a não ser na interioridade pessoal do homem.**

**Vamos brevemente referir-nos a uma destas indicações: o estudo da Sagrada Escritura, e o culto do Espírito Santo.**

**Todos aqueles que reconhecem a honra e o desenvolvimento que foram dados à "Liturgia da Palavra", sabem muito bem quanto interesse a Sagrada Escritura deve despertar na vida pessoal do cristão. Neste ponto, o Concílio recorda uma célebre palavra de São Jerônimo: "A ignorância das Escrituras é de fato ignorância de Cristo". Toda a constituição dogmática Dei Verbum faz apologia da Sagrada Escritura, como regra suprema de fé (nº21) , e diz que "é necessário que os fiéis tenham largo acesso a ela" (nº22).**

**Ora, sabe-se que a compreensão e assimilação da palavra de Deus, expressa na Sagrada Escritura, exige uma atitude religiosa pessoal, no silêncio interior, na meditação, na aceitação do magistério da Igreja, na experiência secreta da sua luz e da sua força espiritual, pois sem ele a semente da palavra de Deus fica infecunda e cria, em quem a ouviu sem torná-la própria, uma responsabilidade e não uma salvação.**

**Teríamos muito que falar sobre o Espírito Santo anunciado e exaltado por todo o Concílio. Não podemos deixar de retificar certas opiniões, que alguns têm sobre sua ação carismática, como se cada um pudesse pretender ser favorecido por ela, para subtrair-se à obediência à autoridade hierárquica, como se fosse possível apelar para uma Igreja carismática, em oposição a uma Igreja institucional e jurídica, como se os carismas do Espírito Santo, quando autênticos (1 Tes 5,19-22; 1 Tim 1,18), não fossem dons concedidos para a utilidade da comunidade eclesial, para a edificação do Corpo místico de Cristo (1 Pdr 4,10) e não fossem outorgados de preferência a quem na Igreja, desempenha funções especiais de governo (1 Cor 12,28) e não fossem sujeitos à autoridade da hierarquia.**

**Mas, para quem viver da Igreja e com a Igreja, resta o grande mistério da sua vivificação, por virtude do Espírito Santo. Vivificação que o Concílio pôs em grande evidência, e que nos obriga a apreciá-lo onde ele está presente, e opera na oração, na meditação, na consideração da presença do Cristo entre nós (Ef 3,17), em julgar a caridade como grande e primeiro carisma (1 Cor 12,31) e em conservar ciosamente o estado de graça.**

**A graça é a comunhão de vida divina em nós. Por que hoje se fala dela tão pouco? Por que tantas pessoas parecem não fazer caso dela, mais solícitas em enganar a si mesmas sobre a liceidade de toda experiência proibida, e em apagar em si mesmas o senso do pecado, do que em defender na própria consciência o testemunho interior do Paráclito (Jo 15,26).**

**A esta espiritualidade nós vos convidamos, filhos caríssimos. Não se trata de uma espiritualidade puramente subjetiva, que exclui o conhecimento das necessidades alheias. Não se trata de uma inibição ante a vida cultural e exterior em todas as suas exigências. É a espiritualidade do amor, que é Deus na qual Cristo nos iniciou, e que o Espírito Santo dota, com seus sete dons de maturidade cristã.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **30 DE MARÇO DE 1969. HOMILIA NA MISSA DO DOMINGO DE RAMOS.**

Há uma juventude que ainda escuta a voz da Igreja. E o faz não porque é conduzida aqui pelo costume, pela obediência e pela multidão, mas também porque é impelida pela esperança, a esperança de uma revelação, de uma intuição, de uma luz fulgurante que ilumine o panorama da vida, que indique onde estamos e para onde devemos ir, numa palavra, que nos oriente.

Não observais em vós mesmos. caríssimos jovens, essa necessidade de saber se há uma finalidade, um valor, um objetivo que mereçam dar sentido e orientação à vossa vida? E qual seriam eles? Respondei.

Há hoje na juventude, todos nós o sabemos, e vós talvez tendes disto experiência, uma grande inquietude, uma torrente de forças e aspirações, que explodem em formas exuberantes e muitas vezes violentas, quase sempre contra alguma coisa, por exemplo, contra o modo de pensar e viver dos outros, contra os costumes de ontem, contra as leis em vigor, e contra as instituições herdadas do passado. Sim uma exigência despótica de novidade, de originalidade e de liberdade impele a alma juvenil, traduzindo-se muitas vezes em rebeldia. A vitalidade dos jovens exprime-se muitas vezes por uma forma negativa, que se manifesta na satisfação pelas desordens e pelos problemas, que sabe provocar e suscitar, muito mais do que pelo sentido positivo que poderia assumir uma impetuosa intervenção no contexto social, qualificado pela opinião pública como ordem estabelecida.

Os movimentos juvenis impugnam este estado de coisas, com vigor tão convicto como negligente, e ignaro do que na prática o deve substituir, dentro dos limites da sensatez. É o grande problema desta hora de perturbação das idéias e da vida social. Mas não é disto que desejamos falar agora. Foi apenas uma alusão para que saibais que também a Igreja tem os olhos abertos, vê e pondera com solicitude amorosa e ansiosa preocupação o grande fenômeno da agitação juvenil e a este propósito tem em mente muito o que dizer e o que fazer.

Queremos comunicar-vos um só pensamento, nesta hora, toda

**dedicada à celebração do mistério pascal, e agora inteiramente empenhada na evocação do episódio evangélico, que bem conheceis, da solene e festiva entrada de Jesus em Jerusalém, em meio ao júbilo da multidão imensa, que acorrera à cidade santa por ocasião da Páscoa, que o aclama Filho de Davi (Mt 21,9) e Rei de Israel (Jo 12,13), em outras palavras, Messias, personagem misterioso, preanunciado pelos profetas, esperado há séculos, revestido de autoridade e de poder, de revelar e realizar os prodigiosos destinos do povo eleito. Neste momento, repetimos, que tem também certo segredo para desvendar-nos, um acontecimento para anunciar-nos, uma renovação para sugerir-nos. É um pensamento em que sintetizamos muitas reflexões nossas. Um pensamento que a nosso ver possui valor profético, e que diz respeito a todos os que têm fé e de modo especial a vós que sois jovens. Escutai-nos com atenção.**

**O pensamento é este: compete aos jovens em nossos dias revelar ao mundo que Cristo, o Cristo verdadeiro, o Cristo que está sempre vivo na Igreja que o prega, que o personifica, que o comunica, que Cristo, afirmamos, é o Salvador do mundo.**

**Compete. aos jovens, a vós filhos e amigos caríssimos, dar este anúncio. Tendes uma missão. Tendes uma função a cumprir nesta nossa sociedade tão exuberante de riquezas, de energias e maravilhas, mas também tão desorientada, no que diz respeito aos verdadeiros e insubstituíveis fins a perseguir, tão ativa e ao mesmo tempo tão descontente de si. Tão culta e inteligente e também tão corroída pela dúvida, e tão cega diante dos verdadeiros caminhos, que levam à felicidade. Tão organizada e tão ameaçada pela sua própria organização. Tão cheia de expectativas e de ânsias e, no fundo, tão desanimada, cética e desesperada. Tão refinada em suas manifestações, e igualmente tão passional e corrompida.**

**Vós que sois os filhos do nosso tempo, que muito bem compreendeis sua linguagem, sua índole, seu espírito, mas que estais imunes, assim o cremos, das suas contaminações. Vós adolescentes, vós jovens mais amadurecidos tão bons e tão conservados, intencionalmente simples, lógicos e retos, física e moralmente fortes, alegres e vivazes, livres e dóceis. Vós que aceitais sem relutância a sabedoria das vossas famílias. Vós que fostes educados na fé e na oração. Numa palavra, vós alunos do Cristo, tendes a missão de anunciar ao nosso mundo de hoje o Messias verdadeiro, o Cristo autêntico, o Salvador insubstituível.**

**Deveis mostrar aos homens de nosso tempo o semblante luminoso de Jesus, luminoso pelo mistério de sua real divindade e pelo mistério evidente de sua incomparável humanidade. É o semblante do filho de Deus, do filho do Homem. É o protótipo da humanidade, é o Mestre, o Irmão, o Guia. É o profeta de que todos nós nos podemos fiar.**

**Depois, por um drama trágico e dulcíssimo, de que não podemos subtrair-nos, ele é o homem do sofrimento, a vítima de todas as iniquidades humanas. É o Redentor, é o amor inocente que se sacrificou, a vida em si mesma, a morte por nós e por fim o Ressuscitado pela nossa salvação (Rom 4,25).**

**Mas aqui nos direis: esta mensagem é reservada aos apóstolos, aos ministros do Evangelho, aos mestres na Igreja. Sim, é este o múnus específico e o ministério deles. Mas hoje, agora, esta é também vossa mensagem. Esta é a novidade de nosso tempo. Este é o sinal da primavera da época presente. Este é o ato de confiança que a Igreja faz no laicato católico, especialmente em vós. Recordai o que diz o Concílio: "Os jovens exercem uma influência da maior importância na sociedade moderna ... Este crescimento da sua importância na vida social, exige deles uma atividade apostólica ... Também as crianças têm a sua atividade apostólica própria".**

**Direis ainda: mas o que devemos fazer para cumprir missão tão delicada, tão difícil, tão impopular? Sim, tendes razão de advertir a dificuldade do testemunho cristão na nossa sociedade. Mas ouvimos ainda. Os jovens gostam de coisas fáceis ou difíceis? A vossa simpatia tem por objeto os fracos, os medrosos, os oportunistas, os mesquinhos ou os fortes, os corajosos, os heróis? Quereis que a vossa vocação cristã vos torne hoje tímidos, fracos, egoístas, ou cheios de energia consciente e de amorosa coragem? Não foi talvez uma lacuna de certa educação, que confundiu a bondade com a fraqueza, a piedade com o respeito humano, a fé cristã com o interesse privado?**

**Depois, o que se pede de vós? Milagres, ações extravagantes, estrepitosas? Não. Exige-se de vós que sejais o que de fato sois: jovens e católicos.**

**Repetimos o que disse um autor alemão: "Cristão, sê cristão". Isto é, cristão verdadeiro, autêntico, dinâmico, cheio de ardor, de**

**imaginação e de amor. É aquela jovialidade cristã que a Igreja há um século está suscitando, recrutando, abençoando.**

**Para concluir, afirmamos que o testemunho cristão de que estamos falando é um ato pessoal. Deve brotar do âmago, livre e consciente do próprio coração. Mas é também um fato coletivo. Não deveis estar sós. Sede unidos. Sede numerosos. Mais ainda sede amigos e concordes. Formai um coro, cerrai fileiras.**

**Convosco está a Igreja com suas associações, com seu sentido comunitário, com a sua amorosa assistência.**

**É Cristo Senhor que inspira vossa solidária afirmação, e que certamente como fez no Evangelho, se alegra com vossa homenagem uníssona e profética. Esta homenagem não impedirá, talvez, que Cristo sofra ainda hoje o drama de sua paixão sempre atual. Mas assim o mundo saberá que a paixão do Cristo é a paixão do nosso comum e insubstituível salvador.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **2 DE ABRIL DE 1969. AUDIÊNCIA DA QUARTA-FEIRA SANTA.**

**Observou-se com razão que o Concílio difundiu na Igreja e no mundo muita serenidade e otimismo. Em outras palavras, um cristianismo confortante e positivo, um cristianismo amigo da vida, dos homens, dos próprios valores terrestres, da nossa sociedade, da nossa história. Quase somos levados a ver no Concílio uma intenção de tornar o cristianismo aceitável e amado, indulgente e aberto, despido de todo o rigorismo da Idade Média e de toda a interpretação pessimista dos homens, dos seus costumes, das suas mudanças e das suas exigências. Tudo isto é verdade. Mas é preciso atenção. O Concílio não esqueceu que a cruz ocupa ainda o centro do cristianismo. Foi, aliás, rigorosamente fiel a estas palavras de São Paulo: "A fim de que a cruz do Cristo não se desvirtue, ut non evacuetur crux Christi" (1 Cor 1,17). E como São Paulo o Concílio não deixou de repetir a si mesmo: "Não tive em mente que se devesse saber outra coisa entre vós, senão Jesus Cristo, e este, crucificado" (1 Cor 2,2).**

**Poderíamos recordar que as grandes linhas teológicas, místicas e ascéticas sobre a participação dos fiéis à paixão do Senhor, percorrem muitas páginas dos documentos conciliares. Basta-nos esta citação: "Assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho, a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação". A paixão do Senhor, digamos brevemente, não só se reflete na Igreja pelo testemunho que ela lhe dá pela sua pregação e com sua doutrina, não só pela imitação que o exemplo heróico e magnânimo do Cristo inculca nos cristãos e os convida a segui-lo, não só pela comunicação sacramental, que aplica a todos os fiéis a assimilação mística à morte e à ressurreição do Senhor (Rom 6,5), mas de certo modo é porque esta paixão se renova, se reproduz e se repete. Não se repete apenas em cada um dos seguidores do Cristo: "Completo em minha carne o que falta à paixão do Cristo" (Col 1,24), como diz São Paulo, mas sim na Igreja inteira, tomada como comunidade, ou conjunto dos membros do Cristo, como sua vida que se prolonga na História: eis por que ela se perpetua. Sim, a vida que se perpetua e dura ainda. Neste aniversário pascal, a Igreja mais do que em qualquer outra época, toma consciência das próprias dores, experimentando-as, sofre-as, aceita-as humildemente. Procura santificá-las e tirar delas o atestado de sua identidade com**

**o Cristo Senhor e Mestre, e de seu amor desejoso de fundir os próprios sofrimentos com os do Cristo crucificado, e de transformar as próprias humilhações e derrotas em méritos de penitência, de purificação e de redenção, de maior virtude, de maior coragem e de maior esperança.**

**Será que a Igreja sofre também hoje? Sim, caros filhos, a Igreja está passando pela provação de grandes sofrimentos. Mas como é possível depois do Concílio? Sim, é que o Senhor nos está pondo à prova. Em muitos países, como sabeis, a Igreja sofre pela falta de liberdade que a oprime. Sofre porque muitos católicos não querem mais prestar-lhe aquela fidelidade que merece pela sua tradição secular, e que lhe deveria proporcionar seu esforço pastoral cheio de compreensão e de amor. Padece também pelas atitudes de agitação, de crítica, de indocilidade de demolição, manifestadas por muitos de seus filhos mais prediletos -padres, mestres, leigos consagrados ao serviço e ao testemunho do Cristo que vive na Igreja viva - contra sua íntima e indispensável comunhão, contra sua existência institucional, contra suas normas canônicas, tradição e coesão interior, contra sua autoridade, que é o princípio insubstituível de verdade, de unidade, de caridade, e contra as suas próprias exigências de santidade e de sacrifícios. Sofre ainda pela defecção e pelo escândalo de certos eclesiásticos e religiosos que tentam crucificá-la em nossos dias.**

**Caros filhos, não nos recuseis vossa solidariedade espiritual e vossa oração. Não vos deixeis abater pelo medo, pelo desânimo, pelo ceticismo, nem muito menos pelo mimetismo que no dia de hoje, por meio da sugestão dos meios de informação social, é tão nocivo a tantos espíritos fracos e impressionáveis e às vezes até a espíritos fortes e jovens. Mas sofrei e amai com a Igreja e com ela trabalhai na esperança.**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



### **3 DE ABRIL DE 1969. HOMILIA PRONUNCIADA EM SÃO JOÃO DO LATRÃO DURANTE A MISSA DA QUINTA-FEIRA SANTA.**

Qual a significação essencial, o efeito sobrenatural, a res como dizem os teólogos, deste alimento sacrificial, pelo qual o Cristo se dá a nós e nós nos inserimos nele? É uma unidade nova e misteriosa, que deve resultar precisamente da participação à Eucaristia, porque esta é que dá o nome à celebração de amor fiel e reconhecido, este "ágape", esta comunhão sacrificial. É a unidade do corpo místico, é a Igreja, corpo místico de Cristo, que vive da fé, da esperança e da caridade. Neste sentido, nenhuma palavra é mais clara do que a do Apóstolo: "Formamos um só corpo, mesmo sendo muitos, porque participamos todos de um mesmo pão" (1 Cor 10,17).

Irmãos, sobre este pensamento é que desejávamos deter nossa reflexão, sobre o rito, ou seja, sobre a ceia pascal que celebramos neste momento. Evidentemente não se trata de um pensamento novo e original. Seria triste se fosse. Mas trata-se do pensamento verdadeiro, fecundo e oportuno da nossa Páscoa. É de fato o pensamento da união, diríamos mais, da unidade, desta unidade misteriosa, vital, exigente, que deve reanimar-se em nós para nos fazer viver em seguida dela mesma, ser nossa luz na vida prática e social, e caracterizar a nossa adesão à Igreja católica romana. É a união, unidade entre nós.

É oportuno que nos lembremos disso. Porque se fala tanto de união do mundo! A história da humanidade apesar das rupturas, das lutas e dos contrastes que n separam, caminha para a unidade.

Chegará ela a esta meta ou serão vãos seus esforços de solidariedade mundial? E se um dia aí chegasse, poder-se-ia dizer ou falar de sucesso ou retrocesso, em razão da "dimensão única" que a caracterizaria, a saber, da perda de suas expressões livres e múltiplas? A humanidade tem urgência em se unir na solidariedade e no amor. Mas onde encontrará o modelo e a fonte para isso?

Fala-se de unidade no pluralismo das denominações cristãs. Quando, porém, esta unidade se tornará efetiva e perfeita, senão quando se der a unanimidade na profissão da única fé, condição indispensável para a participação à mesma comunhão eucarística?

**Fala-se de uma renovação na doutrina e na consciência da Igreja de Deus. Mas como poderá ser autêntica e persistente a Igreja viva e verdadeira, se o conjunto que a forma e a define "corpo místico", espiritual e social, se acha hoje tantas vezes e tão gravemente corroído pela contestação e pelo esquecimento de sua estrutura hierárquica, falsificada em seu divino e indispensável carisma constitutivo que é a autoridade pastoral? Como poderá arrogar-se o título de Igreja, povo unido, ainda que localmente fracionado, histórica e legitimamente diversificado, quando um fermento praticamente cismático a divide e subdivide, fragmentando-a em grupos, acima de tudo zelosos de sua arbitrária e no fundo egoística autonomia, mascarada de pluralismo cristão ou de liberdade de consciência? Como poderá ser construída por uma atividade, que se pretenderia chamar apostólica, quando é guiada por tendências centrífugas propositadamente, e quando se desenvolve, não a mentalidade do amor comunitário, mas sim a da polêmica particularista, ou quando prefere perigosas e equívocas simpatias, necessitadas de irreduzíveis reservas, às amizades fundadas em princípios basilares, indulgentes para com os defeitos comuns, e necessitadas, de colaborações convergentes? Fala-se ainda de Igreja e de Igreja católica, a nossa. Mas podemos dizer a nós mesmos que ela, em seus membros, em suas instituições, na sua atividade, acha-se deveras animada por aquele espírito de união e caridade que a torne digna de celebrar, sem hipocrisia e sem a costumeira insensibilidade, a nossa santa missa cotidiana? Será que também entre nós não existem aqueles "cismas" ou aquelas "divisões" dolorosamente denunciadas na primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, cujos ensinamentos nos são propostos na leitura de hoje? Precisamos sempre construir aquela caridade, aquela unidade virtuosa de sentimentos e relações que a Eucaristia sublimará nas palavras testamentárias do Cristo.**

**Aqui, neste momento que precede imediatamente nossa comunhão com Cristo, que nos unifica a nós seus seguidores e membros, renovemos nossa maneira íntima de pensar e agir. Renunciemos ao espírito de emulação e discórdia, à sutil tentação da maledicência entre nós irmãos. Sendo necessário abramos o coração ao perdão para todos que nos tenham injuriado, como também prometemos reconciliação com quaisquer pessoas de nossas relações. Como nos podemos chegar ao banquete cristão da caridade e da unidade sem esta paz no coração?**

**Há uma graça que queremos pedir hoje a Jesus: "Que ele dê à sua**

Igreja, a esta Igreja de Roma, chamada para 'presidir a caridade', a graça de permanecer sempre, e se aperfeiçoar na sua própria unidade interior, como o exige a Páscoa do Senhor. Amém".

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **16 DE ABRIL DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Uma das características da Igreja pós-conciliar é a atenção especial que ela dá à realidade humana, considerada em seu quadro histórico, isto é, aos fatos, aos acontecimentos, aos fenômenos de nosso tempo. Uma expressão do Concílio entrou na linguagem corrente: fala-se de perscrutar "os sinais dos tempos". Na verdade a expressão é uma reminiscência evangélica: "Não podeis distinguir os sinais dos tempos", diz Jesus um dia a seus ouvintes maliciosos (Mt 16,3).**

**Referia-se aos prodígios que fazia, e que deviam marcar o advento da era messiânica. Hoje, porém, no mesmo plano, esta expressão pode, se o quisermos, revestir uma significação nova da mais alta importância. O papa João XXIII, com efeito, retomou-a na Constituição apostólica, em que convocava o II Concílio Ecumênico do Vaticano. Depois de acentuar as condições espirituais do mundo atual, assim ele tentou reavivar a esperança da Igreja: "Agrada-nos depositar uma confiança muito firme em nosso divino Salvador, que nos exorta a reconhecer os sinais dos tempos", de tal maneira que "possamos discernir, no meio destas espessas trevas, os numerosos indícios que parecem predizer melhores tempos, para a Igreja e para o gênero humano". Neste sentido, os sinais dos tempos são presságios de melhores tempos.**

**A expressão "sinais dos tempos" passou para a linguagem corrente com uma significação profunda, muito mais ampla e interessante: a da interpretação teológica da história contemporânea. Que a história considerada em suas grandes linhas tenha oferecido ao pensamento cristão a ocasião e mesmo o convite a descobrir nela um plano divino, nós o sabemos de há muito. Que é a História Sagrada: senão a identificação de um pensamento divino, de uma "economia" transcendente, na transcorrência de acontecimentos que conduzem ao Cristo, e que dele derivam? Esta descoberta é póstuma, porém: é uma síntese, formulada por vezes de maneira discutível, que um historiador estabelece, quando os acontecimentos fazem parte do passado, e podem ser julgados do ângulo de uma perspectiva de conjunto. Tais acontecimentos podem ser encaixados, por dedução, num quadro ideológico, que se inspira de preferência em outras fontes doutrinárias, em vez de na análise indutiva dos acontecimentos. Ora, atualmente o pensamento moderno é convidado, ao contrário, a**

**decifrar dentro da realidade histórica e em particular da realidade presente, os "sinais", isto é, as indicações de um sentido que ultrapasse aquele, que um observador passivo registrou.**

**Na perspectiva que temos em vista atualmente, trata-se de identificar "no tempo", isto é, no curso dos acontecimentos, na história, estes aspectos, estes "sinais", que podem dar-nos alguma idéia de uma Providência imanente - aliás, habitual para os espíritos religiosos - ou que podem ser indícios (o que nos interessa no momento) de uma relação com o "Reino de Deus", com sua ação secreta, ou - o que é melhor, -para nosso conhecimento e nosso dever - com a possibilidade e exigência de uma ação apostólica e de nossa disponibilidade a esta ação. Estes. Índices parecem-nos constituir os "sinais dos tempos".**

**Como o ensina o Concílio, a interpretação dos "tempos", a saber, a realidade empírica histórica, que nos cerca e nos impressiona, deve ser feita "à luz do Evangelho". A descoberta dos "sinais dos tempos" interessa à consciência cristã. Resulta de um confronto da fé com a vida, não para sobrepor artificial e superficialmente um pensamento piedoso, aos dados de nossa experiência, mas antes para ver como estes dados, por seu dinamismo interno, por sua própria obscuridade, por vezes mesmo pela sua imoralidade, reclamam um raio de fé, uma palavra evangélica, que os classifique e os redima. A descoberta dos "sinais dos tempos" pode também fazer-nos ver em que, muito naturalmente, correspondem aos desígnios superiores, que sabemos cristãos e divinos (como a procura da unidade, da paz, da justiça) e em que nossa eventual ação caritativa e apostólica vem coincidir com a maturação de circunstâncias favoráveis, indicando-nos que é chegada a hora para um progresso simultâneo do reino de Deus, dentro do reino humano.**

**Este método nos parece indispensável, para evitar alguns perigos aos quais nos poderia expor tão sedutora. procura dos "sinais dos tempos". O primeiro perigo é o de certo profetismo carismático, que se degenera em fantasias de devotos, interpretando como miraculosas certas coincidências fortuitas e por vezes insignificantes.**

**O desejo exarcebado de descobrir facilmente os "sinais dos tempos", pode fazer-nos esquecer que muitas vezes os fatos observados podem ser interpretados de maneira ambígua e muito**

**menos devemos olvidar que é necessário reconhecer ao "Povo de Deus", isto é, a todo o crente, uma eventual capacidade de discernir os "sinais da presença ou do plano de Deus". O "sentido da fé" pode conferir este dom de sábia visão, mas a assistência do magistério hierárquico será sempre oportuna e decisiva, quando a ambigüidade da interpretação tiver que ser resolvida ou na certeza da verdade ou no interesse do bem comum.**

**O segundo perigo seria o de considerar apenas de maneira fenomenológica os fatos que se deseja tirar uma indicação dos "sinais dos tempos". Ora, isto pode acontecer quando tais fatos são assinalados e classificados, conforme esquemas puramente técnicos e sociológicos. Realmente, reconhecemos de bom grado que a sociologia é uma ciência de grande valor, tanto em si mesma como em razão da finalidade, que na ocorrência nos interessa, isto é, a pesquisa nos fatos de um sentido superior, que tenha valor de indicador. Mas a sociologia não pode nem ser um critério moral, tendo valor por si mesma, nem substituir a teologia. Este novo humanismo científico poderia comprometer a autenticidade e a originalidade do cristianismo, e de seus valores sobrenaturais.**

**Outro perigo podia surgir se se considerasse como predominante o aspecto histórico deste problema. É verdade que a pesquisa tem como objeto a história e o tempo, e procura tirar daí os sinais próprios do domínio religioso, que para nós se resumem no advento central da presença do Cristo no tempo e no mundo, de que derivam o Evangelho, a Igreja e sua missão de salvação. O que significa que o elemento imutável da verdade revelada não deveria estar subordinado à mutabilidade dos tempos, nos quais se difunde e por vezes faz sua aparição, como "sinais" que não o alteram, mas o deixam entrever e o realizam na humanidade em marcha.**

**Tudo isso, porém, não quer senão convidar-nos a prestar atenção, para os estudar, aos "sinais dos tempos", que tornarão mais perspicazes, e mais atuais nosso julgamento cristão, e nosso apostolado no meio da vaga de transformações do mundo contemporâneo.**

**É a antiga, ruas sempre viva, palavra do Senhor, que ressoa aos nossos ouvidos: "Vigiai" (Lc 21,36).**

**Que a vigilância cristã seja para nós a arte de discernir os "sinais**



dos tempos".

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **19 DE ABRIL DE 1969. AUDIÊNCIA AOS PARTICIPANTES DA ASSEMBLÉIA GERAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA.**

**Gostaríamos de perguntar-vos: quais são os traços característicos, ressaltados pelos documentos do recente Concílio, na figura típica e ideal do bispo em nossos dias? Que incidência, por exemplo, pode ter a colegialidade na espiritualidade interior e na atitude do bispo, tão luminosamente ressaltada pela constituição dogmática *Lumen Gentium*? Que conseqüências pode tirar do decreto *Christus Dominus*, sobre o múnus pastoral dos bispos, e da constituição *Gaudium et Spes*, em particular da constituição sobre a liturgia *Sacrosanctum Concilium* e assim por diante?**

**Pensamos que esta pesquisa pode oferecer uma fonte de longa e proveitosa meditação, e aperfeiçoar em nós o conceito da dignidade e da missão, do serviço e da caridade, específicos de quem tem a tremenda e inefável ventura de qualificar-se como sucessor dos apóstolos. Ninguém há de negar que a "cura de almas", precisamente depois do tridentino, se torne o caráter saliente da tarefa episcopal, com tudo o que acarreta de autenticidade evangélica, de pobreza e simplicidade, de interioridade e sacralidade, de atividade pastoral e missionária, de inventividade e aproximação, quanto ao mundo moderno. Que urgência não assume hoje no bispo o seu primário e pessoal dever de anunciar a palavra de Deus, ou seja, o seu dever de catequista e pregador? Gostaríamos de ressaltar uma nota, dentre as demais: o bispo de ontem podia ser preservado e defendido pela sua autoridade. É verdade que devia fazer a visita pastoral e estava obrigado a uma residência, mas podia tutelar o exercício de sua missão, com certa distância de seu clero e de seu povo. Hoje não é mais assim.**

**Hoje o bispo torna-se de novo pai e pastor, irmão, amigo, conselheiro e consolador no meio do Povo de Deus. Sua presença se faz habitual e popular. Sua autoridade é ao mesmo tempo firme e suave. Torna-se até possível uma conversação com ele bastante familiar. Seu trabalho carrega irmãos, se multiplica e sua paciência é posta em prova. Mas a eficácia de seu ministério aumentará, e sua pessoa sempre venerada como convém, tornar-se-á amada.**

**Lembremos o conselho de são Paulo: *Praedica verbum*, insta**

**opportune, importune. Argue, obsecra, increpa in omni patientia et doctrina. Prega a palavra, insiste a tempo e a contratempo. Refuta, ameaça, exorta com infatigável paciência e desejo de instruir (2 Tim 4,2).**

**Não é verdade que tudo isto e o que se segue é dito para nós? E nos parece que o exercício deste ministério pastoral (poderíamos dizer autêntica ascese pastoral), é muito mais necessário nas relações com os sacerdotes e seminaristas.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **23 DE ABRIL DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Diletos filhos e filhas,**

**Falemos ainda do Concílio. Aliás, dele deveremos falar ainda por muito tempo, pois nossa época se acha marcada por este acontecimento. Não vos aborreça abordar tão freqüentemente este fato, que por si enforma a vida da Igreja. Quando mais não fosse, pela nova linguagem que ele valorizou no ensinamento da doutrina cristã. Novas locuções, embora anteriores ao Concílio, e encontradas na literatura tradicional, se tornaram de uso corrente e assumiram significados característicos, importantes não só para o pensamento teológico, como também para a corriqueira conversação entre nós crentes.**

**Eis uma destas locuções: consagração do mundo.**

**Para avaliarmos esta expressão, deveríamos analisar o significado de três termos: consagração, mundo e leigos. Termos densos de conteúdo e nem sempre usados em sentido unívoco. Aqui nos baste recordar que por consagração não entendemos a separação de uma coisa, daquilo que é profano, para reservá-la exclusiva ou particularmente à divindade, mas em sentido mais lato, o restabelecimento de uma relação a Deus, de algo segundo sua ordem própria, segundo a exigência da natureza da coisa mesma, no plano intencionado por Deus.**

**Por mundo entendemos o conjunto dos valores naturais, positivos, existentes na ordem temporal, ou, como diz neste sentido o Concílio: "Toda a família humana com a totalidade das coisas entre as quais vive".**

**E que expressamos com a palavra "leigos"? Muito se discutiu para precisar o significado eclesial desta palavra, para chegar à sua definição descritiva: leigo é um fiel, pertencente ao Povo de Deus, distinto da hierarquia, que é separada das atividades temporais (At 6,4) e preside a comunidade dispensando-lhe os "mistérios de Deus" (1 Cor 4,1; 2 Cor 6,4) e que, por sua vez, tem uma relação determinada e temporal com o mundo profano.**

**Da simples consideração desses termos, parece originar-se uma**

**dificuldade: como se pode hoje pensar em "consagração do mundo" quando a Igreja reconheceu a autonomia da ordem temporal? Ou seja, que o mundo tem sua consistência própria, fins, leis, e meios próprios?**

**Já ninguém ignora a nova posição assumida pela Igreja, diante das realidades terrestres. Estas possuem uma natureza, gozando no quadro da criação de uma ordem com razão de fim, embora subordinado ao do quadro da redenção. De per si, o mundo é profano, separado da concepção unitária da cristandade medieval. É soberano em seu campo próprio, campo que abrange todo o mundo humano. Como se pode pensar em consagrá-lo? Com isto não se está retornando a uma concepção sacral, clerical do mundo?**

**Eis a resposta, eis a novidade conceptual e sumamente importante no campo prático: a Igreja aceita reconhecer o mundo como tal, livre, autônomo, soberano e, em certo sentido, auto-suficiente. Não pretende fazê-lo instrumento para seus fins religiosos, e muito menos para adquirir poder na ordem temporal. A Igreja admite também para seus fiéis do laicato católico, quando agindo no terreno da realidade temporal, certa emancipação, atribui-lhes liberdade de ação e uma responsabilidade própria, confia neles.**

**Pio XII chegou a falar numa legítima laicidade do Estado. O Concílio recomendará aos pastores que reconheçam e promovam a "dignidade e a responsabilidade dos leigos", mas acrescentará justamente ao falar dos leigos e aos leigos, que "a vocação cristã é por sua natureza uma vocação para o apostolado". Ao mesmo tempo que lhes concede, ou melhor, recomenda agirem no mundo profano, observando perfeitamente os deveres a isso inerentes, encarrega-os de levarem para dentro dele três coisas (empiricamente falando): a ordem correspondente aos valores naturais próprios do mundo profano (valores culturais, profissionais, técnicos, políticos etc.); a honestidade, a coragem, a competência e a dedicação; a arte de desenvolver devidamente e realizar estes mesmos valores. O leigo católico deveria ser, mesmo sob este aspecto, um perfeito cidadão do mundo, um elemento positivo e construtor, um homem merecedor de estima e confiança, uma pessoa amante da sociedade e do seu país.**

**Esperamos que dele sempre se possa pensar dessa forma. Esperamos que ele não ceda ao conformismo de muitos movimentos perturbadores que hoje agitam de várias formas o**

mundo moderno. A primeira Carta de são Pedro apóstolo, e algumas páginas das epístolas paulinas, por exemplo, Rom 13, mereceriam meditadas seriamente, por muitos que se professam ativos, em virtude de seu laicato católico.

Outro influxo que a Igreja e não apenas o laicato pode exercer sobre o mundo profano, deixando-o da mesma forma e ao mesmo tempo honrando-o com uma "consagração", como no-la ensina o Concílio, é a animação dos princípios cristãos. Estes, se no seu significado vertical, relativo ao termo supremo e último da humanidade, são religiosos e sobrenaturais, na sua eficiência, hoje chamada horizontal ou terrena, são sumamente humanos. São a interpretação, a inexaurível vitalidade, a sublimação da vida humana como tal. O Concílio a este respeito fala de "interpenetração da cidade terrestre e celeste... que pode ajudar muito a tornar mais humana a família dos homens e sua história". Recorda aos leigos que "devem participar ativamente em toda a vida da Igreja, e estão obrigados não somente a impregnar o mundo de espírito cristão, mas também são chamados a serem testemunhas de Cristo em tudo no meio da comunidade humana".

Neste sentido a Igreja e especialmente os leigos católicos, conferem ao mundo um novo grau de consagração, não lhe levando sinais especificamente sagrados e religiosos, que em certas formas e circunstâncias lhe convêm, mas coordenando-o "no exercício do apostolado na fé, na esperança e na caridade" ao reino de Deus.

"Qui sic ministrat, Christo ministrat, quem desta maneira serve, serve a Cristo", diz santo Agostinho. É a santidade que se irradia sobre o mundo e no mundo. Que seja esta igualmente a vocação de nosso tempo, de todos nós, filhos caríssimos, com a nossa bênção apostólica.

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **1 DE MAIO DE 1969. HOMILIA PRONUNCIADA NA FESTA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO.**

**Estamos na festa de São José, esposo virgem de Maria sempre virgem, padroeiro da Igreja universal, que veneramos hoje sob o aspecto humilde, modesto, pobre do trabalhador da Galiléia, esteio válido e infatigável da sagrada família, imagem luminosa e discreta da providência do Pai celeste.**

**O pensamento ante este apelo tão sugestivo e persuasivo, se orienta espontaneamente para a história evangélica, enquadrada no humilde cenário de Nazaré, onde o Filho de Deus vivia submisso, crescendo em sabedoria idade e grau (Lc 2,51-52). O pensamento se orienta também para a condição social, na qual Cristo quis ser cidadão na terra e nosso irmão, em aberto contraste com a mentalidade corrente, com nossas pretensões insatisfeitas, com a vontade humana de poder, de tal forma que os cidadãos maravilhados, como destaca o texto da missa, se perguntavam: "De onde lhe vem a sabedoria e os milagres? Por acaso não é ele o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria? Donde lhe vem tudo isso? E se escandalizavam dele" (Mt 13,54-56).**

**Filius fabri: o escândalo de então, presságio e prelúdio do escândalo da cruz (Gal 5,11) , tornou-se para a Igreja fonte inesgotável de admiração e de êxtase, de oração e contemplação, de exame de consciência e talvez também de censura. Entretanto a Igreja e com ela seus santos e suas instituições, os humildes e os que sofrem, fiéis herdeiros dos "pobre de Javé" do Antigo Testamento, permaneceu e é fiel a este Evangelho textual: ela o torna objeto de suas contínuas meditações, e do Evangelho da pobreza e humilhação do Cristo tira sua tradição, liturgia, obras de caridade, que desenvolvem, aprofundam, ampliam os elementos seminais de origem evangélica, sem alterá-los ou corrompê-los, sem modificá-los, conduzindo-os à perfeita realização e honrando-os com seu amoroso respeito, como a árvore é plena complementação da semente.**

**A pobreza de Nazaré, em sua nudez e em seus despojos, na fadiga, continuou a ser escola para os filhos autênticos da Igreja em todos os tempos. Inspirou a generosidade de seus pontífices e de seus bispos, de seus sacerdotes e, de seus filhos, fez nascer as grandes**

**obras beneficentes ainda características e atuais, difundiu com essas consciências sua atividade missionária: Evangelizare pauperibus misit me, porque a Igreja é madada a evangelizar os pobres, isto é, anunciar a alegre mensagem aos pobres (Lc 4,18; Is 61,1).**

**Destas reflexões que acabamos de fazer, surge um primeiro ensinamento: o de recorrer continuamente ao Evangelho. É nosso dever e nossa força. Hoje em especial nos deve interessar o mistério da pobreza do Cristo. Disso falou o Concílio ao dizer que "é necessário que a Igreja, sempre sob o influxo do espírito de Cristo, siga o mesmo caminho que ele seguiu, isto é, o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e do sacrifício de si mesmo". O espírito de pobreza e de amor são a "glória e sinal da Igreja de Cristo". Disso talamos também desde nossa primeira encíclica Ecclesiam Suam, insistindo no dever que temos de "propor à vida eclesial aqueles critérios orientadores que devem fundamentar nossa confiança, mais na ajuda de Deus e nos bens do espírito, do que nos meios temporais". Propondo como ideal a seguir na Encíclica Populorum Progressio, a "orientação para o espírito de pobreza". Disso falam também aqueles que desejam a renovação da Igreja.**

**Temos que aproveitar estas disposições, que tanto favorecem a pobreza da Igreja e a formação do cristão moderno no espírito da pobreza. No momento em que as riquezas econômicas do mundo crescem desmesuradamente, nós Igreja nos tornamos mais fielmente discípulos da pobreza de Cristo. Não para contestar ao mundo seu progresso, mas em razão de uma dupla finalidade: antes de tudo para recordar a nós mesmos que somente nas forças espirituais, na graça e na imitação de Cristo devemos por nossa confiança, segundo a advertência do Evangelho: "Guardai-vos de toda a avaréza porque nem toda riqueza está nos bens materiais" (Lc 12,15). Em segundo lugar, para bem utilizarmos a riqueza que se deve empregar no pão para os pobres, na melhor distribuição dos bens temporais, no serviço do homem, o que significa, numa palavra, segundo a expressão de nosso predecessor João XXIII, "disposição permanente para dar uns aos outros o melhor de si mesmo".**

**Nosso pensamento entretanto se amplia e torna mais complexo. A pobreza, na história do mundo, esteve estreitamente ligada à condição do trabalho, particularmente do mais humilde desprezado, exposto ao arbítrio e ao abuso. É uma lei misteriosa, conseqüência**



**do primeiro pecado, pelo qual entraram no mundo os sofrimentos físicos, a fadiga manual, o suor da fronte, a miséria espiritual e material. Cristo, embora filho de Deus, não quis furtar-se a tal lei: também nisto ele foi verdadeiramente o Filho de Deus. Na escola de São José, Cristo foi trabalhador, sofreu, suou, cansou-se durante os trinta anos de sua vida incógnita. Ao aceitar, porém, o trabalho, a condição de humilhação e de fadiga ficou transfigurada, e o trabalho, embora conservando o elemento bivalente de atividade sã e de penosa fadiga, pode, por isso, ser encaminhado novamente - se vivido à luz da nova economia da graça - à sua antiga função de colaboração prestada a Deus (Gên 1,28), fazendo-nos participar também nos sentimentos do Cristo e seguir seus exemplos.**

**Com o ensinamento e seguindo as pegadas do Cristo trabalhador, a Igreja considera, portanto, o trabalho em sua utilidade verdadeira, nobre e dignificante: quer como atividade, desenvolvimento e pedagogia do homem, quer como conquista e domínio da terra, segundo o primitivo plano de Deus. Por isso, a Igreja honra o trabalho, no qual se vê refletida a glória do primeiro homem, criado à imagem de Deus e, sobretudo, a mansa e incógnita humildade do Cristo.**

**A Igreja honra o trabalho, seja ele manual, ou artesanal, ou artístico, ou técnico, ou científico. Encoraja-o e o elogia porque vê nele o instrumento da mútua colaboração humana, a expressão visível dos vínculos de fraternidade e de ajuda que unem o gênero humano, como num abraço imenso. A Igreja vê no trabalho uma grande escola de vida, além do tecido que entrelaça o progresso humano. Por isso o anima e o elogia repetindo com o apóstolo Paulo a exortação séria, viril e austera: "Aquele que não quer trabalhar, não coma" (2 Tes 3,10).**

**Todos os homens devem ser aplicados ao trabalho. Dividem-se as funções, distinguem-se as competências, repartem-se as conquistas. Infelizmente o germe da discórdia, introduzido no mundo pelo pecado, continua a operar de modo nefasto, e especialmente neste campo, não raro com inequívoca perversidade. Destas divisões naturais, que, como dizíamos, deveriam ser fonte de equilíbrio, de mútua complementação e de cooperação recíproca, derivam, pelo contrário e infelizmente, dolorosas desigualdades. Daí as várias classes que outrora viviam em concórdia, sob o signo da civilização atuante, puseram-se umas contra as outras, e eis que a classe trabalhadora foi menos afortunada, ou melhor, em certas**

**situações, oprimida e humilhada. Daqui as lutas que deixaram um rastro de profunda perturbação em nosso tempo, caracterizado exatamente por semelhantes conflitos, que ainda agora, não obstante inegáveis melhorias se terem verificado, dividem freqüentemente os ânimos com real detrimento do bem comum.**

**Neste estado de coisas, a Igreja tomou sua posição conhecida. As encíclicas sociais dos pontífices da era moderna a partir da Rerum Novarum, estão aí a testemunhar como ela defendeu e continua a defender os trabalhadores, para que se realize melhor justiça social.**

**Tal defesa do trabalho, porém, em nome da dignidade da pessoa humana continua a precisar da nossa aplicação. Os motivos são conhecidos: existem ainda em nossos dias muitos povos que não atingiram o conveniente desenvolvimento. As classes trabalhadoras continuam excluídas em larga escala do bem-estar e da segurança social. Ressurgem com preocupante alarme desigualdades econômicas, que já tinham sido resolvidas. O homem é usado, às vezes, como instrumento segundo os cálculos impiedosos das leis econômicas. Necessária, portanto, seria de nossa parte uma ação infatigável, sem medo e sem demoras, realizada também ela in nomine Domini, em nome do Senhor, porque é ele que assim o quer. Como acentuamos em nossa encíclica Populorum Progressio o desenvolvimento é o nome novo da paz.**

**Deste conhecimento, ante o qual ninguém deve considerar-se isento de um sério exame de consciência, nascem os propósitos que a graça divina, que promana do sacrifício eucarístico, deve suscitar em nossos corações, como de um terreno bem preparado.**

**Devemos amar a pobreza, porque o Cristo também a amou, ele que "sendo rico se fez pobre por nosso amor, a fim de enriquecer-nos com a sua pobreza" (2 Cor 8,9). Devemos pô-la em prática tornando-nos pobres e disponíveis diante de Deus, porque ele "encheu de bens os famintos e aos ricos despediu de mãos vazias" (Lc 1,53), desapegando-nos dos bens terrenos, e dando o supérfluo àqueles que se encontram em necessidade (Lc 11,54). Devemos amar os pobres que são, em certo sentido, o sacramento do Cristo, porque com eles quis ele se identificar, isto é, nos famintos, nos que têm sede, nos peregrinos, nos que estão nus, nos doentes, nos encarcerados (Mt 25,31-46). Devemos ajudá-los, sofrer com eles também e segui-los, porque a pobreza é o caminho mais seguro para aposse do reino de Deus.**

**Ao lado destas resoluções pessoais, eis aquelas que devem brotar da consciência das nações, no sentido de responsabilidade, que a todos compromete para o bem comum, e para a paz do mundo. É dever inadiável favorecer os povos necessitados de maior desenvolvimento. Isto não com a violência, mas com a mansidão do Evangelho, com a força moral da justiça e com a pressão que promana do amor.**

**Seja este programa atualíssimo, o empenho da Igreja do tempo presente. Empenho nosso, de nós pessoas, de nós instituições, de nós povos a fim de que o Evangelho seja realmente anunciado a todas as almas, e não encontre obstáculos na obstinação ou na insensibilidade de nenhuma pessoa, sobretudo de quantos se orgulham do nome de cristão.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **7 DE MAIO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Nosso desejo seria de confirmar e desenvolver em vós o amor pela Igreja, pela santa Igreja, que é como sabeis o Corpo místico do Cristo, a extensão na humanidade e no tempo, do mistério da Encarnação. Sinal e instrumento da economia da salvação, é, aliás, o termo e a plenitude da obra redentora do próprio Cristo. Em, relação ao reino de Cristo ela é meio e fim. O Concílio foi para nós um convite a aprofundar nosso conhecimento e a tomar consciência da Igreja. Os filhos fiéis da Igreja se alegraram muito por este acontecimento que lhes proporcionou um conhecimento mais rico e mais profundo da família espiritual, à qual compreenderam que era grande ventura pertencer. Entenderam também melhor que é nela que se realiza sua união com o Cristo e com Deus, que é nela que a revelação da verdade encontra sua expressão e autenticidade, que é nela que a esperança é em parte realizada, parcialmente prometida, mas desde já prenhe de alegria e de paz (Rom 15,13), que é nele que a caridade estabelece um maravilhoso vínculo tanto entre Deus e nós, como entre nós e os demais homens, os quais por aí se tornam nossos irmãos. Compreenderam, enfim, como desta comunidade assim criada, a caridade se eleva até à sua fonte divina com amor novo, nosso, porque pessoal, mas também mais que nosso, porque animado pelo Espírito Santo. Assim a Igreja se apresentou a seus membros conscientes tal qual é: uma oportunidade, a beatitude, a fórmula de vida autêntica em marcha no tempo para a eternidade.**

**Mas que se passou? Aconteceu que no momento em que a visão da Igreja apareceu em nossos dias em sua autenticidade ideal, suas imperfeições visíveis e humanas provocaram um sentimento de mal-estar mais agudo. A Igreja é composta de homens imperfeitos, limitados, pecadores. É uma instituição santa e sagrada, mas construída de materiais humanos, imperfeitos e caducos. Insere-se no caudal da história que se esvai, por conseguinte, necessariamente, submissa nas manifestações contingentes às mutações inevitáveis do tempo. Grande e sério desejo de aggiornamento, de reforma, de autenticidade, de "rejuvenescimento da Igreja" se manifesta então, mas ao mesmo tempo, se espalhou em muitos ambientes grande inquietude, que depois do Concílio, na própria Igreja turvou os espíritos, e fora dela provocou sensação na imprensa. Assim se afronta na Igreja, em termos novos e agressivos, o importante problema de sua reforma.**

**Trata-se de uma das questões mais interessantes, mais graves, e mais urgentes de nosso tempo e nós mesmos que não desejamos menos do que qualquer outro uma reforma razoável da Igreja, pensamos que a oportunidade que lhe é dada hoje de proceder à própria reforma, é um "sinal dos tempos", uma graça do Senhor. Mas em tarefa semelhante, deve-se por à altura de reconhecer a fragilidade dos homens, mesmo cristãos, e de corrigir suas eventuais fraquezas e as deformações do corpo que é a Igreja. Compreendido em seu sentido próprio, podemos fazer nosso o programa de uma contínua reforma da Igreja. Ecclesia semper reformanda.**

**O que acontece, porém, na opinião pública, com a imprensa, muitas vezes tão superficial, tão mal-intencionada, tão ávida de descobrir e de criar o sensacional, tão irresponsável quanto afirmativa em seus intentos e insinuações sobre os deveres e falhas da hierarquia? Acontece que lançando um olhar sobre a grande e misteriosa realidade da Igreja, muitos se detêm nos aspectos exteriores, fenomenológicos e contingentes que ela apresenta. Descobrendo então nela com magistral gravidade, mas com apressada facilidade os defeitos patentes, comprazem-se em provocar escândalos, em acusar a autoridade da Igreja, de ser culpada de que muitos tenham perdido a fé. Estes com razão desejavam que ela fosse digna e perfeita, espiritual e sublime em todas as suas manifestações, mas julgando-a inferior ao ideal que ela nem sempre consegue personificar dignamente, tiram disto pretexto e até motivo de orgulho, para professarem um cristianismo por eles mesmos construído, praticamente sem compromissos de nenhum gênero, nem doutrinários, culturais ou comunitários. Quando são muitos os que assumem esta atitude de crítica livre, então se unem e se afirmam em forma de grupos, que acabam por dar preferência, em suas orientações, a outras ideologias, tanto religiosas como o modernismo antigo e novo, como sociais, o marxismo, por exemplo, ideologias estas que não são autêntica fé cristã.**

**Nesse reformismo polêmico continuamente é empregada a palavra "estruturas". Esta no presente fenômeno de contestação iluminista, assume o significado de organismos canônicos, de instituições jurídicas, de entidades eclesiais tradicionais, de autoridades hierárquicas responsáveis, de sistemas arcaicos determinantes, que formam o esqueleto do corpo eclesial, de doutrinas dogmáticas estabelecidas, de magistério autorizado, de cúria romana etc. As "estruturas" correspondem por assim dizer à "Igreja Institucional"**

**em confronto e oposição à Igreja livre e espiritual. Em outras palavras, o termo em questão assume um significado negativo, contra o qual o novo cristianismo que se diz carismático, de livre interpretação bíblica, lança deletérias insinuações e reivindica arbitrárias licenças, tanto de julgar como de agir. Se a religião está definhando, se a Igreja está sendo abandonada, a culpa dizem alguns é das estruturas, o obstáculo está nas estruturas. As estruturas estão esclerosadas. As estruturas não foram instituídas por Cristo. Libertemo-nos das estruturas e assim teremos um cristianismo jovem e autêntico.**

**Que dizer de tudo isso? Que atitude tomar se amamos a Igreja?**

**Antes de tudo, façamos um ato de reflexão sobre este termo "estruturas" que possui significado polivalente. Distingamos as estruturas convencionais da Igreja, às quais devemos permanecer firmemente ligados, não apenas por sentimento de resignação, das estruturas derivadas por meio da tradição histórica ou do desenvolvimento explicativo, da raiz originária e essencial da mensagem evangélica e apostólica. Nestas últimas podem existir elementos que não são necessários à verdadeira figura e à vitalidade permanente da Igreja. Nelas podem existir entidades ou costumes abusivos ou que pelo menos já não são aptos para favorecer o contato da Igreja com as situações históricas e sociais que se modificaram. Neste ponto, a reforma é e em certos casos deve ser inovadora. Mas a quem compete o juízo sobre as profundas intervenções inovadoras que devem ser levadas a efeito? A quem compete a autoridade e a quem compete a responsabilidade delas? E será que os fáceis promotores da abolição dos usos, das formas, da linguagem, herdados do passado com estruturas, terão sempre o senso histórico e psicológico requerido para conter certas transformações arbitrárias e psicológicas? Saberão preencher as lacunas que tais estruturas deixariam nas legítimas tradições do povo com algo que moral e religiosamente as substituam? Além disso será que carecem de significado espiritual e de vitalidade cristã algumas instituições e costumes eclesiais, que a febre de um modernismo abstrato deseja destruir? Será que algumas destas estruturas não poderiam modernizar-se e conservando pelo menos o valor de um testemunho histórico, reflorescer com nova e benéfica atividade?**

**Não queremos advogar a causa do imobilismo e do juridicismo. Até procuramos dar à Igreja uma nova fisionomia e novo espírito e às**

**suas instituições uma autenticidade mais rica de experiência.**

**A revisão das estruturas vigentes está em pleno, mas ao mesmo tempo refletido desenvolvimento em toda a Igreja responsável. Queremos, porém, alertar os fautores de repentinas simplificações cirúrgicas e às vezes subversivas do patrimônio tradicional da vida eclesial, recordando-lhes que a atualização da Igreja não depende sempre do repúdio de suas estruturas tradicionais, principalmente se estas foram comprovadas por experiências seculares, e ainda são capazes de contínua revivescência, como, por exemplo, a paróquia. Convém recordar-lhes também que a autêntica juventude da Igreja não será obtida pela secularização e pela liberalização da vida eclesial, isto é, libertando-a de suas estruturas exteriores, embora estas precisem de inteligentes reformas. Será obtida sim pelo esforço de vivificação na Igreja da corrente do Espírito vivificador, da vida de oração e de graça, do exercício de caridade e de obediência, da santidade. A voz do profeta que ouvimos durante a quaresma, ressoa ainda em nossos ouvidos: "Rasgai vossos corações e não vossas vestimentas" (Jl 2,13). Não a esqueçamos nunca.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **14 DE MAIO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

Já tivemos a ocasião de vos falar no decurso de audiências gerais, como esta, sobre certas expressões que depois do Concílio tiveram na linguagem corrente um sucesso particular. Uma delas é o "pluralismo". Não foi o Concílio que a inventou, ainda que seja encontrada textualmente em certos documentos, conciliares. Pode-se dizer, contudo, que favoreceu o uso desta expressão, pondo em evidência a idéia e a realidade que exprime e autorizando sua aplicação nos domínios mais amplos e diversos do saber e da vida.

Será que nós somos pluralista? A resposta a esta questão será também pluralista. Sim, nós o somos, precisamente porque somos católicos, isto é, universais. Nenhuma tela impõe limite à consideração da realidade, da verdade. Nossa Vocação é o todo. Somos totalitários na visão do universo, da humanidade, da história e do mundo. Para tudo o que concerne à experiência humana, repetimos a célebre sentença de Terêncio: "Homo sum, et nihil a me alienum puto. Sou homem e estimo que nada do que é humano me seja estranho". Quem quer que receie a visão completa da vida e a posse daquilo que vale a pena possuir, professando naturalmente a religião católica, cede a um preconceito irrefletido. Poderíamos até afirmar que só a religião católica é que possui a visão global, a sabedoria superior do mundo, do ser humano e dos destinos do tempo e da vida.

Mas o de que não se deve esquecer são a legitimidade e os limites de nosso pluralismo religioso. Em vez de o explicar, digamos a título de exemplo uma simples palavra, a respeito das objeções feitas por alguns sobre o pluralismo, introduzido pela Igreja na liturgia, depois do Concílio. Com santo Agostinho em seu comentário ao salmo quarenta e quatro, vamos comparar a liturgia com a veste suntuosa da rainha (Igreja) de que fala a Bíblia. "Qual é a veste desta rainha? pergunta santo Agostinho. Ela é preciosa e variada: são os mistérios da doutrina, anunciados em todas as línguas. Uma é a língua da África, outra é a da Síria, outro é o idioma grego, outro é o hebraico e muitos mais ainda. É destas línguas que é feito o tecido multicolor da veste da rainha. Mas assim como toda aquela variedade da veste se harmoniza numa unidade, assim todas as línguas convergem harmoniosamente numa e mesma fé. Haja matizes e variedade na veste, mas não fissuras".



O mesmo poderíamos dizer do pluralismo teológico. Mas por causa das próprias leis da verdade revelada e da interpretação da palavra de Deus, convém que neste ponto tenhamos muita prudência. Pode-se admitir que a palavra humana não exprima sempre com perfeição a profundidade insondável do conteúdo de uma fórmula dogmática. Igualmente se pode admitir, que a mesma verdade dogmática ofereça uma virtuosidade de interpretação no anúncio do quérigma, isto é, sob uma forma apologética, catequética, oratória ou parenética. Em suma, é o que vem afirmar a validade das várias escolas teológicas e espirituais. Mas não seríamos fiéis à univocidade da palavra de Deus, ao magistério que deriva desta palavra, se nos atribuíssemos a faculdade de "livre exame" de interpretação subjetiva, de subordinação da doutrina definida aos critérios das ciências profanas, e, pior ainda, aos gostos da opinião pública e às desorientações hoje tão acentuadas da mentalidade especulativa e prática da literatura corrente. Sabemos que a Igreja católica é muito exigente neste ponto decisivo de nossas relações com Cristo, com a tradição e com nosso destino de salvação.

A fé não é pluralista. Mesmo no que se refere ao invólucro das formas que a exprimem a fé é muito delicada e exigente. A Igreja tem cuidado de que a palavra que enuncia a fé não venha trair sua verdade substancial e exige isso. Por acaso, poderíamos acusá-la de observar aquela retilínea exigência do Evangelho, em que Jesus diz: "Que vossa palavra seja sim, sim; não, não" (Mt 5,37; Tg 5,12)? A saber, que vossa linguagem seja clara, reta, honesta, unívoca, sem subentendidos, sem reticências, sem incoerências, sem erros.

Caros filhos, sede abertos a toda a verdade, que é imensa, extremamente rica, sempre capaz de explicações novas. Sede abertos à verdade que o próprio Espírito Santo nos ensina (Jo 15,13) da qual a Igreja é mestra, guarda e intérprete autorizada (Gal 1,8), mas sejamos nós próprios ativos, ciumentos e felizes pela unidade inquebrantável e fecunda da fé, em que unicamente se encontram a verdade e a salvação.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **28 DE MAIO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

O homem moderno, como nós todos, aliás, pode-se dizer, está persuadido de que "tudo muda". A observação da vida atual nos dá, com efeito, a impressão de que tudo está se transformando, e que tudo está em movimento. Nada que interesse a nossa experiência aparece estável e seguro, tudo muda, tudo evolui tudo cai em decadência e tudo se renova. Estamos presos e invadidos por este sentimento de instabilidade das coisas e se à primeira vista este sentimento inspira certo medo e algum remorso, bem depressa se transforma, porém, num sentimento de complacência, porque notamos que este importante e geral fenômeno de mutação recebe nomes importantes, tais como evolução, progresso, dinamismo, descoberta, conquista, superação, desenvolvimento, renascimento, novidade etc.

Desde então, a questão religiosa está aí, e é precisamente sobre este problema que, em termos bastante simples, vos convidamos a refletir um instante. A questão é a seguinte: Será que a religião não estaria também sujeita a importantes mudanças? De fato, para ficar no domínio que nos diz respeito, será que a religião não está também em vias de mutação?

A este respeito, pedimo-vos encarecidamente o seguinte: prestai atenção à complexidade da questão religiosa. Pode-se considerar a questão religiosa sob o aspecto subjetivo, a saber, sob o aspecto que é próprio ao homem, o lado intelectual, psicológico e filosófico. Todos sabemos a que espécies de mutações, a que arbitrariedades, a que extravagâncias, dúvidas, negações, em suma, a que metamorfoses foi submetida a idéia religiosa. A discussão está sempre aberta. Mas afirmamos que nossa razão, nossa experiência, nossa fé, estão hoje, mais do que nunca, em condições de se afirmar, como no passado, com muito brilhantismo e de continuar a dar novos testemunhos de pensamento e de vida, sustentando o choque e as discussões das objeções próprias ao pensamento, seja filosófico, seja literário e prático de nossos dias.

Isto quer significar que o homem, este ser de cem faces, pode assumir aspectos e atitudes muito diversos, proteiformes com respeito à religião, mas permanece homem, essencialmente como é, não só capaz, mas desejoso de Deus. Melhor, quanto mais homem é

**e se torna, tanto maior se manifesta nele a exigência de Deus. Por isso, a religião, entendida com relação virtual com a divindade, não muda com as expressões da vida humana. Neste ponto não temos senão que fazer votos de um novo florescimento de estudos e investigações religiosas, isto é, de literatura religiosa, filosófica, literária, apologética, catequética e artística. É questão de linguagem. Renovemos a terminologia religiosa.**

**É necessário, porém, ter em vista o aspecto objetivo da religião, a saber, a sua verdade, o seu conteúdo, a sua realidade. Para nós que cremos, para nós católicos de fé unívoca, esta religião conservada e defendida, explicada por uma instituição providencial, chamada magistério eclesiástico, que sempre está repetindo as palavras de Jesus: "A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou" (Jo 7,17), é o que não muda por motivo da evolução dos tempos e dos costumes. Deve ser aceita na sua formulação genuína, originária e autorizada, ainda que difícil, mesmo que em contraste com a psicologia de quem a escuta, embora misteriosa. Vós vos lembrais de como termina a discussão no Evangelho, sobre a Eucaristia, em Cafarnaum. Os ouvintes achavam que era absurdo esse ensinamento do Senhor: "Isto é muito duro, quem o pode admitir?" (Jo 6,60). E Jesus abandonado pela multidão dos ouvintes, dirige-se aos discípulos, também estes atônitos e indecisos: "Quereis vós também retirar-vos?" (Jo 6,67).**

**Isto é grave. Principalmente hoje, quando o homem não quer aceitar senão o que compreende. E o interessante é que também o homem moderno é mais do que nunca cliente e aluno de quem tem autoridade no campo científico. Mas devemos viver da fé, aceitando a palavra de Deus, mesmo se ultrapassa nossa inteligência. Fazemos duas observações: a fé é obscura, mas não é cega, isto é, possui motivos que a justificam interior e exteriormente. Muitas vezes já dissemos com santo Agostinho: "Habet namque fides oculos suos. Com efeito a fé tem olhos". Mais ainda a fé pode ser estudada, aprofundada, confrontada com o saber natural e aplicada. Poderíamos até dizer que ela se verifica na experiência da vida. A fé vivida torna-se luz. Amada, torna-se força. Meditada, torna-se espírito. Por isso, permanecendo íntegra e pura, a fé pode muito bem compenetrar todas as transformações honestas, novas e grandiosas da vida atual, e assim se revela a nós como é: princípio de vida eterna.**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **28 DE MAIO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Cristianismo fácil! Esta parece uma das aspirações mais óbvias e mais difundidas depois do Concílio. Facilidade é palavra sedutora. É também em certo sentido aceitável, mas pode ser ambígua. Pode constituir belíssima apologia da vida cristã, quando é entendida como se deve. Mas pode também ser uma adulteração, uma concepção utilitarista, uma fatal "minimização". É preciso prestar atenção.**

**Não há dúvida de que a mensagem cristã se apresenta na sua origem, na sua essência e na sua intenção salvadora, e no desígnio misterioso que a penetra inteiramente, como fácil, feliz, aceitável ou admissível. É uma das certezas mais seguras e confortadoras de nossa religião. Sim o cristianismo quando bem compreendido, é fácil. É preciso julgá-lo assim, apresentá-lo e vivê-lo. O próprio Jesus disse: "Meu jugo é suave e meu peso é leve" (Mt 11,30).**

**Deseja-se algo de semelhante para nosso tempo, orientado para as concepções espirituais simples e fundamentais, sintéticas e acessíveis a todos. Porventura o Senhor não resumiu no mandamento supremo do amor de Deus e no preceito que o segue e dele deriva, do amor do próximo "toda a lei e os profetas?" (Mt 22,40)**

**É a espiritualidade do homem moderno, especialmente dos jovens, que o exige. É a exigência prática do apostolado e da penetração missionária que o reclama. Simplificar e espiritualizar, isto é, tornar fácil a adesão ao cristianismo. Esta é a mentalidade que parece resultar do Concílio. Nada de juridicismo, nada de dogmatismo, nada de autoritarismo, nada de ascetismo, é que se apregoa com demasiado desembaraço. É preciso abrir as portas ao cristianismo fácil. E assim vai-se emancipando a vida cristã das chamadas "estruturas".**

**Tende-se a dar às verdades misteriosas da fé uma dimensão que pode estar contida na linguagem corrente e que pode ser compreendida pela forma mental moderna, desvinculando-as das formulações escolásticas tradicionais, sancionadas pelo magistério autorizado da Igreja. Tende-se a assimilar nossa doutrina católica à doutrina de outras concepções religiosas. Visa-se a abolir os**

**vínculos da moral cristã, que são denominados vulgarmente como "tabus", e das exigências práticas de formação pedagógica e de observância disciplinar, para conceder ao cristão, apesar de ser ele ministro dos mistérios de Deus e seguidor da perfeição evangélica, uma assim chamada integração no modo de viver do homem comum. Procura-se um cristianismo fácil na fé e nos costumes.**

**Mas não estarão sendo superadas as fronteiras daquela autenticidade a que todos aspiramos? Aquele Jesus que nos trouxe seu Evangelho de bondade, de alegria, e de paz, não nos exortou também a "entrarmos pela porta estreita?" Porventura não exigiu de nós uma fé na sua palavra que supera a capacidade de nossa inteligência? E não disse igualmente que "quem é fiel no pouco é fiel também no muito"? Não fez com que a obra de sua redenção culminasse no mistério da cruz, loucura e escândalo para este mundo (1 Cor 1,23), e não determinou que a condição de nossa salvação fosse nela participar?**

**Aqui a lição se torna longa e difícil. Surge a pergunta: então o cristianismo não é fácil? Não é aceitável para nós modernos? Não é mais apresentável ao mundo contemporâneo? Além disso perguntemos: o cristianismo é feito para temperamentos fracos, no campo do valor humano e da consciência moral? É feito para tímidos, tíbios, conformistas? Para pessoas que não se preocupam com as exigências austeras do reino de Deus? Perguntemos se não é o caso de procurar entre as causas da diminuição das vocações ao seguimento generoso do Cristo, sem reservas e sem recuos, a apresentação superficial de um cristianismo adocicado, sem heroísmos nem sacrifícios, sem a cruz e por isso destituído da grandeza moral de um amor total. Indaguemos também se entre as motivações das objeções lançadas contra a encíclica *Humanae Vitae*, não está escondida esta idéia: abolir uma lei difícil para tornar a vida mais fácil. Mas tratando-se de uma lei que tem seu fundamento em Deus, como se pode proceder assim?**

**Vamos tornar a dizer: sim o cristianismo é fácil. É prudente e mesmo necessário aplainar todos os caminhos que conduzem a ele, procurando sempre facilitá-los. É exatamente o que a Igreja, depois do Concílio, se esforça por todos os meios por fazer, sem contudo trair a realidade do cristianismo. Este é fácil com uma condição: ser humilde, recorrer ao auxílio da graça, com a oração, os sacramentos, e a confiança em Deus "que não permitirá sejais tentados além das vossas forças, mas com as tentações até vos**

dará os meios de suportá-las e delas sairdes" (1 Cor 10,13). Ser corajoso em saber querer e amar, principalmente em saber amar. Digamos com santo Agostinho: "O jugo do Cristo é suave para quem ama, mas pesado para quem não ama. Amanti suave est, non amanti durum est".

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **31 DE MAIO DE 1969. DISCURSO DIRIGIDO ÀS ALUNAS E ÀS RELIGIOSAS DO INSTITUTO "REGINA MUNDI".**

Aproveitando da ocasião que se nos oferece por vossa visita, desejamos reafirmar-vos nossa estima e confiança, no valor e na beleza de vossa vocação e de vossa profissão religiosa. Desejamos em nome do Cristo vos assegurar o seguinte: O conceito que a Igreja sempre teve da vida religiosa, e que foi reafirmado pelo II Concílio Ecumênico do Vaticano, não é nem vazio nem superado. Sempre vale a pena segui-lo, para quem tem a graça da vocação. Supomos, com efeito, que estejam presentes em vosso espírito, as reconfortantes promessas do Senhor, ao apóstolo Pedro que em nome de seus companheiros, lhe tinha declarado com toda a sinceridade e com intrépida esperança: "Ecce nos reliquimus omnia et secuti sumus te, quid ergo erit nobis? Eis que deixamos tudo para te seguir, que será pois de nós?" (Mt 19,27). Deveis também ter presentes em vosso espírito as declarações nas quais o Concílio em sua Constituição dogmática *Lumen Gentium* e no seu decreto *Perfectae Caritatis* exaltou, em face do mundo moderno e da Igreja, a grandeza da consagração religiosa, acentuando os princípios gerais de uma oportuna renovação, em vista de um reflorescimento mais intenso e mais amplo, no seio do jardim místico da Igreja.

Permiti-me, para vosso reconforto e edificação, que vos lembre as declarações mais significativas da Constituição *Lumen Gentium*: "A santidade da Igreja, lê-se no capítulo V, que trata da vocação universal para a santidade, aparece de maneira característica na prática dos conselhos, que costumamos chamar de evangélicos" (nº39). "A santidade da Igreja, acrescenta a Constituição, é mantida especialmente pelos múltiplos conselhos, que o Senhor propôs no Evangelho para a observação de seus discípulos" (nº42). Não somente a prática dos votos, mas o ambiente mesmo, no qual se desenrola vossa vida cotidiana, é de grande ajuda a atingir a perfeição, como se lê no capítulo VI, consagrado aos religiosos: "Estas famílias [religiosas] asseguram a seus membros o apoio de maior estabilidade em sua forma de vida, de uma doutrina provada para atingirem a perfeição, de uma comunhão fraterna na milícia do Cristo, e enfim de uma liberdade fortificada pela obediência, a fim de poderem os membros cumprir com fidelidade e guardar com segurança sua profissão religiosa, progredindo na alegria espiritual na senda da caridade" (nº43).



**Assegurados com tantos subsídios particulares, dons inestimáveis da munificência divina, os religiosos (e religiosas) deverão usar deles com sempre maior consciência. É somente desta maneira que poderão responder plenamente ao que os padres do Concílio lhes dirigiram: "Os religiosos devem tender, com todas as suas forças, a que a Igreja por meio deles manifeste, cada dia melhor, o Cristo aos fiéis e infiéis" (nº46).**

**Que a luz da revelação divina, o exemplo de vossos santos fundadores, a voz do Magistério vivo e legislativo da Igreja, sejam, queridas filhas, vossa salvaguarda, vossa guia e vosso contínuo incentivo no caminho da perfeição religiosa. Que haja em vossa doação o amor, e no amor o encontro com a caridade de Deus, e nesta caridade o sacrifício, no sacrifício a cruz, na cruz do Cristo, não a morte espiritual, mas a salvação e a vida.**

**Não creiais que vossa total e perpétua consagração a Deus e às diferentes obras de apostolado, unicamente contribua para a glória de Deus, para o proveito e honra de vossas famílias religiosas, ou de pessoas que se beneficiarão diretamente dos frutos de vossa vida de santificação e de vosso ministério caritativo. Mas, ao contrário, estai sempre persuadidas de que vossa vida de amor, de sacrifício, de crucifixão vivificante com o Cristo, repercutirão de maneira benéfica sobre toda a Igreja, porque os membros dos institutos religiosos e seculares são no corpo místico da Igreja, uma fração privilegiada, como plena realização da doação da Igreja com o Cristo, como "esposa", como sinal e testemunho. As virgens são, com efeito, exemplo para toda a comunidade e para o mundo, ao qual renunciaram, não por falta de sensibilidade ou por desprezo dos autênticos valores humanos, mas em vista de se consagrarem mais eficazmente a serviços multiformes, conforme a gama eminentemente evangélica das obras de caridade espiritual e corporal, a exemplo do divino Salvador que "passava fazendo o bem e curando, pertransiit benefaciendo et sanando omnes" (At 10,38).**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **10 DE JUNHO DE 1969. ALOCUÇÃO NO CONSELHO ECUMÊNICO DAS IGREJAS EM GENEBRA.**

A fidelidade a Cristo e à sua palavra, a humildade perante a ação de seu Espírito em nós, o serviço de todos e cada um, eis efetivamente as virtudes que poderão conferir à nossa reflexão e ao nosso trabalho sua qualidade cristã. Então somente a colaboração de todos os cristãos exprimirá ao vivo a união entre eles e porá numa evidência mais luminosa, a verdadeira face do Cristo servidor.

Em virtude desta crescente colaboração em todos os domínios de interesse comum, põe-se por vezes o problema: a Igreja católica deve tornar-se membro do Conselho Ecumênico? Que poderíamos nós neste momento responder a esta pergunta? Com toda a franqueza fraterna, não consideramos o problema da participação da Igreja católica no Conselho Ecumênico já suficientemente amadurecido, a ponto de se poder ou dever dar uma resposta positiva. A questão permanece ainda no domínio das hipóteses. Comporta graves implicações teológicas e pastorais. Exige estudos aprofundados e engaja para um caminho que a honestidade nos obriga a reconhecer que poderá ser muito longo e difícil. Isto, porém, não nos impede de vos assegurar que estamos voltados para vós, com grande respeito e com profundo afeto. A vontade que nos anima e o princípio que nos dirige serão sempre a persecução, cheia de esperança e de realismo pastoral, da unidade querida por Cristo.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



**23 DE JUNHO DE 1969. ALOCUÇÃO DE PAULO VI AOS MEMBROS DO SACRO COLÉGIO QUE LHE APRESENTARAM FELICITAÇÕES PELO ONOMÁSTICO.**

Atrás destas dificuldades às quais fizestes alusão, parece-nos esconderem graves perigos para a Igreja de Deus e constituírem pesadas responsabilidades para os que as causam. Duas maiores entre muitas, a saber: um menor senso da ortodoxia doutrinal quanto ao cioso "depósito" da fé (1 Tim 6,20) que a Igreja herdou da originária pregação dos apóstolos, expressa na Sagrada Escritura e na autêntica Tradição, e que ela escrupulosamente meditou e atestou em seu responsável ensino sob a direção prometida por Cristo (Jo 16,13) do Espírito Santo. A segunda que nos parece causa de múltiplos males, que todos devemos deplorar, se deveras amamos a Igreja, é certa desconfiança, quanto ao exercício do ministério hierárquico, que por mandato do Cristo une e guia o Povo de Deus, nos vários níveis de sua estrutura.

Hoje não é fácil ter um posto de responsabilidade na Igreja. Não é fácil dirigir uma diocese, e bem compreendemos as condições em que devem exercer sua missão os nossos irmãos no episcopado.

Não podemos permanecer insensíveis às críticas, nem sempre exatas nem justas, nem respeitadas e oportunas, que de várias partes se fazem à Sé Apostólica, sob o apelativo mais facilmente vulnerável de Cúria Romana. Ser-nos-ia fácil e talvez mesmo necessário, retificar certas asserções relativas a estas densas e reclamadas objeções. Mas pensamos que o Povo de Deus informado da verdade das coisas, e iluminado pela esperança que procede da caridade, poderá fazê-lo por si mesmo.

Diremos apenas que meditamos serenamente as queixas feitas a esta Sé Apostólica, com duplo sentimento na alma: o da sincera e humilde objetividade, pronta a observar e considerar as razões plausíveis destas contrastantes atitudes, disposta a modificar as posições puramente jurídicas existentes, quando resulte razoável fazê-lo, desejosos como somos de renovar, contínua e interiormente, o espírito da legislação canônica por um serviço melhor da Igreja, e por um desenvolvimento benéfico e eficaz de sua missão no mundo contemporâneo, e igualmente com a propensão de compreender e acolher as boas aspirações particulares de um

## **legítimo pluralismo na unidade.**

**Prova desta nossa intenção, dividida por vós e por toda a Cúria Romana, são a convocação do sínodo extraordinário, e o grande trabalho em curso da revisão do direito canônico, através de amplas e múltiplas consultas. Como são os contínuos atos de nós emanados, e pelos dicastérios da própria Cúria, como seja o longamente estudado e de iminente publicação, com respeito à função dos representantes pontifícios, em conformidade com o voto do Concílio. O mesmo se diga dos numerosos e subseqüentes documentos acerca da reforma litúrgica, também esta querida pelo Concílio, cuja vontade tencionamos mandar executar fielmente.**

**Podemos também acrescentar que é nosso desejo acolher, com amorosa atenção, as várias vozes que se manifestaram na Igreja, acerca da renovação da vida sacerdotal, para escutar-lhes as aspirações, em conformidade com o verdadeiro conceito do sacerdócio católico, e de seu indispensável ministério, a sua conveniente preparação, seu melhor aperfeiçoamento, sua orgânica participação na vida diocesana, e sua mais eficaz inserção na sociedade moderna.**

**Outro sentimento é o de uma grande confiança, que não queremos negar às mesmas pessoas de quem provêm as contestações e os desvios. A isto já fizemos alusão, porque queremos admitir nestes filhos da santa Igreja uma retidão intencional fundamental, e queremos juntamente reconhecer a necessidade contínua, que nossas coisas têm de correção e de aperfeiçoamento. Necessidade tanto mais urgente, quanto maior são as exigências modernas, de uma contínua renovação eclesial. Contudo, como é óbvio, nossa maior confiança pela defesa e pelo incremento da Igreja, nesta hora importante, está na própria Igreja, está no episcopado, no clero, nos religiosos, no laicato católico, nas fileiras incalculáveis de almas boas que em silêncio pregam, trabalham, sofrem pela causa do reino do Cristo.**

**A quantos chegue o conhecimento desta nossa confiança, em sua colaboração, saibam que nos são caros, que os exortamos a crescer no fervor e na operosidade, que rezamos por eles e que de coração os abençoamos (Flp 1,8-11).**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **2 DE JULHO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Nosso desejo é acolher hoje as grandes palavras do Concílio, aquelas que lhe definem o espírito e que numa síntese dinâmica formam a mentalidade de quantos dentro e fora da Igreja se referem ao Concílio. Uma delas é a palavra novidade. É uma palavra simples, muito empregada e bastante simpática aos homens de nosso tempo. Considerada num contexto religioso é maravilhosamente fecunda. Mal compreendida, porém, pode tornar-se explosiva. É contudo uma palavra que nos foi dada como ordem e programa. Foi-nos comunicada como esperança. É, aliás, uma palavra que nos vem diretamente da sagrada escritura: "Diz o Senhor: eis que faço uma coisa nova". São palavras de Isaías (43,19), às quais São Paulo faz eco (2 Cor 5,17) e o Apocalipse (21,5) repete: "Eis que faço todas as coisas novas". Jesus, nosso Mestre, não é também ele um inovador diz: "Vocês aprenderam o que foi dito aos antigos... eu, porém, lhes digo" (Mt 5,33-34). Repete o mesmo no sermão da montanha. O batismo, iniciação à vida cristã, não é uma regeneração? "Devemos caminhar num caminho novo" (Rom 16,4). Assim é sempre ao longo da tradição cristã, em que tudo se orienta para a perfeição. Sem cessar volta-se a esta idéia de novidade, quando fala de conversão, de reforma, de ascetismo ou de perfeição. O cristianismo é como uma árvore, em primavera perpétua, produzindo sem cessar novas flores e novos frutos. É uma idéia dinâmica, uma vitalidade inexaurível, uma magnificência.**

**É exatamente desta maneira que se apresenta o Concílio: renovação e "aggiornamento". Esse termo, lançado pelo papa João, entrou no uso da linguagem corrente, mesmo fora da Itália.**

**Duas palavras que nos falam de novidade. Uma se refere antes ao aspecto interior espiritual. A outra se refere ao exterior, ao canônico e institucional. A nós muito agrada o fato de que este "espírito de renovação" (assim é que se exprime o Concílio no fim da Optatum Totius) seja por todos compreendido e vivido. Este espírito corresponde à característica dominante de nosso tempo, que se acha todo em rápida e imensa transformação, isto é, em vias de novidade em todos os setores da vida moderna. Surge um confronto imediato ao espírito: tudo se transforma menos a religião? Não se produz entre o cristianismo e a realidade da vida, uma dicotomia, um hiato, uma recíproca incompreensão, uma hostilidade mútua? Um se**

**mantém imóvel enquanto a vida avança. Como poderão entrosar-se? Como pode o cristianismo pretender influenciar a vida de hoje? Aí está a razão das reformas empreendidas pela Igreja, especialmente após o Concílio. Haja vista o episcopado com a preocupação de promover a renovação adequada às necessidades presentes, as ordens religiosas prontas a reformarem seus estatutos, o laicado católico se especializa e coordena seus esforços na reestruturação da Igreja. Haja vista a reforma litúrgica cuja extensão e importância todos conhecem. A educação cristã está reexaminando os seus métodos de pedagogia e toda a legislação canônica em vias de uma revisão renovadora.**

**E quantas outras consoladoras e promissoras novidades germinam na Igreja atestando nova vitalidade, que também nestes anos tão difíceis para a religião evidencia uma contínua inspiração do Espírito Santo. O progresso do ecumenismo guiado pela fé e pela caridade, basta por si só para mostrar um desenvolvimento quase imprevisível no caminho e na vida da Igreja. A esperança que é o olhar da Igreja em direção do futuro, enche seu coração e revela como palpita numa nova e amorosa expectativa. A Igreja não é velha, é antiga. O tempo não a recurva. E se se mantém fiel aos princípios intrínsecos e extrínsecos de sua misteriosa existência, o tempo não a envelhece, antes a rejuvenesce. Não teme as novidades: delas vive. Qual árvore que tem na raiz sua segurança e o alimento, a seiva, ela retira de si mesma a primavera para todos os ciclos da história.**

**Talvez vos recordeis das palavras que o Cardeal Suhard, arcebispo de Paris, escrevia em 1947, numa de suas cartas pastorais que se tornou famosa, *Essor ou déclin de l'Église*: "A guerra não é um entreato, mas um epílogo. A era que se inaugura depois dela assemelha-se a um prólogo". O mesmo podemos dizer do Concílio. Este marcou o início de um novo ciclo, cujas características novas de que fizemos menção, ninguém pode negar. Mas o exame destas novidades nos obriga a nos interrogar se todos estes fenômenos novos vindos à tona depois do Concílio, são bons.**

**Poderíamos contentar-nos em apelar para vosso julgamento sadio, para tentar semelhante exame. Alguns verificaram que a novidade não tende necessariamente para algo melhor. Novidade em si é mudança. Ora, a mudança deve ser considerada menos em si do que no seu conteúdo e finalidade. Será que hoje, o que é novo nos leva realmente a um cristianismo melhor? Que critérios podem nos ajudar para julgar da legitimidade do que é novo na vida da Igreja?**

**Há quem verifica fenômenos que revelam não um progresso novo, mas uma nova decadência. Outros falam não de evolução, mas de revolução, não de enriquecimento, mas de decomposição.**

**O "novo" na vida católica é uma questão extremamente complexa. Limitemo-nos a uma severa observação, como esta: o novo na Igreja não pode ser conseguido por meio de uma ruptura com a tradição. O espírito revolucionário invadiu muitos cristãos e bons cristãos. A ruptura que nós podemos aceitar é a da conversão. A ruptura com o pecado, mas não com o patrimônio da fé e da vida, de que somos herdeiros felizes, mas também responsáveis. As inovações necessárias e oportunas, às quais devemos aspirar, não podem vir de um corte arbitrário que nos separasse da raiz viva, transmitida a nós pelo Cristo desde o momento em que apareceu no mundo e fez da Igreja o "instrumento e sinal" da validade de nosso encontro com Deus. Bem ao contrário para nós a novidade de ordinário consiste no retorno à tradição autêntica e à sua fonte que é o Evangelho.**

**"A novidade da vida religiosa comporta a volta contínua às fontes", diz-nos o Concílio. O que diz dos religiosos vale, em geral, para todo o povo de Deus. Quem quer que substitua sua própria experiência espiritual, seu sentimento de fé subjetiva, sua interpretação pessoal da palavra de Deus, cria certamente uma novidade, mas isto é ruína. Do mesmo modo aquele que menospreza na história da Igreja o ministério carismático que ela representa para a salvaguarda e transmissão da doutrina e da vida cristã, pode criar novidades cheias de atrativo, mas falta-lhes o poder vital e salvador. Nossa religião que é a verdade, e a realidade divina na história do homem, não se inventa e, propriamente falando, não se descobre. Ela é recebida, embora antiga é sempre viva, sempre nova, isto é, não perece e está sempre pronta a reflorescer sob novas e autênticas formas. "É claro, diz o Concílio, que a santa Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja, por sábia disposição de Deus, são de tal modo conexos e solidários entre si que nenhuma destas realidades pode subsistir sem outra".**

**Qualquer contestatário impaciente dirá talvez que isto é imobilismo, é uma esclerose que congela o cristianismo em fórmulas rígidas e superadas, e o que ele quer é um cristianismo dinâmico. Pois bem, também nós, mais do que ninguém, queremos um cristianismo vivo. Presentemente não vos faremos uma exposição, seria longo, sobre os métodos a seguir para revivescer e na ocorrência ressuscitar nosso cristianismo. Indicaremos apenas algumas fases do**



processo. Lembremo-nos bem de que o primeiro passo é a renovação interior e pessoal. "Renovai-vos em vosso espírito e pensamento", recomenda são Paulo (Ef 4,23) : é a verdadeira, a primeira novidade cristã, a nossa. Todos e cada um deve tender a ela. Em seguida se quereis refletir nisso, a novidade de vida cristã na vida cristã e na Igreja, pode provir, parte, de uma purificação, processo que está em curso, aliás, está sempre em curso. Parte, pode provir de um aprofundamento. Quem de fato pode dizer que compreendeu tudo, que tudo apreciou no seu justo valor, do tesouro da palavra, da graça e do mistério de que somos portadores? Quanto poderia o cristianismo progredir por este método! Enfim a novidade pode derivar-se de uma adaptação. Trata-se menos de inventar um cristianismo novo para tempos novos, que de dar ao cristianismo autêntico aplicações novas de que é capaz e de que necessita.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **3 DE JULHO DE 1968. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Tivestes conhecimento ou pelo menos um eco da profissão de nosso Credo, com que encerramos formal e solenemente o "Ano da Fé". Mas tal encerramento pode antes ser chamado um princípio, já não de um outro ano dedicado ao mesmo tema, porém, das conseqüências que ele desejara produzir. Estas são sem número e sem fim. Uma profissão de fé não pode ser mais do que um resumo, um "símbolo" como se diz na linguagem teológica tradicional, uma "regula fidei, uma regra de fé", que contém as principais verdades da fé em termos de autoridade, mas quanto possível condensados e abreviados. Desde a antiguidade cristã, era uma síntese dos dogmas fundamentais do ensinamento doutrinal, que os candidatos ao batismo deviam aprender e recitar de cor.**

**Esta profissão resumida das verdades da fé, exige em seguida um estudo, um desenvolvimento, um aprofundamento. É este o dever de todos os crentes. Aqueles que sabem passar das fórmulas do catecismo à exposição mais orgânica e completa das verdades da fé, das palavras áridas ao desenvolvimento doutrinal e melhor ainda das expressões verbais à alguma inteligência real das próprias verdades, experimentam ao mesmo tempo alegria e admiração: alegria pela riqueza e beleza das verdades religiosas, e admiração por sua profundidade e amplidão, que nossa inteligência pode entrever, mas não medir. Esta é a maior experiência que nosso pensamento pode fazer. É essa também a tarefa dos mestres, dos teólogos, dos pregadores, aos quais este momento histórico da Igreja oferece uma estupenda missão, a de penetrar, purificar, exprimir os enunciados da fé em termos novos, belos, originais, vividos, compreensíveis, os sempre idênticos e imutáveis tesouros da revelação, "na mesma doutrina, no mesmo sentido, no mesmo pensamento", como disse o Vaticano I.**

**Pode-se, portanto, dizer que um trabalho recomeça, isto é, sucede à afirmação da fé, que o ano que acaba de se encerrar nos deu a feliz ocasião de proclamar. Devemos aplicar-nos todos a um estudo sério da nossa religião. Esperamos que em todos os países haverá uma nova floração original de literatura religiosa.**

**Há, porém, outra conseqüência que decorre de uma profissão de fé, e é a coerência da vida com a própria fé. Jamais teremos dado**

**suficiente importância a esta coerência entre a fé e a vida. Não basta conhecer a palavra de Deus, é preciso vivê-la. Conhecer e não aplicar a fé à vida, seria grave ilogismo, e acarretaria séria responsabilidade. A fé ao mesmo tempo é um princípio de vida sobrenatural e um princípio de vida moral. A vida cristã nasce da fé. Beneficia-se da incipiente comunhão, que ela estabelece entre Deus e nós. Faz circular seu misterioso e infinito pensamento no nosso, dispõe-nos àquela comunhão vital que une nossa existência, apenas criada, com o ser incriado e infinito que é Deus. Mas ao mesmo tempo introduz em nossa mente e em nossa ação, um engajamento, um critério espiritual e moral, um elemento que qualifica nossa conduta: faz-nos cristãos. Deve-se sempre recordar a repetida fórmula do apóstolo: "Justus ex fide vivit", que podemos traduzir assim: "O cristão vive da fé" (Rom 1,17; Gal 3,11; Hebr 10,38).**

**Agora nos interessa este aspecto da vida religiosa. Como tornar nossa vida conforme à fé? Como podemos imaginar o tipo moderno do crente? Qual a vocação do fiel hoje, quando quer tomar a sério as consequências do seu próprio credo? Temos em mente o que o Concílio proclamou "que todos os fiéis de qualquer estado ou forma de vida, são chamados à plenitude da vida cristã, e à perfeição da caridade", e acrescenta: "Mesmo na sociedade terrena esta santidade concorre para promover um padrão de vida mais humano".**

**Esta declaração do Concílio, a respeito da vocação de todos e de cada um à santidade, corresponde "aos vários gêneros de vida e aos vários ofícios" e é de capital importância. "Cada qual, prossegue, segundo os próprios dons e ofícios, deve resolutamente avançar pelo caminho da fé viva, a qual desperta a esperança e opera por meio da caridade". Para isso deveria desaparecer o cristão, que não observa os deveres de sua elevação a filho de Deus, irmão de Cristo, membro da Igreja. A mediocridade, a infidelidade, a inconstância, a incoerência, a hipocrisia, deveriam desaparecer da figura, da tipologia do crente moderno. Uma geração penetrada de santidade, deveria caracterizar o nosso tempo. Não só nos poremos à procura do santo singular e excepcional, mas deveremos promover e criar uma santidade do povo, assim como nos primeiros albos do cristianismo o queria São Pedro, quando escreve as célebres palavras: "Vós sois uma estirpe eleita, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo redimido... vós que em certo tempo não éreis seu povo, mas agora sois o Povo de Deus" (1 Pdr 2,9-10).**

**Refletamos bem. Será possível atingir semelhante alvo? Não se trata de um sonho? Como poderia o homem comum do nosso tempo conformar a própria vida a um ideal autêntico de santidade, na medida em que se possa acomodá-lo às exigências honestas e legítimas da vida moderna? Hoje ainda mais quando tudo é posto em "contestação", quando já não se quer derivar da tradição as normas para a orientação das novas gerações, quando a transformação dos costumes é tão premente e manifesta, quando a vida social absorve e domina a personalidade individual, quando tudo é secularizado e dessacralizado, quando já ninguém sabe qual seja a ordem constituída ou a constituir, quando tudo se tornou problema e quando não se aceita que qualquer autoridade normal sugira soluções razoáveis, e na linha da experiência histórica comprovada?**

**Não se deve fechar os olhos à realidade ideológica e social que nos cerca. Antes faremos bem encarando-a de frente com corajosa serenidade. Não poderemos tirar muitas conclusões favoráveis a nossos princípios, diante do humanismo privado da luz de Deus. Mas agora urge responder à pergunta que fizemos, e que convém repetirmos no íntimo de nossa consciência: Pode o homem hoje ser verdadeiramente cristão? Pode o cristão ser santo (no sentido bíblico do termo)? Pode nossa fé ser realmente um princípio de vida concreta e moderna? Pode ainda um povo, uma sociedade, uma comunidade pelo menos, exprimir-se em formas autenticamente cristãs?**

**Eis, caros filhos, uma boa ocasião para pormos imediatamente em ação nossa fé. Respondamos que sim. Nada nos deve atemorizar nem deter. É de santa Teresa as palavras: "Nada te espanta". Repitamos a nós mesmos as palavras de são Paulo aos romanos: "Se confessares com os lábios o Senhor Jesus, e se creres no coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo" (Rom 10,11). Eis a bússola. No mar sem fé e agitado do mundo presente, guardemos esta suprema rota: Jesus Cristo. Ele luz do mundo e de nossa vida, infunde em nossos corações duas certezas imediatas fundamentais, uma sobre Deus, outra sobre o homem. Uma e outra a promover com total dedicação de amor. Assim nada temeremos: "Quem nos separará do amor do Cristo? A tribulação, a fome, a angústia, a nudez, o perigo, a perseguição, a espada?... Em tudo isso somos mais que vencedores, por obra daquele que nos amou" (Rom 8, 35-37).**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **13 DE AGOSTO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**É preciso voltar à oração pessoal. Por que dizemos "voltar"? Porque temos a impressão, que desejaríamos fosse desmentida pelos fatos, (como felizmente acontece em muitos casos), de que hoje até os honestos e fiéis, mesmo os consagrados ao Senhor, rezam menos do que antes. Dizendo isso sentimos o dever de prová-lo, e dizer porquê. Mas não será agora que o faremos. Isto exigiria muito tempo. Preferimos convidar cada um a se perguntar depois: ainda se reza hoje? O homem atual sabe rezar? Sente obrigação de fazê-lo? Sente a necessidade? Mesmo o cristão tem ele facilidade, gosto, e se sente obrigado a rezar? Tem ele amor às formas de oração que a piedade da Igreja, embora não as declare oficiais, isto é, litúrgicas, tanto ensinou e recomendou, tais como o rosário, a via-sacra, e especialmente a meditação, a adoração eucarística, o exame de consciência, a leitura espiritual? Ninguém há de atribuir a diminuição da oração pessoal, sobretudo, da vida espiritual, da religiosidade inferior, da "piedade", entendida como devoção, como expressão do dom do Espírito Santo, pelo qual nos dirigimos a Deus no íntimo da alma com o nome familiar e tão grande de Pai, à liturgia, ou seja, à celebração comunitária e eclesial da Palavra de Deus e dos mistérios da Redenção.**

**Pois a liturgia, graças a um intenso e longo movimento religioso, coroado, ou melhor, canonizado pelo recente Concílio, assumiu incremento, dignidade, acessibilidade, participação na consciência e na vida espiritual do Povo de Delis. Esperamos que ainda aumente no futuro próximo.**

**A liturgia tem seu primado e plenitude próprios e por si mesma eficácia que todos devemos reconhecer e promover. Mas a liturgia, por sua natureza pública e oficial na Igreja, não substitui e não empobrece a religião pessoal. A liturgia não é somente rito, é mistério e como tal exige a adesão consciente e fervorosa de todos os que nela tomam parte. Supõe a fé, a esperança e a caridade, e muitas outras virtudes e sentimentos, atos e condições como a humildade, o arrependimento, o perdão das ofensas, a intenção, a atenção, a expressão mental e vocal, que dispõem o fiel para mergulhar na realidade divina, que a celebração litúrgica torna presente e operante.**

**A religião pessoal, sendo possível a qualquer pessoa, é condição indispensável para a autêntica e consciente participação litúrgica. Mas ela é o fruto, a consequência desta participação, destinada justamente a santificar as almas e a corroborar nelas o sentido de união com Deus, com Cristo, com a Igreja e com os irmãos de toda a humanidade.**

**Se existe alguma diminuição da religiosidade pessoal deverá ser procurada bem noutra direção. Tentai perguntar-vos ainda: por que é que hoje a vida interior, no sentido de vida de oração, é menos intensa e menos fácil aos homens de nosso tempo, isto é, a nós mesmos? Esta pergunta exigiria resposta extremamente complexa e difícil, que por ora podemos sintetizar assim: somos mais educados para a vida exterior, que assumiu desenvolvimento e fascínio maravilhosos, que para a vida interior cujas leis e satisfações pouco conhecemos. Nosso pensamento se dirige principalmente para o reino sensível, fala-se em "civilização da imagem", rádio, TV, fotografia, símbolos e estruturas mentais etc., e para o domínio social, ou seja, para a convivência e relações com os demais. Estamos voltados para fora, extrovertidos.**

**Mesmo a teologia muitas vezes cede o passo à sociologia. A própria consciência moral é superada pela psicologia, reivindicando uma liberdade que, abandonada a si mesma, fá-la procurar fora de si muitas vezes no mimetismo da moda a própria orientação. Onde está Deus? Onde está o Cristo? Onde está a vida religiosa, da qual ainda e sempre sentimos uma obscura necessidade, mas insatisfeita?**

**Não ignorais que tal estado de coisas constitui o drama espiritual e podemos dizer humano e civil de nosso tempo. Mas agora, com relação a nós, filhos da Igreja, basta recordar com um breve pensamento de santo Agostinho: "Intus eras et ego foras. Tu estavas dentro e eu fora", que o ponto de encontro essencial com o mistério religioso, com Deus, reside em nós mesmos, dentro da cela interior de nosso espírito, reside naquela atividade pessoal, que chamamos oração. É nesta atitude de procura, de espera, de escuta, de súplica e docilidade (Jo 6, 45), que a ação divina nos atinge normalmente, dando-nos luz e senso das coisas reais e invisíveis do seu reino: faz-nos bons, fortes e fiéis, faz-nos tais como Deus nos quer.**

**A vós, irmãos e irmãs consagrados ao Senhor, que tendes o direito e**

o dever de manter vossos felizes colóquios com Deus, a vós os jovens ávidos de encontrar a chave de um século novo, a vós cristãos que quereis descobrir a síntese possível, purificadora e benéfica da vida, tal qual pode ser vivida hoje, e ao mesmo tempo a síntese da fé que vos é sempre cara, a vós homens de nosso tempo, lançados no turbilhão de vossas ocupações absorventes e que experimentais a necessidade de uma certeza, de um reconforto que nada no mundo pode dar, a todos, dizemos: "Rezai, irmãos. Orate fratres". Esforçai-vos sem relaxar jamais, para fazer jorrar do fundo de vossa alma, num tom muito íntimo este "Tu" dirigido ao Deus inefável, a este "Outro" misterioso, que nos observa, nos espera e nos ama. Com toda a certeza não sereis desiludidos nem abandonados. Ao contrário experimentareis a alegria nova de uma resposta inebriante: "Ecce adsum. Eis-me aqui" (Is 58,9).

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **20 DE AGOSTO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Julgamos que muitas das tristes crises espirituais e morais, de pessoas formadas e inseridas nos diversos níveis do organismo eclesiástico, se deve ao arrefecimento ou talvez à falta de uma vida de oração regular e intensa, sustentada até ontem por sábios hábitos exteriores, e por cujo abandono a oração se extinguiu e som ela a fidelidade e a alegria.**

**Hoje desejamos com estas simples palavras fortalecer em vós a vida de oração, qualquer seja vossa idade e vosso estado. Supomos que cada um de vós conheça, de algum modo, o próprio problema no que diz respeito ao dever e à necessidade da oração. Julgamos mesmo que a ela permanecéis fiéis, e que desejais aperfeiçoá-la em si mesma, principalmente por meio do impulso que lhe deu o Concílio e' que de novo a harmonizou com a profanidade moderna e honesta da vida de nossos dias. Gostaríamos de que cada um de vós se colocasse numa daquelas categorias que a observação elementar oferece à nossa comum experiência.**

**A primeira categoria é talvez a mais vasta. Nela se encontram as almas espiritualmente adormecidas. O fogo não está apagado, mas coberto de cinzas. A semente não está morta, mas, como diz o Evangelho, acha-se sufocada pela vegetação circundante "das preocupações do século presente" e da "ilusão das riquezas" (Mt 13,7-22). A tendência a secularizar toda a atividade exclui gradualmente oração do costume público e dos hábitos privados. Será que se recita ainda a oração da manhã e da noite, com a consciência de infundir com ela um significado transcendente, um valor duradouro ao dia que desaparece? Que se recita ainda o breviário, que se assiste ao coro, mas será que aí está também o coração? Índice desta fraqueza espiritual é o peso que a oração imprime ao ritmo de uma observância destituída de devoção. Sua duração parece sempre muito longa, sua forma merece a acusação de incompreensível e estranha. Tal oração perdeu as asas. Não é mais gosto, alegria e paz da alma.**

**Uma segunda categoria que aumentou muito em número e perplexidade. após as reformas litúrgicas do Concílio, é a dos suspeitosos, dos críticos, dos descontentes. Molestados nos seus hábitos de piedade, estes espíritos não se resignam, senão a**

**contragosto, às novidades, não procuram entender as suas razões, não julgam boas as novas expressões do culto, e persistem em lamentar que a reforma atual priva as fórmulas de outrora de seu antigo sabor, atitude esta que impede apreciar aquilo que a Igreja, nesta primavera litúrgica, oferece às almas abertas ao sentido e à linguagem dos novos ritos, comprovados pela sabedoria e pela autoridade de reforma pós-conciliar. Um esforço não difícil de adesão e compreensão, proporcionaria uma experiência da dignidade, simplicidade e antigüidade modernizada das novas liturgias, e levaria a sua consolação e animação da celebração comunitária, ao santuário da personalidade individual. A vida interior conferir-lhe-ia uma plenitude superior.**

**A terceira categoria é a daqueles que dizem bastar-lhes a caridade para com Deus e o próximo, minimizando ou pondo de lado a caridade para com Deus. Todos sabem que força negativa assumiu esta atitude espiritual, segundo a qual não é a oração, e sim a ação que mantém, desperta e autêntica, a vida cristã. O sentido social infiltra-se no sentido religioso. A objeção demolidora transborda de uma literatura audaciosa, e mesmo atrevida, na opinião pública e na mentalidade popular e se difunde também em alguns grupos, chamados "espontâneos", que, procurando para si com inquietude uma religiosidade mais intensa, diferente da religiosidade tradicional da Igreja, por eles denominada autoritária e artificial, acabam por perder a verdadeira religiosidade, substituindo-a por , uma simpatia humana, bela e digna por si mesma, mas que logo perde o conteúdo teológico e a virtude da caridade.**

**Que consistência real, que mérito transcendente pode ter uma religiosidade em que a doutrina da fé, da relação com o Absoluto, com o Deus Uno e Trino, o drama da redenção e o mistério da graça e da Igreja são ordinariamente passados em silêncio e preteridos em benefício dos comentários da situação social, e do momento político e histórico?**

**Haveria tanto para dizer sobre o assunto, mas não agora. Que nos baste chamar a atenção dos espíritos generosos, sedentos do Evangelho e de uma religião pessoal, contra o fundamento ilusório de tal tendência, e contra os perigos que ela pode gerar, porque os resultados, até sobre o plano humano, podem ser absolutamente contrários, aos que se procuravam, isto é, contrários à liberdade, à verdade, ao amor, à unidade, à paz e à realidade religiosa, vivida na sociedade e na história.**

**Tentemos classificar-nos na categoria daqueles aos quais Jesus pede que levem acesas suas lâmpadas: "Sint lucernae ardentes in manibus vestris" (Lc 12,35).**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **30 DE AGOSTO DE 1969. ALOCUÇÃO PRONUNCIADA NA SALA DAS BÊNÇÃOS.**

Considerado no contexto mais amplo e mais completo de toda a comunidade e de toda a vida da Igreja, o Sacro Colégio, longe de ser dela separado, pelo contrário, nela se insere, de maneira vital, para desempenhar uma função de capital importância, na qualidade de "Senatus Romani Pontificis", e em razão da alta responsabilidade que lhe cabe, de prover a Santa Sé em caso de vacância.

O barrete é o símbolo desta função. Mais que uma dignidade, o barrete exprime a relação realmente particular que existe, entre nós e cada um dos cardeais, relação muito estreita, por assim -dizer, a latere, que remonta ao presbyterium do bispo de Roma, quando os cardeais exerciam funções pastorais e litúrgicas, nas igrejas da diocese do papa, e que pouco a pouco se tornou função de assistir o romano Pontífice no governo da Igreja universal. Tal função, que certamente não é sinal de triunfalismo, nem se reduz a um privilégio puramente exterior, comporta uma colaboração e mesmo certa responsabilidade. Implica generosa disponibilidade, portanto, um sacrifício virtual; como acentua claramente a fórmula de imposição do barrete, "pro incremento christianae fidei, pace et quiete populi Dei, libertate et diffusionem sanctae Romanae Ecclesiae: pelo desenvolvimento da fé cristã, pela paz e tranqüilidade do povo de Deus, pela liberdade e expansão da santa Igreja romana".

A função cardinalícia não substitui o Sínodo dos bispos, nem este de sua parte pode substituir o Colégio dos cardeais. São dois organismos que se tornam complementares, de um lado, porque todos os cardeais são revestidos do caráter episcopal, e de outro, porque entre os membros do Sínodo muitos são cardeais e vice-versa.

As funções do Sínodo, como as do Sacro Colégio, são em si consultativas, umas e outras ligadas e subordinadas à responsabilidade suprema do Vigário de Jesus Cristo.

Mas o Sínodo reflete mais diretamente a colegialidade episcopal em torno do sucessor de Pedro, e exerce um papel consultativo, no que concerne as grandes orientações da atividade da Igreja. Neste organismo os representantes qualificados do episcopado dos

**diferentes países do mundo, e com eles e através deles, o clero e as comunidades locais, ajudam o soberano Pontífice no estudo e no conhecimento exato das questões gerais, que interessam à Igreja toda, em vista das decisões a serem tomadas e aplicadas de maneira concreta, sem, contudo, privar o papa da prerrogativa do governo pessoal, universal e direto, sempre para o bem da Igreja.**

**De sua parte, o papel consultativo do Sacro Colégio, como tal, acentua ainda mais esta prerrogativa do vigário de Jesus Cristo, ao serviço da qual ele se coloca de maneira mais direta. Assegura assim ao soberano Pontífice - os cardeais que presidem os dicastérios da Cúria Romana ou dela são membros - uma assistência diária, ou pelo menos mais assídua, como requer a continuidade necessária e incessante de seu governo pessoal. Mas não impede que, sem prejuízo para a tarefa mais específica do Sínodo Episcopal, o papa utilize o Sacro Colégio para funções, que *ratione materiae*, concidem com as do Sínodo e lhe são análogas, tendo em conta a diferença de fundamento dos dois órgãos.**

**Evidentemente trata-se de um sistema de colaboração, que se constrói e evolui à base de relações delicadas, e que necessita de um equilíbrio bastante susceptível.**

**É um sistema todo particular, que não tem analogia com os da administração civil atual, e que no presente, tomou uma fisionomia mais decisiva que no passado. Trata-se de um progresso "institucional", que devemos tomar como inspirado pelo Espírito Santo, visto que procede da própria vida da Igreja, do crescimento de sua semente, num esforço de coerência histórica e intrínseca, com sua existência original.**

**O que, porém, importa antes de tudo não perder de vista, são as secretas e misteriosas realidades que na Igreja incentivam e regem o progresso das instituições. Disso o Evangelho é o germe. O Cristo, ainda que invisível, é o único soberano e verdadeiro chefe da Igreja. O Espírito Santo é o animador, o santificador, o Paráclito: fonte de vitalidade, de reconforto, de coragem e de alegria. Nossa missão é edificar a Igreja ao mesmo tempo espiritual e visível, em espírito de serviço, de testemunho, de sacrifício e na alegria confiante, mesmo nos momentos difíceis. Estamos certos de que poderemos dizer sempre de vós: "Vos estis qui permansistis mecum in tentationibus meis: vós sois que permanestes comigo nas minhas tentações" (Lc 22,28).**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **3 DE SETEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Bendizemos ao Senhor ao verificar que o movimento litúrgico, assumido e promovido pelo Concílio, invadiu a Igreja e conquistou as consciências do clero e dos fiéis. A prece coral do corpo místico, que é a Igreja, estende-se e anima o Povo de Deus. Torna-se consciente e comunitária. Um aumento de fé e de graça perpassa por ele. Assim desperta a fé sobrenatural, e a esperança escatológica guia a espiritualidade eclesiástica, a caridade retoma seu primado, vivificante e operante, e isto exatamente neste século, surdo às vozes do espírito profano e quase pagão.**

**Desejamos encorajar todos aqueles que prestam o melhor de seus talentos, trabalho e coração ao grande esforço, por infundir em toda a comunidade católica um novo e vivo alento de sábia oração. A revisão em curso das formas e dos textos litúrgicos, exige muito estudo e trabalho da parte de quem a prepara, grande paciência e assiduidade de quem a executa, não pequena confiança e colaboração filial de quem a ela se deve conformar, modificando as próprias devoções habituais e renunciando ao próprio gosto.**

**Esta reforma apresenta certos perigos especialmente o da arbitrariedade. Assim nasce o perigo da desagregação espiritual da sociedade eclesiástica, da excelência da oração e da dignidade do rito. As múltiplas mudanças introduzidas na oração tradicional e comum, podem servir de pretexto para tanto. Seria um grande dano se, ao conceber o uso das línguas modernas, certas adaptações a costumes locais, certa abundância de textos e de novos ritos e outros não poucos desenvolvimentos do culto divino, se a solícitude da santa mãe Igreja formasse a opinião de que não mais existe uma norma comum, fixa e obrigatória da oração da Igreja, podendo cada um presumir organizá-la ou desorganizá-la a bel-prazer. Não seria mais pluralismo no campo lícito, mas deformidade e, algumas vezes não só ritual como também substancial (assim a intercomunhão com quem não possui sacerdócio válido).**

**Essa desordem que infelizmente se verifica em vários lugares traz graves prejuízos à Igreja, pelo obstáculo a uma reforma disciplinada, qualificada e por ela autorizada, pela nota dissonante na harmonia formal e espiritual do concerto da oração eclesiástica, pelo critério religioso subjetivo, que alimenta no clero e nos fiéis, pela confusão**

**e pela fraqueza que cria na pedagogia religiosa das comunidades, exemplo que não é bom nem fraterno.**

**Pretexto para tais arbitrariedades pode ser o desejo de ter um culto mais de acordo com o próprio gosto, um culto mais compreensível, mais adaptado às condições daqueles que dele participam, quando não se pretende até expressar um culto mais espiritual. Queremos entrever em semelhantes tentativas algum sentimento, que a sabedoria dos pastores saberá levar em conta. Nossa congregação para o culto publicou uma instrução sobre a celebração da missa, em ambientes reservados, fora dos lugares consagrados.**

**Mas queremos exortar as pessoas de boa vontade, sacerdotes e fiéis, a não serem indulgentes com esse indócil particularismo. Ele ofende, além das prescrições canônicas, o coração do culto católico, que é a comunhão, a comunhão com Deus e com os irmãos, da qual é mediador o sacerdócio ministerial, autorizado pelo bispo. Tal particularismo tende a criar "igrejinhas", seitas talvez. A saber, a distanciar-se da celebração da caridade total, a prescindir da "estrutura- institucional" (como se diz), da Igreja autêntica, real e humana, para entregar-se à ilusão de possuir um cristianismo livre e puramente carismático. Mas na realidade amorfo, diluído e joguete de todo vento (Ef 4,14) de paixão, de moda ou de interesse temporal e político.**

**Essa tendência a livrar-se gradual e obstinadamente da autoridade e da comunhão da Igreja, pode infelizmente ir longe. Não como foi dito por alguns às catacumbas, mas para fora da Igreja. Por fim pode constituir uma fuga, uma ruptura e, portanto, um escândalo e uma ruína. Não constrói, mas destrói. Quem não se lembra das repetidas e ainda impressionantes exortações de santo Inácio de Antioquia, o célebre mártir do início do segundo século: "Um só altar, como um só bispo", porque o bispo é o princípio e o fundamento da Igreja local, como o papa o é da Igreja universal.**

**Vê-se assim a relação entre a Igreja e a oração. Disso não falaremos no momento, mas pensamos que aqueles que têm, seja "o senso da Igreja", seja também o desejo de orar de um modo válido e vivo, facilmente farão uma idéia. É preciso, caros filhos, orar com e pela Igreja.**



---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **10 DE SETEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

Muito se fala hoje das perturbações que agitam internamente a vida da Igreja após o Concílio, e de modo imprevisível. Certamente não provêm de uma lógica fiel, antes contrária, às vezes, ao espírito, às esperanças e às normas do Concílio. Tanto que por vezes se ousa pensar e até declará-lo insuficiente, superado e necessitando de complementações, que desvalorizam a autoridade e comprometem a genuína fecundidade.

De imediato se aplicam a este estado de coisas os termos já convencionais na linguagem da opinião pública, mas completamente exatos, para definir acontecimentos eclesiais: progressismo, contestação, revolução, ou mesmo reação, restauração, imobilismo etc. Habitados a referir cada coisa nossa com o metro espiritual, antes que com o profano, preferimos considerar fatos e fenômenos, que nos circundam, à luz de outra terminologia, precisamente a espiritual.

Sob o aspecto geral, podemos chamar a presente perturbação de uma crise de confiança, se a considerarmos nos ânimos em que fermenta ou nasce. Melhor ainda, crise de desconfiança, se é vista em seu aspecto negativo, que é o que agora nos interessa. Uma tentação de desconfiança percorre a alma de não poucos ambientes eclesiais. Desconfiança na doutrina e na tradição, e se torna crise de fé. Desconfiança nas estruturas e nos métodos, e se torna crítica corrosiva, e angústia de pseudolibertação. Desconfiança nos homens, e se torna tensão, polêmica e desobediência. Desconfiança nos próprios atos de renovação da Igreja, que se converte em resistência, para alguns, indiferença para outros. Desconfiança na Igreja como existe, e se reverte em crise de caridade, e recurso muitas vezes ingênuo, à substituição servis das ideologias adversárias, e do costume profano. Difunde-se cá e lá a suspeita da inépcia da Igreja, em sustentar-se e renovar-se. Renuncia-se à esperança de uma nova primavera cristã. Recorre-se a ideologias arbitrarias, ou a gratuitas suposições carismáticas, para preencher o vazio interior da confiança, perdida em Deus, na direção da Igreja, na bondade dos homens e também em si mesmos.

Devemos dizer-vos que também nós, e conosco pessoas e órgãos responsáveis da Igreja de Deus, somos suspeitos de desconfiança?

**Há dias um eclesiástico de grande alma nos confiava sua impressão dividida, dizia ele, por outras pessoas diligentes e atentas, acerca do panorama contemporâneo da vida da Igreja. A impressão de que a Igreja em seu centro, e também o próprio papa, estivessem tomados por certa desconfiança, sobre o andamento geral do período pós-conciliar, e se mostrassem tímidos e incertos, antes que francos e resolutos. Esta observação nos obrigou a refletir.**

**Estaríamos nós mesmos tomados pela desconfiança? Homo sum, sou homem, e de per si não haveria nada de estranho. Também Pedro, ou melhor Simão, foi fraco e inconsistente, alterando atitudes de entusiasmo e de medo. Deveríamos, em tal caso, lançar-nos aos pés do Cristo e repetir-lhe com infinita humildade as palavras do próprio Pedro: "Homo peccator sum, sou homem pecador" (Lc 5,8) , mas também com imenso amor: "Tu scis quia amo te, sabes que te amo" (Jo 21,15-17). Depois deveremos fazer a nossos irmãos e filhos a modesta apologia de nós mesmos, com a única finalidade de cancelar neles a eventual impressão acima, e para assegurar-lhes a certeza interior, com que o Senhor se digna confortar nossa consciência, e nosso ministério. Por isso, ousamos fazer nossas as palavras do Apóstolo: "Quem nos pode separar do amor do Cristo?" Sim, estamos seguros, nada nos pode separar o amor (Rom 8,35-38). Trazemos esse tesouro - o nosso - em vasos de barro para que a superabundância de torça seja atribuída a Deus, e não pareça ser nossa. De mil maneiras somos atribulados, mas não nos abatemos, em perplexidades, não nos desconcertamos (2 Cor 4,7-8).**

**Assim é. De fato como não poderia sofrer o papa e quantos com ele mantêm a responsabilidade da direção pastoral da Igreja, ao ver que as dificuldades maiores hoje surgem do próprio seio, que os desgostos mais pungentes, lhe são impingidos pela indocilidade e pela infidelidade de certos ministros seus, e de algumas almas suas consagradas? E que as mais decepcionantes surpresas lhe provêm de ambientes mais assistidos, favorecidos e prediletos? Como não experimentar dor pela dispersão de tantas energias, não no intento de dar incremento, mas no esforço supérfluo e sofista de suscitar problemas e de torná-los complicados e irritantes?**

**Uma coisa é a angústia e outra a desconfiança. A amargura que podemos e devemos sentir, por certas provas da Igreja na hora presente, não diminuem nossa confiança a seu respeito, talvez a aumentem, quando nos obrigamos a colocá-la mais na divina sabedoria, na divina assistência. Deixemos que o Senhor, tomando-nos pela mão, nos censure: "Homem de pouca fé, por que**

**duvidaste?" (Mt 14,31) e nos lembre até que ponto podemos impelir nossa confiança então encontra nos inexauríveis argumentos das misteriosas realidades sobrenaturais em que estamos imersos, conforto poderoso e suave, tanto de poder comunicá-lo aos outros e a toda a Igreja (2 Cor 1,3ss). Cristo é nossa paz, esperança e força.**

**Nós vos diremos mais. Outros motivos sempre de ordem eclesial, mas estes são humanos, alimentam nossa confiança. Estes podem resumir-se em duas categorias.**

**A primeira categoria nos é fornecida pelo conhecimento que temos dos homens. Conhecemos o fundo de bondade que existe em cada coração, conhecemos os motivos de justiça, de verdade, de autenticidade, de renovação que se encontram na raiz de certas contestações, mesmo quando estas são excessivas, injustificadas e, portanto, reprováveis. As dos jovens de modo especial, partem as mais das vezes de reações e de aspirações que merecem consideração. Obrigam a retificar o juízo da ética, viciado por abusos inveterados, e no dia de hoje insustentáveis. Sabemos como certas desgraças, que fazem sofrer como a cizânia no campo de trigo, também têm sua função providencial: a de afastar a sonolência, que permitiu ou protegeu a origem, a de exercitar a paciência e a caridade, a de reabilitar-nos para a oração mais fervorosa, e para a fidelidade mais consciente. Até mesmo os escândalos, nos desígnios misteriosos de Deus, podem ter uma necessidade fatal. O próprio Jesus não o disse, proferindo as mais terríveis ameaças, contra aqueles por quem vem o escândalo (Mt 8,7)? Tais considerações e outras semelhantes nos livram daquele temor que tornaria pávido e indolente nosso serviço à causa de Cristo, e nos libertam daquele pessimismo que lios faria juízes não autorizados de nossos semelhantes, e faria perder a confiança na recuperabilidade de toda alma humana. Muitas situações que não são conformes, infelizmente, às legítimas previsões e normas estabelecidas, são bem outra coisa, que meramente negativas. Ao invés de lhes retirar nossa confiança pela moléstia, que produzem, estas situações deveriam tornar nossa confiança mais generosa e mais previdente, para ativar o processo de uma possível decantação.**

**A segunda categoria de assuntos que confortam nossa confiança, e sempre a aumentam e alimentam, é dada pelo conhecimento de que existem na Igreja de hoje pós-conciliar, inumeráveis fileiras de almas fortes e fiéis, acesas na oração, devotadas na observância de cada**

**preceito autorizado, treinadas ao sacrifício silencioso e voluntário, atentas nas linhas do Evangelho, vigilantes a toda a possibilidade de serviço de caridade, sempre voltadas para uma idéia de perfeição cristã. Almas santas. Quantas existem! São a honra e a alegria da Igreja. São a força do Povo de Deus. São nossa confiança.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **17 DE SETEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

O Concílio suscitou na Igreja impulsos múltiplos e vigorosos, mas nem todos foram orientados numa boa direção, isto é, para a edificação da Igreja de Deus. Daí muitos sintomas parecem prenunciar graves males para a própria Igreja. Alguns destes males nós já os indicamos. Assim, por exemplo, há certa queda da ortodoxia em algumas escolas e em certos ambientes de estudo. Não há quem não veja o perigo que representa para a verdade religiosa e para a eficácia salvadora de nossa religião, a consideração exclusiva de seu aspecto humano e social em detrimento de seu aspecto primário, sagrado e divino, o da fé e da oração.

Não é sem apreensão que se pode observar a facilidade como se desrespeita a virtude da obediência eclesial, princípio constitutivo no desígnio estabelecido por Cristo para a estabilidade e desenvolvimento de seu corpo místico visível, precisamente a Igreja.

Talvez tenham sido ultrapassados os limites permitidos, no esforço em si louvável de inserir o sacerdote no meio social, secularizando inteiramente suas vestes, seu modo de pensar e de viver, impelindo-o pelo caminho que não é o seu, o das competições temporais, enfraquecendo assim sua vocação e função de ministro do Evangelho e da graça. Deu-se grande liberdade à discussão sobre o celibato. O vigor da ascese cristã e o caráter definitivo dos compromissos sagrados, assumidos diante de Deus e da Igreja, estão se abrandando cada vez mais.

Talvez se tenha lançado mão de formas excessivas de publicidade, de pesquisas, de experiências irregulares de pressões da opinião pública, prejudicando assim o encontro do justo caminho da renovação, que deve ser feita com responsabilidade e sob a luz da sabedoria católica.

Será necessário tempo para tirar daí o que há de bom também nessas inquietas aberrações da vida católica e para integrá-la na sua própria harmonia. Há mesmo quem tenha falado de uma decomposição da Igreja. Mas não somos desta opinião e confirmamos uma vez mais nossa confiança na assistência do Cristo e na ajuda dos bons cristãos.

**Nesta expectativa, que podemos fazer entretanto? Pois bem, desejamos recorrer à ajuda dos bons filhos da Igreja e principalmente de seus pastores. Não seria justo se nos faltasse confiança neles. Temos muita esperança nos sacerdotes que permanecem fiéis à sua vocação e ao serviço da Igreja de Deus. O mesmo declaramos dos religiosos e religiosas que se conservam firmes na adesão aos próprios estatutos e ao espírito dos santos que deram origem e exemplo às suas respectivas instituições. Temos também grande esperança nos leigos, que têm sido nestes últimos tempos o fermento generoso e genial de seu sucesso nas tremendas vicissitudes de sua história moderna. Grande esperança especialmente nos jovens, aos quais nosso pensamento se volta sempre com imensa simpatia espiritual.**

**Contamos também com as almas compreensivas e silenciosas que rezam, esperam e sofrem com seus bispos e conosco e geram em si mesmas a Igreja nova, a Igreja que vive e que é santa. É para nós motivo de consolação, saber que estas almas, não têm estatísticas burocráticas, mas são numerosíssimas e se encontram por todo o mundo. Elas estão na expectativa, naquela expectativa que faz a Igreja prosseguir em sua viagem escatológica e na sua ascensão fatigante rumo à santidade de seus membros, santidade igual à de sua divina concepção.**

**Mas não queremos perder esta oportunidade, com tantos grupos de elevada categoria e de valor apostólico diante de nós, para lhes dizer, a eles e a todos que seguem análoga inspiração, que depositamos muita esperança neles. É a eles que se aplica a frase do Senhor: Nolite timere, pusillus grei. "Não tenhas medo, pequeno rebanho" (Lc 12,32). Não é o número que conta, mas o fervor, a dedicação e o espírito. Os assim chamados pequenos grupos espontâneos podem ser discutíveis quando se fecham em si mesmos, quando se mostram arbitrários e se opõem à comunidade e à autoridade responsável. No entanto, podem ser providenciais os grupos de pessoas que aceitam uma severa e ordenada preparação para a vida interior e para o apostolado externo, dedicando-se à atividade missionária em nosso mundo ou no mundo longínquo, os quais com intrepidez apostólica e sabedoria profética, oferecem seu tempo, suas fadigas e seu coração para anunciar o Cristo, sob as mil e uma formas que lhes apresenta a vida moderna proteiforme. A palavra, o ministério, os escritos, a caridade, têm naturalmente a primazia nesta "escalada" do apostolado, mas não esqueçamos que**

**todo apostolado deve ser coletivo e organizado, alimentado pela meditação e pela fidelidade à Igreja e vivido num harmonioso espírito de sacrifício e real audácia.**

**Sim, não hesitamos em dizer o seguinte: a Igreja tem hoje muita necessidade de forças voluntárias e disciplinadas. Ela precisa de almas fortes capazes de fazer irradiar o quérigma, a mensagem da salvação (Rom 16,25).**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **1 DE OUTUBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Após o Concílio, a Igreja vive numa sociedade à qual deseja transmitir sua mensagem de salvação, e da qual sofre, talvez mais do que nunca, uma pressão de profanidade, de secularização e amoralidade.**

**Por um lado, a Igreja proclama sua vocação à santidade, renova sua promessa missionária, declarando-se pobre e viajora, a caminho das metas superiores e escatológicas do reino de Deus. Por outro, em muitos setores procura assimilar-se às formas e aos usos do mundo leigo. Despe-se de sua veste diferenciada e sagrada. Quer sentir-se humana e terrena, e tende a deixar-se absorver pela mentalidade do ambiente social e temporal. Quase tem respeito humano de ser de algum modo diferente e de estar obrigada a um modo de ser e de pensar que não é o do mundo. Sofre as mudanças e degradações deste mesmo mundo, com um zelo conformista e quase vanguardista, que não se sabe mesmo como pode ser chamado cristão e muito menos apostólico. Não há quem não veja este estado de coisas, na demagogia e violência revolucionária, na desmitização religiosa, especialmente na aquiescência à licenciosidade da moda indecente, da sexualidade passional e da difusão pornográfica, contra as quais ninguém reage.**

**Nesta ambígua situação que deve fazer a Igreja? De que tem necessidade o povo cristão, para conservar-se como tal e para exercitar sua função de luz e sal da terra, de animador espiritual e moral do tempo, no qual a providência lhe destinou viver?**

**A resposta não é nem fácil nem simples. Mas podemos encontrá-la numa fórmula antiga e nova, rica de imenso significado. Ei-la: Hoje a Igreja, isto é, o Povo de Deus, ou melhor, cada fiel, deve repetir a si mesmo a palavra de são Leão Magno: "Agnosce, o christiane, dignitatem tuam. Cristão, toma consciência de tua dignidade, tu que és convidado a participar da natureza divina" (2 Pdr 1,4). Não queiras decair na baixeza da antiga conduta. Lembra-te de que cabeça e de que corpo místico és membro. Recorda o fato de tua libertação do poder das trevas e de tua transferência para a luz e para o reino de Deus.**

**Sim, é necessário que todo cristão tenha consciência viva e**

**operante da própria dignidade; daquilo que se tornou pela regeneração misteriosa, maravilhosa e real do batismo. Fala-se tanto da dignidade da pessoa humana no plano natural. É já algo de altíssimo e muito digno. Deveria fazer com que evitássemos as degradações animais, bárbaras e infra-humanas, às quais tão facilmente cede nossa civilização, que não mais, ou que não é ainda digna deste nome.**

**Pois bem, no nível sobrenatural esta dignidade foi extraordinariamente superada. Lembremos as palavras lapidares do prólogo de são João: "A todos aqueles que o [Cristo] receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. Estes não nasceram do sangue nem da vontade da carne nem da vontade do homem, mas sim de Deus" (Jo 1,12-13).**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **11 DE OUTUBRO DE 1969. HOMILIA PRONUNCIADA NA CAPELA SIXTINA NA ABERTURA DO SÍNODO EPISCOPAL EXTRAORDINÁRIO.**

Como bem sabeis, o Concílio pôs em melhor evidência o caráter comunitário da Igreja, como aspecto constitutivo e fundamental. Considerado à parte, não se diz tudo ainda da Igreja, que aparece como o Corpo místico de Cristo, numa observação mais adequada, organizado na unidade e distinção de órgãos e funções. A comunhão, semi dúvida, em sua dupla referência de comunhão com Deus em Cristo, e de Cristo com os que nele crêem, e virtualmente com toda a humanidade, atraiu de modo particular a meditação do Concílio, especialmente quando realçou a comunhão existente no episcopado. Lembrando que o episcopado sucede legitimamente aos apóstolos, que estes constituíam um grupo particular, eleito e intencionado por Cristo, pareceu feliz a decisão de retomar o conceito e o termo de colegialidade, referindo-se à ordem episcopal. "Assim como por disposição do Senhor, são Pedro e os demais apóstolos, constituem um colégio apostólico, paralelamente o romano Pontífice, sucessor de Pedro e os bispos, sucessores dos apóstolos estão unidos entre si", diz o Concílio.

Assim nós somos o primeiro a fazer nosso este grato dever que decorre da evocação do plano divino sobre o múnus apostólico, que anuncia ao Povo de Deus a mensagem da fé, confere-lhe os mistérios da graça, e o guia pelo seu caminho na terra e no tempo. Este dever é de conferir mais ampla e operante eficiência ao caráter colegial dos bispos, sendo nisso orientado pela concepção fundamental da fraternidade, que une em comunhão todos os seguidores do Cristo. Esta fraternidade reveste mais ampla plenitude nos bispos, enquanto herdeiros do título que o próprio Cristo atribuiu aos discípulos que escolheu, chamados por ele apóstolos (Lc 6,13), confidentes do mistério do reino de Deus (Mt 4,11), seus amigos (Jo 15,14-15), suas testemunhas (At 1,8), destinados à grande missão de anunciar e aplicar o Evangelho (Mt 28,19), em espírito de humildade (Jo 13,14) e de serviço (Lc 22,26) no ministério para a edificação do Corpo de Cristo (Ef 4,12).

Acreditamos ter dado uma prova de nossa vontade de incrementar praticamente a colegialidade episcopal, seja instituindo o Sínodo dos bispos, seja reconhecendo as conferências episcopais, seja

**associando alguns irmãos nossos no episcopado ao ministério próprio da Cúria Romana, os quais são pastores residentes em suas dioceses. E se a graça do Senhor nos assistir e a fraterna concórdia facilitar nossas relações; mútuas, o exercício da colegialidade, em outras formas canônicas, poderá ter mais ampla evolução. As discussões do Sínodo extraordinário, definindo a natureza e os poderes das conferências episcopais, e suas relações quer com esta Sé Apostólica, quer entre si mesmas, poderão ilustrar a existência e o desenvolvimento da colegialidade episcopal em termos canônicos oportunos, confirmando a doutrina dos concílios I e II do Vaticano sobre o poder do sucessor de são Pedro e a do Colégio dos bispos, com o papa, cabeça.**

**Antes de iniciar os trabalhos do próximo Sínodo, detenhamo-nos um momento, irmãos, na celebração do mistério eucarístico, ponto culminante da unidade do Corpo místico, para lembrarmos a nós mesmos, não tanto o aspecto jurídico da colegialidade, nem as expressões em que se manifestou historicamente, nem sequer o que é contudo mais importante e que supomos presente em nossa mente, o pensamento do Cristo, que a concebeu e instituiu, mas o valor moral e espiritual que a colegialidade deve assumir em cada um de nós e em todos nós em conjunto.**

**Reflitamos por isso: existe entre nós, escolhidos para sucessores dos apóstolos, um vínculo especial, o vínculo da colegialidade. Que é a colegialidade senão uma comunhão, uma solidariedade, uma fraternidade e caridade mais plena e exigente que a relação de amor cristão entre fiéis, ou entre os seguidores do Cristo, associados em outros grupos diversos? A colegialidade é caridade. Se o fato de pertencer ao Corpo místico de Cristo leva são Paulo a exclamar: "Um de nós está sofrendo? Todos então sofrem com ele. Um de nós é honrado? Todos nós nos alegramos com ele" (1 Cor 12,26), qual deve ser então a vibração espiritual da sensibilidade comum, pelos interesses gerais e também particulares da Igreja, no coração dos que nela tem maiores deveres? A colegialidade é co-responsabilidade. Que manifestação mais clara do caráter de seus autênticos discípulos quis o Senhor que tivesse o grupo de apóstolos sentados à ceia do último adeus, senão a de um mútuo amor: "Se tiverdes amor uns para com os outros, todos reconhecerão então que sois meus discípulos (Jo 13,35)? A colegialidade é um amor evidente, que os bispos devera alimentar entre si. E como a colegialidade insere cada um de nós no círculo da estrutura apostólica, destinada a edificar a Igreja no mundo, ela nos**

**obriga a uma caridade universal. A caridade colegial não tem limites. A quem, finalmente, senão aos apóstolos fiéis, o Senhor dirigiu suas últimas recomendações, sublimadas com a oração extática, que encerra os discursos finais da última ceia para que eles sejam um (Jo 17,23)? A colegialidade é unidade.**

**De forma que, assim pensamos, ao tratar das relações dos bispos, reunidos nas novas associações territoriais, chamadas conferências episcopais, e também das relações dessas mesmas conferências com a Sé Apostólica e entre si, uma consideração deve ocupar o primeiro lugar em nossos espíritos: a da caridade, que, na unidade da fé, deve enformar a comunhão hierárquica da Igreja.**

**Portanto, que estes dois princípios, a caridade e a unidade, caracterizem as linhas diretrizes do progresso pós-conciliar, orientando a comunhão eclesial ao nível superior, marcado pela colegialidade episcopal. Duas nos parecem estas linhas: a primeira, dar honra e confiança à ordem episcopal. Nosso empenho será reconhecer em nossos irmãos no episcopado, de forma mais justa, a plenitude de prerrogativas e faculdades que derivam do caráter sacramental de sua eleição para as funções pastorais na Igreja, e de sua efetiva comunhão com esta Sé Apostólica. Não será contida nem interrompida esta linha, se a aplicação do princípio de subsidiariedade, para o qual se dirige, for orientada por uma sábia e humilde prudência, de modo que o bem comum da Igreja não fique, comprometido por múltiplas e excessivas autonomias particulares, nocivas à caridade e à unidade, que devem fazer da Igreja "um só coração e uma só alma" (At 4,32) e fadoras de emulações ambiciosas e egoísmos fechados.**

**Esta linha tampouco será desmentida, se for ressaltado outro critério do pluralismo, de modo que este não atinja a fé, que não poderia admiti-lo, nem a disciplina geral da Igreja, que não permite a arbitrariedade e a confusão em prejuízo da harmonia fundamental do pensamento e do costume, na estrutura do Povo de Deus, em detrimento da própria colegialidade de tamanha importância.**

**A outra linha derivada da alta estima que devemos à reconhecida colegialidade episcopal, e que será por nós lealmente procurada, leva o episcopado a uma participação mais orgânica e a uma responsabilidade corresponsável, mais solidária no governo da Igreja universal. Cremos com muita confiança - como, aliás muitos o desejam e foi com alegria e esperança que recebemos esta**

**informação - que isto se realize e sirva para o bem comum, para o alívio e reconforto de nossa missão apostólica, para testemunho mais claro da única fé e da caridade sincera, que se deverão encontrar no vértice mais elevado da Igreja, na hierarquia, mais que em outras partes, e hoje mais do que nunca, refletidas com novo esplendor e maior vigor. Já começamos a percorrer este caminho e por ele continuaremos, veneráveis irmãos, com a graça divina e com vosso favor.**

**Mas sobre este ponto é bom que fique claro, que o governo da Igreja não deve assumir os aspectos nem as formas dos governos temporais, guiados hoje por instituições democráticas, às vezes exageradas ou por formas totalitárias, contrárias à dignidade do homem que a elas é submetido. O governo da Igreja tem uma forma própria original, que visa a refletir em suas expressões a sabedoria e a vontade de seu divino Fundador.**

**A tal respeito devemos recordar nossa responsabilidade suprema, que o Cristo nos quis confiar, entregando a Pedro as chaves do Reino, e constituindo-o a base do edifício eclesiástico. Deu-lhe um delicadíssimo carisma, o de confirmar os irmãos (Lc 22,32). Recebeu dele a mais alta e firme profissão de fé (Mt 16,17; Jo 6,68) e lhe pediu a tríplice e singular confissão de amor, para traduzi-lo na virtude primordial da caridade pastoral (Jo 21,15s).**

**Tal responsabilidade grave, a Tradição e os Concílios atribuem a nosso específico ministério de Vigário de Cristo, Chefe do Colégio Apostólico, Pastor Universal e servo dos servos de Deus, e que não poderá ser condicionado pela autoridade, mesmo suprema do Colégio Episcopal, que somos o primeiro a querer dignificar, defender e promover, mas que nunca seria tal se lhe faltasse nosso apoio.**

**Caridade e unidade. Esta é nossa meditação, na abertura do Sínodo extraordinário, sobre o qual invocamos, com a celebração do sacrifício eucarístico, as luzes e a assistência do Espírito Santo.**

**Nesta festa da Maternidade divina de Maria, não será o momento, dedicado à meditação e afirmação da colegialidade, de nos recolhermos, com espírito intimamente comovido, na lembrança dos apóstolos no cenáculo, esperando o Paráclito, "perseverando unânimes na oração, com algumas mulheres e com Maria, Mãe de**

## Jesus" (At 1,14)?

Nesta união de espírito, não será também este o momento de fazer nossas as aclamações da quinta-feira santa: Onde há amor e caridade, Deus está presente. O amor de Cristo nos reuniu na unidade. Neste amor só temos alegria e prazer. Respeitemos, mas amemos o Deus que vive. De todo o coração amemos uns aos outros sinceramente. Amém. Amém.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **5 DE NOVEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

O tema de meditação que hoje detém a opinião pública na Igreja é o seu caráter comunitário. Foi dito que ela é o Corpo místico de Cristo, o Povo de Deus, uma comunhão viva com o Cristo, a sociedade dos fiéis, graça ao Espírito Santo, alma da Igreja. Esta meditação teológica é fundamental. Faremos bem em aprofundá-la. Corresponde, excedendo-a e integrando-a, à mentalidade moderna sedenta de sociologia, e no plano religioso nos mostra mais uma vez a superioridade e a validade da fé, até mesmo no domínio social. No plano moral pedagógico e prático, esta meditação sobre a solidariedade, que de verdadeiros cristãos não faz senão "um coração e uma só alma" (At 4,32), cria deveres mais urgentes, especialmente no exercício da caridade, rainha das virtudes. Deveres que tendem a modificar profundamente nossa maneira de pensar, sempre tentada pelo egoísmo interno, e nosso comportamento simultaneamente eclesial e social.

"Viver juntos" na oração, em espírito comunitário, no diálogo com nossos semelhantes, interessando-se com as necessidades dos outros, e com o bem comum, esta coabitação espiritual, esta "societas spiritus", esta comunidade de espírito (Flp 2,1), como a chama são Paulo, é muito bela, mas não é fácil. Encontram-se, mesmo nas correntes de idéias de nosso tempo, outras concepções, igualmente importantes que estão em contradição com aquela, e que só a sabedoria de nosso sistema cristão (expressemo-nos assim) consegue harmonizar, como o culto da liberdade, a reabilitação da personalidade e da dignidade humana, o primado relativo da consciência, a preferência dada à experiência religiosa quando está em jogo a observância da lei canônica, enfim - e talvez o principal - a concepção revolucionária aplicada a todas as formas de progresso, de reforma, de inovação, de aggiornamento. A palavra "revolucionário" tem agora livre curso mesmo na troca de idéias geradoras de ordem e de paz.

Duas formas mais acentuadas que as demais, deste espírito de independência, às vezes mesmo de rebelião, que penetrou profundamente até na vida da Igreja, parecem exigir de nós menção especial, porque são mais radicalmente opostas a este espírito de comunhão, que a Igreja, neste tempo de renovação, oferece à nossa consciência, como o sopro vivificador e atual da palavra de Deus.



**Trata-se da ruptura com a tradição e da negação de obediência (de que não falaremos hoje).**

**A tradição! Esta palavra não diz mais nada aos inovadores de hoje, nem mesmo aos melhores. Os jovens infelizmente - e até certo ponto nós os compreendemos, exatamente porque são jovens - têm aversão por tudo o que precede a atualidade, a vida de hoje e a corrida para a novidade e o futuro. Mas não são apenas os jovens que assim procedem. Também pessoas cordatas falam de ruptura com o passado, com as gerações precedentes, com as formas convencionais e com a herança dos velhos. Um modo de falar um tanto imprudente e superficial entrou até na linguagem eclesiástica. Fala-se da era constantiniana, com o intuito de desvalorizar toda a história secular da Igreja até nossos dias. Fala-se da mentalidade pré-conciliar, com o intuito de desvirtuar um patrimônio católico de pensamento e de costumes, que teria ainda tantos valores dignos de apreço. Chega-se até a expressões e comportamentos às vezes tão negativos, que geram confusão e divisão na comunidade eclesiástica, e levam a crer que a lei vigente e os costumes em uso foram superados. Poderíamos falar ainda sobre tal assunto, mas cada um de vós pode continuar pensando sobre ele.**

**Nesse campo se torna difícil distinguir o que se pode renunciar na vasta herança da tradição, do que é precioso, embora não necessário por si, para a consistência constitucional da Igreja, e para sua autêntica vitalidade, do que é costume, mas de valor discutível, e por fim, do que procede do passado e de fato é velho, supérfluo, nocivo e por isso mesmo digno de ser abandonado, talvez mesmo de ser corajosamente reformado. Este inventário da herança antiga da Igreja exige competência e autoridade. Numa comunhão como a Igreja, um indivíduo não o pode fazer privadamente para os demais, nem depois de tê-lo feito, pode a bel-prazer escolher o que deve ser conservado e que deve ser abolido. É a Igreja por meio de seus órgãos autorizados, que está fazendo este inventário. Quem desejar permanecer fiel a ela, não pode arrogar-se o direito de antecipar ou contradizer o juízo que emitirá sobre o assunto, Na Igreja nada deve ser arbitrário, temerário e tumultuado. A Igreja é como um concerto musical. Nenhum instrumento por mais aristocrático que seja, pode tocar numa orquestra como lhe agrada.**

**Queríamos agora recomendar aos nossos filhos conscientes e fervorosos que revejam a instintiva antipatia que tem pela tradição eclesiástica. Esta é antes de tudo o veículo pelo qual passam a**

**doutrina e a sucessão apostólica. A presença do Cristo não é hoje possível sem o reconhecimento do canal histórico e humano que nos leva à fonte de sua aparição evangélica. A tradição é, além disso, a riqueza, a honra, a fortaleza da nossa casa, a Igreja católica. A tradição contém, certamente, no seu conjunto histórico, alguns elementos antiquados e desaprováveis. Mas um juízo justo sobre estes elementos discutíveis ou negativos, deverá ser "histórico", isto é, baseado nas circunstâncias dos tempos e nas experiências contemporâneas e sucessivas dos acontecimentos. Não se pode esquecer que a Igreja, santa na sua instituição e virtude santificadora por meio da palavra, da graça e do ministério, é formada por homens fracos, que podem errar e pecar mesmo no setor da vida eclesial.**

**Um conhecimento inteligente, uma crítica justa e apreciação penetrante da tradição, não constituem um freio, mas um guia seguro para aqueles que promovem a tão desejada renovação da Igreja. Inspirar-lhes-ão aquela simpatia amorosa, quase dinástica, pelas vicissitudes passadas da Igreja, e por tudo aquilo que através desse canal, chegou ao nosso poder, o que poderá torná-los aptos para adquirir arte e prestígio, para o diálogo apostólico com nossa geração, destituída por contínuas revoluções de uma cultura própria que tenha sido confirmada pelos séculos, e que se tenha mantido impávida em meio às tempestades da história, como é aquela que a tradição gratuitamente nos oferece. Lembremos ainda que a comunhão eclesial de que nossa espiritualidade atual quer viver implica solidariedade com os irmãos que nos precederam com o sinal da fé e dormem o sono da paz. A eles devemos nossa vida. A eles devemos o fato de sermos também nós peregrinos em busca do Cristo que deve vir.**

---

▪ ***Anterior***

▪ ***Índice***

▪ ***Posterior***



## **12 DE NOVEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Diremos ainda uma palavra sobre o conceito fundamental, que geralmente hoje todos têm da essência da Igreja a saber: a Igreja é uma comunhão, é uma sociedade animada por um princípio vital único e misterioso, a graça do Espírito Santo. Deste fato derivam diversos princípios muito simples e maravilhosos como, por exemplo, o da igualdade entre todos os que formam a Igreja, pois como diz Cristo: "Vós sois todos irmãos: Omnes autem vos fratres estis" (Mt 23, 8) ; como o princípio da distinção do resto da humanidade não cristã chamada mundo, embora a Igreja esteja imersa no mundo e nele misturada (Jo 8,23; 15,19; 17,14-16); também aquele princípio de que hoje muitos se esquecem da originalidade moral e formal própria da vida cristã, em confronto com a vida profana e pagã (Rom 12,2) ; o princípio, enfim, da santidade, exigência que a própria consciência descobre, e que deriva da presença do Espírito Santo em cada alma que participa vitalmente da comunhão eclesial (1 Cor 3,16).**

**Mas para nos ater unicamente ao seu caráter social, repetimos com o Concílio recente, que a Igreja é um povo, o Povo de Deus. Esta definição deve integrar-se com a do Corpo místico de Cristo, da sociedade que vive em virtude de um mesmo princípio unificador e animador, mas que constitui um organismo, no qual existem carismas, funções e responsabilidades diferentes (1 Cor 12,4). Por isso, a comunhão no plano do episcopado se apresenta como colegialidade, como certamente ouvistes falar, por ocasião do Sínodo extraordinário que terminou há pouco.**

**Mas se a Igreja é esta comunhão espiritual e visível, que o progresso religioso do nosso tempo parece ter obtido, como conquista doutrinal e social, deveremos tirar deste fato uma conclusão. No entanto, esta conclusão parece estar, teórica e mais ainda praticamente, comprometida. Referimo-nos à relação de coesão de solidariedade, de concórdia, de harmonia, em suma, de caridade, que deve existir entre os membros e também entre os diversos grupos da Igreja. Esta relação se tornou mais evidente e portanto mais exigente, mais estreita, mais familiar e mais amistosa. Deveria então ser mais fiel e mais fácil. Mas que acontece realmente?**

**O vínculo constitucional, estabelecido pelo Evangelho, antes mesmo**

**que fosse firmado pelo direito, entre poder e obediência, é também vítima da contestação sociológica, que hoje está em moda. Procura-se alterá-lo e até minimizá-lo. Não se o pode negar, porque é clara sua origem divina, mas modificá-lo, corrigi-lo e aperfeiçoá-lo, sim.**

**Ora quem tem responsabilidade na Igreja, quem nela exercita uma forma qualquer de autoridade, diretiva, magisterial, pedagógica, administrativa e apostólica, já declarou que está disposto a por em prática este aperfeiçoamento, como deseja o Concílio e, de fato já está sendo executado leal e abertamente. Mas em tudo se recomenda moderação. "Est modus in rebus, há um jeito de fazer as coisas".**

**Há neste ponto conceitos falsos de que nos devemos precaver. Por exemplo, diz-se que a autoridade é serviço. Nada de mais justo. É o Senhor que o afirma na última ceia com estas palavras: "Aquele que governa seja como aquele que serve" (Lc 22,26). Esta idéia é muitas vezes repetida por Manzoni, quando traça o perfil do bispo ideal, na pessoa de Frederico Borromeu: "Não deve existir superioridade de um homem sobre outro, senão no serviço".**

**São Gregório Magno deixou de si, como chefe da Igreja e pastor dos pastores, a definição que até agora conservamos no protocolo pontifício: "Servo dos servos de Deus". Mas esta fórmula exata e cheia de lições, não anula o poder do papa. Isto acontece com todas as fórmulas análogas, que se relacionam com a legítima autoridade. A autoridade na Igreja é para serviço dos irmãos, mas não está a serviço dos outros. Em outras palavras, o objetivo da autoridade é o bem dos demais. Isto não quer dizer que os demais são a fonte da autoridade. No exercício da autoridade, a Igreja é democrática no fim ou finalidade, usando o termo freqüente, em sua razão de ser, mas não na sua origem, porque não vai haurir seu poder na assim chamada "base", mas em Cristo, em Deus, perante o qual ela é responsável, e não perante a mais ninguém.**

**Isso nos leva a precisar algo muito importante: que o poder na Igreja não se pode revestir de formas historicamente variáveis, como são as empregadas no governo civil da sociedade. Quem preside a um governo desse tipo, tem apenas o ofício de legalizar o que a comunidade elaborou e decretou. Na Igreja o poder conserva a liberdade e a iniciativa, que o Senhor outorgou aos apóstolos e à hierarquia não só para a garantia da ordem externa, mas também para o bem tanto de cada fiel, como de toda a comunidade, para**

**aquele bem que atribui prioridade à dignidade, à liberdade, à responsabilidade e à santificação de todos, e de cada um dos que compõem o corpo eclesial.**

**Por conseguinte, quando hoje se diz que é contestada na Igreja, não a autoridade como tal, mas a maneira de exercê-la, está certo, com a condição, porém, de que a procura deste ideal não autorize a libertação do modo real e legítimo, com que a autoridade cumpre seu mandato, o que seria simplesmente desobediência.**

**O mesmo se deve dizer em relação ao diálogo, que hoje é objeto de muitas discussões, não só entre a Igreja e quem a circunda por fora, mas também entre os que estão por dentro da Igreja, e nela ocupam posições e funções diferentes. O diálogo é excelente, se nele se procura o respeito e a promoção da pessoa ou do grupo, da parte daqueles que na Igreja devem tomar decisão ou formar consciências e costumes, conforme aos desejos e ao espírito do Cristo. Educar para a compreensão e o amor do preceito, é progresso pedagógico que exige grande paciência e sagacidade. Mas nem por isso o diálogo pode paralizar o exercício normal da responsabilidade de guiar e dirigir, nem pode substituir normalmente o juízo do pastor e do mestre, pelo livre exame de cada fiel, nem exigir certa distribuição da autoridade, que a prive de seu vigor e responsabilidade.**

**Compreendemos que a matéria é delicada e complexa e de grande atualidade. Por isso não vamos acrescentar mais nada aqui. Os ensinamentos do último Concílio são claros e abundantes. Muitos são os mestres que a eles se referem.**

**Faremos bem dedicando a este problema capital uma reflexão leal e atenta. De nossa parte queremos, neste momento, insistir sobre a visão da Igreja, que afinal é a visão de nossa vida no pensamento de Deus, concretizado em nossa história, sobre a visão da Igreja como comunhão, como comunhão hierárquica, como "ciência da harmonia, consonantia disciplinae", para usar uma expressão de um antigo doutor da Igreja.**

**Na formação da nova mentalidade eclesial, mesmo que a chamemos pós-conciliar, devemos desenvolver o sentido da comunhão, na qual, como membros da Igreja, estamos inseridos. Por mais viva que deva ser a consciência de. nossa liberdade e de nossa**

personalidade, não devemos esquecer que não estamos sós nem somos autônomos. Lembremo-nos, pelo contrário, de que tanto mais nos devemos considerar como unidades independentes, autodetermináveis e responsáveis, quanto mais percebemos que fomos colocados numa ordem comunitária e hierárquica. Estas duas consciências se desenvolvem juntas, exercendo uma sobre a outra um estímulo recíproco. Ser católicos significa ser únicos e universais. É nessa plenitude adquirida de nossa personalidade, que adere a um plano que a reconhece objetivamente e transcende, isto é, a obediência à vontade de Deus, mesmo quando esta se manifesta especialmente neste caso, por meio de um irmão autorizado a fazer-se intérprete dela, é aí que vivemos o mistério da comunhão hierárquica, ou, em outras palavras, que vivemos a Igreja, e refletimos em nós o mistério do Cristo, cuja aparição humana foi toda dominada por uma adesão consciente e heróica à vontade do Pai; "Factus oboediens usque ad mortem, fez-se obediente até à morte" (Flp 2,5-8; Jo 6,38; 8,29 etc.).

Por vezes, em nossos dias, há quem espere do progresso da consciência que a Igreja está adquirindo de si mesma, uma dissolução de suas relações e vínculos jurídicos; que a constituem como corpo visível e orgânico de Cristo, na realidade histórica do mundo. Há também quem considere tal processo doutrinal como uma passagem de poderes dos graus superiores aos graus inferiores do Povo de Deus. Nós, porém, consideramos a Igreja como uma solidariedade profunda e orgânica, como aquela sociedade, aquela comunhão, "koinonia" como diz são João, que nos faz participar da própria vida de Deus (2 Pdr 1,4) e que irmana todos em Cristo (1 Jo 1,6-7).

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **19 DE NOVEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Queremos chamar vossa atenção para o acontecimento que está prestes a realizar-se na Igreja católica latina, e que terá sua aplicação obrigatória nas dioceses da Itália, a partir do primeiro domingo do Advento, que neste ano cai no dia 30 de novembro corrente. Referimo-nos à introdução na liturgia do novo rito da missa. A missa será celebrada de modo um pouco diferente daquele a que, estávamos habituados e que vigorava há quatro séculos, isto é, desde são Pio V, depois do Concílio de Trento.**

**Esta mudança representa algo de surpreendente e extraordinário, uma vez que a missa é considerada expressão tradicional e intangível de nosso culto religioso e da autenticidade de nossa fé. Podemos então perguntar-nos: como explicar tal mudança? Em que consiste? Que conseqüências traz para aqueles que assistirão à santa missa? As respostas a estas perguntas e a outras semelhantes, que foram provocadas por novidade tão singular, serão dadas e repetidas amplamente em todas as igrejas, em todas as publicações de índole religiosa, e em todas as escolas onde se ensina a doutrina cristã. Exortamo-vos a prestar atenção a tais esclarecimentos, procurando assim conhecer com mais clareza e profundidade a estupenda e misteriosa noção da missa.**

**Nesta alocução, entretanto, muito breve e elementar, vamos procurar dissipar das vossas mentes as primeiras dificuldades, que espontaneamente surgem perante tal mudança, relacionadas com as três perguntas que desperto» em nosso espírito.**

**Como explicar tal mudança? Esta mudança é devida a uma decisão, tomada pelo Concílio Ecumênico recentemente celebrado. O Concílio assim se exprime: "O ritual da missa será revisado, de tal forma que apareça claramente a índole própria de cada uma das partes bem como sua conexão, e facilite a participação piedosa e ativa dos fiéis. Por isso, as cerimônias sejam simplificadas, conservando-se cuidadosamente a substância. Omita-se tudo o que foi duplicado no decurso dos tempos, ou foi acrescentado sem verdadeira utilidade. Em troca restaurem-se, segundo a primitiva norma dos santos Padres, alguns ritos que caíram em desuso, caso pareça oportuno ou necessário.**

**Como se vê, a reforma que está para ser divulgada é a resposta a um mandato autorizado da Igreja. É um ato de obediência. É uma atitude de coerência da Igreja consigo mesma. É um passo para frente de sua tradição autêntica. É uma demonstração de fidelidade e de vitalidade, à qual todos nós devemos dar prontamente nossa adesão. Não é uma arbitrariedade. Não é experiência transitória ou facultativa. Não é uma improvisação atribuída a algum diletante. É uma lei que foi preparada por especialistas autorizados em matéria litúrgica, e depois longamente discutida e estudada. Devemos acolhê-la com interesse e alegria, e aplicá-la com observância pontual e unânime.**

**Esta reforma põe fim às incertezas, às discussões, às arbitrariedades e abusos. Pede-nos aquela uniformidade d-ritos e de sentimentos próprios da Igreja católica, herdeira e continuadora daquela primeira comunidade cristã, que era inteiramente "um só coração e uma só alma" (At 4,32). A oração comunitária é na Igreja um dos sinais e uma das forças da sua unidade e da sua catolicidade. A mudança que está prestes a entrar em vigor, não deve interromper nem perturbar esse caráter comunitário. Pelo contrário, deve confirmá-lo, fazendo com que a oração comunitária ressoe com espírito novo e com entoação rejuvenescida.**

**Outra pergunta: em que consiste a mudança? No seguinte: a mudança em questão consiste em muitas novas prescrições rituais, que exigirão especialmente no início bastante atenção e cuidado. A devoção pessoal e o senso comunitário tornarão fácil e agradável, a observância destas novas prescrições. Mas fique bem claro este ponto: nada foi mudado na substância de nossa missa tradicional. Talvez alguém possa deixar-se impressionar por alguma cerimônia particular, ou por alguma rubrica anexa, como se isto fosse ou escondesse uma alteração ou uma diminuição de verdades que já foram adquiridas para sempre, e autorizadamente sancionadas pela fé católica, como se assim a equação entre a lei da oração, "lex orandi", e a lei da fé, "lex credendi", ficasse comprometida.**

**Mas não é assim absolutamente. Antes de tudo não é assim, porque o rito e a respectiva rubrica por si não são uma definição dogmática. São suscetíveis de uma qualificação teológica, do valor diverso segundo o contexto litúrgico, a que se referem. São gestos e termos que se relacionam com uma ação religiosa, vivida e vivente de um mistério inefável de presença divina, que nem sempre se realiza de modo unívoco e só a crítica teológica pode analisar e exprimir, em**



**fórmulas doutrinais, logicamente satisfatórias.**

**Depois, porque a missa, segundo a nova reforma, continua sendo aquela de sempre. Se diferença há é esta: alguns aspectos da nova liturgia põem em maior evidência este caráter da missa.**

**A unidade entre a ceia do Senhor, o sacrifício da cruz e a renovação e representação de ambos estes fatos na missa, é inviolavelmente afirmada e celebrada na nova liturgia, como na precedente. A missa é e continua sendo a recordação da última ceia de Cristo, na qual o Senhor mudando o pão e o vinho em seu corpo e em seu sangue instituiu o sacrifício do Novo Testamento e quis que por meio da virtude de seu sacerdócio, conferida aos apóstolos, esse sacrifício fosse renovado em sua identidade, e apenas oferecido de modo diverso, de modo incruento e sacramental, para recordação perene dele até o dia de sua volta.**

**Se em o novo rito aparece com maior clareza a relação entre a liturgia da palavra e a liturgia propriamente eucarística, como se esta fosse a resposta realizadora da outra, ou se nele é exigida a assistência da assembléia dos fiéis, para a celebração do sacrifício eucarístico, pois na missa eles são e se mantêm plenamente "Igreja", ou enfim se são postas em maior evidência outras propriedades maravilhosas de nossa missa, não deveis pensar que isto pretenda alterar a sua essência genuína e tradicional. Ao contrário, procurai ver com apreço, como a Igreja por meio desta linguagem nova e acessível a todos, deseja dar maior eficácia à sua mensagem litúrgica, Bica, e quer de maneira mais direta e pastoral levá-la a cada um de seus filhos, e a todo o Povo de Deus em seu conjunto.**

**A terceira pergunta que formulamos: que conseqüências vai trazer esta inovação? Nossa resposta será esta: as conseqüências previstas, ou melhor, desejadas, são de uma participação mais inteligente, mais prática, mais aproveitada, mais santificadora dos fiéis no mistério litúrgico, ou, em outras palavras, na audição da palavra de Deus, que está viva e ressoa na história de cada uma de nossas almas, e na realidade mística do sacrifício sacramental e propiciatório do Cristo.**

**Não falemos, portanto, de "Missa Nova", mas preferentemente de "Época Nova" da vida da Igreja.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **22 DE NOVEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA À UNIÃO INTERNACIONAL DE SUPERIORAS GERAIS.**

**Temos a consolação de vos receber, amadas filhas em Cristo, superiores maiores de todas as nações, que nos trazeis, com vossa presença, como que um sinal sensível e um símbolo de vossas irmãs de todas as congregações religiosas, que, espalhadas pelo mundo, formam inumeráveis fileiras, verdadeiras multidões de "apes argumentosae", como a liturgia de hoje chama a virgem mártir Cecília - enxames de almas boas, almas generosas, almas fortes, que deixam tudo por amor de seu esposo, Cristo Jesus, para se debruçarem com afeto de irmãs e de mães sobre aqueles que esperam de vós um testemunho de fé, e fim empenho de caridade: crianças, adolescentes, alunas de escola de todos os graus e níveis, pessoas velhas, doentes, leprosas, pessoas, enfim, que sofrem - prontas a derramar sobre cada uma delas a vossa riqueza interior, alimentada na oração, na contemplação, ao contato íntimo e santificante com o Senhor vivo na Eucaristia, e Mestre de vida interior nas Escrituras Divinas.**

**A todas, nossa saudação, nossa satisfação, nosso encorajamento. Desejariamos demorar-nos um pouco convosco, se o tempo o permitisse, para vos pedir numa conversa familiar, informações e notícias acerca de cada uma de vossas famílias religiosas. Queríamos em particular saber: Como vão vossas irmãs? Como trabalham? Como se sentem elas no momento presente, na mentalidade de hoje, que investe como um vento impetuoso contra todas as instituições, mesmo aquelas que pareciam mais confirmadas, para submetê-las ao crivo de uma crítica severa, de uma revisão total e impiedosa? Deixar-se-ão elas influenciar também por essas correntes? Em que sentido?**

**Se o descontentamento geral as leva a uma exigência de viver, mais sentida e profundamente e com mais autenticidade, sua própria vocação, em plena fidelidade ao Evangelho e às regras primitivas das congregações, a que pertencem, seja bem-vinda a revisão total. A Igreja não a impede nem desencoraja. Antes é já do conhecimento de todos, como a própria Igreja deu início a esta revisão, com o apelo que o II Concílio do Vaticano dirigiu a todas as almas consagradas, para se renovarem interiormente, para se atualizarem nas formas exteriores, para se apresentarem no mundo de hoje, com**

**a fisionomia genuína de sua vocação, no seguimento autêntico do Cristo, sinal das realidades futuras e vértice da vocação universal à santidade da Igreja.**

**A renovação, de que tanto se fala, não teve nem tem outro fim senão o de apresentar ao mundo uma imagem, quanto possível perfeita do próprio Salvador. "Cristo, seja entregue à meditação no monte, ou evangelizando o reino de Deus às multidões, ou curando os enfermos e feridos, ou convertendo os pecadores, ou ainda abençoando as criancinhas e fazendo o bem a todos, obedecia em cada atitude à vontade do Pai que o enviou".**

**Bem-vinda seja esta renovação, que em tão alto modelo se inspira e tende a tão nobre fim. Mas se, pelo contrário, a onda de insatisfação levasse a ceder à mentalidade do mundo, a secundar modas e comportamentos mutáveis e efêmeros, a imitar o mundo em suas formas, sem discernimento e critério, então o resultado seria realmente deplorável, não vos parece? "Se o sal se torna insípido, não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens" (Mt 5,13).**

**A religiosa, como aliás noutra perspectiva o padre e o religioso, está diante de um terrível dilema: ou serem santos totalmente, sem compromissos, para atingirem sua plena dimensão, ou caírem no ridículo reduzindo-se a meras caricaturas, a seres fracassados e direi abortivos. Os perigos da secularização são evidentes em todos os seus reflexos, e particularmente no campo da pobreza, quando se procura uma autonomia econômica em contraste com o espírito da renúncia própria do Evangelho e da vida religiosa. A tentação do individualismo, hoje tão ciosamente sentido pelo homem moderno, como propriedade sua intangível, pode também atingir vossas comunidades, quando se formam pequenas "fraternidades", às vezes compostas de elementos de diversas Congregações, com perigo de um certo nivelamento e empobrecimento da vida religiosa. A obediência pode também ser seriamente ameaçada, se faltar a devida colaboração com o episcopado, numa visão orgânica de conjunto nos planos de apostolado.**

**São simples pontos que oferecemos à vossa meditação, na certeza de que mais do que quaisquer outras exortações, vos podem servir de conforto. fazendo-vos ver e apreciar o valor inestimável de vossa vocação, a necessidade de uma perfeição espiritual e profissional de primeira ordem, a riqueza que vossa doação total representa para a**

santa Igreja. Oh! A Igreja! Olhai para ela, vivei para ela, doai-vos a ela, porque ela precisa de vós. Sede almas de Cristo e da Igreja; para que vivendo para Cristo que é o chefe, vós o possais servir sem perigo de vos enganardes, em seu Corpo místico, que mediante vossa colaboração, consegue misteriosa e gradualmente atingir o próprio crescimento, edificando-se na caridade (Ef 4,16).

A Igreja tem necessidade de vós e conta convosco. Não decepcioneis sua esperança, mas correspondei-lhe para além de suas esperanças. O fato de serdes religiosas, não vos priva do direito ao verdadeiro progresso da pessoa humana, nem vos torna alheias às necessidades e anseios da cidade terrena, antes pelo contrário, delega-vos expressamente para trabalhades em sua edificação, pois vossos irmãos e irmãs do mundo têm necessidade, para se salvarem, do exemplo de criaturas plenamente livres, inteiramente entregues a sua salvação, totalmente despojadas de tudo quanto oprime ansiosamente os outros, plenamente alegres em seu sacrifício, inteiramente humanas, porque inseridas naquele que é o princípio e a medida do homem, Deus Pai, que nos salva em Cristo e nos assinalou com o caráter invisível e operante de seu Espírito.

Tais são os critérios que deverão guiar vosso apostolado e também vossas relações de autoridades segundo as novas exigências e no interior das várias comunidades e na escolha das vocações.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **3 DE DEZEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Queríamos, ainda que por um instante, lançar um olhar para dentro de vossas almas. Supomos que todos sois bons e fiéis cristãos e que desejais ver o rosto da Igreja autêntica, isto é, o rosto jovem e ardente, belo como o da esposa, a esposa do Cristo, sem mancha, sem rugas, sem defeitos, mas santo e imaculado (Ef 5,27), como diz São Paulo e como nos deixou qual esperança o Concílio. Ora, parece-nos, ao contrário, perceber em vossos espíritos uma dolorosa surpresa: Onde está a Igreja que nós amamos e desejamos? Será que a de ontem não era melhor do que a de hoje? E que será da Igreja de amanhã? Um sentimento de confusão parece difundir-se mesmo entre os melhores filhos da Igreja e por vezes até entre os mais qualificados e que têm mais autoridade.**

**Fala-se muito de autenticidade. Mas como encontrá-la, quando tantos elementos característicos e mesmo essenciais, são postos em questão? Fala-se muito de unidade, mas onde os apóstolos zelosos e entusiastas, quando as vocações diminuem e entre os leigos a coesão e espírito de conquista enfraquecem? Fala-se muito de caridade, mas em certos meios, até eclesiais, respira-se um ar de crítica e de azedume, que não pode ser aquele que soprou no dia do Pentecostes. Que dizer da maré hostil à religião e à Igreja que se desencadeia contra nós? Um sentimento de incerteza tal qual arrepios de febre, invade o corpo da Igreja. Pode-se até perguntar se isto não chegará a paralisar um dia o carisma de segurança e de vigor que a caracterizam?**

**Um tema como este, caros filhos, merece um desenvolvimento bem amplo, pois implica um diagnóstico espiritual, moral e psicológico do povo católico, nesta hora de grandes tempestades para o mundo inteiro. Como já o fizemos outras vezes, e como é nosso costume neste breve entretenimento semanal, vamos tocar de leve neste assunto, unicamente para que saibais que o papa também pensa nele e que vós também não deveis deixá-lo passar despercebido. Antes de tudo dizemos que é preciso não se deixar impressionar demasiadamente nem muito menos amedrontar. Mesmo no caso em que os fenômenos que nos preocupam atinjam dimensões de gravidade, é preciso ter sempre presente que muitas vezes são provocados por minorias numericamente pequenas ou provêm de fontes freqüentemente nada autorizadas. É que os meios modernos**

**de difusão publicitária invadem a opinião pública com estrepitosa facilidade, e atribuem a fatos insignificantes conseqüências desmesuradas. Resta ainda uma imensa multidão de pessoas sadias, bondosas e fiéis em que podemos confiar. A estas pessoas dirigimo-nos agora com nossa confiança, e convidamo-las nesta exortação a permanecerem firmes e se tornarem mais conscientes e operosas. O povo cristão deve imunizar-se por si mesmo, e afirmar-se no silêncio, mas decididamente. A difusão da palavra verdadeira e sã - da sagrada pregação, do ensino fundado nos princípios cristãos, da imprensa de cunho católico ou daquela que difunde o magistério da Igreja - pode constituir um oportuno antídoto contra as vertigens das numerosas vozes ruidosas que invadem as correntes da opinião pública.**

**A opinião pública tende a difundir-se com um método que podemos chamar novo, o método do inquérito sociológico, que está na moda. Apresenta-se com um rigor que parece inteiramente positivo e científico, e por cima com a autoridade do número. Assim seu resultado procura tornar-se decisivo, não só na observação de um fato coletivo, mas também na indicação de uma norma que se deve conformar com o mesmo resultado. O fato transforma-se em lei. Pouco importa que se trate de um fato negativo. O inquérito tende a justificá-lo como se fosse uma norma. Não considera que seu objeto é geralmente parcial e como que isolado do contexto social e moral em que está incluído. Muitas vezes se relaciona apenas com o aspecto subjetivo, portanto com o aspecto do interesse privado ou psicológico do fato observado, e não com o do interesse geral e com o de uma lei a cumprir. Neste caso o inquérito pode gerar uma incerteza moral, que do ponto de vista social é muito perigosa. Pode ser útil como análise de uma determinada situação. Mas para nós que somos seguidores do reino de Deus, deverá submeter seus resultados a critérios diversos e superiores os da exigência doutrinal da fé e da pastoral que devem guiar os cristãos pelas sendas do Evangelho.**

**Isto nos leva a refletir sobre se as inquietudes de que sofre a Igreja em nossos dias, não são devidas principalmente à contestação tácita ou aberta de sua autoridade, a saber, ao fato de por em questão a confiança, a unidade, a harmonia, a união na verdade e na caridade, tal qual a concebeu o Cristo e a instituiu, e qual a tradição desenvolveu e nos transmitiu.**

**Por isso desejáramos que vossa visita piedosa e confiante ao**

túmulo do Apóstolo, sobre o qual o Senhor fundou sua Igreja, seja recompensada pela visão, é certo, ideal e celestial da Igreja, que é una e santa, católica e apostólica, mas também pela visão terrestre da Igreja real, naturalmente humana e imperfeita sempre, que, porém, envida esforços admiráveis especialmente hoje, ao mesmo tempo sofrendo e alegrando-se, para assimilar o pensamento do Cristo, seja irradiando sua palavra e sua luz, seja encarnando os dons, as necessidades, os sofrimentos do mundo presente. Pedro não muda, este fato poderá trazer reconforto as vossas almas, que experimentam neste momento uma secreta necessidade disso: o reconforto da segurança. Pedro está vivendo sempre, vivendo deste Cristo que passa do acontecimento de Belém para o acontecimento do último dia, que passa pelos séculos em nossa história, sempre o mesmo e sempre maior, como a árvore viva, fazendo medrar em cada estação novos rebentos, de pequena semente.

Um mestre da antigüidade (aquele que nos deu a fórmula doutrinal da tradição autêntica da Igreja, fórmula que o I Concílio do Vaticano incorporou) disse o seguinte: "Na Igreja católica devemos estar atentos em conservar o que tem sempre sido objeto de fé de todos e por toda a parte". É São Vicente de Lérins, padre da Igreja, monge muito erudito do século V, que nos oferece também a fórmula do desenvolvimento doutrinal do cristianismo, quando nos diz: "A doutrina da religião cristã se consolida com os anos, desenvolve-se com o tempo, e se aperfeiçoa com a idade... hoc idem floreat et maturescat... proficiat et perficiatur". Esta fórmula não admite mudanças substanciais, mas explica a evolução vital da doutrina e da disciplina da Igreja. É esta a mesma que Newman assumirá e por ela será conduzido à Igreja romana. Podemos também nós meditá-la para compreender certas novidades na Igreja de hoje, que embora importantes excluem qualquer adulteração de sua pura ortodoxia, testemunhando sua perpétua e florescente vitalidade.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **15 DE DEZEMBRO DE 1969. AUDIÊNCIA AO SACRO COLÉGIO.**

**Qual a situação atual da Igreja?**

**O recente Concílio do Vaticano criou certo estado de alerta e de tensão espiritual sob alguns aspectos. O desenvolvimento doutrinal, que o mesmo Concílio propôs para a própria Igreja; o empenho ao qual a convidou no campo pastoral; a revisão canônica e litúrgica, que lhe impôs como um preceito; a abertura ecumênica para que a convidou; o confronto apostólico, com o qual a aproximou da realidade humana do mundo moderno; a onda de transformações culturais e sociais, que também a ela atingiu - tudo isso obrigou a Igreja a uma reflexão intensa que continua a impor-se-lhe como um dever.**

**Dentro e fora de si mesma, a Igreja deu mostras, não de um plácido fervor que o Concílio permitia que se esperasse, mas sim de certa inquietude em alguns setores que embora restritos são, contudo, bastante significativos.**

**A difícil interpretação dos "sinais dos tempos" faz despertar em muitos o desejo de estudar de preferência as realidades contingentes, seguindo-se daí não apenas observações judiciosas, mas, da parte de alguns, a mania de novidades, e da parte de outros, o medo das reformas. A um pluralismo por vezes indiscriminado de idéias e de formas, que parece unitário, próprio da Igreja católica, vem juntar-se um exagerado intento de pesquisas teológicas e uma necessidade mais ativa de relações orgânicas comunitárias. A um decrescente fervor de vida religiosa individual, vem substituir-se em muitos m» interesse progressivo pela religiosidade coletiva. Paralelamente à cedência gradual à secularização, que tenta tirar o caráter sagrado a tudo, começa a firmar-se maior sentido social de responsabilidade cristã.**

**Como se vê, por tudo isso, a inquietude, a que nos referíamos, apresenta fenômenos contrastantes - negativos e positivos. Assim dá-nos tranqüilidade uma consciência mais clara da própria vocação cristã no Povo de Deus. Conforta-nos a válida e concorde operosidade pastoral do episcopado, desejoso de assumir, com uma aplicação mais ampla do critério de subsidiaridade, as**

**responsabilidades diretas do próprio ministério, mantendo ao mesmo tempo, em estreita e solidária união, os vínculos da colegialidade. Edifica-nos a resolução das famílias religiosas de se renovarem interior e exteriormente, para prosseguirem corajosamente com intensidade de oração, com austeridade de disciplina ascética e dedicação eficaz ao bem do próximo e à causa do reino de Deus, o seu programa de perfeição cristã. Infunde-nos confiança e esperança a multiforme atividade de um laicato católico, não menos nutrido por uma espiritualidade íntima e fraterna, do que desassombrado no rasgar de novos caminhos ao apostolado moderno. Incute-nos certa paz o pensar numa multidão de almas singulares e silenciosas, piedosas, ativas, pacientes e entregues à imitação de Cristo, bem como naquelas comunidades, que vivem a graça de serem "igreja", na concórdia e na alegria, a graça de serem membros do Corpo místico, vivificado sempre por nova animação do Espírito Santo. Eis o que é a Igreja. Bendigamos ao Senhor.**

**Isto não quer dizer, no entanto, que a barca simbólica - a Igreja - não se ressinta do ímpeto da granule borrasca, própria de nosso tempo, que às vezes faz aflorar aos nossos lábios o grito implorante dos discípulos assustados: "Senhor, salva-nos que estamos perdidos" (Mt 8,25). Recorda-nos as palavras amarguradas de nosso grande predecessor São Gregório: "Eis que diante de nós as ondas se encapelam, e a nosso lado as vagas se enfurecem, e por detrás a tempestade ruge em fúria. No meio desta procela, ora eu me esforço esboforido em dominar a barra do leme, de maneira a fazer frente à luta, ora inclinando o barco tento desviá-lo do assalto das ondas. Não posso mais..."**

**Sim, veneráveis irmãos, não se pode negar que existem na Igreja hoje grandes males, grandes perigos e ingentes necessidades, que para nós é o mesmo que dizer grandes deveres.**

**O primeiro dever é a vigilância. É um dever perene, bem o sabemos, imposto repetidas vezes pelo Evangelho. Faz parte da pedagogia bíblica e da psicologia cristã e é exigido por aquele sentido escatológico, que nos devia dar um característico sentido cristão do tempo, tanto presente como futuro.**

**Mas a vigilância tornou-se um dever específico de nosso tempo, no qual tudo se define e se precisa de antemão. Não se pode caminhar ao acaso, seguindo passivamente os costumes de outrora ou a opinião do ambiente. Temos de ser observadores atentos, críticos**

sagazes. Hoje tudo se transforma, tudo se torna problema, e por toda a parte existe o perigo da ilusão, mesmo para os bons. O Senhor adverte-nos: "Cristo está aqui, ou ei-lo ali: não acrediteis" (Mt. 24, 23). As múltiplas reuniões, que continuamente mantêm a Igreja vigilante em todos os setores, e as palavras responsáveis do magistério eclesiástico assim como que nos vários campos que lhe são próprios, proferem as pessoas probas e competentes, ajudam-nos a desempenhar este primeiro dever.

Quais as principais observações que nos sugere a vigilância sobre as condições da Igreja?

A primeira observação diz respeito ao clero, ao nosso querido clero. O que é que verificamos? Verificamos, com enorme consolação, que nosso clero, em sua maioria, é ótimo pelas suas virtudes morais e espirituais, pela dedicação com que se entrega ao próprio magistério, pela fidelidade convicta à Igreja, na qual se encontra inserido por espírito de serviço. Queremos, precisamente por ocasião do natal, endereçar um pensamento especial, enriquecido dos melhores votos e bênçãos, a todos os sacerdotes da Igreja católica, uma palavra com que lhes asseguremos nossa estima e nossa confiança, e ainda de exortação à fidelidade e à perseverança. É efetivamente sobre o clero bom, piedoso, fiel laborioso, desinteressado e inteligente, que assentam a solidez, a vitalidade e a fecundidade da Igreja, como facilmente vemos.

Mas, a par disto vemos também outros dois fenômenos, aos quais a fácil publicidade hodierna juntamente com a curiosidade da opinião pública, dão um realce maior do que a outros fenômenos, muito mais amplos e reconfortantes. Um desses fenômenos, bastante difundido, é o da incerteza do sacerdote, quanto ao próprio estado. Uma incerteza que acomete a fé na própria natureza do sacerdócio, sua formação humana e eclesiástica, sua função religiosa e apostólica, sua posição hierárquica e sociológica, seus hábitos internos e externos e sua missão no mundo atual. É de suma importância dar um alto testemunho à grande maioria e a seu dever. Incutir de novo a segurança em cada sacerdote, acerca de sua vocação, de sua eleição, de sua investidura sacramental, de suas relações com o bispo, com os irmãos no sacerdócio, com os fiéis e com aqueles "que estão fora" (Mc 4,11). Incutir-lhe a consciência de sua indispensável atualidade. Propor-lhe a forma de vida evangélica e moderna que o ajude a identificar-se com o mistério que lhe é próprio, e a irradiar seus carismas, de palavra, de graça e de

**exemplo pela comunidade e por cada uma das almas.**

**Impõe-se conferir-lhe o sentido de sua dignidade pessoal, se bem que despida de fausto, assegurar-lhe o pão. e garantir-lhe o suficiente para o seu dia-a-dia, voluntariamente pobre e trabalhoso. Não deve ser demasiado difícil, pensamos nós, uma vez que as disposições vigentes já provêm a isso, assim como as novas estruturas em vias de aplicação, sugeridas pelo II Concílio do Vaticano. Igualmente nossos dicastérios romanos têm procurado proporcionar oportunos subsídios para o estilo de vida dos seminários, e para os organismos presbiteriais nas dioceses. Em várias nações as conferências episcopais estudam o modo de tornar mais satisfatória e mais eficiente a atividade dos sacerdotes. Mas esta renovação espiritual e canônica exigirá muito estudo e muita aplicação. Já noutras ocasiões, aludimos à intenção que temos de dedicar um interesse particular a tão complexo problema. Se Deus quiser, fá-lo-emos com amor e solicitude, confiando na colaboração do episcopado e na correspondência de nossos bons sacerdotes.**

**Outro fenômeno é a defecção de uma parte mínima, demasiado sensível, porém, de alguns sacerdotes e religiosos, dos sagrados compromissos, aos quais diante de Cristo, diante da Igreja e perante a própria consciência, eles, solene, livre e amorosamente se tinham ligado. Esta é a nossa coroa de espinhos. Compreendemos quanto este fenômeno é complicado e dramático em cada caso particular. Compreendemos também, que não é permitido julgar o íntimo destes co-rações infelizes, ainda que no foro externo semelhantes deserções sejam deploráveis ao máximo, e causem tanta amargura pelo escândalo que dão ao Povo de Deus. Também este fenômeno está sendo objeto de estudo e de meditação. Se nos referimos a ele, é tão somente para obter o sufrágio da oração comum, por esses irmãos infiéis e para não deixar que lhes falte, onde for possível, o auxílio da caridade.**

**Mas consideramos oportuno confirmar, também nesta ocasião, nosso dever apostólico e nosso propósito pastoral, de conservar em sua intacta beleza a lei do celibato eclesiástico, na Igreja Latina. Expressimos a vivíssima esperança de que nossos sacerdotes tanto os jovens como os de idade mais avançada, com a graça do Senhor, saberão sempre compreender, defender e ilustrar o incomparável valor espiritual, moral e apostólico do mesmo celibato.**

**Nosso discurso, nesta altura, é levado a ocupar-se de outro**

problema, que interessa o mundo inteiro e não menos a Igreja: o dos jovens. Limitar-nos-emos por agora simplesmente a enunciá-lo, considerando-o, porém, como um dos temas mais importantes e mais urgentes. Também este problema é objeto de estudo, estudo que parte inicialmente da simpatia imensa da Igreja pela juventude, da confiança nos grandes recursos pedagógicos da vida cristã, da admirável tradição educativa e organizativa da Igreja, quanto à mesma juventude. Do esforço já posto em prática e tendente a atingi-la, valendo-se dos métodos que lhe reconhecem nova e legítima liberdade, e lhe conferem maior sentido de responsabilidade. Finalmente de uma implorada efusão de entusiasmo, de sublimação, que o espírito de Cristo desejará conceder às novas gerações, no sentido de um ideal de vida mais nobre e autêntica. Família, escola, sociedade, deverão receber da Igreja um novo contributo, para tornar eficaz e amada a "arte das artes", qual é a de formar homens verdadeiros. Também este ponto é problema que nos diz respeito.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **7 DE JANEIRO DE 1970. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Parece-nos que é ainda no espírito e nos ensinamentos do recente Concílio que devemos procurar o tema para este colóquio familiar. Supomos, caros visitantes, que muito naturalmente estais em pleno direito de questionar sobre o que pensa o papa, qual a linha de seu pensamento. Eis nossa resposta: Continuamos a pensar no Concílio. Não terminou no dia que terminaram suas sessões de trabalho, como acontece a todo fato histórico, circunscrito ao tempo. Foi o ponto de partida para a renovação da Igreja, que deve desenvolver-se progressivamente, e se estender à vida de toda a comunidade, que forma a totalidade da Igreja: O Concílio nos deixou uma soma de ensinamentos, que não devemos não somente não esquecer, mas pelo contrário ter presente ao espírito, para os conhecer melhor e os colocar em prática em nossa vida. O Concílio vai prosseguir, alimentando a meditação da Igreja, para lhe insuflar nova mentalidade, imprimir-lhe novo comportamento, transformá-la, promover sua propagação e a santificar.**

**Sabemos bem que toda uma literatura nasceu do Concílio, que continua a oferecer-nos novos trabalhos. Sabemos igualmente quantas obras e instituições foram criadas depois do Concílio, seguindo suas diretivas, e todos não ignoram que progressos doutrinários derivaram dele e alimentam os estudos e a cultura. Peçamos ao Espírito Santo, para que este impulso doutrinário e canônico se persiga com sucesso. Presentemente, porém, temos uma pergunta: que podem fazer ou que devem fazer os fiéis em função do Concílio, tomados individualmente ou em comunidade? A resposta nos leva a considerar de maneira peculiar as exigências morais decorrentes dos ensinamentos e da duração mesma do Concílio. Quer dizer que todos devemos refletir nas aplicações lógicas que devemos favorecer, no espírito, do Concílio, tanto em nossa maneira de pensar como de agir, admitindo que cada um dentre nós esteja de acordo em atribuir a este grande acontecimento uma importância prática e benéfica, não somente para a Igreja, mas também para nossa vida moral, e para assegurar a renovação de nossa vida cristã de maneira concreta e pessoal.**

**Será bom começar esta meditação traçando imediatamente a linha reta, que seguiremos para evitar dois perigosos eventuais desvios. O primeiro seria de crer que o Concílio tenha aberto uma era de tal**

modo nova, que permita uma desvalorização, ruptura, intolerância com respeito à tradição da Igreja. Em muitas pessoas existe um estado de alma que não suporta, absolutamente, o que foi de ontem, da Igreja. Homens, instituições, costumes, doutrinas, tudo enfim que traz a marca do passado, é sem mais colocado de parte. Nestes irrefreáveis inovadores, um espírito de crítica implacável, condena todos os sistemas eclesiásticos de ontem. Não vêem senão culpas e defeitos, incapacidade e ineficiência nas expressões de vida católica do passado, o que acarreta conseqüências, que se prestam a muitas e graves considerações, e que obscurecem o sentido histórico da vida da Igreja, que, apesar de tudo, continua a ser a preciosa característica de nossa cultura. Substituem-na por uma fácil simpatia por tudo aquilo que está fora da Igreja. O adversário parece simpático e até mesmo um exemplo, enquanto que o amigo se torna antipático e intolerável. Quando este processo não é moderado, dá lugar até à persuasão de que é lícito formular a hipótese de uma igreja completamente diversa da nossa de hoje. Uma igreja criada - dizem - para os tempos novos. Uma igreja em que sejam abolidos quaisquer vínculos de obediência que moleste, qualquer limite à liberdade pessoal, qualquer forma de sacralidade que obrigue. Este desvio é, infelizmente, possível. Esperemos, porém, que o caráter com que se apresenta, muito evidente e excessivo, denuncie seu erro. O aggiornamento, isto é, a renovação da Igreja, patrocinada pelo Concílio, certamente não tende para esta desintegração da sua comprovada realidade histórica e institucional.

Outro desvio seria o de confundir o costume com a tradição, e por isso o de crer que o Concílio deve ser considerado como um acontecimento, que terminou e já não tem eficiência, o de crer que os verdadeiros inimigos da Igreja promovem e acolhem as novidades, que derivam do próprio Concílio. A Tradição, isto é, o costume - dizem - é que deve prevalecer. Também estes defensores do imobilismo formal do costume eclesiástico, talvez por excesso de amor, acabam por exprimir seu zelo. polemizando com os amigos de casa, como se estes ainda fossem mais infiéis e perigosos do que os de fora.

Mas, então, onde o caminho certo? Aquele que a autoridade responsável de pastores da Igreja e a nossa traça à comunidade eclesial. A voz dos pastores não se cala. Os bons a escutam. Eles não a ignoram, mas a tomam em consideração. Estamos firmemente persuadidos de que a Igreja pode conservar os quadros eficazes, e realizar sua missão de salvação e de par, nesta hora crítica de sua

história, e grave para o mundo, se de uma parte a missão pastoral é exercida livre, clara e energicamente, com amor, e se de outra a comunidade do clero e dos fiéis a compreende e a secunda.

**Aonde conduz este caminho?**

Esta questão entra no quadro de idéias que vos propúnhamos no começo desta palestra, a saber, procurar conhecer que linha espiritual e moral (no momento apenas nos limitaremos à linha espiritual) o Concílio oferece à Igreja, pois é precisamente esta que seguem as diretivas pastorais.

Como conclusão, contentar-nos-emos com indicar alguns caracteres preliminares. Por exemplo, o da lógica, absolutamente evidente e necessária. O cristão deve refazer sua unidade espiritual e moral. Não basta levar o nome, é preciso viver como cristão. É a antiga máxima fundamental do Apóstolo: *Justus ex fide vivit*, o homem justo, o cristão autêntico, tira de sua fé a lei, o estilo, a força de sua vida. Não vive apenas da fé, mas conforme a fé. É o eixo da renovação desejada pelo Concílio.

Podemos ainda citar dois critérios fundamentais, que apenas enunciaremos para não vos aborrecer por mais tempo neste discurso. Ei-los: é preciso colocar o Cristo no cume, no centro, na fonte de nossa vida, isto é, de nossos pensamentos e de nossa maneira de viver. Deve tornar-se o mestre, o exemplo, o pão de nossa vida pessoal. É preciso entrar na concepção comunitária da vida cristã, tanto no plano da vida interior, como da vida pessoal, quer dizer, ingressar na ordem da caridade. Não esqueçamos que a caridade é o sinal distintivo dos que seguem a Cristo (Jo 13,35).

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **2 DE FEVEREIRO DE 1970. CARTA DE PAULO VI AO CARDEAL VILLOT SECRETÁRIO DE ESTADO.**

**Senhor Cardeal,**

**As declarações tornadas públicas nestes últimos dias na Holanda, a respeito do celibato eclesiástico, nos causaram profundo pesar e suscitaram muitas questões no nosso espírito, por causa dos motivos que determinaram tão grave atitude, contrária à sacrossanta lei vigente na Igreja Latina, das repercussões que têm em todo o Povo de Deus especialmente no clero, e nos jovens que se preparam para o sacerdócio, das conseqüências perturbadoras na vida de toda a Igreja, e das ressonâncias que provoca em todos os cristãos, e mesmo nos outros membros da família humana.**

**Diante destas interrogativas, sentimos a necessidade de abrir nossa alma a Vossa Eminência, Sr. Cardeal, que tão de perto compartilha conosco as solitudes do nosso múnus apostólico.**

**Antes de tudo perguntamos com humilde e absoluta sinceridade interior, se porventura não teria havido de nossa parte alguma responsabilidade no que se refere a tão infelizes resoluções, tanto em contraste com a nossa atitude e como pensamos, com a atitude de toda a Igreja.**

**O Sr. é testemunha dos sentimentos de estima, de afeto, de confiança, que sempre nutrimos por esta porção tão benemérita do Corpo místico de Cristo, como é a Holanda. E Vossa Eminência bem conhece, Sr. Cardeal, a ação sempre diferente e amiga, que desenvolvemos tanto nos encontros pessoais, como na correspondência epistolar, e também os que deram os órgãos desta Sé Apostólica, a fim de prevenir as declarações em questão.**

**Tais declarações ocasionam muitas incertezas e perturbações. Por conseguinte é para nós um dever, grave e impelente, definir com toda a clareza a nossa atitude ou, por outras palavras, daquele a quem um misterioso desígnio da divina Providência confiou nesta hora difícil a "sollicitudo omnium ecclesiarum, o cuidado sobre todas as igrejas" (2 Cor 11,28).**

**Os motivos aduzidos para justificar tão radical mudança, nesta lei**

**secular da Igreja Latina, que produziu tantos frutos de graça, de santidade e de apostolado missionário, são bem conhecidos. Mas estes motivos - devemos declará-los sem equívoco - não nos parecem convincentes. Parecem realmente não levar na devida consideração um fato fundamental e essencial, que não deve ser esquecido de modo algum, e que é de ordem sobrenatural. Isto é, parecem representar uma transigência no genuíno conceito do sacerdócio.**

**A única perspectiva que deve ser tida em conta é efetivamente a da missão evangélica, de que, com fé e na esperança do reino, somos arautos e testemunhas. O bispo e o presbítero têm a missão de anunciar o Evangelho da graça e da verdade (Jo 1,14), de levar a mensagem da salvação ao mundo, de o tornar consciente do seu pecado, e ao mesmo tempo da sua salvação, de o convidar a ter esperança, de o arrancar do poder sempre renascente dos ídolos, e de o converter a Cristo Salvador. Os valores evangélicos não podem ser compreendidos e vividos senão na fé, na oração, na penitência, na caridade, mas não sem lutas e mortificações, nem sem suscitar por vezes, como sucedeu com Cristo e com os apóstolos, a irrisão e o desprezo do mundo, a incompreensão e até a perseguição. O dom total que se oferece a Cristo, chega até à loucura da cruz.**

**Foi uma compreensão cada vez mais profunda destas considerações, amadurecida providencialmente no decorrer da história, que conheceu tantos esforços e tantas lutas na afirmação do ideal cristão, e que levou a Igreja Latina a fazer da renúncia ao direito de constituir uma família própria - já espontaneamente realizada por tantos servidores do Evangelho - uma condição para a admissão dos candidatos ao sacerdócio. Estas considerações ainda hoje são válidas, talvez até mais do que no passado. E nós que fomos chamados para seguir a Jesus, não seremos porventura capazes de aceitar uma lei comprovada por tão longa experiência, e de abandonar tudo, família e redes, para seguir a Cristo e difundir a boa-nova da salvação? (Mc 1,16). Quem melhor do que os pastores, que sabem consagrar-se irrevogavelmente e sem reservas ao serviço exclusivo do Evangelho, poderá transmitir aos homens de nosso tempo, com plenitude de graça e de força, esta mensagem libertadora? (At 6,8).**

**Por conseguinte, considerando tudo diante de Deus, diante de Cristo, da Igreja e do mundo, sentimo-nos no dever de reafirmar, claramente, o que já declaramos e muitas vezes repetimos: que o**

**vínculo entre sacerdócio e celibato, estabelecido há séculos pela Igreja Latina, constitui para ela um bem sumamente precioso e insubstituível. Seria grave temeridade não estimar devidamente ou até deixar cair em desuso este vínculo consagrado pela tradição, sinal incomparável de uma doação total ao amor do Cristo (Mt 19, 29), que tão luminosamente manifesta a exigência missionária essencial a toda a vida sacerdotal, pio serviço de Cristo ressuscitado e sempre vivo, ao qual o sacerdote se consagrou, numa disponibilidade total para o reino de Deus.**

**Quanto aos sacerdotes, que infelizmente por motivos reconhecidos como válidos, viessem a encontrar-se na impossibilidade radical de perseverar neste estado - sabemos que se trata apenas de um pequeno número, porquanto a grande maioria quer permanecer fiel, com o auxílio da graça, aos sagrados compromissos assumidos diante de Deus e da Igreja -é com profunda mágoa que somos levados a atender à sua instante súplica de ficarem livres das suas promessas, e dispensados das suas obrigações, depois de um atento exame de cada caso em particular.**

**Mas a profunda compreensão, que em espírito de paterna caridade queremos ter pela pessoa, não nos impede de deplorar uma atitude tão pouco conforme com o que a Igreja legitimamente espera daqueles que se consagraram definitivamente ao seu exclusivo serviço.**

**A Igreja continuará, não obstante, amanhã como ontem, a confiar o divino ministério da palavra da fé e dos sacramentos da graça unicamente aos sacerdotes que permanecerem fiéis às suas obrigações.**

**A própria contestação multiforme, que hoje se manifesta, no que diz respeito a uma instituição tão santa, como é o sagrado celibato, torna ainda mais imperioso o nosso dever de sustentar e encorajar, de todos os modos, as inumeráveis fileiras de sacerdotes que permanecerem fiéis aos seus compromissos. Para eles vão, especialíssimo afeto, o nosso pensamento e a nossa bênção.**

**Por este motivo, com decisão tomada após maduro exame, nós afirmamos claramente o nosso dever de não admitir que o ministério sacerdotal seja exercido por aqueles que, depois de terem posto a mão no arado, voltaram atrás (Lc 9,62).**

**Não é esta, aliás, a tradição constante das veneráveis igrejas orientais, a que tanto se gosta de fazer referência a este propósito?**

**De resto, mal ousamos pensar nas incalculáveis conseqüências, que uma decisão diferente poderia acarretar para o Povo de Deus, no plano espiritual e pastoral.**

**Enquanto sentimos o dever de reafirmar dêz te modo, com tanta clareza a lei do sagrado celibato, não ignoramos uma questão que nos tem sido proposta com insistência por alguns bispos. Neles reconhecemos o zelo e a fidelidade às veneráveis tradições do sacerdócio na Igreja Latina, e aos valores tão eminentes que ele exprime, e também o anseio pastoral em face de certas necessidades, muito particulares de seu. ministério apostólico. Numa situação de extrema carência de sacerdotes, perguntam-nos eles, não se poderia, porventura, considerar a eventualidade de ordenar para o sagrado ministério - apenas em regiões que se encontram em semelhantes circunstâncias - homens de certa idade, que tenham dado no próprio meio bom testemunho de uma vida familiar e profissional exemplar?**

**Não podemos ocultar que esta eventualidade desperta em nós graves reservas. Entre outros inconvenientes, não seria uma ilusão muito perigosa julgar que tal mudança na disciplina tradicional poderia limitar-se a casos isolados de verdadeira e extrema necessidade? E não seria também uma tentação para muitos julgar que assim se resolveria mais facilmente o problema da escassez atual de vocações?**

**Em todo o caso, as conseqüências seriam de tal forma graves, e levantariam problemas tão insólitos para a vida da Igreja, que deveriam pelo menos ser prévia e atentamente examinados conosco, pelos nossos irmãos no episcopado, tendo em conta diante de Deus o bem da Igreja universal, que não pode dissociar-se do bem das igrejas locais.**

**Estes problemas, que se põem à nossa responsabilidade pastoral, são na verdade graves, Sr. Cardeal, e nós quisemos confiar-lhos.**

**Vossa Eminência é testemunha de quantos apelos chegam até nós de toda a parte: inúmeros irmãos e filhos suplicam-nos que não se mude nada em tão venerável tradição, e ao mesmo tempo desejam**

**conosco, que os nossos veneráveis irmãos bispos da Holanda empreendam, com a Sé Apostólica, num contato fraternal e confiante, um novo exame que deverá amadurecer, à luz da oração e da caridade.**

**Mais do que nunca da nossa parte, desejamos tanto procurar, juntamente com os pastores da diocese da Holanda, os meios necessários para resolver, de maneira conveniente os problemas deles, sem deixar de considerar em comum o bem de toda a Igreja.**

**Portanto, Sr. Cardeal, primeiro que tudo julgamos indispensável assegurar os sacerdotes e todos os membros da comunidade católica holandesa do nosso constante afeto e também da nossa convicção de que é indispensável reconsiderar, à luz das reflexões acima expostas, e num espírito de verdadeira comunhão eclesial, os desejos expressos e a atitude assumida, numa questão de tão grave alcance para a Igreja universal.**

**No trabalho que para este fim terá de ser realizado pela Santa Sé, nós contamos especialmente com a sua valiosa colaboração, Sr. Cardeal.**

**O seu auxílio nos será precioso, até nos contatos que se deverão ter com os bispos do mundo inteiro, a fim de que todas as conferências episcopais se mantenham em perfeita comunhão conosco e com a Igreja universal, no absoluto respeito às suas santas leis. Queremos afirmar aos sacerdotes nossos colaboradores, que seguimos e continuaremos a seguir, com afeto paterno, os seus anseios de apostolado e os seus problemas, recordando-lhes também a beleza da graça que o Senhor lhes concedeu, os seus compromissos sagrados e as exigências missionárias do seu ministério. O nosso cordialíssimo pensamento, nesta circunstância, não podia deixar de se dirigir aos jovens que, com a generosidade de seu impulso apostólico, se preparam com todo o coração para servir a Cristo e a seus irmãos no sacerdócio. Eles são, de fato, a esperança da Igreja, para a evangelização do mundo de amanhã: isto é claro, desde que se empenhem irrevogavelmente e sem reservas na forma da vida que a Igreja lhes propõe.**

**Por último, Sr. Cardeal, será preciso pedir insistentemente generosas orações à multidão das almas fiéis, que embora se conservem em silêncio, nem por isso sofrem menos nesta hora de**

**provação.**

**Que o Senhor conceda a todos, pastores e fiéis, a firmeza da fé, a força da esperança e o ardor da caridade: "A graça esteja com todos os que amam nosso Senhor Jesus Cristo, com amor inalterável" (Ef 6,24).**

**Com estes sentimentos, concedemos-lhe, Sr. Cardeal, nossa bênção apostólica.**

**Vaticano, 2 de fevereiro de 1970, dia da Apresentação de Jesus no Templo.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **9 DE FEVEREIRO DE 1970. AUDIÊNCIA AOS VIGÁRIOS E PREGADORES DA QUARESMA DE ROMA.**

**Caríssimos filhos e irmãos em Cristo.**

**Este encontro anual parece-nos revestir-se de uma importância extraordinária, porquanto se realiza uma só vez por ano, e por isso se apresenta denso de todos os desejos, de todos os problemas e de todas as esperanças, que gostariam de se manifestar aqui de algum modo, para receberem uma palavra de apreço, de estímulo e de orientação.**

**Cada um dos que estão aqui presentes pode notar que uma exigência espontânea, relativa à hora atual da vida da Igreja, impõe a este discurso certa mudança de perspectiva. Nossa palavra em vez de dirigir sua atenção para os inúmeros temas, certamente ainda não superados, da pregação quaresmal e da preparação pascal, como pediria o costume em que esta circunstância vai buscar sua origem e sua razão de ser, sente-se obrigado a dirigir-se às pessoas aqui presentes, isto é, a vós mesmos ministros, mais do que aos problemas do vosso ministério.**

**Nossa alocução torna-se deste modo um colóquio. Quer ter por característica o tom de intimidade. Quer ser animada pelo afeto. Por outras palavras, sentimo-nos cativado por esta presença, que é do maior interesse para nós.**

**Os problemas relativos ao nosso clero têm prioridade neste momento, sobre aqueles que se referem ao campo em que ele exerce suas funções sacerdotais e pastorais. O mesmo aconteceu, se bem recordamos, no ano passado, quando nesta ocasião falamos sobre a discutida posição sociológica do sacerdote no mundo contemporâneo.**

**Também neste ano, irmãos caríssimos, não sabemos falar de outro assunto, senão daquele que se refere diretamente a vós. E se cedemos a este impulso interior, não o fazemos certamente para facilitar o tema destas simples palavras, nem para aliviar o peso de nosso ministério, mas sim para nos sentirmos mais responsáveis e para dar-vos uma prova do lugar que ocupais em nosso espírito e em nossa caridade.**

**Vamos escolher apenas um assunto entre os muitos que afloram à nossa consideração: o espírito comunitário. Devemos fomentar o espírito comunitário, nesta nossa comunidade que é a diocese de Roma. Trata-se apenas de incrementar o espírito comunitário, pois reconhecemos com satisfação que ele já existe. É preciso, porém, que se desenvolva, que se intensifique e se torne uma característica de nossa espiritualidade, que se exprima em nossa atividade pastoral e que se transforme em confiança, colaboração e amizade.**

**Algumas relações comunitárias exteriores já estão em vias de realização. Muitos sacerdotes já vivem em comum, já estão inscritos nos registros da Igreja Romana, já foram inseridos canonicamente no seu contexto orgânico, ministerial e hierárquico. A comunidade eclesial existe. Mas estará esta comunidade em condições de proporcionar uma perfeita comunhão de espírito, de intentos e de obras? Não nos sentiremos às vezes solitários, no meio da multidão, que deveria ser constituída por irmãos e formar uma só família? Não preferiremos em certas ocasiões, ficar isolados, conservar o nosso individualismo, distinguir-nos, diversificar-nos, separar-nos e algumas vezes dissociar-nos, ou até mesmo opor-nos mutuamente, no interior de nossa organização eclesiástica? Sentimo-nos realmente ministros solitários no mesmo ministério do Cristo? Está sempre viva no meio de nós aquela afeição fraterna que nos torna solícitos e alegres com o bem dos nossos irmãos no apostolado, sentindo-nos humilde e santamente orgulhosos da nossa vocação, nas fileiras do clero romano?**

**A revisão da vida sacerdotal, atualmente em curso, provocada pelo Concílio, apresenta-nos estas perguntas, que se tornam cada vez mais prementes pelo fato de confluírem para esta nossa comunidade diocesana, membros muito heterogêneos que pela origem, pela formação, pelo cargo, pela preparação espiritual e cultural, são bastante diferentes uns dos outros. É preciso cerrar mais estreitamente as fileiras dos sacerdotes, dos religiosos, dos prelados, se realmente queremos ser "Igreja", isto é, congregação, família; corpo de Cristo, multidão animada pela mesma fé, pela mesma caridade, como a dos primeiros cristãos, que eram "um só coração e uma só alma" (At 4,32).**

**Não há dúvida de que este é o pensamento de Cristo. O unum sint, o "sejam um", está no centro de seus desejos (Jo 17,11). E antes que este desejo messiânico e divino (Jo 11,51; Tim 2,4), abrace a**



**humanidade inteira, dirige-se diretamente a seus discípulos (Jo 13,34). Antes de solicitar a unidade ecumênica da Igreja, o Senhor requer de nós a unidade fraterna e comunitária na Igreja. Parece-nos que uma das mais claras diretrizes do recente Concílio é exatamente a de pôr em evidência a índole comunitária de toda a humanidade, índole esta que se manifesta especialmente na intenção do plano divino sobrenatural. A Igreja católica já realiza, por virtude do Espírito Santo, este desígnio constitucional de seu fundador, mas temos o dever de ainda aperfeiçoar a sua atuação.**

**Dois fatores, a nosso ver, podem ajudar este aperfeiçoamento na unidade e na caridade, isto é, este aperfeiçoamento comunitário da vida sacerdotal.**

**O primeiro é a importância dada pelo decreto conciliar "Sobre o ministério e a vida sacerdotal" à participação subordinada da ordem presbiterial, na missão da ordem episcopal. É uma verdade conhecida, mas que foi posta mais em evidência pelo Concílio, de modo que "de ora em diante quem quiser saber o que é o padre, não poderá deixar de considerar o sacerdócio episcopal; de que ele participa, que ele compartilha e a cujo exercício deve oferecer a sua colaboração". A comunhão na Igreja é hierárquica. Esta característica constitui para ela um princípio de mais estreita e mais vital coesão.**

**O segundo fator é a noção renovada e esclarecida da solidariedade que une a ordem sacerdotal à ordem episcopal. A ordem sacerdotal foi dado o nome de "presbitério", e com o nome lhe foram dadas também uma estrutura e uma função: "Os presbíteros - diz o Concílio solícitos colaboradores da ordem episcopal, seu auxílio e instrumento, chamados para servir ao Povo de Deus, formam com seu bispo um único presbitério, empenhados, porém, em diversos ofícios". Sob a configuração associativa e jurídica, que a classe eclesiástica assume deste modo, poder-se-á descobrir um ardor espiritual mais claro e operante. Este não faz com que a autoridade eclesiástica suba democraticamente da base ao vértice, nem tende a impor-lhe as razões do número ou do pluralismo das opiniões, paralisando-lhe o exercício carismático e responsável, mas visa a tornar vitais, conscientes e concordantes a comunhão e a cooperação entre o bispo e os seus sacerdotes, e a coesão dos sacerdotes entre si.**

**Parece-nos que chegou o momento de dar ao espírito eclesial**

**comunitário uma consciência maior de si mesmo e eficiência mais intensa, especialmente entre aqueles que estão distinguidos pelo sacerdócio e ainda mais entre os sacerdotes do clero diocesano e os religiosos que se dedicam ao ministério pastoral.**

**Em Roma foi designado nestes dias o grupo de sacerdotes que vão constituir o conselho presbiteral. Atribuímos importância, significado e eficácia a este novo organismo. Julgamos também que este é o propósito de nosso venerado e zeloso cardeal vigário. Esperamos que o mencionado grupo de sacerdotes não se separe dos outros irmãos, nem muito menos se torne paladino de uma corrente que divida o clero em tendências antagônicas, mas antes seja sinal e órgão da concórdia e da colaboração, da solidariedade e da amizade dos nossos sacerdotes entre si, e alimente aquele espírito comunitário, aquela unidade e caridade a que nos referimos. Nós próprios teremos a satisfação de secundar esta fusão de espíritos e de obras, na medida em que formos conhecendo e aprovando os vossos propósitos comuns, e atendendo às vossas necessidades. Desta concórdia espiritual e operante deverão resultar programas de ação pastoral combinada e solidária, a pastoral de conjunto, como se diz, com maior economia e maior emprego de pessoas, de iniciativas e de meios e com maior eficiência de resultados.**

**Ressaltam-nos à mente alguns temas desta atividade pastoral simultânea e harmônica. Em primeiro lugar, o das vocações eclesíásticas. Não nos conformamos com a idéia de que em nosso campo pastoral não possam medrar almas juvenis e adultas, capazes de ouvirem o chamamento ao serviço heróico do reino de Deus. Pensamos que a escassez de vocações nas grandes cidades depende em grande parte de ambiente familiar e social, que torna refratária a consciência das novas gerações ao estímulo da voz do Cristo. Mas confiamos sempre em que um sacerdote que não se dá a exageros religiosos, nem à secularização, mas que vive com intensidade de sabedoria e de sacrifício o seu sacerdócio, em contato com a comunidade, principalmente com os jovens, tem a virtude, ou melhor, a graça de acender nas outras almas a chama do amor total a Cristo, que arde dentro de si.**

**Creemos que a apresentação da vida sacerdotal, com o sagrado celibato que ela comporta, vivida na plenitude da imolação ao único amor de Jesus Mestre e Senhor, de Jesus sumo Sacerdote e único Cordeiro Redentor, e também a seu completo e exclusivo**

**seguimento, no serviço pastoral do Povo de Deus, exerce maior atração para o estudo eclesiástico do que uma fórmula humanamente mais natural e aparentemente mais fácil, na qual a consagração a Cristo e o sacrifício de si próprio já não tem a perfeita e exaltadora coincidência que nós conhecemos.**

**Tudo está em o compreender. Trata-se de um carisma condicionador. Mas devemos duvidar que o Espírito o possa dar nos filhos mais generosos de nossa geração? A fortaleza moral, o dom de si, o amor a Cristo, sagrado e sobre-humano, mas verdadeiro, vivíssimo e suavíssimo, desapegado de qualquer outro amor, mesmo legítimo (Mt 19,29), numa palavra, a cruz para salvação própria e alheia, exerce um influxo mais eficaz no coração humano, do que aquele convite ao sacerdócio facilitado pela combinação do amor natural com o sobrenatural.**

**Sendo assim, mesmo considerando a necessidade preocupante de vocações eclesiásticas, pensamos que o celibato, espiritualmente transfigurado e transfigurante, é um incentivo maior para o seu recrutamento qualitativo e quantitativo, do que uma transigência com a lei canônica, que exige sua integridade e firmeza, e que constitui o epílogo da fidelidade e do amor ao reino de Deus, da experiência histórica e do combate ascético e místico da nossa Igreja Latina. Vós sabeis tudo isto, filhos e irmãos nossos, e conosco o quereis. Sede benditos.**

**Juntamente com o problema das vocações, devemos recomeçar a estudar e resolver, com propósito comunitário, o problema do seminário. Também este problema pode constituir hoje mais do que nunca, um centro de convergência de nossa comunidade eclesial, mediante o interesse, a confiança e o apoio de todos e de cada um. Uma tradição que não deve morrer fez de nosso seminário, para tantos digníssimos eclesiásticos, que foram seus alunos e seus mestres, um verdadeiro lar espiritual, mais do que uma escola de ciência e um campo de treino pedagógico. Ele foi e é a casa de nossa incomparável mãe a Igreja, a casa dos afetos que se conservam para sempre, das recordações perenes, dos propósitos que sustentam a vida. E assim deve continuar a ser sempre, para vossa coletiva e cordial fidelidade. E vós, religiosos, também tereis merecimento e proveito nisso.**

**Depois, quantos e quantos problemas esperam do espírito comunitário um exame mais sistemático e orgânico, uma solução**

**mais moderna e mais ampla: a situação econômica do clero, a vida em comum dos sacerdotes, a pregação renovada, a instrução religiosa da juventude e dos adultos, a ação católica, as novas igrejas, a assistência aos bairros pobres, a imprensa católica, a atuação metódica da reforma litúrgica, o canto religioso, a arte sacra, os exercícios espirituais etc. Chegou o momento de um despertar concorde e generoso de todas as formas de apostolado, de todo o exercício do ministério, de toda a solícitude pastoral. Todos devem trabalhar. Todos devem colaborar. A orquestra tem muitos e variados instrumentos. Cada músico toca o seu instrumento. Mas a música é uma só. Deve haver uma harmonia, uma soma de esforços comuns. Vede como o nosso vicariato, que muitos, infelizmente, só consideram sob o aspecto burocrático e disciplinar, se pode tornar o centro do fervor, da concórdia, do zelo e da caridade diocesana.**

**Não terminaríamos adequadamente esta exortação ao incremento do espírito comunitário, se não recordássemos, como já sabeis, a intrínseca relação - que ele supõe e promove - com a espiritualidade pessoal. Cairíamos na exterioridade, no cálculo puramente sociológico, no juridicismo, se o incremento do espírito comunitário não fosse acompanhado por uma intensa, íntima e pontual religiosidade interior.**

**O apostolado perderia suas raízes interiores, suas melhores e originais expressões e as suas mais elevadas finalidades se o apóstolo não fosse homem de oração e meditação. A comunidade dos fiéis, educada para a participação litúrgica, careceria de verdadeira coesão espiritual, e de verdadeiro fruto de comunhão com os divinos mistérios celebrados, se o ministro e cada um dos fiéis não tirassem do rito e nele não infundissem um fervor religioso próprio. A Igreja deixaria de ser Igreja, se, à atuação da caridade fraterna, não antepusesse e infundisse a caridade divina, que exige o colóquio silencioso da alma, que escuta e contempla dentro de si e diz a Cristo, que se tornou presente a ela e nela, as suas palavras infantis e simples, balbuciando, chorando, suplicando, exultando ou cantando. Palavras suas secretas, talvez só compreendidas por Deus. Palavras pronunciadas inefavelmente por nós, só com o Espírito e talvez pelo próprio Espírito Santo em nós, gemitibus inenarrabilibus (Rom 8,26), com gemidos inenarráveis. A vida interior não pode ser substituída. E especialmente em nós ministros do Senhor, não pode nem deve faltar.**

**Permiti que terminemos com esta "liturgia da palavra". É são Paulo que emprega a expressão, em sua Carta aos filipenses: Filhos e irmãos, "se há alguma consolação em Cristo, se algum caridoso estímulo, alguma comunhão de espírito, alguma ternura e compaixão, completai a minha alegria, permanecendo unidos. Tende um mesmo amor. Uma só alma e os mesmos pensamentos.**

**Nada façais por espírito de partido ou vanglória, mas com humildade, considerando os outros superiores a vós mesmos, visando não aos seus próprios interesses, mas aos dos outros. Tende em vós a estima que se deve em Jesus Cristo" (Flp 2,1-5).**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **20 DE MARÇO DE 1970. AOS MEMBROS DO CONSELHO DOS LEIGOS REUNIDOS EM ROMA EM SESSÃO PLENÁRIA.**

É com grande satisfação que vos recebemos no término de vossos trabalhos, caros filhos e amigos, membros e consultores do Conselho dos leigos. Sentimo-nos feliz por ouvir, através de vossas palavras, o eco do magnífico apostolado do Povo de Deus no mundo. Vós, sois, de certo modo, nossos peritos e conselheiros neste campo, e foi por este motivo que permitimos que alguns de vós tomassem a palavra durante esta audiência. Estamos grato de modo particular a Dom Derek Werlock, à Dona Branca Alves, e ao Sr. Rienze Rupasinghe por terem sido vossos porta-vozes diante de nós.

Eles exprimiram muito bem o orgulho e a alegria que sentis pela grande missão que a Igreja vos confiou, sem dissimular as dificuldades encontradas: as "tensões" que se tornaram, como parece, uma característica de nossa, época e que afetam também o campo do apostolado - tensão entre a Igreja e o mundo, entre a fé e a vida, entre o clero e o laicado ate. Mas parece-nos entrever no vosso tríplice testemunho, uma decidida vontade de dominar estas tensões, transformando-as em diálogo, para depois as colocardes ao serviço do bem. Louvamos o vosso propósito de prosseguir na obra empreendida, sem deixar de a aperfeiçoar e aprofundar. De muito bom grado vos asseguramos que no vosso precioso trabalho a serviço da Igreja, o estímulo e a bênção que nos viestes pedir, não vos hão de faltar.

Desejamos agora aproveitar a ocasião, que vossa presença nos oferece, para refletir convosco sobre a figura do leigo na Igreja.

O que é o leigo? O que é o leigo católico? Que auxílio espera a Igreja do vosso Conselho, para promover o apostolado dos leigos no nosso tempo?

Há um ensinamento em que deveis meditar para garantir sua realização no Povo de Deus, segundo três dimensões essenciais.

Em primeiro lugar, a pessoa humana. É preciso recordar que cada pessoa é criada à imagem de Deus, é superior a todo o universo visível. e tem um destino eterno.

**Mas esta pessoa humana, que nós consideramos sob o aspecto específico de leigo, é chamada a realizar o seu destino no coração do mundo profano, a partilhar dos sofrimentos e das alegrias da comunidade humana, a assumir em si as solidariedades sociais e culturais, que lhe dão direitos e deveres, e também lhe oferecem inúmeras possibilidades de exercer influxo na organização e no dinamismo do mundo.**

**Tudo isto indica, por, outras palavras, o papel eminente e a dignidade da pessoa humana, e também a obrigação que a sociedade tem de a respeitar, tanto por si própria como nas suas relações familiares e sociais.**

**Depois a pessoa cristã. O fato de ter sido batizada, dá à pessoa humana outro título que lhe aumenta a grandeza. Pelo batismo entra num mundo novo, de horizontes infinitos: o mundo da fé, o mundo da graça.**

**O leigo aparece então na sua dignidade superior de membro do Povo de Deus, elevado ao plano sobrenatural, com a possibilidade de se tornar cidadão do céu, com novos direitos e deveres, que mesmo na vida terrestre o homem, apenas com as próprias forças, não poderia pretender nem realmente possuir.**

**Por fim, o leigo católico, membro da Igreja Corpo místico -que é uno e ao mesmo tempo tão diferenciado, o leigo considerado não só como sujeito passivo, como muitas vezes sucedeu no passado, mas também como sujeito ativo na igreja, segundo a doutrina formal do II Concílio Ecumênico do Vaticano.**

**Não é certamente a vós que devemos lembrar que a constituição Lumen Gentium, depois de ter enunciado o dever da obediência e da oração dos fiéis, pede aos pastores que "reconheçam e tornem efetivas a dignidade e a responsabilidade dos leigos na Igreja. Aproveitem de bom grado seu conselho prudente, confiem-lhes serviços para o bem da Igreja, e deixem-lhes liberdade e campo de ação. Animem-nos a empreender outras obras por iniciativa própria. Considerem atentamente, diante de Deus e com paternal afeto, as iniciativas, as propostas e os desejos manifestados pelos leigos (1 Tes 5,19; 1 Jo). Enfim, hão os pastores de reconhecer respeitosamente a justa liberdade que a todos compete na sociedade temporal".**

**Quem não vê o vasto campo de ação que foi aberto ao Conselho pelos ensinamentos do Concílio? Em que direção irá trabalhar para que se realizem as grandes perspectivas de apostolado dos leigos delineadas nos diversos decretos ou constituições do II Concílio do Vaticano? Seu papel deverá ser desempenhado, segundo nos parece, em função de dois pólos: os leigos e a hierarquia.**

**Com respeito aos leigos, o vosso Conselho deve manter-se numa atitude de escuta e de diálogo, pronto a avaliar, nos meios em que vivem, as necessidades e as possibilidades de salvação. Para tanto procurará suscitar, em união com os episcopados das diversas partes do mundo, as formas de apostolado que, muito embora respeitando a índole e o caráter de cada cultura, se unem todas na comunhão da Igreja, pela afirmação clara de sua identidade católica.**

**Ao agir deste modo, deveis lembrar-vos e provar que o zelo e a dedicação não são suficientes. Também é preciso servir-se da reflexão, da meditação e do confronto constante com o Evangelho e com o magistério da Igreja.**

**Nesta perspectiva, impõe-se um confiante intercâmbio de idéias e experiências entre sacerdotes e leigos, que, examinando em conjunto as mesmas situações, os mesmos acontecimentos e as mesmas necessidades do mundo, trabalhem para realizar as respectivas vocações e missões.**

**Consideramos que a primeira responsabilidade do Conselho dos leigos, diletos filhos, é precisamente esta. A segunda não é menos importante:.. diz respeito à articulação do apostolado dos leigos com o da hierarquia, duas forças que a própria constituição da Igreja não permite sejam consideradas divergentes. Também neste ponto vosso testemunho deve ser exemplar.**

**Ao ouvirdes as vozes do mundo, podeis considerar-vos intérpretes qualificados dos inumeráveis filhos que o Pai comum desejaria poder ouvir.**

**Corno também no ano passado vos afirmamos, contamos convosco, para que sejais os porta-vozes da solicitude pastoral, que temos por eles. Aliás, o lugar que o Conselho dos leigos é chamado a ocupar atualmente entre os órgãos centrais da Igreja, autoriza-o a procurar**



os melhores meios, para conjugar e harmonizar sua missão com a dos diversos dicastérios, secretariados e comissões da Cúria Romana, respeitando as competências de cada um destes organismos. Com esta visão de conjunto, que deveis adquirir, vireis a conhecer a vossa função nos seus limites, e também as vossas responsabilidades com toda a sua extensão, e nas suas específicas características. Deste modo aumentará em vós cada vez mais o sentido de Igreja hierárquica, na qual tudo deve ser examinado em termos de confiança, de serviço e de comunhão.

No que diz respeito à missão que acabamos de delinear em grandes traços, estamos certos de que podemos contar com a vossa fidelidade à Sé de Pedro e com a seriedade da vossa reflexão. Ambas são necessárias hoje mais do que nunca, neste período tão atormentado para a Igreja e para o mundo.

Embora a vossa proveniência, a vossa formação, os vossos compromissos sejam diversos, única deve ser a vossa preocupação: pregar Jesus Cristo, anunciar com alegria a boa-nova da salvação. O mundo tem tanta necessidade desta boa-nova, como de alimento. Um de vossos intérpretes no-lo disse com muita felicidade, há bem pouco. Pode-se mesmo dizer que raramente se verificou com mais clareza do que hoje, a urgente necessidade de cristianizar o mundo, este mundo evoluído e inquieto, que se tornou capaz de explorar o cosmos e também de se destruir a si mesmo. Mais do que nunca é a hora do Evangelho, a hora da penetração do fermento do cristianismo em toda a sociedade.

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **1 DE JUNHO DE 1970. ALOCUÇÃO AOS BISPOS E SACERDOTES DO CLERO ESPANHOL EM ROMA POR OCASIÃO DA CANONIZAÇÃO DE SÃO JOÃO DE ÁVILA.**

**Irmãos no episcopado, queridos sacerdotes,**

**É com grande alegria que hoje recebemos vossa visita, enquadrada nos atos comemorativos da canonização de São João de Ávila, padroeiro do clero secular espanhol. Sede bem-vindos, sacerdotes da nossa querida Espanha, êmulos do novo santo, empenhados em encarnar a sua figura exemplar nas vossas vidas sacerdotais. Achamos que a vossa presença torna este encontro particularmente propício, para meditar na vossa entrega a Cristo e à Igreja, partindo de uma realização que, como a deste santo espanhol, mestre de vida sacerdotal, vos é tão congenial.**

**Caríssimos filhos, permiti-nos refletamos agora convosco, embora por poucos instantes. Com o II Concílio do Vaticano, a Igreja e com ela a hierarquia, os sacerdotes e o povo fiel estão em fase de exercícios espirituais. Ele convida-nos a definir e a compreender melhor o nosso sacerdócio. Este ato de reflexão sugerido -pelo santo que canonizamos e pelo recente concílio, refere-se a dois aspectos de nossa missão.**

**O primeiro é o da natureza do sacerdócio ministerial. Todos vós sabeis quantas questões tem sido levantadas nestes últimos anos sobre o conceito de nosso sacerdócio, ao ponto de se ouvir dizer freqüentemente que hoje o sacerdócio sofre uma crise na própria consciência, daqueles que o escolheram como estado de vida e que nele tiveram a ventura de ser admitidos sacramentalmente. Este é um dos pontos que perturba hoje grandemente a Igreja, e que nos dá vo-lo confiamos fraternalmente - maior preocupação e maior dor. Vós sabeis que há quem abandone as santas fileiras do sacerdócio, por decadência moral, por cansaço espiritual ou com receio de se ter enganado na eleição do sagrado ministério. Além disso, alguns profetas da dúvida e da crítica negativa contestam a existência do próprio sacerdócio ministerial, sua existência e razão de ser, não hesitam ataca-lo com contestações radicais. Certamente não desconheceis as tendências que têm a propensão de assimilar o estado clerical ao estado secular; e que pretendem "desclericalizar" o sacerdócio, submergindo os que para ele se preparam ou já o**

receberam, na vida profana, nas experiências mundanas e nas profissões leigas. Sabemos que, às vezes, a origem destas inquietações se encontra em aspirações legítimas e nobres do clero, em necessidades especiais de rever algumas posições incômodas da vida eclesiástica. Aspirações e necessidades a que os pastores da Igreja procuram sábia e cuidadosamente prestar atenção e dar remédio. Mas a questão fundamental é a que se refere à consciência, que o sacerdote deve ter de si próprio, segundo a mente da santa Igreja. Gostaríamos que essa questão fosse superada, por meio da palavra, do exemplo e da intercessão de São João de Avila. Superada sobretudo entre o clero espanhol, que pode dar graças ao Senhor pela magnífica riqueza de fé, de fidelidade, de virtude e exemplaridade que não só distingue a sua tradição secular, mas em geral a sua própria atitude moderna, com enorme satisfação para a Igreja, honra para a generosa nação espanhola, e benefício espiritual para o mundo profano.

Escutemos, entre outras, umas palavras do novo santo. Ele escreve: "Não conheço nada mais eficaz para os persuadir do que devem fazer do que recordar-lhes a grandeza do benefício que Deus nos concedeu, chamando-nos para o "elevado ministério sacerdotal. Porque havendo tantos a quem podia fazer esta concessão, elegeu-nos ab omni vivente, elegeu-nos dentre todo vivente" (Eclo 45,4).

Será, por acaso, necessário recordar-vos que São João de Avila acompanha este chamado com uma autêntica consciência sacerdotal, fazendo-se mestre de vida interior, especialmente insistindo na necessidade da oração, sobretudo, da oração mental, sem o que o sacerdote teria pobreza espiritual, e o pregador careceria da palavra convincente?

O segundo aspecto refere-se à eficácia da missão sacerdotal. Não vos escondemos as dificuldades que o sacerdote encontra, quando procura o modo para transmitir a mensagem de salvação ao homem moderno. Sente o peso de uma sociedade que reclama, como próprios, os princípios cristãos: a justiça, o respeito pela pessoa humana, o desejo de paz e de unidade; mas talvez profundamente desviados do sentido de Deus, do sentido do Cristo.

Para que o Concílio alcance seu objetivo é preciso tomar consciência exata do mundo concreto, em que se exerce nossa experiência sacerdotal particular. É necessária não só uma atenção constante às faltas, às misérias, e, sobretudo, às esperanças, que

**brotam à nossa volta, mas também uma prontidão de ânimo para lhes ir ao encontro. É aí que, por meio do vosso serviço, a Igreja pode travar um diálogo vivo com o mundo.**

**Ele também exige a vossa entrega total, sem reminiscências profanas, de maneira que o anúncio da mensagem evangélica possa ser contemplado, compreendido e imitado pelos irmãos, através do vosso testemunho pessoal.**

**A figura de são João de Avila surge agora, quase poderíamos dizer, com uma finalidade profética, para vos indicar uma regra. Ele soube intuir os problemas de vossa pátria, que então se abria ao mundo novo, recentemente descoberto. Soube assimilar, com espírito da Igreja, as novas correntes humanistas. Soube reagir com visão justa aos problemas dos sacerdotes, sentindo a necessidade de se purificar e reformar para prosseguir o caminho com novas energias.**

**As características de seu sacerdócio não são difíceis de descobrir, quer nos seus escritos, quer na sua vida. O sacerdote é o ministro da palavra e dos sacramentos. Esta responsabilidade exige dele uma santidade de vida não comum, um zelo opostólico sem limites. uma fidelidade sincera à Igreja. Exortamo-vos a seguir o seu exemplo e a adaptar os seus ensinamentos às vossas vidas e ao vosso estilo sacerdotal. Permanecei unidos aos vossos pastores para serdes fiéis à Igreja. O que o mundo exige de vós é um esforço comum indispensável, para que a mensagem salvadora seja transmitida pura e imaculada.**

**Esperamos, queridos sacerdotes, que estas breves reflexões produzam no vosso coração um anseio constante de perfeição religiosa e sacerdotal. Nutrimos a esperança de que a preocupação de o tornar todos os dias vida, há de crescer em vós cada vez mais. Que são João de Avila vos ilumine e ajude nestes propósitos.**

**Com estes desejos recebei, irmãos no episcopado e todos vós queridos sacerdotes, uma especial bênção apostólica, que com muito prazer fazemos extensiva a todos os sacerdotes espanhóis.**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **11 DE AGOSTO DE 1971. AUDIÊNCIA GERAL.**

### **Diletos filhos e filhas**

**O Concílio fez ressoar em nossos ouvidos outra palavra, entre as mais repetidas e cheias de significado, de um significado que revela e renova o semblante da Igreja: a que se refere ao laicato.**

**Saudamos esta palavra como um termo fundamental da Constituição da Igreja, como uma definição que diz respeito a todos nós e como um programa, que faz parte da mesma missão apostólica da Igreja.**

**Nestes últimos anos, antes e depois do Concílio, falou-se tanto deste tema, que parece supérfluo tomá-lo como objeto de novas considerações. Mas não é inútil dedicar-lhe um momento de reflexão, para obter aquilo que mais nos interessa: fazer com que os ensinamentos originais e característicos do Concílio, operem na nossa consciência eclesial.**

**O termo "leigo" não é original na nossa nomenclatura, porque já tinha sido estudado e empregado antes mesmo do Concílio, no significado que este mesmo adotou. Já em 1946 por exemplo assim se exprimia o nosso grande e venerável predecessor Pio XII: "Eles, principalmente eles, os leigos, devem possuir uma consciência cada vez mais clara, não só de pertencer à Igreja, mas também de ser a Igreja, quer dizer a comunidade dos fiéis que estão aqui na terra, sob a guia do chefe comum o Papa, e dos bispos em comunhão com ele. Eles são a Igreja".**

**É porém um termo característico, porque o II Concílio do Vaticano dedica aos leigos longas passagens de seus documentos, e muitas vezes refere-se explicitamente a ele. Basta recordar que a Constituição Dogmática sobre a Igreja, intitulada Lumen Gentium, consagra aos leigos todo o capítulo IV, e que um decreto especial foi inteiramente dedicado aos leigos, o Apostolicam Actuositatem. Não se pode ter uma idéia adequada, embora sumária, dos ensinamentos do Concílio, se não se atribui um lugar especial ao laicato.**

**Mas prestemos atenção ao significado polivalente da palavra "leigo". A etimologia leva-nos a identificá-la com o termo: "popular". "Laos" em grego, significa povo. Por este motivo, para nós, o leigo é aquele**

**que pertence ao Povo de Deus. O Concílio pôs em relevo esta expressão, quase para fazer dela o equivalente histórico, social e espiritual da Igreja. É uma expressão que deve ser integrada com as outras, que procuram definir a Igreja, especialmente com aquela que é o ápice de todas, a de Corpo místico de Cristo.**

**Para a Igreja, leigo é aquele que é inserido nela, como membro vivo e operante, por meio dos sacramentos da iniciação cristã, o primeiro dos quais é o batismo. Um aspecto negativo limita a fisionomia eclesial do leigo, porque ele não recebe a ordenação sacramental, que faz do cristão, isto é, do leigo, ministro detentor de um poder particular diaconal ou sacerdotal, e também porque não pertence oficialmente ao estado religioso. O leigo não é um padre, o leigo não é um religioso. Isto foi suficiente para que o termo "leigo" viesse a assumir, na linguagem comum, o significado de profano, recordemos o verso de Horácio: "odi profanum vulgus et arceo, odeio a plebe profana e a detesto", e até de secular e depois de a-religioso, ou, pior ainda, como se diz hoje de laicista, e muitas vezes de anti-religioso e anticlerical.**

**Conservemos, porém, o significado que nossa família eclesial atribui ao termo "leigo", para recordar que para nós, ele quer dizer que somos, individualmente, cidadãos do Povo de Deus, membros da Igreja, fiéis, cristãos. Procuremos ter grande consideração por este título, por causa da dupla dignidade que o Concílio lhe atribui. Podemos simplificar conceitualmente deste modo: a dignidade do seu ser e a dignidade de sua missão, ou, por outras palavras, a dignidade de seus direitos e a dignidade de seus deveres. Podemos encontrar a Carta dos direitos do leigo católico no primeiro documento que citamos, a Lumen Gentium. Seus deveres estão amplamente descritos no Decreto, que também citamos, sobre a atividade dos leigos, atividade que recebe a qualificação de apostolado.**

**Estas belíssimas e memoráveis páginas ensinam-nos muita coisa que devemos dizer, estudar e fazer. Exortamos a todos a conhecê-las melhor. Assim podemos ver que a estrutura do laicato tem suas raízes na constituição interior e sacramental da própria Igreja. Que o laicato, nascido do batismo, corroborado pela confirmação e alimentado pela Eucaristia, constitui a base de igualdade de todos os que possuem a sorte de ser membros da Igreja: todos nós somos iguais, todos somos irmãos (Mt 23,8), todos estamos animados pelo mesmo Espírito vivificante e santificante (1 Cor 12,4). Que a unidade**

**é o princípio e o termo da vida da Igreja, a sua exigência vital, aquela que gera e justifica a pluralidade das funções operativas e hierárquicas do mesmo corpo eclesial, que, por isso, é um povo sacerdotal (Apoc 1,6; 1 Pdr 2,4-10), ou seja, dedicado ao culto divino e à santificação própria e do mundo, formado e governado por um sacerdócio, que participa, mais plenamente, do sacerdócio de Cristo e que possui faculdades próprias, sobre-humanas e específicas, para o serviço dos irmãos. Assim a estrutura mística e visível da Igreja aparece mais evidente no seu caráter unitário e comunitário, e ao mesmo tempo orgânico e hierárquico, carismático e também institucional. Este é um ponto que hoje merece atenta consideração.**

**E do apostolado dos leigos que podemos dizer? É uma vocação, por isso livre, porém moralmente obrigatória. Uma das verdades afirmadas com maior energia é a seguinte: a participação na missão da Igreja está aberta a todos os cristãos seus filhos. Está aberta, mas é obrigatória, porque não devem existir membros inertes e passivos no corpo místico de Cristo. Todos e cada um devem colaborar de maneira e em medida diversas, mas com responsabilidade comum, na obra apostólica da Igreja.**

**Falou-se muito deste ponto, mas dada a indiferença de tantos católicos, e a desconfiança que muitas pessoas manifestam, em nossos dias perante as formas associativas, o proselitismo e o anseio de comunicar aos outros a fé e a caridade da Igreja, pode-se perguntar se o apostolado ativo, organizado e comunitário está em fase de progresso ou encontra-se paralisado e em decadência.**

**Felizmente são muitos os modos com que esta vitalidade da fé e da caridade, que hoje chamamos apostolado, se manifesta.**

**Isto faz nascer a esperança e merece compreensão e apoio: Permanece, contudo, uma fórmula clássica, aquela que estabelece relações estreitas e orgânicas, entre a atividade apostólica dos leigos e a hierarquia eclesial, e que ainda se chama, quase por antonomásia, Ação Católica. Recomendamo-la sem cessar ao clero, pedindo que a favoreça e assista. Recomendamo-la aos leigos mais corajosos e generosos, a fim de que nela saibam infundir sua intuição das necessidades dos tempos, a riqueza das suas energias e a comunhão total com a Igreja de Deus.**

**A todos os leigos que não julgam severa ou fora de propósito esta**



**nossa exortação, e a todos vós aqui presentes damos a nossa afetuosa bênção apostólica.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



**29 DE OUTUBRO DE 1971. DISCURSO DURANTE A LITURGIA  
REALIZADA POR OCASIÃO DO ENCERRAMENTO DA I  
ASSEMBLÉIA DO PRESBITÉRIO ROMANO.**

**Aceitamos com prazer o convite de nosso Cardeal Vigário para assistir ao encerramento deste congresso pastoral, primeiro que tudo, porque nos proporciona a ocasião de estarmos no meio de vós, sacerdotes e religiosos romanos, consagrados ao sagrado ministério, de nos encontrarmos convosco e de sentirmos e demonstrarmos que somos o vosso bispo.**

**Com efeito, não há nada que possa corresponder melhor aos desejos e sentimentos de um bispo do que estar no meio de seus sacerdotes, senti-los perto de si, e dar-lhes a saber, também de um modo sensível, que vivendo em comunhão com seu bispo, são objeto de seu interesse e da sua assistência.**

**Além disso é a primeira vez que temos a oportunidade de tomar contato com o clero romano, constituído em presbitério, segundo as recentes prescrições conciliares e de o saudar, sentindo uma profunda satisfação ao verificar que esta nova instituição se dedicou imediatamente ao estudo de temas de elevado interesse comum.**

**Podemos assim exprimir pessoalmente e de viva voz o nosso apreço por este gênero de iniciativas, destinadas a experimentar e a promover aquela comunhão mais intensa, de sentimentos e de ação, ensinada pelo Concílio, entre o clero de uma diocese. Julgamos realmente que esta circulação de estudos e de idéias, esta aceleração de atividades pastorais, este confronto e intercâmbio de experiências, e esta comum formulação emuladora de novos programas, constituem um dos melhores resultados do Concílio. Não se trata de uma ostentação de palavras vãs em prejuízo de uma operosidade efetiva, mas de um esforço meditado e compartilhado para superar uma praxe consuetudinária, que o tempo tornou indolente e superficial. Também para infundir na caridade pastoral, ou seja, no ministério, o dinamismo que lhe compete, para remontar às razões e exigências teológicas do mesmo ministério, para aplicar com precisão unânime e confiante, as novas normas que a autoridade eclesiástica emana, e utilizar apostolicamente a margem de liberdade discricional, deixada pela lei ao zelo do pastor de almas, para que o exercício do ministério seja adaptado às**

**necessidades, às aspirações, e às circunstâncias locais.**

**É esta, portanto, a nossa saudação, a nossa palavra de estímulo e a nossa bênção. Mas talvez nos pergunteis: e não nos diz sequer uma palavra sobre o tema?**

**Sentimos certa hesitação em entrar no âmago do tema específico deste Congresso, tema que, segundo nos informaram, é "a nova mentalidade para a renovada celebração dos sacramentos". Nossa hesitação é causada pela amplitude do próprio tema e pelas conferências que já ouvistes sobre o assunto, inspiradas, segundo nosso parecer, pela ciência e pela competência. Apraz-nos encomiá-las mais do que acrescentar-lhes outras considerações.**

**Se quereis que digamos uma simples palavra de apreço pelo título que propõe o objeto deste congresso, esta palavra é de aprovação. Apesar da brevidade de seu enunciado, aparece duas vezes nele o conceito de novidade. No seu duplo aspecto este conceito de novidade tem dois gumes. O primeiro é positivo, indica incremento, desenvolvimento vital, sinal característico dos valores autenticamente cristãos, ou seja, conserva-se sempre igual a si mesmo, e sempre fecundo como uma árvore, que é sempre a mesma, quando cresce, floresce e frutifica nas estações próprias. O outro aspecto é negativo: repudia tudo o que a tradição nos oferece, mesmo o que ela tem de intangível, e fiando-se na mudança como tal, introduz no campo doutrinal e moral da Igreja elementos arbitrários e heterogêneos que deformam sua verdadeira doutrina e as linhas que a constituem.**

**Em nosso caso, porém, este recurso ao conceito de novidade é, sem dúvida, positivo, legítimo e até mesmo necessário, quando se refere à nossa mentalidade que, como se diz, deve ser nova. Dizer a homens de Igreja que devem renovar sua mentalidade, à primeira vista parece uma ofensa, como se eles se tivessem afastado do caminho justo, ou estivessem oprimidos pelo peso de uma senilidade moral. Também parece perigoso, como se a desejada renovação de sua mentalidade, permitisse considerar sem valor a formação que receberam, e abandonar-se ao capricho de pensamentos e experiências.**

**Mas não é assim. A renovação da mentalidade de que se fala É: a que sacode o hábito inerte de se limitar a fórmulas cômodas e**

**antiquadas de pensar e de agir, de evitar o esforço da reflexão, quer sobre as verdades teológicas que, pela densidade e profundidade do seu conteúdo, deveriam alimentar sempre a contemplação, a investigação e a celebração de quem fez delas a luz da própria vida espiritual. Quer também sobre as realidades exteriores, ou seja, sobre as exigências pastorais e as condições do mundo, realidades essas que se encontram, como todos sabemos, num processo de contínua e profunda mudança. Por mentalidade nova compreendemos a inteligência pronta e aberta, o respeito devido ao preceito do Cristo, sobre a obrigação da vigilância muitas vezes repetido, a conservação da juventude de que fala são Paulo, quando nos exorta: "Por isso não desfalecemos. Ainda que em nós se destrua o homem exterior, o interior renova-se diariamente" (2 Cor 4,16), acrescentando quase textualmente para nosso caso, que devemos renovar espiritualmente a nossa inteligência (Ef 4,25).**

**Ora, gostaríamos realmente que o clero romano, depois do Concílio do qual, talvez ainda não tenhamos avaliado toda a importância e responsabilidade que tem para nós, adquirisse uma mentalidade adequada à hora presente. Não se trata de uma libertação arrogante do patrimônio de bons pensamentos e de usos locais, que herdamos de nossa educação, nem de aceitar cegamente com adesão servil as idéias e as inovações de proveniência estrangeira e de tendências discutíveis. Trata-se sim de haurir de nossa romanidade uma nova e autêntica espiritualidade, na qual a fé, com a sua certeza e o seu convite a urna perene meditação e à caridade com a sua exigência e a sua universalidade, infundem na alma sacerdotal do padre, especialmente do que se dedica ao ministério pastoral, um modo de pensar, uma mentalidade, a que poderíamos chamar característica, pelo fato de, como diz são Cipriano, ser plasmada e fundada segundo o exemplo da Igreja católica, que é exatamente esta Igreja romana, na qual se realiza mística e historicamente um desígnio divino, e que longe de inspirar orgulho ou vaidade, egoísmos banais ou interesses terrenos, nos deve tornar cada vez mais conscientes, pois pertencemos ao clero romano, do nosso dever de exemplo, de serviço, de zelo e de incomparável amor a Cristo Senhor e à sua Igreja. Sim, vejamos se conseguimos imprimir uma profunda espiritualidade interior nesta nossa condição de vida que nos insere no mistério da Roma católica.**

**Se estivermos persuadidos desta realidade, ser-nos-á fácil refletir sobre a outra novidade, enunciada pelo vosso tema: a da nova pastoral dos sacramentos. Neste campo a novidade é imposta**

**principalmente pela reforma litúrgica. Sabeis qual é. Mas, além da simples aplicação ritual, justificam-na duas observações. Uma refere-se à sua coerência teológica. A outra à sua fecundidade pastoral. Evidentemente é oportuna e até necessária uma reflexão teológica. Primeiramente, sobre o próprio conceito de sacramento, que é uma ação divina realizada por uma ação humana. A primeira, causa principal da graça. A segunda, instrumento e condição.**

**Este encontro misterioso da ação transcendente de Deus com a ação ministerial do homem, merece contínua reflexão, admiração sempre nova e constante vivacidade de sentimentos, até porque seu caráter existencial e sua incessante repetição, se quisermos que a ação sacramental não venha a decair num formalismo exterior, e quase supersticioso, exigem esta atenção infatigável e esta descoberta sempre nova.**

**Em segundo lugar, esta reflexão doutrinal é exigida pela natureza do sacramento, que sabemos ser o símbolo, o sinal de uma intervenção e de uma colação eficaz da graça divina. Ser sinal quer dizer ser linguagem. Significa que o sacramento no seu próprio elemento sensível oferece o tema, escolhido por Cristo, da inexaurível meditação, que leva ao encontro do desígnio divino, segundo o qual Cristo nos quer fazer compreender um pouco do mistério ao qual nos quer associar. Significa, portanto, que a nossa mentalidade, em relação à vida sacramental, deve esforçar-se continuamente por penetrar o significado de símbolo sacramental.**

**Pensai no batismo. São Paulo exorta-nos a esta passagem da experiência exterior do sinal sensível, para a compreensão do seu significado, que se realiza numa específica comunicação da graça, ou seja, de misteriosa vida divina, à nossa humilde vida humana: "Ignorais, porventura, que todos nós, que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? Pelo batismo sepultamo-nos juntamente com ele, para que assim como Cristo ressuscitou dos mortos, mediante a glória do Pai, assim caminhemos nós também numa vida nova" (Rom 6,3-4).**

**Em quantas verdades sobrenaturais profundas e estupendas nos faz pensar o símbolo eucarístico do pão e do vinho, a primeira das quais é a unidade do Corpo místico! Em que plenitude de amor nos faz pensar o matrimônio, como sinal da caridade que existe entre Cristo e a Igreja pela qual ele se imolou! (Ef 5,25). E assim por diante.**

**Tudo isto quer dizer que a mentalidade nova, com que devemos celebrar os sacramentos, consiste não só no estilo verdadeiramente digno da sufi celebração, em que transparece a fé trepidante e feliz do ministro, mas também numa catequese apropriada sobre cada um dos sacramentos. Pode-se dizer que em nossos costumes religiosos, só a primeira comunhão é objeto desta solicitude.**

**A pastoral renovada deve estudar e aplicar métodos muito mais aperfeiçoados, também para a celebração dos outros sacramentos. A pedagogia sacramental deve ser mais desenvolvida na vida pastoral. A eficácia causadora da graça é toda e principalmente de Deus, que opera no mesmo ato sacramental, ex opere operato, como dizem os teólogos. Mas a eficácia instrumental, que condiciona esta misteriosa ação divina, depende do homem, ex opere operantes, do ministro do sacramento, de quem o recebe, e também da comunidade eclesial, que participa na celebração e na colação dos sacramentos.**

**O que devemos desejar, então, para que a pastoral sacramental seja renovada? Devemos desejar uma preparação catequética e espiritual maior, uma celebração ritual e comunitária mais perfeita, tanto da parte dos ministros como da parte dos fiéis, e uma inserção mais consciente do fato sacramental na vida concreta. O sacramento tende a produzir efeitos permanentes e morais. Mas vós sabeis tudo isto perfeitamente.**

**Se a vossa atividade pastoral se aperfeiçoar, no campo do ministério sacramental, será um ótimo fruto deste congresso. Este ano quereis deter vossa atenção no sacramento do matrimônio. Que vasto e novo campo de ministério é o da família cristã, especialmente antes de sua fundação, depois de sua inauguração religiosa e por fim no seu sucessivo andamento.**

**A pastoral da família apresenta-se hoje como sendo a mais oportuna a mais empenhativa, e também a mais fecunda em resultados benéficos e duradouros. É verdade que pode exigir do pastor de almas um trabalho intenso e delicado, mas também lhe dá as maiores satisfações e os maiores méritos. Esperamo-lo de todo o coração.**

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **28 DE JANEIRO DE 1972. AUDIÊNCIA AOS MEMBROS DO TRIBUNAL DA ROTA ROMANA, NA ABERTURA DO ANO JUDICIÁRIO.**

**Nós prestamos homenagem a vossa magistratura. A Sagrada Escritura mediante as palavras constitutivas de São Paulo, atribuiu-nos esta obrigação (I Cor 6,11; Mt 18,15-17). A Tradição que tem origem na anterior ao Novo Testamento, torna-nos guardas ciosos e executores dos serviços que na Igreja organizada e visível, como é a nossa Igreja católica, a autoridade responsável deve prestar, para a tutela dos direitos de cada membro da comunidade de amor, que é precisamente a Igreja, assim como para a observância de cada um dos respectivos deveres.**

**Nós hoje pretendemos manifestar nesta audiência, precisamente este reconhecimento da justa relação entre a Igreja e o Direito Canônico, embora aqui nos limitemos a considerar o vosso campo particular, o judiciário, reafirmando a legitimidade, a dignidade e a importância da vossa tarefa, não tanto pela íntima e paralela analogia que existe entre a administração da justiça eclesial e a justiça civil, quanto pela sua original derivação do desígnio constitucional divino da Igreja, Corpo místico de Cristo, animado pelo espírito de liberdade, de amor, de serviço e de unidade, desígnio este que o recente Concílio nos recordou com a sua doutrina eclesiológica.**

**Discutiu-se tanto sobre a existência de um Direito Canônico, ou seja, de um sistema legislativo dentro da Igreja que se chegou ao ponto de qualificar como "juridicismo", com certa reprovação e ironia todas as suas solicitudes normativas, desqualificando, portanto, este aspecto da vida eclesial, quase como se as expressões imperfeitas da atividade legislativa na Igreja justificassem a reprovação e a abolição desta atividade, em virtude de interpretações inexatas de alguns passos da Sagrada Escritura (Gal 2,16-18; Rom 4,15). Não se pensa que "uma comunidade sem lei longe de ser ou de poder ser neste mundo a comunidade de caridade, nunca foi nem nunca será mais do que a comunidade da arbitrariedade". Além disso, não se observa o fato de se ter manifestado, talvez nunca como no nosso tempo, tão mal disposto em relação ao Direito Canônico, devido a uma determinada e abusiva interpretação do recente Concílio, como se ele tivesse**



**atenuado os vínculos jurídicos e essenciais na Igreja, uma tendência prolífera legislativa a qualquer nível eclesial, devido à impelente necessidade de sigilar em cânones de nova insti- tuição as inovações mais diversas e às vezes até ilógicas?**

**Este fato que certamente também contém propósitos de reformas são e de desejáveis atualizações, que a Igreja hoje não só permite e orienta, mas também promove, deixa-nos apreensivo, devido às possíveis incoerências destas novidades jurídicas em relação à doutrina e à norma que vigem nos ensinamentos da Igreja. Isto ainda mais porque esta tendência a mudar a praxe eclesial segundo princípios novos e discutíveis passa facilmente do campo jurídico para o campo moral, invadindo-o e subvertendo-o com fermentos perigosos. Minando primeiro o conceito óbvio de direito natural e depois a autoridade da lei positiva religiosa ou civil, porque é exterior à autonomia pessoal ou coletiva. Libertando de tal modo a consciência de um claro conhecimento e da honesta consideração da obrigação moral objetiva, torna-a por assim dizer livre e só, é verdade, mas infelizmente constitui um critério cego da ação humana, abandonada assim à deriva e exposta ao oportunismo de cada situação ou aos impulsos instintivos, psicossomáticos, deixando de existir uma autêntica ordem ou a imposição verdadeiramente pessoal de um limite, porque são justificados por um falso ideal de libertação e por um sofisticado atestado da chamada e avassaladora moralidade permissiva.**

**Que resta do sentido do bem e do mal? Que resta da nobreza e da grandeza do homem? É uma grande verdade: o homem sem lei deixa de ser homem. É verdade praticamente que a lei sem uma autoridade que a ensine, a interprete e a imponha, facilmente se torna obscura, incômoda e desaparece. Assim como é verdade que a nossa liberdade cristã deve distinguir-se da liberdade estigmatizada pelo apóstolo Pedro: "Comportai-vos como homens livres, não como aqueles que fazem da liberdade como que um véu para encobrir a malícia, mas como servos de Deus" (1 Pdr 2,16). Nem podemos recorrer contra a necessidade de uma lei, à liberdade de espírito ou à "liberdade [em relação à lei judaica] para a qual Cristo nos libertou" (Ga1 5,1). Porque exatamente ele, Cristo, também nos disse: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas. Não vim revogá-la, mas completá-la" (Mt 5,17). O complemento será sua absorção e exaltação no mandamento que encerra todos os outros, o amor de Deus e o amor ao próximo.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **17 DE FEVEREIRO DE 1972. ALOCUÇÃO AOS PÁROCOS, SACERDOTES E PREGADORES DA QUARESMA DE ROMA.**

**Caríssimos irmãos,**

**Este encontro anual no início da Quaresma "in capite ieiunii", como diz a tradição ascética e litúrgica da Igreja, proporciona-nos imediatamente um clima de confiança recíproca, assim espero, embora neste colóquio espiritual e familiar seja eu vosso bispo o único interlocutor, a quem sois convidados individualmente a responder no silêncio de vossas almas. E sou-o de fato com a simplicidade e o afeto próprio do coração sacerdotal.**

**Falei de coração sacerdotal. Julgo que também o vosso, algumas vezes, fica inquieto e perturbado ante o aparecimento de questões e problemas que neste período pós-conciliar também se verificou no lago, ordinariamente tranqüilo, de nossa psicologia pessoal.**

**Que aconteceu? A investigação das causas e o exame do fenômeno deste estado de alma, que não é habitual num sacerdote, exatamente em virtude daquilo que ele é, e daquilo que ele faz, deu origem, como sabeis, a muitos estudos, a muitas publicações, a muitas discussões e entre vós certamente também a muitas reflexões.**

**O período crítico que estamos atravessando fez com que nossa casa fosse investida pela vaga agressiva do seu influxo, que, sob certos aspectos, é providencial, embora seja perigosa e negativa sob outros. Obrigou-nos a refletir novamente sobre o nosso sacerdócio, em todos os seus elementos: bíblicos, teológicos, canônicos, ascéticos e operativos. Dado que esta reflexão se encontrou perante o turbilhão provocador das mudanças vida moderna, tanto no campo intelectual, como, principalmente, no campo prático, operativo e social, nasceu também em nós a pergunta se a vida sacerdotal tradicional não deve ser estudada dentro de um novo contexto histórico e espiritual. Enquanto o mundo se transforma, podemos nós, porventura, permanecer imóveis, como se estivéssemos canonicamente mumificados em nossa mentalidade cristalizada, e nos nossos hábitos tradicionais, cujo significado e valor, em alguns casos, nem a sociedade que nos circunda, nem nós próprios compreendemos?**

**Além desta tremenda solicitação exterior, houve o Concílio com a sua autoridade e sabedoria, que tornou mais forte a nossa esperança em certa renovação, falando-nos de atualização, a qual foi interpretada por algumas pessoas, para justificar e até fazer a apologia de um critério extremamente delicado, o do relativismo histórico, da adaptação dos tempos, aos famosos "sinais dos tempos", como se eles fossem evidentes e todos pudessem interpreta-los livremente; o do conformismo em relação ao mundo, a este mundo em que nos encontramos e no qual o Concílio exortou a Igreja a imergir-se, para cumprir a sua missão, em vez de se afastar dele programaticamente.**

**O assalto deste desejo de novidade, muitas vezes também provocou em nós eclesiásticos uma sensação de vertigem (Is 19,14), certa falta de confiança na tradição, certa desestima por nós mesmos, febre de mudanças, necessidade caprichosa de "espontaneidade criativa" etc.**

**Nesta vasta e complexa tentativa de transformar a vida eclesiástica, até se inseriram intenções subjetivamente retas e generosas. Indicamos duas apenas para vos demonstrar que seguimos este fenômeno com dedicada atenção.**

**A primeira, muito dolorosa, consiste na vontade de sair do estado de frustração, como hoje se diz, ou, por outras palavras, a vontade de eliminar o sentido de inutilidade que alguns. experimentam, em consequência da própria inserção paralisadora na disciplina da organização eclesiástica. Para que serve - perguntam-se - ser sacerdote? E esta pergunta torna-se amarga e angustiante na comunidade, onde estes sacerdotes trabalhavam, que se transformou profundamente no número e nos costumes, e na qual o ministério do sacerdote, arraigado ao seu lugar e aos seus hábitos, parece ter-se tornado supérfluo ou ineficaz. A objeção da inutilidade da própria vida, especialmente nos nossos dias, em que nos sentimos atraídos pela eficiência utilitária, causa grande tormento e merece remédio adequado ou pelo menos compreensão amorosa.**

**A outra intenção, também ela certamente inspirada pelo desejo do bem, é a daqueles que gostariam de se libertar de toda e qualquer distinção clerical ou religiosa de ordem sociológica, de hábito, de profissão ou de estado, para se assimilarem aos outros homens e aos seus costumes, numa palavra, para se laicizarem, a fim de poderem penetrar mais facilmente, como dizem, na sociedade. Trata-**

**se de uma intenção missionária, se quiserdes, mas bastante perigosa e prejudicial, se acabar por perder aquela específica virtude de reação contra o ambiente, exigida pela nossa definição de "sal da terra"; e levar o sacerdote a cair num estado de inutilidade, muito pior do que a indicada anteriormente. É o Senhor quem diz: " ... se o sal se corromper, com que se há de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens" (Mt 5,13).**

**Lede, caríssimos irmãos, no esquema sobre o sacerdócio ministerial discutido no recente Sínodo dos bispos, a parte introdutória, onde em síntese breve, mas densa e vigorosa, se descreve a condição problemática do sacerdote em nossos dias. Vereis assim a benevolência e afeto com que a Igreja considera a presente situação do clero. O realismo e o amor caracterizam este estudo grave, mas ao mesmo tempo respeitoso e otimista.**

**Agora, porém, prestemos atenção a um fato importante. Nesta difícil situação interna e externa, relativa ao nosso sacerdócio, há um problema que sobressai entre os outros, e em sentido resume todos eles. É o problema que em nossos dias se tornou habitual na complexa discussão que nos diz respeito, o problema da chamada identidade do sacerdote: quem é o sacerdote, o padre? Na religião cristã existe realmente o sacerdote? Se existe um ministro do Evangelho, que figura deve assumir?**

**Todas as tentações da primitiva contestação protestante se tornaram vivas e insinuantes. E talvez até tenham recrudescido - é um mistério, mas não imaginação - as tentações mais profundas de origem preternatural, as da dúvida, não como método de investigação, mas como resposta desconsolada por não ter encontrado a verdade, as da incerteza, que chegam até à cegueira, admitida como atitude dramática e aristocrática de um espírito que já não possui a luz interior. Estas tentações entram até na cela da consciência íntima do sacerdote, para confundir nele a feliz certeza interior de seu estatuto eclesial: Tu es sacerdos in aeternum, tu és sacerdote para sempre, substituindo-a por esta pergunta: quem sou eu?**

**Não lhe bastava a resposta que a Igreja sempre deu e que nos foi transmitida durante os anos de seminário, acesa como uma lâmpada inextinguível no âmago de nossa alma, assimilada e tornada congênita à nossa mentalidade pessoal? Esta interrogação, à primeira vista, parece supérflua e perigosa, é verdade. O fato, porém,**

**de ela ter sido lançada, como uma flecha, no coração de muitos sacerdotes, de numerosos jovens que estão prestes a serem ordenados, e também de alguns irmãos no sacerdócio que já atingiram a plenitude da maturidade, não pode ser negado.**

**A tendência de alguns sacerdotes, que se encontraram nesta dolorosa situação de duvidarem de si próprios e da autoridade da Igreja, tendência de per si hipoteticamente legítima, mas que se transforma imediatamente em tentação e desvio, dada a impossibilidade de se encontrar uma resposta satisfatória, foi a tendência de procurar a definição da identidade do sacerdote no registro profano, ou fora da nossa casa, especialmente no registro da sociologia, da psicologia, no confronto com denominações cristãs que se afastaram da raiz católica, ou, por fim, no do humanismo que apresenta este axioma: o sacerdote é primeiro que tudo um homem completo como todos os outros.**

**Detemo-nos nesta análise apenas para acompanhar espiritualmente os sacerdotes que nos abandonaram: como podemos deixar de os amar? E também para vos recordar; caríssimos irmãos, a quem diremos com Jesus: "Vós estivestes sempre junto de mim em minhas provações" (Lc 22, 28), que a Igreja nestes últimos tempos, dedicou numerosos ensinamentos, precisamente seus sacerdotes, e muitos outros foram confirmados e divulgados por inúmeros livros, tanto no campo bíblico, como no teológico, no histórico, no espiritual e também no pastoral. A leitura de bons escritos, sobre o sacerdócio católico, constituirá um conforto providencial, não só para vossa cultura, mas também para a paz e o fervor do vosso espírito. Citemos, por exemplo, de J. Coppens e de outros autorizados colaboradores, Sacerdoce et Célibat, Louvain, 1971.**

**Sobre este ponto, limitamo-nos a uma afirmação fundamental: devemos procurar a definição do sacerdote no pensamento de Cristo. Só a fé pode dizer-nos quem somos e quem devemos ser. O resto, ou seja, tudo aquilo que nos pode dizer a história, a experiência, o contexto social, ou as necessidades dos tempos, vê-lo-emos depois com a assistência responsável e sábia da Igreja, como derivação lógica, no momento do confronto, do comentário e da aplicação da fé. Seja, portanto, o Senhor a falar-nos. É este o tema do nosso presente colóquio que todos vós, individualmente, depois podereis desenvolver no cenáculo interior do encontro divino.**

**Perguntemos, pois, com humildade ao nosso Mestre Jesus: quem somos nós? Não devemos porventura ter consciência do modo como ele pensa em nós e nos quer? Qual é perante ele a nossa identidade?**

**A primeira resposta é imediata: nós somos chamados. O nosso Evangelho começa com a nossa vocação, parece-nos lícito entrever na história dos apóstolos a nossa história de sacerdotes. No que diz respeito aos primeiros discípulos que Jesus escolheu como seus, a história evangélica é claríssima e belíssima. A intenção do Senhor é evidente e se for considerada no quadro messiânico, e depois no quadro da economia do cristianismo, torna-se muito interessante. É Jesus que toma a iniciativa. como ele próprio observará: "Não fostes vós que me escolhestes, fui eu que vos escolhi" (Jo 15,16; 15,19; 6,70). As cenas simples e encantadoras que nos apresentam o chamamento de cada um dos discípulos, revelam-nos a realização precisa de escolhas bem determinadas (Lc 6,13), sobre as quais nos será grato meditar. A quem chama ele? Não parece que considere a posição social dos seus eleitos (1 Cor 1,27), nem sequer que se queira aproveitar de quem se apresenta com entusiasmo superficial (Mt 8,19-22).**

**Este desígnio evangélico diz-nos respeito pessoalmente. Repito: nós somos chamados. O famoso problema da vocação diz respeito à personalidade e ao destino de cada um de nós. As vicissitudes e a educação do nosso chamamento, constituem o que há de mais interessante na história pessoal de nossa vida. Seria insensato querer reduzi-la a um conjunto de circunstâncias banais e exteriores. Devemos, pelo contrário, notar a atenção cada vez mais cuidadosa e acurada com que a Igreja cultiva, seleciona e assiste as vocações sacerdotais. Este é um coeficiente de certeza para confirmar nossa identidade que hoje muitas vezes é viviseccionada, para ser declarada inautêntica, enquanto é muito difícil em nossos dias que uma vocação eclesial se funde em motivos interiores e exteriores, honestamente impugnáveis (não teria valor para nós a sentença de Pascal: "O que há de mais importante na vida é a escolha de uma profissão: o acaso decide-a"). Para nós não foi o acaso que decidiu.**

**Devemos pensar em alguns aspectos desta vocação, que veio bater à nossa porta. Ela assinalou o momento mais importante para o uso da nossa liberdade, que pensou, refletiu, quis e decidiu. Ela provocou a grande escolha da nossa vida. Análoga ao sim de quem**

**contraí matrimônio, a nossa resposta contra a volubilidade do homem sem ideais maiores do que ele comprometeu a existência: a forma, a medida, a duração da nossa oferta. Constitui, portanto, a página mais bela e mais ideal da nossa história humana. Ai de nós se a desvalorizássemos! Qualificou imediatamente a nossa vida com seu formidável sim, como a de um segregado do estilo comum com que os outros conduzem a própria vida. É o que são Paulo diz: "Segregatus ir Evangelium Dei, segregado para o Evangelho de Deus". Um sim que num só momento nos separou de todas as nossas coisas: "Deixaram tudo e o seguiram" (Lc 5,11). Um sim que aparentemente nos inclui entre os idealistas, os sonhadores, os loucos, os ridículos, mas graças a Deus também entre os fortes, aqueles que sabem por que e para quem vivem: Scio cui credidi (2 Tim 1,12), aqueles que se propuseram servir os outros e dar a vida, toda a sua vida por eles. Fomos chamados para isso. Fomos segregados do mundo, mas não separados, daquele mundo para o qual devemos ser ministros de salvação com Cristo e como Cristo.**

**Ainda haveria alguma coisa para observar sobre a vocação. Fomos chamados, chamados por Cristo, chamados por Deus, fato este que significa que somos amados por Deus. Pensamos nisso? "Conheço os que escolhi" (Jo 13,18), disse o Senhor. Um desígnio divino preestabelecido fixou-se sobre cada um de nós. Por isso, pode-se dizer de nós o que o profeta Jeremias declarou a Israel, da parte de Deus: "Amo-te com um amor eterno e por isso te outorguei os meus favores" (Jer 31,3). É uma identidade inscrita no registro do céu, in libro vitae (Apoc 3,5). Portanto, fomos chamados. Mas para quê?**

**A nossa identidade foi enriquecida com outra nota essencial: somos discípulos. Somos os discípulos por antonomásia. O termo discípulo está relacionado com outro que não pode faltar, o termo mestre.**

**Quem é o nosso mestre? Aqui devemos recordar aquela frase do Senhor: "Um só é o vosso mestre e vós sois todos irmãos. Um só é o vosso doutor: Cristo" (Mt 23,8-10). Jesus pretendeu que se lhe reconhecesse este título de mestre (Jo 13,13). Depois das multidões, ele instruiu o grupo dos seus seguidores qualificados, os discípulos, reconhecendo neles uma prerrogativa de suma importância: "A vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles [aos outros] não lhes é dado" (Mt 13,11). Os chamados, pelo fato de serem discípulos, serão elevados à função de mestres, não de uma doutrina própria, como é evidente, mas da doutrina que lhes foi revelada por Cristo, analogamente, apesar da infinita distância, ao**



que Jesus disse de si: "A minha doutrina não me pertence, é daquele que me enviou" (Jo 7,6). Portanto, à medida que somos discípulos, podemos também dizer que nossa identidade sacerdotal comporta uma conotação de magistério: somos discípulos e somos mestres. Ouvintes da palavra de Cristo e anunciadores da mesma palavra.

Este perfil que estamos apresentando exigiria um longo e paciente estudo, sobre a sua designação no Evangelho. Realizá-lo será interessante e necessário para todos. Quer para conhecermos o pensamento do Senhor acerca de nós mesmos, quer para adquirirmos de nós a correspondente convicção: a do discípulo que deve exercer a função de mestre.

Este primeiro atributo de discípulo, no qual detemos agora a nossa atenção, é muito importante. Comporta, como sabeis, caríssimos irmãos no sacerdócio, um duplo dever fundamental para a vida do sacerdote que anda à procura de sua autenticidade: o primeiro é o culto do ensinamento do Cristo, um culto que se ramifica em diversas direções, todas orientadas para fins essenciais à nossa definição sacerdotal. Digamos rapidamente: ouvir, ouvir a voz do Espírito de Cristo, ou seja, as inspirações que têm caráter de verdadeira proveniência sobrenatural (Apoc 2,6ss; Mt 10,19; Jo 14,26), portanto, ouvir a voz da Igreja quando ela fala no exercício de seu magistério ordinário e extraordinário (Lc 10,16); ouvir o eco da voz do Senhor, em quem nos fala em nome do Senhor, como faz o bispo e como faz também o mestre de espírito e qualquer amigo bom e esclarecido; ouvir igualmente a voz do Povo de Deus quando nos chama aos nossos deveres ou nos pede algumas vezes certos serviços conformes ao nosso ministério. Isto, porém, com a devida prudência necessária nestas ocasiões, porque neste campo é fácil deixar-se levar pela exaltação, pelo desejo de propaganda ou pela insinuação de interesses e de métodos profanos. É preciso ouvir por meio do estudo das ciências sagradas. Muitas vezes os profissionais leigos são mais informados, no campo que lhes é próprios, das matérias da sua competência do que nós na doutrina religiosa (Lc 16,8). Ouvir finalmente por meio da oração mental, da meditação: bem sabeis que a oração é o alimento da nossa vida pessoal e espiritual (Jo 8,31). Realmente, repetimos com Jesus: "Felizes os que escutam a palavra de Deus e a põe em prática" (Lc 11,28; 8,21).

Além disso, para ser verdadeiro discípulo é preciso imitar. Haveria

**muito para dizer sobre esta consequência do fato de pertencermos à escola do Cristo, principalmente neste tempo em que somos assaltados pela secularização e, pela tentativa de fazer com que o clero perca suas notas distintivas exteriores, e, infelizmente, também as interiores. O chamado "respeito humano", que até fez cair Pedro, poderia tentar-nos também a nós, a parecer aquilo que não somos, levando-nos a esquecer a exortação de São Paulo: "Não vos conformeis com este século" (Rom 12, 2), ao passo que a imitação de Cristo deveria constituir o estudo prático para o nosso comportamento. Agora não vamos acrescentar mais nada a este assunto que é tão conhecido e tão aderente à exigência intrínseca da identidade sacerdotal.**

**No pensamento de Jesus há ainda uma nota essencial para nossa identidade: de discípulos ele promoveu-nos a apóstolos. Ouvi como numa síntese do que acabamos de dizer o evangelista São Lucas: Cristo "convocou os discípulos e escolheu doze entre eles aos quais deu o nome de apóstolos" (Lc 6,13). Não nos parece impróprio servatis servandis, aplicar este soberano título de apóstolos aos sacerdotes, nem procurar poderes e funções próprias do sacerdote de Cristo.**

**Cada um de nós pode dizer: sou apóstolo. Que significa esta palavra? Significa enviado, mandado. Mandado por quem? Mandado a quem? Foi o próprio Jesus quem respondeu a esta pergunta na tarde da sua ressurreição: "Assim como o pai me enviou, também eu envio a vós" (Jo 20,21).**

**Refleti. Temos motivos para ficar assombrados: de onde vem o meu sacerdócio e para onde vai? O que é o meu sacerdócio senão um canal de vida divina que serve por extensão da missão salvífica divino-humana de Cristo, para comunicar os mistérios divinos à humanidade? São Paulo diz que devemos ser considerados "dispensadores dos mistérios de Deus" (1 Cor 4,1).**

**Somos ministros de Deus (2 Cor 6,4). Somos os amigos de Cristo. A nossa missão instaura em nós uma relação pessoal com o Cristo, relação única, diversa da que ele mantém com todos os outros: "Chamei-vos amigos porque tudo quanto ouvi de meu Pai vo-lo dei a conhecer. Não fostes vós que me escolhestes, fui eu quem vos escolhi" (Jo 15,15-16). É uma amizade que tem suas raízes no amor incriado da própria Trindade: "Como o Pai me amou também eu vos amei, permaneci no meu amor" (Jo 15,9).**

**Somos os servidores dos nossos irmãos. Nunca daremos a este termo relacionado com a nossa pessoa e principalmente com a nossa missão, a suficiente plenitude que Jesus quis dar à sua (Mt 20,28) e determinou fosse a nossa em., profunda humildade e caridade perfeita: "Também vós deveis lavar os pés uns aos outros" (Jo 13, 14).**

**Mas, ao mesmo tempo, que dignidade e que poderes encerra este serviço de embaixador! "Somos, por conseguinte, embaixadores de Cristo, e é Deus que vos exorta por nosso intermédio" (2 Cor 5,20).**

**São os poderes sacramentais que nos tornam instrumentos da própria ação de Deus nas almas. Já não é só a nossa atividade humana que nos caracteriza, mas a investidura da virtude divina, que opera no nosso ministério.**

**Compreendidos o sentido e o valor sacramental do nosso ministério, ou seja, do nosso apostolado, pode ser aplicada uma coletânea de outras definições à figura espiritual, eclesial e também social, do sacerdote católico, de modo a identificá-lo como o único entre todos, tanto dentro como fora da sociedade eclesiástica. Ele não é apenas o presbítero que preside ao momento religioso da comunidade, mas é realmente o ministro indispensável, exclusivo do culto oficial, efetuado in persona Christi, em nome do Cristo, e ao mesmo tempo in nomine populi, em nome do povo. É o homem da oração, o único realizador do sacrifício eucarístico, o vivificador das almas mortas, o tesoureiro da graça, o homem das bênçãos. Ele, o sacerdote-apóstolo, é a testemunha da fé, o missionário do Evangelho, o profeta da esperança, o centro de promoção e referência da comunidade, o construtor da Igreja do Cristo, fundada sobre Pedro. O seu título próprio, humilde e sublime, é o de pastor do Povo de Deus, operário da caridade, tutor dos órfãos e dos pequenos, advogado dos pobres, consolador dos que sofrem, pai das almas, confidente, conselheiro, guia, amigo de todos, o homem "para os outros", e se for necessário o herói voluntário e silencioso.**

**Se olharmos atentamente para o rosto anônimo deste homem solitário, que não possui um lar próprio, descobriremos nele o homem que já não sabe amar como homem, porque deu todo o seu coração sem reter nada para si, ao Cristo que se deu a si mesmo por ele até ao sacrifício da cruz (Gal 2,20) e ao próximo que ele se**

**decidiu a amar segundo a medida de Cristo (Jo 13,15). Este é, de fato, o sentido da sua intensa e feliz imolação no celibato. Numa palavra, ele é outro Cristo. Finalmente é esta a identidade do sacerdote. Ouvimos repetir muitas vezes: o sacerdote é outro Cristo. Então por que duvidar, por que temer?**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **24 DE MAIO DE 1972. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Cristo Senhor, ao predizer a missão do Espírito Santo, sintetizou o conjunto destes efeitos do próprio Paráclito numa só palavra, que aparece freqüentemente no Evangelho de São João, é usada muitas vezes na linguagem religiosa contemporânea, a qual já explicamos noutra ocasião. É a palavra "testemunho". Seria útil examina-la novamente, para conhecermos sua dupla aplicação. Segundo o ensinamento do Senhor, existe de fato um testemunho interior, que poderíamos dizer passivo, ou seja, recebido, ouvido, constituído pelos dons, pelos carismas que o Espírito Santo concede generosamente a quem o recebe. Escolhemos, por comodidade de síntese, uma frase de Jesus entre as que proferiu na última Ceia: "Quando vier o Paráclito, o Espírito de Verdade, dará testemunho de mim" (Jo 15,26; 14,26; 16,17). É o testemunho da verdade relativa a Deus, a Cristo, ao Evangelho, que se tornou luminosa interiormente.**

**Também há um testemunho exterior no qual, por íntima inspiração do Espírito (Mt 10,20) , o próprio homem se torna testemunha, ou seja, instrumento da verdade: "Quando vier o Consolador - diz Jesus aos seus discípulos - também vós dareis testemunho" (Jo 15,27). É este o aspecto em que agora detemos a nossa atenção.**

**O Pentecostes transforma os discípulos em testemunhas, ou melhor, em apóstolos. É ainda Jesus quem diz aos seus, desta vez na iminência de sua ascensão: "Ides receber uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém por toda Judéia e Samaria, até aos confins do mundo" (At 1,8). Recordai a cena do Pentecostes. É uma metamorfose, pode dizer-se, que se realiza nos discípulos. Invade-os uma energia nova. A palavra irrompe de suas almas. Consultemos os Atos dos Apóstolos. Quando a multidão acorreu, atraída pelo fragor do fenômeno inexplicável, e pela exaltação do grupo que aclamava "as grandezas de Deus" (At 2,11) nas mais diversas línguas e começou a interpretar com ironia o comportamento daquela assembléia. exultante com a plenitude interior da inspiração espiritual, lemos naquela maravilhosa narração que "Pedro levantou-se com os onze e falou em alta voz" (At 2, 14). Foi o discurso inaugural da pregação cristã. O apóstolo começou com ênfase e certeza profética a pregar Cristo Salvador, no meio do tumulto da multidão indisposta e amendrontada.**

**Ao testemunho exterior suscitado pelo Espírito Santo, podemos chamar apostolado.**

**Sabeis a este respeito duas coisas óbvias, especialmente depois do recente Concílio, ou seja, o termo "apostolado" compreende toda a atividade exterior da Igreja, destinada à sua finalidade primária, a da Salvação mediante Cristo, atividade esta que se tornou tanto mais consciente e urgente, quanto mais abertos e fechados, sob diferentes aspectos, se encontram atualmente os caminhos dos homens perante o quérigma, isto é, a pregação evangélica. O Concílio ensina justamente: "A Igreja nasceu para que, propagando o reino de Cristo a toda a terra, para a glória de Deus Pai, todos os homens se tornem participantes da Redenção salvadora, e por eles todo o mundo seja realmente ordenado para Cristo". Ainda sabeis que a própria vocação cristã é por natureza vocação para o apostolado, vale dizer, o apostolado foi reconhecido como atividade inerente ao próprio fato de ser cristão, o que elevou o conceito de leigo cristão ao de colaborador do apostolado hierárquico propriamente dito.**

**Também todos sabemos que esta consciência apostólica, missionária, difusiva do cristão, chamado à fé e contemplado com a graça, ainda não foi adquirida por muitos que, apesar disso, se dizem cristãos.**

**Isto significa que a virtude do Pentecostes ainda não foi compreendida e experimentada, como aconteceu no princípio do cristianismo, por aquilo que ela é: um impulso para testemunhar a própria fé, apta a defender e difundir um direito-dever, que nasce do coração de quem foi destinado para o dom do Espírito de Cristo, um estudo amoroso e generoso, que se deve realizar em colaboração com Cristo, arquiteto e construtor, sobre o fundamento lançado por ele próprio, a sua Igreja.**

**O apostolado, nas suas inúmeras formas, consiste nesta edificação positiva, que se torna um sinal visível e, portanto, social e histórico, da autêntica moção do Espírito nas almas daqueles que recorrem ao mesmo Espírito para se considerarem cristãos.**

**Nesta altura, impõe-se uma reflexão bastante séria sobre o apostolado, o qual se tornou um tema muito fecundo de pensamento e de ação nos católicos contemporâneos. Trata-se de uma reflexão**

**geral: a que ponto, se encontra o apostolado em nosso tempo? Devemos dar graças ao Senhor, por se observar uma riquíssima florescência de atividades de todos os gêneros, no Povo de Deus, para anunciar e afirmar o nome de cristãos. Louvores sejam prestados a todos aqueles que oferecem engenho, ação, nome, meios, orações, sofrimentos, solidariedade e interesse ao esforço atual do apostolado católico, quer sejam homens, mulheres, jovens, leigos, ministros ou religiosos: Gostaríamos que todos, e cada um individualmente, soubessem que são estimados pela Igreja, especialmente por quem reveste nela responsabilidades particulares. Agradecemos a todos eles, encorajando-os e abençoando-os. Pedimos ao Espírito Santo que lhes infunda seus dons, de modo que todos aqueles que exercem apostolado, dentro ou fora do âmbito eclesial, sintam a sua energia interior e se vejam amparados, interiormente, pela convicção e pelo júbilo que deriva da profissão cristã positiva e militante.**

**Mas todos devemos recordar que a atitude coerente, constante e corajosa da profissão cristã, ou seja, do apostolado, está sempre ameaçada, no nosso complexo ser humano, por muitas formas de reflorescente e insidiosa fraqueza.**

**O cristão e especialmente o apóstolo tem a obrigação de ser forte, corajoso, franco e livre, como convém a um seguidor de Cristo (At 4,20; Lc 12,8-12). Afinal, existe sempre e até naqueles que deveriam ter maior responsabilidade - pensamos com pesar em Pedro que renegou orgulhosamente o Cristo, na hora crítica de sua paixão - uma instabilidade incurável, acompanhada de carência de humildade e fortaleza, do ponto de vista subjetivo, e destituída do auxílio do Espírito Santo, do ponto objetivo. Esta labilidade, freqüente e insensivelmente faz com que a nossa personalidade venha a cair naquele campo magnético, circunstante e envolvente, que se chama respeito humano, conformismo com o ambiente, medo paralisante do juízo, da ironia e dos escritos dos outros. Recordamos nestes dias a observação de Pascal sobre a opinião pública, que, segundo ele, mina nossas forças. Hoje, que esta atmosfera pública parece prevalecer sobre a autonomia da pessoa, devemos recordar que estamos expostos ao risco de fugir ao apelo exterior da Igreja, e ao interior da consciência, que induzem à observância do compromisso cristão. Proclamamo-nos livres, mas freqüentemente vítimas do respeito humano, o somos bem pouco.**

**Além disso uma forma que hoje está na moda, até na profissão**

**cristã, a contestação habitual, algumas vezes deletéria e mesmo inconsiderada, faz desviar do álveo da caridade, e também da verdade, energias muito louváveis, as quais deveriam servir para o apostolado construtivo. O comportamento deste costume contestatário, que hoje infelizmente caracteriza não poucas iniciativas, é uma falsificação do apostolado (1Tim 6,20; 2 Tim 2,14). Desejaríamos que realmente o Espírito, pelo qual elas se dizem guiadas, talvez para se subtraírem à harmonia da comunhão eclesial e ao respeito devido a quem é ministro da autoridade, as reconduzisse à honra da função estimulante que possuem, para o benefício da autêntica renovação eclesial e social, e à verdadeira caridade da comunhão própria da índole cristã.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **13 DE OUTUBRO DE 1972. AUDIÊNCIA GERAL.**

**Diletos filhos e filhas,**

**Desta vez o tema da nossa alocução, que é sempre breve e elementar, consistirá simples, mente na pergunta seguinte: o que pensais do sacerdote ou do padre, como geralmente se diz? É uma pergunta a que podereis responder no foro interior da vossa opinião, que habitualmente está num plano superficial em relação ao da consciência que é mais íntimo e exige reflexão.**

**Agora vamos dizer por que motivo surge em nós o desejo de obter uma resposta a esta pergunta. É porque nestes dias o tema do sacerdócio, que na opinião pública se apresenta como tema do sacerdote, ou seja, da pessoa ou das pessoas que estão revestidas do sacerdócio, é muito atual.**

**Sabeis que o assunto em questão está sendo estudado pelo sínodo dos bispos, reunido aqui em Roma, e que as sessões deste sínodo se realizam no Vaticano.**

**Todos e especialmente a Igreja falam dele com interesse muito grande e quase trepidante, como se fosse uma novidade e dissesse respeito, e realmente é assim, não só ao ministério sacerdotal, mas também à comunidade eclesial inteira e toda a missão da Igreja no mundo.**

**Não deveis esperar que vos exponhamos o que se diz e discute nas reuniões sinodais, nem os comentários que se fazem destas reuniões. Não vamos falar do sínodo, mas de vós que nos ouvis. Queremos saber, como já disse antes, o que pensais do padre. O que é o padre? O que faz? O que deveria fazer? Como gostaríeis que fosse? Interessais-vos a sua presença na sociedade? Para vós esta presença ainda é necessária? Apreciais a figura do padre? Ou ela vos desagrade? O que pensais de sua atividade? Desejais que ele seja marginalizado? Isto é, excluído do nosso mundo profano e secularizado? Desejais que desapareça? Como o julgais? Como o imaginais? Quais os aspectos do padre que vos desagradam? Quais são, pelo contrário, os que para vós merecem atenção, respeito e interesse? Como quereis que o padre seja?**

**Como vedes, a pergunta ramifica-se em muitas questões. Pode ser que estas questões vos levem a pensar em problemas ainda maiores, como os que se relacionam com o fato de derivarmos de uma tradição católica impregnada de atividades pastorais; com a existência da Igreja; com a liberdade religiosa admitida pelos cânones do direito moderno, pelo menos teoricamente; com a grande questão formulada ainda hoje em termos que não se podem suprimir: a afirmação "Deus existe" tem razão de ser? Que relação há entre esta existência suprema e transcendente e nossa pessoa, nossa consciência e nosso destino? Por fim, que sabemos. e que pensamos do Cristo? É verdade que ele vive e opera ainda hoje e sempre na Igreja, por meio de urna sua personificação, o sacerdócio ministerial?**

**Perguntas como estas, sobre este assunto teológico e existencial não teriam fim. É o que basta para justificar a nossa: o que pensais do padre?**

**Julgamos não errar ao crer que na vossa imaginação se apresentam duas figuras do padre.**

**Em primeiro lugar, as figuras das reminiscências literárias. A literatura apresentou-nos uma galeria de imagens que, de algum modo, ficaram impressas em nossa memória. Umhas são grotescas; outras, veneráveis: umas caricaturas de padres; outras, imagens de santos. O sacerdote é uma pessoa que imagens presta às narrações literárias, que põe mais em relevo as personagens do que a própria cena, isto é, os fatos descritos. É uma pessoa cheia de características interiores, que exigem um confronto entre. a aparência exterior e a realidade interior, que ele deveria possuir. É uma figura que revela dois aspectos profundos. "Em mim - escreve Leo Trese - há um pouco de leão e um pouco de cordeiro. Há caridade e egoísmo. Há penitência e amor às comodidades. Há oração e irreligiosidade. Humildade e orgulho". Como escreveu são Paulo de si mesmo: "Trazemos este tesouro [o Evan gelho] em vasos de barro, para que tão excelso poder se reconheça vir de Deus e não de nós" (2 Cor 4,7; 1 Cor 2,5). Ora, a literatura deteve-se com tanta complacência a descrever este dualismo paradoxal, que. deixou o leitor em dificuldade ao escolher o tipo de sacerdote que deve preferir, para o condenar, menosprezar, admirar ou compreender, no seu segredo interior. Referimo-nos às figuras de eclesiásticos, delineadas por autores de renome, como Manzoni, Fogazzaro, Marino Moretti, Barbey d'Aurevilly, Chesterton,**

**Bernanos, Cronin, Graham Greene, Marshall e outros.**

**Depois vem a segunda espécie também muito variada, a dos sacerdotes que realmente existiram: os santos como são Vicente de Paulo, são João Bosco, o Cura d'Ars e acrescentemos também Maximiliano Kolbe, que no domingo próximo será proclamado bem-aventurado.**

**Ao lado destes grandes homens que são inumeráveis, há ainda as imagens queridas e modestas de bons e santos sacerdotes, que, como supomos, tereis encontrado no vosso caminho: párocos, religiosos, professores, assistentes eclesiais, capelães e outros, que uniram ao dom carismático, propriamente ministerial da Palavra de Deus e da graça sacramental, alguma coisa de próprio, a sua arte humana e humilde de atrair, de acolher, ouvir, admoestar, compadecer-se, consolar, compreender, ajudar e também um estilo de vida próprio, pobre e virtuoso, que nos terá levado a fazer a seguinte reflexão: este é um verdadeiro padre.**

**Voltemos, porém, à nossa pergunta: o que pensais do sacerdote? Pode ser que tenhais descoberto alguns de seus defeitos. Mas por que motivo as deficiências dos sacerdotes provocam tanta reação? Por que provocam tantas críticas? Por que temos tanta facilidade em generalizá-las e condená-las? Já o dissemos. É porque desejaríamos encontrar sempre a perfeição no sacerdote. O sacerdote não é o homem de Deus? Não é seu representante, seu ministro?**

**Gostaríamos, porém, que esta óbvia consideração fosse aprofundada por vós. Se o sacerdote é o homem de Deus, é "um outro Cristo", é sinal que um fluxo de graça perpassou pela sua vida. Ele é um chamado, um escolhido, um preferido pela misericórdia do Senhor, que o amou de modo particular, marcou-o com caráter especial, tornou-o capaz de exercer poderes divinos e o atraiu, ao ponto de o fazer maturar em si o ato de amor mais intenso e mais perfeito de que o coração humano é capaz, a oblação total, perpétua e jubilosa de si mesmo. O sacerdote teve a coragem de fazer de sua vida uma oferta em benefício dos outros, em benefício de todos exatamente como Jesus.**

**Escutemos uma passagem do Concílio, entre muitas outras, sobre os sacerdotes, chamados com o termo tradicional presbíteros. Eles "... pela sagrada ordenação e pela missão que receberam das mãos**

do bispo, são promovidos a servir a Cristo Mestre, Sacerdote e Rei, de cujo ministério participam e pelo qual a Igreja neste mundo se constitui continuamente em Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo". É por este motivo que o Concílio, " ... para que nas situações pastorais humanas, freqüentemente tão mundanas, o ministério sacerdotal mantenha maior eficácia e se atenda melhor à vida dos sacerdotes..."", nos convidou a meditar na natureza, que é sobrenatureza, do sacerdócio e na sua missão humana e sobre-humana.

Haverá quem não conheça estas verdades, que fornecem os elementos para uma definição do sacerdote? Certamente todos nós as conhecemos. E ao refletirmos sobre elas, poderíamos acrescentar outros testemunhos, não para idealizar a figura do padre e a essência de sua missão, transformando-a num mito para nossa imaginação ou para a nossa devoção, mas para compreender melhor este nosso irmão que Jesus Cristo quis para si. Recordemos como são Paulo respondeu à pergunta que formulamos. "Considerem-nos todos como ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus" (1 Cor 4,1; 6,4; 1 Pdr 4,10).

Não merece o sacerdote que tenhamos uma idéia justa a seu respeito, que compreendamos sua transfiguração em ministro de Cristo, em propagador do reino de Deus? Tudo isto, não para fazermos. sua apologia com termos de compaixão de suas deficiências, mas para o estimarmos ainda mais, para sabermos que ele nos pertence e o considerarmos realmente nosso.

Pensai nestas verdades pelo menos durante o Sínodo.

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)